

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

SYMONE FERNANDES DE MELO

**O bebê com Síndrome de Down e sua mãe:  
um estudo sobre o desenvolvimento da comunicação**

Recife

2006

SYMONE FERNANDES DE MELO

**O bebê com Síndrome de Down e sua mãe:  
um estudo sobre o desenvolvimento da comunicação**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Cognitiva  
Orientador: Profa. Dra. Maria C. D. P. Lyra

Recife

2006

**M528b Melo, Symone Fernandes de**

**O bebê com Síndrome de Down e sua mãe: um estudo sobre o desenvolvimento da comunicação. – Recife: O Autor, 2006.  
242 folhas: il., tab., graf.**

**Orientadora: Maria da Conceição Pereira de Lyra**

**Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Recife, 2006.**

**Inclui bibliografia.**

**1. Psicologia cognitiva. 2. Psicologia do desenvolvimento. – Processo de desenvolvimento. 3. Comunicação – Síndrome de Down – Sistemas dinâmicos – Interações mãe-bebê. I. Título.**

**159.922**

**CDU (2.ed.)**

**UFPE**

**153.6**

**CDD (22.ed.)**

**BCFCH2007/05**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Symone Fernandes de Melo

Bebê com Síndrome de Down e sua Mãe: um estudo sobre o desenvolvimento da comunicação.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Doutor.  
Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

Aprovado em: 28 de abril de 2006

### Banca Examinadora

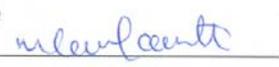
Profa. Dra. M<sup>a</sup> da Conceição Diniz Pereira de Lyra  
Instituição: U.F.PE

Assinatura: 

Profa. Dra. Cleonice Alves Bosa  
Instituição: UFRS

Assinatura: 

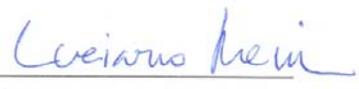
Profa. Dra. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante  
Instituição: UFPB

Assinatura: 

Profa. Dra. Selma Leitão Santos  
Instituição: U.F.PE

Assinatura: 

Prof. Dr. Luciano Rogério de Lemos Meira  
Instituição: U.F.PE

Assinatura: 

*Dedico esta Tese às mães de crianças portadoras da Síndrome de Down por tudo o que têm me ensinado, no compartilhar de suas experiências, sobre o encanto da maternidade.*

## AGRADECIMENTOS

É com imensa satisfação que externo meus agradecimentos a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste trabalho, em especial:

À minha Orientadora, Maria Lyra (Maninha), a quem aprendi a admirar, pelo exemplo de competência e paixão pela ciência. O meu reconhecimento e gratidão.

Aos meus Pais, pelo incentivo e apoio ao longo destes quatro anos, e, sobretudo, pelo exemplo de perseverança e dedicação a um ideal.

A Amanda, pelo carinho constante, pela preocupação comigo e com a “Tese”, e pela surpreendente compreensão em relação à minha pouca disponibilidade em muitos momentos.

A Engels, por reconhecer a importância deste Projeto, pelo incentivo em palavras e gestos em cada momento destes quatro anos, pela disponibilidade em cuidar de nossa filha sempre que estive ausente, e pela paciência e carinho.

À Direção do CRI, pela possibilidade de desenvolver este Projeto nesta Instituição; às Fisioterapeutas, Lúcia, Goretti e Vânia, pelos inúmeros ensinamentos e, em especial, à Psicóloga Cristina Barbalho, que fomentou o meu interesse por este campo de estudo através do seu exemplo, tendo sido uma pessoa fundamental na concretização deste trabalho.

A Luíza e Marieta, minhas tias e a Rosa, que me acolheram em Recife, por todo o apoio durante minha estadia nessa cidade.

A Karla e Paulo, pela atenção, incentivo e contribuição em todos os momentos.

À amiga Raquel, pelo apoio e escuta empática em momentos difíceis dessa trajetória;

Às colegas Sílvia, Tícia, Isabel, Fátima e Waleska, pela convivência durante os primeiros anos do Curso, que tornou mais leve o início do percurso empreendido e, em especial, a Luciana, pelo acolhimento e apoio.

A Emanuelle e Clara, pela disponibilidade em ajudar, viabilizando a realização do Teste “Kappa” de acordo entre observadores.

A Khadidja, pela presteza e competência no tocante à assessoria em Informática.

Aos Colegas do Departamento de Psicologia da UFRN, pela amizade e apoio irrestrito à minha capacitação profissional.

À Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, pela oportunidade de aprendizado.

À CAPES, pela concessão de uma bolsa de estudos que contribuiu para a viabilização deste projeto.

Ao longo destes quatro anos, houve perdas e, ainda que não estejam mais presentes, gostaria de deixar registrada a minha gratidão a duas pessoas que, de forma diversa, foram importantes na concretização desse projeto:

Ao Colega Lambertus Bogaard (*in memorian*), meu querido Mestre de inglês, que esteve presente em minha vida acadêmica em vários momentos importantes. Desta vez, não foi possível contar com sua colaboração. Fica registrada minha profunda admiração.

A Dezuith (*in memorian*), uma avó de livro, encantada, versão real daquela avó presente no imaginário popular. *Certamente ninguém sentiria mais orgulho deste trabalho do que você, um orgulho puro que somente as avós são capazes de sentir. Infelizmente não houve tempo.*

*Ora (dizeis) ouvir estrelas!  
Certo perdeste o senso!  
E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...*

*Dizeis agora: Transloucado amigo!  
Que conversas com elas? Que sentido  
Tem o que dizem, quando estão contigo?*

*E eu vos direi:  
Amai para entendê-las!  
Pois só quem ama pode ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas.*

Olavo Bilac

## RESUMO

MELO, S. F. **O bebê com Síndrome de Down e sua mãe: um estudo sobre o desenvolvimento da comunicação.** 2006. 242 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

A presente pesquisa aborda o desenvolvimento do sistema de comunicação mãe-bebê no contexto da Síndrome de Down. Fundamenta-se na perspectiva dos Sistemas Dinâmicos, utilizando o modelo de análise da comunicação denominado EEA – Estabelecimento - Extensão - Abreviação, proposto por Lyra e colaboradores (LYRA, 1988, 2000; LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; ROSSETTI-FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 2003; LYRA; WINEGAR, 1997). Trata-se de um estudo longitudinal com duas díades mãe-bebê cujo filho tem Síndrome de Down, acompanhadas dos três meses a um ano de idade da criança através de registros semanais, em vídeo, das trocas comunicativas face-a-face e mediadas por objeto, em situação de laboratório. O procedimento de análise consistiu na avaliação, segundo a segundo (microanálise), dos registros das trocas comunicativas, buscando identificar os padrões de organização da comunicação e suas transformações ao longo do tempo. No tocante à evolução do sistema, evidenciou-se uma dinâmica distinta daquela observada em pesquisas com bebês que apresentam desenvolvimento típico. Destacou-se um deslocamento no tempo, no tocante à passagem do predomínio entre os momentos de quase estabilidade, sobretudo no que se refere à emergência da abreviação; um prolongado período de extensão nas trocas face-a-face e mediadas pelo objeto e uma maior instabilidade na evolução do sistema. O modelo possibilitou a identificação de três características, de natureza relacional, que marcam a evolução do sistema de comunicação nas díades estudadas: adaptação mútua, diretividade materna *versus* responsividade do bebê e busca de autonomia *versus* atitude materna. A adaptação mútua prevaleceu na maior parte do período investigado, demonstrando que, a despeito das dificuldades inerentes à Síndrome, os parceiros conseguiram construir um conhecimento compartilhado e, a partir das trocas co-reguladas, adaptaram-se mutuamente ainda nos primeiros meses de vida do bebê. No decurso do desenvolvimento foi verificado que a diretividade materna cumpre a função de potencializar as habilidades comunicativas do bebê, prejudicadas pela Síndrome. Ao final do período analisado, entretanto, os bebês dão indícios de uma maior autonomia, cabendo à mãe dar o suporte necessário ao filho, possibilitando que o sistema evolua rumo a níveis de maior complexidade. A partir da análise microanalítica, foi possível compreender a singularidade dos percursos empreendidos pelas díades no processo de auto-organização do sistema de comunicação. O modelo utilizado mostrou-se promissor na abordagem do desenvolvimento da comunicação em bebês com deficiência, por permitir apreender tanto aspectos generalizáveis do sistema (padrões de desenvolvimento dos momentos de quase estabilidade) como as particularidades da construção conjunta de uma história relacional, fornecendo, assim, subsídios para o desenvolvimento de estratégias de intervenção em tal contexto.

Palavras-chaves: Comunicação, Síndrome de Down, Sistemas Dinâmicos, Interações Mãe-Bebê. Processo de Desenvolvimento.

## ABSTRACT

MELO, S. F. **The Down Syndrome baby and its mother: A study about the communication development.** 2006. 242 p. Thesis (Doctorate) – Psychology Department, Federal University of Pernambuco, Recife, 2006.

The present research about the development of the communication system mother-baby in the context of the Down Syndrome. It is based on the perspective of the Dynamic Systems, using the communication analysis model denominated EEA – Establishment – Extension – Abbreviation, proposed by Lyra and his collaborators (LYRA, 1988, 2000; LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; ROSSETTI-FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 2003; LYRA; WINEGAR, 1997). It is a longitudinal study with two pairs of mother-baby who carries the Down Syndrome, supervised from three months to one year of age of the child through weekly records, in video, of the communication exchanges face to face and mediated by object, in a laboratory situation. The procedure of analysis consisted of the evaluation, second by second (microanalysis) of the records of communication exchange, searching to identify the patterns of organization of communication and their transformations during that period. In regard to the evolution of the system, it was evident that there was a different dynamic than that observed in research with babies that present typical development. A displacement in time stood out as to the passage of predomination between the moments of near stability, above all in what refers to the emergence of abbreviation; a extended period of extension in the face to face exchanges and mediated by the object and a higher instability in the evolution of the system. The model allowed the identification of three characteristics, of relational nature, that marked the evolution of the communication system of the studied pairs: mutual adaptation, maternal directivity versus responsiveness of the baby and the search for autonomy versus maternal attitude. The mutual adaptation prevailed in the major part of the investigated period, demonstrating that in spite of the difficulties inherent to the Syndrome, the partners achieved in building a shared knowledge and from the co-regulated exchanges adapted themselves mutually as early as the first months of the baby's life. During the development it was verified that the maternal directive functions as a potentializer of the communicative abilities of the baby, damaged by the Syndrome. At the end of the analyzed period, however the babies demonstrated a greater indication of autonomy, leaving the mother to give the necessary support to the child, allowing the system to develop forwarding towards higher levels of complexity. From the microanalytic analysis, it was possible to understand the singularity of the paths taken by the pairs in the process of self organization of the communication system. The model used showed to be promising regarding the development of the communication in babies with deficiency that permits to withhold not only generalized aspects of the system (development patterns of moments of near stability) but also in the particularities of the joint construction of a relational history, thus, supplying subsidiaries for the development of strategies of intervention in that context.

Keywords: Communication, Down Syndrome, Dynamic Systems, mother – baby Interactions, Development Process.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Díade A – Relação entre os percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação face-a-face, em cada registro, da 16 <sup>a</sup> a 53 <sup>a</sup> semana de vida do bebê.....	126
Gráfico 2 – Díade A – Relação entre os percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação mãe-objeto-bebê, em cada registro, da 16 <sup>a</sup> a 53 <sup>a</sup> semana de vida do bebê.....	128
Gráfico 3 - Díade A – Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas comunicativas, considerando a comunicação face-a-face e mãe-objeto-bebê separadamente, em cada semana analisada.....	129
Gráfico 4 – Díade B – Relação entre os percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação face-a-face, em cada registro, da 16 <sup>a</sup> a 53 <sup>a</sup> semana de vida do bebê.....	151
Gráfico 5 - Díade B – Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas comunicativas, considerando a comunicação face-a-face e mãe-objeto-bebê separadamente, em cada semana analisada.....	152

Gráfico 6 – Diade B – Relação entre os percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação mãe-objeto-bebê, em cada registro, da 16ª a 53ª semana de vida do bebê.....	153
---	-----

### LISTA DE TABELAS

<p><b>Tabela 1</b> – Díade A – Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação face-a-face, em cada semana analisada.....</p>	226
<p><b>Tabela 2</b> – Díade A – Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação mãe-objeto-bebê, em cada semana analisada.....</p>	229
<p><b>Tabela 3</b> – Díade A – Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas comunicativas, considerando a comunicação face-a-face e a comunicação mãe-objeto bebê separadamente, em cada semana analisada.....</p>	232
<p><b>Tabela 4</b> – Díade B – Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação face-a-face, em cada semana analisada.....</p>	235
<p><b>Tabela 5</b> – Díade B – Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação mãe-objeto-bebê, em cada semana analisada.....</p>	238

<b>Tabela 6</b> – Díade B – Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas comunicativas, considerando a comunicação face-a-face e a comunicação mãe-objeto bebê separadamente, em cada semana analisada.....	241
--	-----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>21</b>
2.1 COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ: PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES.....	21
<b>2.1.1 A Psicanálise e a Importância das Primeiras Relações.....</b>	<b>23</b>
<b>2.1.2 A Etologia e a Psicologia Evolucionista: Relações entre a Ontogênese e a Filogênese.....</b>	<b>33</b>
<b>2.1.3 A Ênfase nas Competências do Bebê: Contribuições dos Interacionistas.....</b>	<b>37</b>
<b>2.1.4 A Pesquisa sobre a Comunicação Mãe-Bebê/Criança no Brasil.....</b>	<b>50</b>
2.2 A COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ SOB A PERSPECTIVA DOS SISTEMAS DINÂMICOS.....	58
<b>2.2.1 A Psicologia do Desenvolvimento e a Perspectiva dos Sistemas Dinâmicos.....</b>	<b>58</b>
<b>2.2.2 A Comunicação Mãe-Bebê numa Concepção Sistêmica.....</b>	<b>65</b>
<b>2.2.3 O Modelo EEA de Comunicação Mãe-Bebê.....</b>	<b>70</b>
<i>2.2.3.1 Delimitando um Percurso para o Estudo da Comunicação Mãe-Bebê: Trocas Face-a-Face e Mediadas por Objeto.....</i>	71
<i>2.2.3.2 Descrição do Modelo: Estabelecimento – Extensão – Abreviação.....</i>	73
2.3 O BEBÊ COM SÍNDROME DE DOWN.....	82
<b>2.3.1 Conhecendo a Síndrome de Down.....</b>	<b>82</b>
<b>2.3.2 A Criança com Síndrome de Down e sua Família.....</b>	<b>91</b>
<b>2.3.3 Comunicação Mãe-Bebê no Contexto da Síndrome De Down: Revisão de Estudos.....</b>	<b>97</b>
<b>3 O PRESENTE ESTUDO.....</b>	<b>109</b>

3.1 OBJETIVOS.....	109
3.2 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	110
<b>3.2.1 Treino de Análise de Registros em Vídeo.....</b>	<b>112</b>
<b>3.2.2 Construção dos Dados.....</b>	<b>113</b>
<i>3.2.2.1 Participantes da Pesquisa.....</i>	113
<i>3.2.2.2 Material.....</i>	114
<i>3.2.2.3 Procedimento de Construção dos Dados.....</i>	114
<i>3.2.2.4 Procedimento de Análise dos Dados.....</i>	115
<b>4 RESULTADOS .....</b>	<b>122</b>
4.1 RESULTADOS REFERENTES À DÍADE A .....	122
<b>4.1.1 Conhecendo a Díade A.....</b>	<b>122</b>
<b>4.1.2 Modelo EEA: Evolução dos Padrões de Auto-Organização.....</b>	<b>126</b>
<b>4.1.3 Compreensão do Funcionamento do Sistema de Comunicação Mãe-Bebê na Díade A, a partir do Modelo EEA.....</b>	<b>131</b>
<i>4.1.3.1 Análise da Evolução dos Padrões de Auto-Organização na Díade A.....</i>	131
<i>4.1.3.2 Características do Sistema Evidenciadas a partir do Modelo EEA.....</i>	134
4.2 RESULTADOS REFERENTES À DÍADE B .....	<b>147</b>
<b>4.2.1 Conhecendo a Díade B.....</b>	<b>147</b>
<b>4.2.2 Modelo EEA: Evolução dos Padrões de Auto-Organização.....</b>	<b>151</b>
<b>4.2.3 Compreensão do Funcionamento do Sistema de Comunicação Mãe-Bebê na Díade B, a partir do Modelo EEA.....</b>	<b>155</b>
<i>4.2.3.1 Análise da Evolução dos Padrões de Auto-Organização na Díade B.....</i>	156
<i>4.2.3.2 Características do Sistema Evidenciadas a partir do Modelo EEA.....</i>	158

<b>5 DISCUSSÃO.....</b>	<b>167</b>
5.1 O MODELO EEA E A EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO ENTRE A MÃE E O BEBÊ COM SÍNDROME DE DOWN.....	168
5.2 CARACTERÍSTICAS DO SISTEMA DE COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ NO CONTEXTO DA SÍNDROME DE DOWN.....	171
5.3 DIFERENTES PERCURSOS NA CONSECUÇÃO DE UM MESMO OBJETIVO: A MULTILINEARIDADE NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO.....	178
5.4 CONFRONTO DOS RESULTADOS COM DADOS DE OUTROS ESTUDOS SOBRE O TEMA.....	181
<b>6 CONCLUSÕES.....</b>	<b>189</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>195</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>211</b>

## 1 INTRODUÇÃO

---

*Sob o familiar, descubram o insólito.  
Sob o cotidiano, desvelem o inexplicável.  
Que tudo que é considerado habitual provoque inquietação.  
Na regra, descubram o abuso.  
E sempre que o abuso for encontrado, encontrem o remédio.  
(Bertold Brecht)*

O presente estudo aborda o desenvolvimento do sistema de comunicação mãe-bebê em díades cujo filho é portador de Síndrome de Down.

A concepção deste Projeto insere-se numa trajetória de estudos caracterizada pelo interesse na compreensão da relação entre o filho com deficiência e sua mãe, tendo em vista os fatores que se interpõem na interação entre a díade e as conseqüências da qualidade dessa relação, na emergência da criança como sujeito psicológico.

A realização de uma Dissertação de Mestrado sobre o tema (MELO, 2000), na qual foi investigada a relação mãe-criança portadora de deficiência mental, constituiu-se num primeiro passo nessa trajetória. Os resultados de tal investigação apontaram a necessidade do estudo da comunicação mãe-filho em sua origem, bem como suscitaram a busca de um referencial teórico que permitisse a apreensão de tal fenômeno numa perspectiva processual e dinâmica.

Como resposta a tais demandas, este estudo fundamenta-se em pressupostos da perspectiva dos Sistemas Dinâmicos (FOGEL, 1993; FOGEL; LYRA, 1997; FOGEL; THELEN, 1987; LEWIS, 2000; LYRA, 2000; THELEN; SMITH, 1995) e utiliza, no âmbito de tal referencial, o Modelo de Análise da Comunicação denominado EEA - Estabelecimento, Extensão e Abreviação, proposto por Lyra e colaboradores (LYRA, 1988,

2000, 2003; LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; ROSSETTI-FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 2003; LYRA; WINEGAR, 1997).

A opção pela perspectiva dos Sistemas Dinâmicos decorre da visão do desenvolvimento como processo de mudança e da compreensão de tal fenômeno como complexo, multicausal e não linear (FOGEL; THELEN, 1987). Tal abordagem, a partir de princípios como “auto-organização” e “emergência do novo”, parece capaz de sugerir novas perspectivas para muitas das contradições existentes entre as correntes teóricas tradicionais, incorporar seus *insights* e possibilitar uma concepção ampla e integrada do fenômeno do desenvolvimento (LEWIS, 2000).

A escolha pelo estudo de crianças com Síndrome de Down fundamenta-se no fato de tratar-se de uma deficiência congênita, com implicações físicas, mentais e sociais significativas, que se constituem em fatores intervenientes na comunicação entre a díade mãe-bebê desde os primeiros momentos de vida da criança (PUESCHEL, 2002; SCHWARTZMAN, 2003; WERNECK, 1995), sendo, na perspectiva aqui adotada, constitutivos desta comunicação.

A família de uma criança com diagnóstico de Síndrome de Down enfrenta, desde o seu nascimento, uma série de dificuldades. A reação familiar diante do diagnóstico assemelha-se muito à reação de perda, de luto, diante da impossibilidade de tal criança corresponder à maior parte das expectativas suscitadas pelos pais. O fato de tratar-se de um quadro crônico e a presença dos traços faciais típicos da Síndrome, de clara visibilidade desde o início da vida, constituem potencializadores de estresse para a família. Esta precisa reorganizar-se para atender às necessidades emergentes de seu novo membro. Os pais têm que enfrentar uma sociedade pouco compreensiva face à problemática da criança e, principalmente, manter uma atitude de expectativa positiva em relação ao filho, a despeito dos muitos retrocessos, progresso lento e momentos de desânimo. A mãe, pelo papel que lhe é atribuído no grupo

familiar, é comumente o membro mais afetado, o que a torna mais propensa a momentos de crise (CASARIN, 1997).

A metodologia de pesquisa utilizada, no intuito de apreender o processo de desenvolvimento da comunicação no início da vida, consistiu no estudo longitudinal de duas díades mãe-bebê, nas quais o filho é portador da Síndrome de Down. As díades foram acompanhadas, dos três meses a um ano de idade da criança, através do registro semanal, em vídeo, das trocas comunicativas mãe-bebê em situação de laboratório.

Neste trabalho, inicialmente, são apresentadas as principais abordagens que historicamente têm contribuído para o conhecimento acerca da comunicação mãe-bebê, bem como alguns estudos mais recentes na área, de modo a contextualizar a emergência das idéias que norteiam o presente Projeto. Procura-se, ainda, traçar um breve panorama acerca da produção científica sobre comunicação mãe-bebê no Brasil. Em seguida, procede-se à apresentação da perspectiva dos Sistemas Dinâmicos, base conceitual que fundamenta a investigação, e do modelo de análise proposto (EEA). Por tratar-se de uma visão relativamente recente em Psicologia do Desenvolvimento, faz-se necessário abordar as principais concepções que irão nortear a análise da comunicação a partir deste enfoque.

Busca-se ainda, neste trabalho, fornecer uma visão geral sobre a Síndrome de Down, a partir de conceitos básicos sobre o tema, procurando-se, inclusive, abranger a questão da família da criança com deficiência, além de apresentar pesquisas relevantes sobre a comunicação mãe-bebê na presença de tal quadro sindrômico.

Após a exposição dos fundamentos teóricos, focaliza-se o estudo realizado, definindo-se os objetivos propostos para a investigação e explicitando-se os delineamentos metodológicos da pesquisa.

Por fim, são expostos e discutidos os resultados obtidos a partir da microanálise dos registros em vídeo das duas díades e apresentadas as conclusões do estudo que incluem caminhos para pesquisas futuras na área.

Compreender a emergência da comunicação em crianças portadoras de deficiência numa perspectiva sistêmica e dinâmica, considerando o processo de desenvolvimento individual de cada criança como um fenômeno co-construído na relação, mostra-se desafiador. A concepção de estudo proposta, todavia, revela-se promissora, uma vez que nesta se destaca a análise microanalítica na abordagem de questões relacionadas ao desenvolvimento de crianças com deficiência. A comunicação mãe-bebê nesses casos encerra toda uma especificidade a ser observada e compreendida.

A pesquisa sobre a temática proposta com base na perspectiva dos Sistemas Dinâmicos e no Modelo EEA poderá suscitar contribuições originais na área do desenvolvimento infantil. Uma compreensão do **processo** de desenvolvimento da comunicação entre a mãe e o seu bebê com Síndrome de Down possibilita a identificação de padrões generalizáveis no tocante ao funcionamento do sistema em estudo - padrões de quase-estabilidade. Tais padrões, propostos pelo Modelo EEA, uma vez identificados, podem ser comparados àqueles encontrados em outras díades, tanto naquelas com desenvolvimento típico, como nas portadoras de outros tipos de deficiência. Além disso, o Modelo proposto propicia também a apreensão das singularidades de cada díade, da forma particular como cada uma constrói a sua história comunicativa, o que pode contribuir para o planejamento de estratégias de intervenção neste contexto.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

---

*O bebê humano tem andado em muitos colos.  
Tentam acomodá-lo em diferentes berços,  
mas ele ainda está inquieto,  
à espera do aconchego que merece.  
(Ribeiro, Bussab e Otta,)*

### 2.1 COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ: PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES

Neste trabalho, a comunicação mãe-bebê é analisada com base na perspectiva dos Sistemas Dinâmicos, abordagem relativamente recente na Psicologia. A opção por este enfoque traz implícito um posicionamento filosófico e epistemológico que fundamenta as decisões acerca de aspectos metodológicos, influenciando na coleta, análise e interpretação dos dados empíricos.

A compreensão das implicações decorrentes desse tipo de enfoque no estudo da comunicação mãe-bebê requer, a princípio, uma revisão das principais contribuições a este campo de estudo, provenientes de perspectivas teóricas diversas, de modo a contextualizar a emergência das idéias posteriormente expostas.

A proposição de percorrer diferentes enfoques sobre o tema em estudo, embora arriscada, mostra-se relevante. Segundo Figueiredo (2004), “efetivamente, a ocupação do espaço psicológico pelas teorias e sistemas não deu lugar à formação de um continente, mas sim de um arquipélago conceitual e tecnológico.” (p. 16-17). O autor, entretanto, ressalta que, embora não se trate de um território uno e integrado, este não se constitui de ilhas completamente avulsas e desconectadas. Com base em tal concepção da ciência psicológica,

faz-se mister rever os diferentes percursos empreendidos na busca de compreensão da comunicação mãe-bebê, destacando-se pontos de convergência e divergências que fomentam uma maior elucidação do fenômeno em estudo.

Wendland (2001), ao abordar a evolução dos estudos na área das interações mãe-bebê, refere-se, como marcos pioneiros, na primeira metade do século XX, aos estudos psicanalíticos. As teorias psicanalíticas destacaram-se por conferir especial atenção às primeiras vivências entre a mãe e o bebê, enquanto experiências fundamentais no desenvolvimento do ser humano. A autora refere-se ainda à contribuição, nesse período, dos etólogos, que tiveram o mérito de enfatizar a importância da observação como método de estudo das interações.

Na segunda metade do século passado, verificou-se uma significativa transformação no modo de ver o recém-nascido. Borboletto-Dunker e Lordelo (1993) destacam mudanças tanto numa vertente humanista, identificada por uma preocupação com respeito à criança como ser humano, como nos conhecimentos advindos de pesquisas, que revolucionaram as crenças sobre as capacidades e especificidades do recém-nascido, promovendo, assim, uma nova significação dos fenômenos da Infância.

Em tal contexto, identifica-se uma mudança de paradigma nos estudos sobre a comunicação mãe-bebê, a partir das pesquisas desenvolvidas pelos denominados “interacionistas”. Estes propiciaram importantes contribuições ao estudo da comunicação mãe-filho no início da vida, ao destacarem as competências do bebê e atribuírem a este um papel mais ativo na interação, enfatizando o seu potencial comunicativo (CRAMER E PALÁCIO-ESPASA, 1993).

A seguir, serão apresentadas algumas das principais vertentes de estudo da comunicação mãe-bebê. Tendo por critério a relevância histórico-científica, serão abordados alguns dos teóricos clássicos de fundamentação psicanalítica, os estudos etológicos e seus

desdobramentos na Psicologia Evolucionista e as contribuições de pesquisadores da vertente interacionista. Em seguida, a partir destas três perspectivas, será abordada a pesquisa sobre comunicação mãe-bebê no Brasil.

Na exposição que segue, os termos relação, interação e comunicação serão utilizados indistintamente, de acordo com a opção feita por cada autor referido. Tal fato justifica-se pela área de intersecção verificada entre estes, no tocante ao objeto de estudo, observando-se, algumas vezes, tratar-se de diferentes formas de abordagem do mesmo fenômeno.

### **2.1.1 A Psicanálise e a Importância das Primeiras Relações**

Na **Psicanálise**, a busca de compreensão da relação mãe-bebê está presente nos construtos de diferentes teóricos, dentre os quais destacam-se Klein, Spitz, Mahler, Erikson e Winnicott, além do próprio Freud. Tais autores são unânimes em ressaltar as primeiras relações na vida do bebê como básicas para o desenvolvimento, embora diverjam quanto à compreensão de como o desenvolvimento dessas relações e suas vicissitudes se processam (BRUM; SCHERMANN, 2004).

Bowlby (1979/1997) destaca que nenhum outro campo do pensamento mostra mais a influência da obra de Freud do que os cuidados com a criança. “Freud não só insistiu no fato óbvio de que as raízes de nossa vida emocional mergulham na infância, como também procurou explorar de modo sistemático a ligação entre os acontecimentos dos primeiros anos de vida e a estrutura e funcionamento da personalidade adulta.” (p. 14).

Na concepção do Pai da Psicanálise (1914-1916/1969, 1923/1969) o recém-nascido vivencia, inicialmente, um estágio de indiferenciação em relação ao mundo externo, não existindo, nessa fase, um Ego desenvolvido, que permita uma distinção entre ele mesmo e o

seu redor, entre estímulo interno e externo. A relação que o recém-nascido estabelece com a mãe tem por base a necessidade de gratificação de suas necessidades instintivas.

Brum e Schermann (2004) localizam o início do estudo das primeiras relações mãe-bebê num artigo de Freud, escrito em 1915 e intitulado “Instintos e suas vicissitudes”. Em relação a este artigo, as autoras destacam:

Freud argumenta que a criança possui necessidades fisiológicas que devem ser satisfeitas, sobretudo de alimento e conforto, e que o bebê se torna interessado em uma figura humana, especificamente a mãe, por ela ser a fonte de sua satisfação. Na teoria dos instintos, a vinculação com a figura materna é vista como impulso secundário, ou seja, concebe-se que o bebê se liga à mãe afetivamente como consequência de esta ser o agente de suas satisfações fisiológicas básicas (p. 458).

Melanie Klein (1932/1969, 1963/1971) desenvolveu, a partir da clínica psicanalítica com crianças, concepções relevantes acerca da relação mãe-bebê, que se destacam pela complexidade atribuída à vida psíquica da criança desde o nascimento, conferindo-lhe, dessa forma, um papel ativo na interação com a mãe.

Klein (1963/1971) considera que a criança tem uma percepção inata da existência da mãe. Ela observa que, com apenas algumas semanas, o bebê já olha o rosto da mãe, reconhece o toque de suas mãos, o cheiro, o tato de seu seio, sugerindo o estabelecimento de uma relação, ainda que primitiva, com a figura materna. O recém-nascido não somente espera o alimento da mãe, mas também o seu amor e compreensão. “Nos estágios mais primitivos, o amor e a compreensão se expressam através do cuidado da mãe com o bebê e conduzem a certa unicidade inconsciente que se baseia no fato do inconsciente da mãe e da criança estarem em íntima relação mútua.” (p.4).

Na teoria desenvolvida por Klein (1963/1971), há uma ênfase na ambivalência amor-ódio na relação do bebê com sua mãe. Segundo a autora, o recém-nascido experimenta, tanto no processo do nascer, como no ajustamento à situação pós-natal, uma ansiedade de natureza persecutória e sente, de forma inconsciente, desconfortos que experimenta como se

fossem infligidos sobre ela por forças hostis. Por outro lado, para o bebê, o conforto, o carinho e a gratificação de suas necessidades são experimentados como advindos de forças boas, possibilitando a primeira relação amorosa com uma pessoa, ou, na linguagem psicanalítica, com um objeto.

A sensação que a criancinha experimenta de estar sendo compreendida, fundamenta o primeiro relacionamento básico de sua vida – a relação com a mãe. Ao mesmo tempo, a frustração, o mal-estar e a dor, percebidos como perseguição, entram também em seus sentimentos a respeito da mãe, porque nos primeiros meses ela representa para a criança todo o mundo externo; desse modo, tanto o que é bom como o que é mau, chegam-lhe à mente, provindo da mãe, e isto leva a uma atitude dúplice em relação a ela, mesmo sob as melhores condições possíveis. (KLEIN, 1971, p. 4).

René Spitz (1965/1988) destaca-se como pesquisador da interação mãe-filho, interessando-se especialmente pela gênese das relações objetais ao longo da vida. Segundo o autor, as primeiras relações objetais configuram-se na relação mãe-bebê. Como método de estudo, Spitz utiliza a observação direta, imagens filmadas e métodos da Psicologia Experimental, realizando estudos longitudinais, com elevado número de sujeitos.

Fundamentado em conceitos freudianos, Spitz (1965/1988) concebe o bebê como um organismo psicologicamente indiferenciado, nascido com equipamentos congênitos e com certas tendências: “Para o recém-nascido, o meio ambiente consiste, por assim dizer, em um único indivíduo, a mãe ou um substituto dela. Mesmo este único indivíduo não é percebido pelo recém-nascido como uma entidade distinta dele mesmo.” (p. 10). A diferenciação do bebê como sujeito psicológico dá-se através dos processos de maturação e desenvolvimento. Por maturação pode-se entender o “desdobramento de funções filogeneticamente desenvolvidas e, portanto, inatas nas espécies, que emergem no curso do desenvolvimento embrionário ou aparecem após o nascimento e se tornam manifestas nos estágios posteriores da vida.” (SPITZ, 1988, p. 4). O desenvolvimento é definido por Spitz como “a emergência de formas, de função e de comportamento, que constituem o resultado de intercâmbios entre o organismo, de um lado, e o ambiente interno e externo, de outro.” (1998, p. 4).

Durante o primeiro ano de vida, a partir da relação mãe-bebê, ocorre, segundo Spitz (1965/1988), um progressivo desenvolvimento das relações objetais, através dos estágios pré-objetal (estágio de não diferenciação, vivenciado pelo recém-nascido no primeiro mês de vida, no qual não existe relação objetal); estágio precursor do objeto (início do segundo mês de vida, quando a criança reconhece a configuração do rosto humano) e estágio do próprio objeto libidinal (por volta do oitavo mês, quando o bebê estabelece uma verdadeira relação objetal, a mãe torna-se o seu objeto libidinal, seu objeto de amor). Ele estuda ainda, patologias oriundas de desvios e distúrbios das relações objetais.

Spitz (1965/1988) propõe uma seqüência epigenética de “organizadores psíquicos”, definidos por ele como marcos comportamentais na formação estrutural. Um organizador integra muitas linhas de desenvolvimento, levando a um remanejamento do aparelho psíquico, a uma organização deste em um nível superior. Os organizadores psíquicos são: a reação de sorriso, presente por volta dos três meses de idade, que marca o início de um ego rudimentar e o começo do estágio de diferenciação; a ansiedade do oitavo mês, quando a criança já é capaz de discriminar a mãe de outras pessoas e demonstra angústia relacionada à ausência desta e reação de medo a estranhos; e o gesto do não, após o décimo sexto mês, considerado pelo autor como o primeiro conceito abstrato da criança, num momento em que ela começa a ter um certo poder sobre o mundo exterior. Os organizadores chamaram a atenção de Spitz para a natureza reguladora das interações entre a mãe e o bebê (MAC FADDEN, 2000; MAZET; STOLERU, 1990).

A Spitz pode ser atribuído o mérito de integrar as competências do bebê em seus estudos psicanalíticos, embora, as recentes descobertas nesta área evidenciem que, nos primeiros meses de vida, os bebês são muito mais capazes do que o autor supunha, o que suscita o questionamento de algumas de suas concepções sobre o desenvolvimento. Para Spitz: “Na relação mãe-filho, a mãe é o parceiro ativo e dominante. A criança, pelo menos no

início, é a receptora passiva” (1965/1988, p. 153). Tal afirmação é discutível em função dos recentes avanços no conhecimento sobre as competências do bebê.

Erik Erikson (1950/1976, 1968/1987), propõe uma interpretação psicanalítica da relação do indivíduo com a sociedade, abrangendo, em tal contexto, o significado social da Infância. Embora sua teoria do desenvolvimento compreenda todo o ciclo vital, este autor começou sua carreira como analista de crianças, ressaltando, em seus escritos, a relevância do estudo da infância para a compreensão do homem e da Sociedade. Em sua teoria sobre as oito idades do homem, ele descreve o desenvolvimento a partir da resolução de sucessivas crises, nas quais atitudes básicas alternativas encontram-se em conflito. O termo “crise” é utilizado num sentido de desenvolvimento, para designar “[...] um ponto decisivo, um período crucial, de crescente vulnerabilidade e potencial.” (1987, p. 96).

Dentre as idades do homem, Erikson (1950/1976, 1968/1987) inclui as primeiras etapas do desenvolvimento que se configuram em um primeiro “conflito”, uma primeira crise a ser resolvida, denominada “confiança básica” *versus* “desconfiança básica”.

Ao falar do bebê, Erikson (1968/1987) ressalta que “sua fraqueza dá-lhe poder, da sua própria dependência e fragilidade, ele faz sinais a que seu meio, se for bem orientado por uma capacidade de reação que combine padrões ‘instintivos’ e tradicionais, é peculiarmente sensível.” (p. 96). O bebê, durante o primeiro ano de vida, vivencia uma fase incorporadora, na qual é receptivo ao que lhe está sendo oferecido e pode ser apreendido por seus sentidos. A mãe, em contrapartida, vivencia uma ânsia de suprir em tudo o que o bebê precisa.

Das experiências no primeiro ano de vida do bebê deriva um sentimento de confiança básica em relação a si e ao mundo ou, alternativamente, uma desconfiança básica que poderá evoluir rumo a uma alienação. Para o autor, é importante que o bebê vivencie, no início do seu desenvolvimento, uma experiência de regulação mútua entre suas capacidades emergentes, que o tornam progressivamente mais receptivo aos estímulos do ambiente, e as

atitudes de cuidado materno, representadas nessa etapa principalmente, mas não apenas, pelas técnicas de alimentação. Tal regulação ajuda a criança a sentir-se confiante em si mesma e no ambiente. Erikson (1950/1976) ressalta, portanto, que o desenvolvimento da confiança depende da qualidade da relação materna: “As mães criam em seus filhos um sentimento de confiança por meio daquele tipo de tratamento que em sua qualidade combina o cuidado sensível das necessidades individuais da criança e um firme sentimento de fidedignidade pessoal dentro do arcabouço do estilo de vida de sua cultura.” (p. 229).

Sobre a relação entre o bebê e a família, Erikson destaca ainda:

Os bebês controlam e educam suas famílias tanto quanto elas os controlam; de fato, podemos dizer que a família educa uma criança ao ser educada por ela. Quaisquer que sejam os padrões de reação biologicamente dados, e qualquer que seja a seqüência predeterminada relativa ao desenvolvimento, devem ser considerados como uma série de potencialidades para padrões variáveis de regulação mútua. (1976, p. 62).

Em seus escritos, Erikson (1968/1987) discute o papel da cultura no processo de desenvolvimento. Segundo este, desde os primeiros encontros, o bebê humano se defronta com as principais modalidades de sua cultura, o que interfere no processo de regulação mútua com a mãe. O comportamento “de adquirir” (no sentido de aceitar o que é dado) é utilizado pelo autor para ilustrar tal premissa:

O organismo tateante e instável do recém-nascido só aprende essa modalidade quando aprende a regular sua disposição para “adquirir” com os métodos de uma mãe que, por sua vez, lhe permitirá coordenar os meios de aquisição à medida que ela desenvolve e coordena os seus próprios meios de dar. Mas, ao receber assim o que lhe é dado e ao aprender a fazer com que alguém faça para ele o que deseja que seja feito, o bebê também desenvolve as bases necessárias “para aprender a ser” quem dá. (1987, p.99).

Dentre os psicanalistas que estudaram a relação mãe-bebê, Margareth Mahler (MAHLER; PINE; BERGMAN, 1975/1986) tem um papel significativo, especialmente no que concerne aos seus postulados sobre o nascimento psicológico do indivíduo, caracterizado por ela a partir do processo de separação-individuação. A autora esclarece que “o nascimento biológico do homem e o nascimento psicológico não coincidem no tempo. O primeiro é um evento bem delimitado, dramático e observável; o último, um processo intrapsíquico de lento

desdobrar.” (p. 15). O trabalho de Mahler teve a influência de Spitz, baseando-se, a exemplo deste, em atividades de observação e filmagem sistemática de bebês e crianças pequenas.

Para Mahler (MAHLER; PINE; BERGMAN, 1975/1986), a partir do nascimento biológico e nas primeiras semanas de vida, o bebê vivencia uma etapa denominada “fase autística normal”, na qual haveria uma barreira contra estímulos externos e o bebê ainda não teria consciência do agente materno, estando voltado para a aquisição do equilíbrio homeostático no meio extra-uterino. Nessa fase, haveria uma dominância dos aspectos fisiológicos sobre os psicológicos. A partir do segundo mês, uma consciência difusa de um objeto que satisfaz suas necessidades marca o início da fase de simbiose normal, na qual o bebê se comporta como se ele e sua mãe fossem um sistema onipotente, uma unidade dual dentro de uma fronteira comum. O estado simbiótico é definido por Mahler como uma condição intrapsíquica, uma característica da vida cognitivo-afetiva primitiva do bebê, na qual a diferenciação entre o eu e a mãe ainda não aconteceu. A autora conceitua o desenvolvimento como um desligamento gradual do estado simbiótico normal, através de fases progressivas de separação-individuação.

Os processos de separação e individuação são complementares. A separação consiste na saída da criança da fusão simbiótica com a mãe, característica de períodos antecedentes, e na aquisição intrapsíquica de um sentido de desligamento da mãe, enquanto a individuação consiste nas aquisições que marcam o momento em que a criança assume suas próprias características individuais (MAHLER; PINE; BERGMAN, 1975/1986). O interesse primordial de Mahler na compreensão da psicose simbiótica na Primeira Infância, quando a criança mostra-se incapaz de um desenvolvimento além da fase simbiótica, que é vivenciada de forma distorcida, exigiu desta autora o estudo sobre o processo que leva à individuação normal.

Mac Fadden (2000) assim descreve a relação mãe-filho na teoria de Mahler:

Para Mahler, a relação mãe-filho constitui um sistema de regulação homeostático, do qual emerge uma mente primitiva, e é a base para todas as subseqüentes relações de objeto. As estruturas mentais vão se organizando, a partir das experiências corporais, de vínculos afetivos e grau de harmonia desenvolvido entre a mãe e a criança durante a fase simbiótica. (p.32).

Em seu trabalho, Mahler introduziu uma semiologia dos comportamentos relacionais precoces, relacionando-os aos movimentos intrapsíquicos da mãe e da criança. Segundo ela, é na unidade dual da simbiose que se originam as experiências que irão determinar os primórdios de uma individualidade. A autora defendeu a idéia de que “o *self* da criança está profundamente marcado pelas vicissitudes da relação mãe-filho.” (CRAMER; PALÁCIO-ESPASA, 1993, p. 5).

O trabalho desenvolvido pelo pediatra e psicanalista Donald Winnicott (1971/1975, 1965/1982, 1979/1990, 1958/1993a, 1965/1993b, 1969/1994) sobre a relação mãe-bebê também merece destaque. Embora amplamente influenciado por M. Klein, Winnicott revela-se um autor inovador na área da Psicanálise, e, a partir de sua vasta experiência no atendimento a bebês e suas mães, apresenta-nos uma instigante e relevante teoria do desenvolvimento emocional precoce.

Winnicott postula que “cada bebê é uma organização em marcha, ou seja, em cada bebê, há uma centelha vital, um ímpeto para a vida, para o crescimento e desenvolvimento que é uma parte do próprio bebê, algo que é inato na criança.” (1982, p. 29). Todavia, esse crescimento não se constata na ausência de condições ambientais favoráveis, propiciadas através da relação com uma “mãe suficientemente boa”.

A teoria do desenvolvimento emocional primitivo, proposta por Winnicott, centra-se nos estágios iniciais do desenvolvimento humano, enfatizando a característica de mutualidade na relação mãe-bebê. Segundo o autor, a comunicação mãe-bebê depende da mutualidade que resulta das identificações cruzadas.

A relação mãe-bebê de mutualidade é o começo de uma comunicação entre duas pessoas; isto (no bebê) é uma conquista desenvolvimental, uma conquista que depende dos processos herdados que conduzem para o crescimento emocional e, de modo semelhante, depende da mãe e de sua atitude e capacidade de tornar real aquilo

que o bebê está pronto para alcançar, descobrir, criar. (WINNICOTT, 1969/1994, p.198).

De acordo com Winnicott, a criança começa a ter experiências ainda na vida intra-uterina, período em que o bebê já é capaz de reter memórias corporais. Nessa fase a mãe começa a desenvolver uma condição psicológica denominada “preocupação materna primária”. Trata-se de um estado de sensibilidade aumentada que a capacita a adaptar-se delicada e sensivelmente às necessidades iniciais do bebê.

Denomina-se “mãe suficientemente boa” ou “mãe devotada comum” a mãe que consegue desenvolver o estado acima descrito, o que permite identificar-se com o seu filho e exercer de forma adequada as funções de maternagem, entrando em sintonia com as necessidades do bebê. Tal mãe cria um “*setting*” adequado ao bebê, de modo que o seu potencial para o desenvolvimento saudável pode começar a se revelar espontaneamente. A presença de uma mãe suficientemente boa é fundamental para que se inicie um movimento espontâneo rumo à constituição de um *self* pessoal e real. Inicialmente, a criança possui apenas um *self* potencial. Nessa fase, o ego da mãe estabelece uma harmonia com o do filho. O ego do bebê, apoiado e reforçado pelo ego materno, mostra-se já capaz de organizar defesas e desenvolver padrões pessoais. Se a maternagem não for boa o suficiente, nos primeiros meses, a criança torna-se um acumulado de reações à violação, o *self* verdadeiro da criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um falso *self* (WINNICOTT, 1993a; 1993b).

A mãe suficientemente boa é aquela que exerce de forma satisfatória as funções de *holding*, *handling* e apresentação de objetos. O “*holding*” refere-se especialmente ao *holding* físico do lactente. Através do *holding*, a mãe protege a criança da agressão fisiológica, respeitando a sensibilidade cutânea e a falta de conhecimento do lactente da existência de qualquer coisa que não seja ele mesmo. O *holding* abrange a rotina completa de cuidado dia e noite e segue as mudanças instantâneas do dia-a-dia que fazem parte do desenvolvimento

físico e psicológico do lactente. O “*handling*” ou manipulação facilita a formação de uma parceria psicossomática na criança, o que contribui para a formação do sentido de real em oposição ao irreal. Trata-se do manuseio da pele no cuidado do bebê, que facilita a inter-relação entre o psíquico e o somático, permitindo ao bebê, gradativamente, localizar a psique no corpo. A “apresentação de objetos”, isto é, tornar real o impulso criativo da criança, dá início à capacidade do bebê de relacionar-se com objetos (WINNICOTT, 1990, 1993a, 1993b).

Winnicott (1975) destaca que nos períodos mais precoces do desenvolvimento o rosto da mãe atua como espelho para o bebê. Quando este olha para o rosto da mãe vê a si mesmo. Muitas mães, por não se identificarem com os seus bebês, não conseguem atuar como espelho. Tais bebês olham para o rosto da mãe e não vêem a si mesmos, não é possível para eles estabelecer essa troca significativa com o mundo externo através do rosto da mãe.

De acordo com Winnicott (1990), além do atendimento às necessidades de dependência do bebê, cabe também à mãe conceder a oportunidade para que a criança passe gradativamente da dependência absoluta para a dependência relativa rumo à autonomia, tarefa que se revela árdua para muitas mães. Inicialmente, é importante uma adaptação completa às necessidades do bebê, aos poucos, no entanto, é necessária e natural a introdução de falhas graduais às quais o bebê, através de sua função intelectual, vai adaptando-se progressivamente. A mãe vai apresentando o mundo à criança em pequenas doses.

Stern (1992) argumenta que os psicanalistas, na construção de suas teorias para explicar o desenvolvimento, fizeram inúmeras inferências acerca da natureza das experiências subjetivas do bebê. Ele aponta tal estratégia como, paradoxalmente, a força e a deficiência de tais teorias. Se por um lado as inferências permitiram que as teorias abarcassem uma realidade clínica mais ampla, que inclui a vida subjetivamente experienciada, estas, em sua maioria, tiveram por base o material clínico reconstruído, e a compreensão se deu à luz de uma

concepção antiga das capacidades do bebê, residindo neste aspecto sua fragilidade. Segundo o autor, atualmente, embora seja possível observar um avanço nos estudos psicanalíticos, as novas evidências sobre o bebê, obtidas mediante observação, ainda não foram suficientemente integradas em seus construtos teóricos.

Apesar de ser inegável a contribuição da Psicanálise ao estudo da comunicação mãe-bebê, alguns pressupostos desta abordagem têm sido questionados por estudiosos da área nos últimos anos. A indiferenciação do bebê em relação à mãe nos primeiros meses de vida, por exemplo, é hoje questionável, especialmente em função dos recentes avanços no conhecimento sobre as competências do recém-nascido. A origem pulsional, de gratificação de impulsos orais, que caracteriza a relação mãe-bebê no início da vida, em algumas vertentes psicanalíticas, é também alvo de polêmica. Brum e Schermann (2004) criticam ainda a ênfase dada pelos psicanalistas ao papel da mãe no processo de comunicação, em detrimento da atenção dada às contribuições da criança.

### **2.1.2 A Etologia e a Psicologia Evolucionista: Relações entre a Ontogênese e a Filogênese**

A **etologia** destaca, sobretudo, como a evolução de uma espécie influencia o comportamento e o desenvolvimento observados nesta nos dias atuais (FOGEL, 1997a). No tocante à influência da etologia nos estudos sobre a “interação” mãe-bebê, Bortoletto-Dunker e Lordelo (1993) destacam a sua contribuição para uma concepção da Infância como um período de vida suficientemente importante para justificar adaptações específicas que vêm a maximizar as chances de sobrevivência do indivíduo. Tal mudança teve implicações no modo de abordagem aos fenômenos da Infância, tais como, o choro, o brinquedo, a interação entre

os pares e, especialmente, a formação dos vínculos que se estabelecem entre o bebê e a figura principal de cuidado, geralmente a mãe.

De acordo com Schäppi (1987), a Etologia, e em particular a Primatologia, permitem um novo olhar sobre a relação mãe-filho. Considerada uma ciência da interação, a Etologia destaca o fato de que todo estudo de um comportamento ou de uma interação deve ser considerado num espectro vasto de reflexão, no que diz respeito à adaptação e à filogênese, colocando a interação dentro de um contexto evolutivo. Os etólogos defendem que modelos elaborados a partir de observações e estudos do reino animal podem contribuir na formulação de novas hipóteses sobre a díade mãe-filho, na espécie humana.

É importante destacar, no campo da Etologia, os estudos clássicos de Konrad Lorenz sobre o fenômeno de “*imprinting*” (ou estampagem), bem como as observações de Harry e Margareth Harlow com macacos *Rhesus*, expostos a mães substitutas de arame e de tecido, cujos resultados suscitaram reflexões e deram origem a pesquisas sobre a relação mãe-bebê na espécie humana. Algumas concepções oriundas dos estudos etológicos, como a de período crítico e a de comportamentos inatos específicos de determinada espécie, por exemplo, têm sido aplicadas ao estudo da díade mãe-bebê na espécie humana (FOGEL, 1997a; PAPALIA; OLDS, 2000, VIEIRA; PRADO, 2004; WENDLAND, 2001).

A Etologia e a Psicanálise, apesar de divergências fundamentais, apresentam alguns pontos de aproximação. Aquela assim como esta defendem a idéia de que as experiências no início da ontogênese têm uma influência profunda nas fases posteriores do desenvolvimento. Além deste aspecto, há um interesse comum pelo instinto no estudo do desenvolvimento humano. Pode-se verificar que o centro de interesse das duas disciplinas se recobre muitas vezes, sendo o melhor exemplo disso o interesse de ambas no estudo das interações existentes entre pais e filhos (SCHÄPPI, 1987).

John Bowlby (1969/2002; 1973/2004, 1979/1997), contemporâneo de Winnicott, tem o mérito de introduzir mudanças significativas ao estudo da Psicanálise Infantil, fazendo uma articulação entre esta e a Etologia. Em suas próprias palavras:

Quando comecei meus estudos dos efeitos que tem, sobre as crianças pequenas, o fato de serem afastadas da mãe e colocadas num lugar estranho, com pessoas estranhas, minha estrutura teórica era a da psicanálise. Contudo, considerando insatisfatória a sua superestrutura metapsicológica, comecei a desenvolver um paradigma que, ao mesmo tempo que incluía grande parte do pensamento psicanalítico, diferia do pensamento tradicional ao adotar vários princípios oriundos das disciplinas relativamente novas da etologia e da teoria do controle. Com isso, o novo paradigma pode prescindir de muitos conceitos abstratos, inclusive os da energia psíquica e da pulsão, e criar laços com a psicologia cognitiva (2004, p. 37).

Nos estudos de Bowlby (1973/2004, 1979/1997), apreende-se uma abordagem etológico-evolucionária do desenvolvimento. Seus escritos abordam a formação do vínculo mãe-criança e a compreensão da resposta da criança ao rompimento desse vínculo. A “teoria da ligação” ou “teoria do apego”, resultante de seus estudos empíricos, constitui-se numa contribuição fundamental à pesquisa da interação mãe-bebê. Sobre sua teoria, Bowlby (1979/1997) afirma:

O que por uma questão de convenção, de conveniência, designo como teoria da ligação, é um modo de conceituar a propensão dos seres humanos a estabelecerem fortes vínculos afetivos com alguns outros, e de explicar as múltiplas formas de consternação emocional e de perturbações da personalidade, incluindo ansiedade, raiva, depressão e desligamento emocional, a que a separação e perda involuntárias dão origem. (p. 168).

Bowlby (1973/2004) questiona o modelo psicanalítico sobre a formação de vínculos até então vigente, segundo o qual o apego desenvolve-se para a satisfação de impulsos, e argumenta que os dados empíricos sobre o desenvolvimento do apego de um bebê humano com sua mãe podem ser compreendidos de forma mais abrangente em termos de um modelo derivado da Etologia:

O comportamento de apego tornou-se uma característica de muitas espécies no curso de sua evolução, porque contribui para a sobrevivência do indivíduo, mantendo-o em contato com aqueles que cuidam dele, reduzindo com isso o risco de que tenha, por exemplo, frio, fome, ou se afogue no meio ambiente de adaptabilidade evolutiva do homem, especialmente protegendo-o dos animais predadores (Bowlby, p. 40).

O apego tem, segundo Bowlby (1973/2004), uma função biológica vital, sendo dotado de dinâmica própria e considerado algo distinto do comportamento de alimentação ou sexual. O autor acrescenta ainda que o comportamento complementar ao comportamento de apego, que tem a função de proteger o indivíduo apegado, é o comportamento de cuidar, geralmente exercido pela mãe.

Bowlby (1969/2002) questiona, ainda, o fato da maioria dos conceitos psicanalíticos sobre a Infância terem sido obtidos através de um processo de reconstituição histórica, ou seja, retrospectivamente. Ele busca, por meio do estudo sistemático do vínculo criança-mãe, através da observação direta do comportamento de crianças muito pequenas em situação definida, fazer o oposto, isto é, trabalhar prospectivamente.

Com o desenvolvimento de sua obra, Bowlby passa também a discutir o emprego do termo relações objetais, utilizado tradicionalmente pela Psicanálise e por ele próprio, em seus primeiros escritos, ao referir-se às relações do bebê com adultos significativos. O autor considera errôneo mencionar uma outra pessoa como um objeto, o que traria implícita uma relação com algo inerte e não com um outro ser humano que desempenha um papel igual ou talvez dominante no desenvolvimento da relação. Observa-se, em seus escritos mais recentes, o uso dos termos “pessoa amada” ou “pessoa perdida”, em vez de “objeto amado” ou “objeto perdido”.

Verifica-se que Bowlby, embora incorpore muito do pensamento psicanalítico, ao adotar princípios oriundos da Etologia difere da Psicanálise tradicional, estabelecendo, assim, laços também com a Psicologia Cognitiva. Sua teoria dispensa conceitos tais como energia psíquica e impulso e questiona alguns pressupostos psicanalíticos sobre a formação de vínculos afetivos, ao considerá-los primários ou instintivos na espécie e não uma aquisição secundária associada às necessidades fisiológicas da criança. (BOWLBY, 1969/2002; 1973/2004; 1979/1997; ZAMBERLAN, 2002).

As idéias de Bowlby (1973/2004) fundamentam, ainda hoje, inúmeras pesquisas na área de interação mãe-bebê. À sua teoria são atribuídos os méritos de: abranger conceitos psicológicos bem adequados aos dados clínicos de interesse para a Psicanálise; ser compatível com dados da Neurofisiologia e Psicologia do Desenvolvimento, sendo capaz, ainda, de atender às exigências de uma disciplina científica.

A descoberta acerca das competências do bebê e os recentes avanços no campo da Genética, que vêm a confirmar a complexidade do efeito dos genes, ampliaram, no final do século passado, o canal de comunicação entre Etólogos e Psicólogos do desenvolvimento humano. A contribuição da abordagem etológica se faz presente hoje, por exemplo, no tocante ao uso da observação em contexto natural e ao estudo da comunicação não-verbal (BUSSAB, 2000; RIBEIRO; BUSSAB; OTTA, 2004).

A partir da última década do século passado, observa-se uma renovação do interesse pelas bases biológicas do comportamento humano. Nesse contexto, desenvolve-se, a partir da Etologia, a **Psicologia Evolucionista**, com base nos pressupostos da Teoria da Evolução das Espécies, de Darwin, e desenvolvimentos posteriores (neodarwinismo) e influência da Psicologia Cognitiva contemporânea. No âmbito da Psicologia Evolucionista destaca-se a vertente que aborda a Psicologia do Desenvolvimento.

Os Evolucionistas buscam pensar a ontogênese considerando-a como um produto da filogênese. Segundo Vieira e Prado (2004), a Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista (PDE) surge como uma derivação da Psicologia Evolucionista e “procura investigar de que forma o nosso passado evolucionista tem repercussão no desenvolvimento ontogenético do ser humano” (p. 156). A PDE tem como foco de estudo os comportamentos considerados típicos da espécie, que, no caso do ser humano, incluem as habilidades sensório-perceptivas e motivacionais do bebê para interagir com as pessoas à sua volta.

Os pesquisadores de base evolucionista chamam a atenção para o fato de que, por muitos anos, as capacidades do recém-nascido foram subestimadas. Segundo estes, o bebê vem ao mundo dotado de conhecimento *a priori*, filogeneticamente baseado, e também de curiosidade. As competências do bebê seriam um produto da seleção natural, tendo uma função adaptativa ao eliciar na mãe um comportamento de cuidado e proteção. Segundo Pedrosa, Bussab e Carvalho (no prelo):

As demonstrações das capacidades precoces do recém-nascido para o engajamento interpessoal apontam uma pré-adaptação a um ambiente de envolvimento interpessoal consistente... a natureza humana parece ter ajustado o indivíduo para se desenvolver em função da rede social e afetiva na qual ele está imerso. (p.10).

Os Evolucionistas discutem ainda a relação entre a evolução natural e a evolução cultural e colocam que a cultura algumas vezes cria situações conflitantes com a natureza, o que pode ser observado no campo da comunicação mãe-bebê na contemporaneidade.

Uma crítica dirigida aos estudos de orientação etológica e evolucionista refere-se à ênfase nos aspectos comuns a determinada espécie em detrimento das diferenças individuais.

### **2.1.3 A Ênfase nas Competências do Bebê: Contribuições dos Interacionistas**

Observa-se à época das contribuições de Bowlby uma significativa mudança de foco nos estudos sobre o desenvolvimento no início da vida, caracterizada por um crescente interesse numa perspectiva interacional de desenvolvimento, o que muda a ênfase dos conteúdos intrapsíquicos para as relações do sujeito com o ambiente, sobretudo com o parceiro social.

A partir dos anos 70, o interesse pelo estudo da interação mãe-bebê aumentou em função de dois fatores: as lacunas observadas nas concepções de cunho nativista em compreender a emergência da linguagem, revelando a importância das trocas comunicativas

na explicação de tal fenômeno e as descobertas sobre as capacidades do bebê, particularmente aquelas pré-adaptadas à comunicação com o outro, o que propiciou uma maior consideração do papel desse no processo comunicativo (LYRA; SOUZA, 2003; LYRA; WINEGAR, 1997). Em tal contexto, destacaram-se os pesquisadores denominados “**interacionistas**”.

Os estudos desenvolvidos por estes têm o mérito de ampliar o olhar sobre a díade mãe-bebê, mudando o foco das expressões pulsionais, presente nos trabalhos de inspiração psicanalítica, para todas as outras modalidades de trocas interpessoais e de comunicação (CRAMER; PALÁCIO-ESPASA, 1993).

Após a revolução introduzida por Bowlby (por meio de seu conceito de um apego primário à mãe), eles (os interacionistas) estudaram a díade não mais exclusivamente nas situações de gratificação ou de frustração, mas na multiplicidade de trocas possíveis no nível do olhar, da voz, da proxemia, etc. , com suas características de ritmo, sincronia, contingência e anticontingência. Por intermédio de técnicas de estudos microanalíticos desses parâmetros, foi-nos permitido entrar na área da comunicação mãe-bebê e – até certo ponto – na da experiência do bebê dentro da troca diádica. (CRAMER; PALÁCIO-ESPASA, 1993, p.7).

A consideração do bebê como capacitado a participar ativamente da interação possibilitou a constatação da natureza recíproca da interação mãe-filho, na qual há uma influência mútua entre os parceiros. A ênfase na interação faz ressurgir, nesse período, as idéias do educador soviético Lev Semanovich Vygotsky (FOGELA, 1997). Biagio e Monteiro (1998), destacam como uma das tônicas da Psicologia do Desenvolvimento, na última década do século passado, a ênfase na interação social, no contexto e na cultura, influenciada pela obra de Vygotsky.

Vygotsky (2000) merece destaque neste campo pela influência de suas idéias no trabalho de muitos pesquisadores de cunho interacionista. Este autor, em seus escritos, enfatiza a importância do comportamento social no desenvolvimento de habilidades. Para ele, a interação social e a cultura propiciam a base para o desenvolvimento. As teorias que seguem a tradição vygotskyana concebem que a comunicação social se desenvolve a partir da interação da criança com adultos (MESSER, 1995).

Desde os primeiros dias de desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos específicos são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VYGOTSKY, 2000, p.40).

Embora Vygotsky (2000) não tenha se dedicado ao estudo de períodos precoces do desenvolvimento, ressaltando, outrossim, a formação da mente a partir do símbolo, há referências, em sua obra, à sua concepção do desenvolvimento da comunicação em bebês. Para ele, as ações do bebê, inicialmente, não envolvem qualquer intenção de comunicação com os outros. Ainda assim, algumas ações podem ser interpretadas pelos adultos como sendo intencionais. Tais ações podem ser respostas involuntárias (choro, por exemplo), ou atividades mais ou menos randômicas (levantar os braços), ou mesmo ser uma ação carregada de algum propósito (alcançar um objeto). Durante a interação social, os adultos, por vezes, respondem a estas ações como se representassem comunicações intencionais. Conseqüentemente, os bebês começam a reconhecer que suas ações podem influenciar os outros e que eles têm poderes comunicativos. Observa-se, na teoria de Vygotsky, uma ênfase nas respostas sociais do adulto às ações do bebê como origem da emergência da comunicação intencional e do desenvolvimento de novos métodos de comunicação.

No âmbito da perspectiva interacionista, observam-se trabalhos significativos sobre a comunicação mãe-bebê. Papousek e Papousek (1977, 1987); Schaffer (1977, 1984) e Brazelton (1987), por exemplo, enfatizam, em suas pesquisas, as competências do bebê como parceiro social, destacando os processos interativos entre a criança e o seu meio ambiente, com destaque para as modificações progressivas que ocorrem nas interações entre esta e o adulto.

O recém-nascido, na perspectiva destes autores, passa a ocupar um lugar mais ativo, na medida que os estudos enfatizam o complexo equipamento comportamental de que dispõe para lidar com o ambiente, construindo rapidamente uma gama de respostas diferenciadas que

dependem dos comportamentos maternos, o que conduz a díade mãe-bebê a processos de retroação cada vez mais complexos:

A relação criança meio-ambiente apresenta espontaneamente uma relação de modelagem, onde os indivíduos frente a frente captam e enviam mensagens que regulam a construção e a imbricação de seus edifícios comportamentais. A criança adquire *skills*, isto é, habilidades, capacidades perceptivas, cognitivas e motoras, sob a égide de uma mãe iniciadora de qualquer progresso. (MAZET; STOLERU, 1990, p.85-86).

H. Papousek e M. Papousek (1977; 1987) relacionam, em seus estudos, desenvolvimento cognitivo e interação social, enfatizando o papel desempenhado pelos pais no desenvolvimento das habilidades do bebê. De acordo com os autores, o adulto, por estar mais capacitado, contribui, por meio de intervenções didáticas de natureza intuitiva, para o desenvolvimento das capacidades integrativas do bebê (termo que para os autores abrange aprendizagem, cognição e processos comunicativos). Sob a influência de uma perspectiva evolucionista, Papousek e Papousek fazem um paralelo entre a ontogenia e a filogenia da comunicação social. Estes autores utilizam em suas pesquisas o método experimental.

Schaffer destaca as competências do bebê e afirma que este, com quatro semanas, já apresenta estilos interacionais distintos em relação à mãe, ao pai e a estranhos. As pessoas se diferenciam em função de suas expressões emocionais, rapidez de movimento, responsividade, tensões e brincadeiras. As características temperamentais da criança, inatas, também irão influir no comportamento do parceiro e determinar o curso da interação. Ele destaca duas noções relevantes à compreensão da emergência do bebê como sujeito dialógico: reciprocidade e intencionalidade. Reciprocidade refere-se ao papel desempenhado pelo bebê em uma seqüência interacional. Inicialmente, há entre a mãe e este um pseudo-diálogo, no qual o bebê age reativamente e a mãe atua “como se” ele fosse um sujeito dialógico. Ao final do primeiro ano de vida, o bebê compreende que seu comportamento tem valor comunicativo e pode ser usado para afetar o comportamento de outros e fazê-lo obter o resultado desejado, a

partir do que se torna um agente intencional, sendo capaz de antecipar objetivos e guiar-se pelo futuro (BRUM; SCHERMANN, 2004; SCHAFFER, 1977).

Brazelton (1987), no âmbito de uma perspectiva maturacional, concebe que a criança, ao nascer, está equipada para entrar em interação com sua mãe e ressalta a surpreendente organização do recém-nascido como agente de interação com o seu meio. Ele aponta a necessidade de reconceitualização do início do desenvolvimento emocional, de modo a considerar a importância dos três primeiros meses de vida, período pouco explorado pela Psicanálise.

A partir de pesquisas de recorte longitudinal, com uso de registro em vídeo de trocas interativas mãe-bebê, Brazelton desenvolve um modelo de desenvolvimento útil para a compreensão dos laços recíprocos que se estabelecem entre a mãe e o recém-nascido. O denominado “modelo de *feedback*” prevê flexibilidade, desorganização e reorganização no sistema homeostático de interação recíproca mãe-recém-nascido (BRAZELTON, 1987; BRAZELTON; KOSLOWSKI; MAIN, 1974)

As notáveis capacidades que tem o bebê de prestar atenção e de interagir quando rodeado por um parceiro adulto sensível às suas necessidades de regulação, nos permitiram entrever sua dependência a um meio maternal sob um novo ângulo. Nós não mais podemos considerar o recém-nascido como insensível, caótico ou imprevisível, nós o vemos de preferência como estando equipado com reações altamente previsíveis a todos os estímulos vindos do exterior, quer estes estímulos sejam positivos (portanto apropriados ao sujeito) ou negativos (e, portanto, impróprios ou excessivos). Nossa hipótese será que as reações do recém-nascido podem modelar as respostas do adulto por constituírem um sistema de feedback contínuo. Doravante, natureza e ação maternal tornam-se inseparáveis e entrelaçadas, tendo em vista a necessidade de feedback recíproca, própria dos participantes da díade genitor-bebê. (BRAZELTON, 1987, p. 12-13).

Em seus trabalhos com recém-nascidos, Brazelton (1987) foi surpreendido pela força da reciprocidade mãe-bebê que, segundo ele, cria uma espécie de envoltório de controle, dentro do qual o bebê pode demonstrar sua impressionante reatividade. No interior do envoltório de interação recíproca, observa-se uma matriz rica em diferentes modalidades de comunicação, individualizadas por cada par e dependendo em sua essência da contribuição de cada elemento da díade. “Parece haver regras para interação que estão constantemente sendo

alteradas por cada membro da díade, e flexibilidade e mudança são necessárias para manter um nível de interação ótimo.” (BRAZELTON; KOSLOWSKI; MAIN, 1974, p. 73). A mãe, segundo Brazelton, Koslowski e Main (1974), exerce um papel importante nesse processo, utilizando os períodos de interação com o bebê para guiá-lo rumo a padrões de interação mais complexos.

Brazelton (1987) constata, já no recém-nascido, evidências das primeiras etapas de uma consciência emocional e cognitiva por parte do bebê.

A experiência de completar um ato antecipado ou uma comunicação social, forma um ciclo de feedback, criando um sentimento de domínio que confirma o sentido de si mesmo da criança, realimentando-a para o desenvolvimento futuro. Ao experimentar a atmosfera materna ao seu redor, o bebê acrescenta uma forma suplementar de ‘combustível’ e fornece um envoltório dentro do qual ele pode adquirir mais rapidamente um sentido de si mesmo (*self*), assim como o domínio de complexos mecanismos de controle interno. (p.21).

Ainda numa vertente interacionista, verificam-se contribuições relevantes ao estudo do processo de comunicação no início da vida, a partir das idéias desenvolvidas por pesquisadores como Stern (1980, 1992), Tronick, Trevarthen (1979, 2001) e Tomasello (2000a, 2000b), dentre outros. Tais pesquisadores, inspirados em pressupostos de teóricos como Vygotsky, destacam o papel do outro nas aquisições do desenvolvimento.

Stern (1992) destaca-se no estudo da vida subjetiva do bebê, trazendo em sua compreensão do tema contribuições tanto da Psicanálise, em especial da Teoria do Apego, de Bowlby, como de teorias desenvolvimentalistas que trabalham nos moldes da tradição da pesquisa observacional e experimental. Ele procura fazer inferências sobre a vida subjetiva do bebê, a partir dos recentes avanços no conhecimento de suas capacidades provenientes da observação e experimentação. Stern investiga em suas pesquisas o desenvolvimento do senso do eu-e-outro do bebê:

Na medida em que emergem os novos comportamentos e capacidades (do bebê), eles são reorganizados para formarem perspectivas subjetivas organizadoras em relação ao eu e ao outro. O resultado é a emergência, em saltos importantes, de diferentes sentidos do eu. (p.20-21).

O autor descreve quatro sentidos de “eu”, cada um dos quais define um domínio diferente da auto-experiência e do relacionar-se social: o “eu” emergente, (0 a 2 meses), o “eu” nuclear (2 a 6 meses), o “eu” subjetivo (7 a 15 meses) e o “eu” verbal. Não se trata de fases sucessivas que substituem uma à outra. Cada sentido de “eu” formado continua a crescer continuamente, coexistindo com os demais. Stern argumenta, contrapondo-se a algumas vertentes psicanalíticas, que alguns sentidos de “eu” estão presentes antes da auto-consciência e da linguagem.

Os bebês começam a experienciar o sentido de um eu emergente desde o nascimento. Eles estão predispostos a terem consciência dos processos auto-organizadores. Eles jamais experienciam um período de total indiferenciação eu/outro. Não há confusão entre eu e outro no começo ou em qualquer ponto durante o período de bebê. Eles também estão predispostos a serem seletivamente responsivos a eventos sociais externos e jamais experienciam uma fase autista. (p. 7).

No período de dois a seis meses, os bebês consolidam um sentido de um “eu” nuclear, “uma unidade separada, coesiva, limitada, física, com um sentido de sua própria agência, afetividade e continuidade no tempo.” (p.7). Por volta dos nove meses, eles passam então a buscar e a criar uma união subjetiva com o outro, a partir da apreensão de que a vida subjetiva do outro pode ser compartilhada.

Para Stern (1992), as mudanças que caracterizam o desenvolvimento da experiência social devem-se à aquisição de novos sentidos do “eu” por parte do bebê, que servem como a perspectiva subjetiva primária que organiza sua experiência social.

Trevarthen assume uma posição segundo a qual as crianças, desde uma tenra idade, têm a capacidade de “intersubjetividade”. Estas nasceriam com a atenção especialmente receptiva ao estado subjetivo de outras pessoas. Ele considera que os recém-nascidos são capazes de distinguir entre objetos animados e inanimados, com base na percepção dos ritmos dos movimentos. Tal capacidade, considerada inata, serviria a propósitos comunicativos. O bebê estaria capacitado a reagir diversamente a objetos e pessoas, distinguindo-se um modo de funcionamento comunicativo, dirigido às pessoas, e um modo de funcionamento prático,

dirigido aos objetos. A evolução das atividades sociais ao longo da infância seria conseqüente a mudanças no equilíbrio entre estes dois tipos de funcionamento (MESSER, 1995; TREVARTHEN; AITKEN, 2001).

Na concepção de Trevarthen, desde muito cedo, o bebê apresenta motivação para estabelecer trocas comunicativas com os outros. Os recém-nascidos teriam uma sociabilidade e uma intencionalidade latentes, naturais, assim como um papel ativo na interação, cooperando com a mãe e antecipando seus sinais em situações tais como alimentação e *holding* (MESSER, 1995; TREVARTHEN; AITKEN, 2001).

Em sua teoria sobre a evolução das habilidades comunicativas, ele considera que, aos dois meses, aproximadamente, os bebês entram numa fase denominada intersubjetividade primária, durante a qual o olhar e as expressões faciais são seletivamente dirigidos às pessoas, assim como os movimentos pré-gestuais e pré-lingüísticos, havendo um predomínio do modo de funcionamento comunicativo. Tal fase representa uma antecipação de etapas futuras, nas quais duas subjetividades, do adulto e da criança, estarão envolvidas em interações sociais de controle compartilhado e recíproco.

Trevarthen distingue os termos “subjetividade” e “intersubjetividade”. A subjetividade traduz-se, no início da vida, na capacidade de exibir aos outros pelo menos os rudimentos de uma consciência e uma intencionalidade individual, revelando-se um agente da ação. A intersubjetividade consiste na adaptação de sua subjetividade à subjetividade do outro. Ambos estão presentes, ainda que de forma preliminar, na etapa de intersubjetividade primária. Nesta fase, o bebê e o adulto espontaneamente engajam-se em uma intersubjetividade mutuamente satisfatória, observando-se uma regulação recíproca e uma sincronia rítmica, que são expressas na vocalização e movimentos corporais do bebê (TREVARTHEN; AITKEN, 2001).

As idéias de Trevarthen diferem das concepções psicanalíticas tradicionais acerca da subjetividade e intersubjetividade do recém-nascido. Enquanto os psicanalistas acreditam que o bebê, em períodos precoces, não tem consciência de si, um ego separado, nem uma representação de *self* distinta do outro, havendo uma espécie de fusão entre a mãe e o bebê, Trevarthen reconhece uma subjetividade e uma capacidade de intersubjetividade, ainda que rudimentares, no início da vida.

Posteriormente, por volta do quarto mês de vida, segundo Trevarthen, há um crescente interesse por objetos e pelo ambiente inanimado, com proeminência do modo prático de funcionamento. O adulto, parceiro comunicativo, ao perceber tal mudança, passa a utilizar o objeto como veículo de interação social com o bebê. Esta fase é denominada por Trevarthen de “período dos jogos”.

A terceira fase descrita pelo autor, denominada “intersubjetividade secundária”, ocorre por volta do nono mês, quando então há um novo equilíbrio entre os modos de funcionamento, pelo fato do bebê tornar-se capaz de integrá-los, momento em que os objetos passam a ser compartilhados com as pessoas. Para que esta etapa seja atingida pelo bebê, faz-se necessária uma consciência de *self* e a compreensão do outro como agente intencional (BORNSTEIN; TAMIS-LEMONDA, 2001; MESSER, 1995).

O período de nove a doze meses é também enfatizado por Tomasello (2000a, 2000b). Segundo ele, trata-se de um período de revolução na forma de percepção do mundo, marcado por uma transição fundamental no desenvolvimento da comunicação. Ele afirma que, aos seis meses, os bebês interagem diadicamente com objetos, alcançando-os e manipulando-os, e interagem também diadicamente com outra pessoa, expressando emoções numa seqüência de troca de turnos. Se há uma pessoa presente quando a criança manipula objetos, ela comumente a ignora. Se objetos estão presentes enquanto ela interage com uma pessoa, ela comumente os ignora. Aos nove meses, entretanto, constata-se uma mudança significativa

em tal padrão. Nesta fase, a criança começa a engajar-se em interações triádicas, ou seja, interações que envolvem além dela, um adulto e um objeto externo, ao qual ambos dão atenção. A criança consegue seguir o olhar do adulto, utiliza este como ponto de referência emocional (referência social) e o imita na forma de agir sobre os objetos. Além de estar sintonizada à atenção e comportamento do parceiro, em relação a objetos externos, a criança também começa a usar gestos para dirigir a atenção e o comportamento do adulto em direção a objetos nos quais esteja interessada. O termo “atenção compartilhada” é utilizado para designar esta complexa capacidade, que exige, por parte da criança, a compreensão do outro, assim como de si mesmo, como agentes intencionais.

Bornstein e Tamis-LeMonda (2001), em seus escritos sobre comunicação mãe-bebê, enfatizam as funções das interações diádicas nas quais a mãe e seu filho se engajam precocemente para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional da criança. Dentre as funções destas interações, eles destacam a promoção da compreensão, por parte do infante, dos padrões de interação social; o desenvolvimento do apego; a aquisição da linguagem e a regulação emocional.

Estes autores defendem uma visão ecológica da interação mãe-bebê, na qual são considerados os múltiplos fatores que contribuem para a emergência, evolução ontogenética e características das trocas comunicativas entre a díade, dentre os quais destacam: as características do bebê, o funcionamento biológico e psicológico da mãe, além de fatores sociais, sociodemográficos e culturais.

Lock (2001), ao abordar o curso de desenvolvimento da comunicação pré-verbal, aponta três períodos de transição fundamentais. No primeiro período, que abrange de zero a dois meses de idade, o bebê começa a engajar-se em trocas comunicativas com o adulto. Ao longo dos dois primeiros meses, gradativamente, a díade mãe-bebê passa a envolver-se mais intensamente em comunicação face-a-face, verificando-se o início da mutualidade do olhar.

No período de três a seis meses, observa-se uma mudança significativa nos padrões de comunicação, com o incremento no interesse pelo cuidador. O bebê, agora, permanece mais tempo em estado de vigília, suas expressões faciais tornam-se mais vívidas e seu nível de maturação permite um maior controle sobre suas habilidades comunicativas. Observa-se, por exemplo, que ele está mais atento às expressões vocais e faciais do adulto, controla melhor o movimento dos olhos, bem como passa a fazer uso do sorriso e da vocalização em suas trocas comunicativas, tornando-se um parceiro mais ativo na interação. As mudanças ocorridas permitem uma maior sincronia de tempo nas trocas diádicas com o cuidador. Neste período, a comunicação face-a-face atinge seu ápice.

O período que vai dos seis aos nove meses caracteriza-se pelo crescente interesse por objetos em detrimento da comunicação face-a-face. Nesta fase, o adulto tem um papel primordial, propiciando ao bebê o acesso aos objetos e a possibilidade de manipulá-los. O interesse por objetos tem um impacto significativo no desenvolvimento da comunicação, pois, a partir da mudança do foco de atenção, o bebê começa a desenvolver a complexa capacidade de atenção conjunta com o adulto.

Lock (2001), a exemplo de Tomasello e Trevarthen, faz referência a uma integração ativa entre a criança, o adulto, o objeto e a intenção, o que resulta em ações mais deliberadas. Tal integração dá-se dos nove aos doze meses. Verifica-se, segundo esse autor, uma mudança qualitativa nas habilidades da criança, o que se constata em sua capacidade de imitação, na gesticulação, no uso de uma referência social e no comportamento de dar e pegar. Tal avanço contribui para que a criança venha a compreender que os outros são seres separados, com atenções e intenções que podem diferir das dela própria. Por volta dessa idade, a criança modifica seu padrão de atenção ao interagir com pessoas e objetos simultaneamente. O autor refere-se ainda, a uma crescente habilidade por parte do infante em dirigir a atenção e a ação do adulto em prol da consecução de seus próprios objetivos.

É interessante observar, nas pesquisas sobre comunicação mãe-bebê, fundamentadas em pressupostos de cunho histórico-social, a importância atribuída aos objetos – artefatos culturais presentes na interação diádica, com função relevante na constituição da subjetividade humana. Segundo Safra (2004), a importância do objeto material na constituição e evolução da subjetividade foi poucas vezes abordada na literatura psicanalítica. Ele acrescenta que, à exceção de Winnicott com sua concepção de objeto transicional, raramente na Psicanálise é discutida a positividade do objeto sensorial e cultural.

Embora a contribuição dos interacionistas represente um avanço no tocante à compreensão do desenvolvimento da comunicação no início da vida, ao reconhecer o caráter relacional e processual da interação humana e considerar a importância do objeto cultural na constituição da subjetividade, não houve um avanço no que concerne ao desenvolvimento de um método capaz de apreender tal concepção de interação. Nas pesquisas empreendidas, verifica-se que os parceiros em interação são ainda tratados como atores independentes (LYRA; SOUZA, 2003).

Constata-se, a partir do exposto nesta breve revisão, a relevância atribuída, por parte de estudiosos de perspectivas teóricas diversas, às primeiras trocas mãe-bebê na constituição do sujeito psicológico. Verifica-se, entretanto, que apesar do esforço de integração, é notória a ênfase, ora no bebê, ora no parceiro social, na tentativa de explicação do desenvolvimento da comunicação no início da vida. Neste sentido, as teorias não conseguem apreender o “processo” de desenvolvimento em toda a sua complexidade, deixando lacunas a serem preenchidas, questões em aberto e, conseqüentemente, espaço para controvérsias. Neste cenário, a perspectiva dos sistemas dinâmicos se apresenta como uma possibilidade de compreensão do fenômeno do desenvolvimento a partir de princípios com um grau de generalidade suficiente para integrar diferentes perspectivas teóricas numa abordagem científica inovadora (LEWIS, 2000).

#### **2.1.4 A Pesquisa sobre a Comunicação Mãe-Bebê/Criança no Brasil**

No Brasil, a comunicação mãe-bebê tem sido alvo de estudos de pesquisadores de orientações teóricas e metodológicas diversas, comumente vinculados a Universidades e Programas de Pós-Graduação. Em 1998, constituiu-se, no âmbito da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia), um Grupo de Trabalho denominado “Interação Pais-Bebê/Criança”, coordenado pelo Prof<sup>o</sup> César Augusto Piccinini da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com o objetivo de articular, em nível nacional, os pesquisadores que investigavam este tema, buscando criar, assim, oportunidades para aprofundar discussões teórico-metodológicas acerca de questões pertinentes à área e planejar projetos em conjunto ([www.anpepp.org.br](http://www.anpepp.org.br)).

No Grupo de Trabalho da ANPEPP supracitado, há o registro da participação de pesquisadores como Cleonice Alves Bosa, Ebenezer Aguiar de Oliveira, Elizabeth Batista Pinto Wiese, Lígia Braun Schermann, Mauro Luiz Vieira, Maria da Conceição Lyra, Nádia Maria Ribeiro Salomão, Silvia Regina Ricco Lucato Sigolo, Vera Lúcia Chahon e Vera da Rocha Resende ([www.anpepp.org.br](http://www.anpepp.org.br)).

O Prof<sup>o</sup> César Augusto Piccinini (PICCININI et al., 2001) coordena um grupo de pesquisas na UFRGS que desenvolve investigações sobre a interação mãe-criança, com base na concepção etológico-evolucionária da Teoria do Apego. A interação é concebida como bidirecional, considerando-se que “as contribuições maternas e infantis dificilmente podem ser dissociadas ao se estudar a díade em interação”. Sendo assim, “é importante que se contextualize a contribuição de cada membro da díade e da própria díade como parte de outros contextos sociais.” (PICCININI et al., 2001, p. 477). As pesquisas desenvolvidas fazem uso do registro em vídeo das interações em diferentes locais (residência, hospital, sala de brinquedos) e a idade das crianças estudadas varia de bebês pré-termo a crianças pequenas

(até 5 anos de idade). Os estudos abrangem ainda as verbalizações parentais sobre a interação com o filho, buscando compreender o significado particular de cada bebê/criança e seus comportamentos para seus pais.

Piccinini e colaboradores têm estudos publicados sobre a interação mãe-filho em contextos específicos, como em casos de nascimento pré-termo, doença crônica infantil (CASTRO; PICCININI, 2002, 2004; PICCININI et al., 2003) e de depressão materna (SCHWENGBER; PICCININI, 2003).

Nas pesquisas sobre interação mãe-criança na presença de doença crônica orgânica na infância (fibrose cística, disfunção renal crônica, cardiopatias e câncer), Piccinini e colaboradores (CASTRO; PICCININI, 2002, 2004; PICCININI et al., 2003) abordam, dentre outros aspectos, os sentimentos das mães com relação à experiência de maternidade e as práticas educativas maternas. Os resultados sugerem especificidades na vivência da maternidade em tal contexto. As mães sofrem pela perda do filho ideal e saudável, pela necessidade de adaptação à nova realidade, pelos cuidados para a sobrevivência do filho e pelo medo de perdê-lo. Tais mães apresentam sentimentos ambivalentes em relação às crianças, manifestando culpa, ansiedade, superproteção, ansiedade de separação e sentimentos de pouca ajuda de outras pessoas. Os estudos apontam ainda particularidades nas práticas educativas, com um uso mais reduzido de práticas coercitivas por parte das mães, quando se faz a comparação com o grupo cujas crianças não apresentam doença crônica.

Lígia Schermann utiliza o “Protocolo de Observação da Interação Mãe-Bebê” (0 a 6 meses) em estudos que objetivam verificar o impacto do nascimento pré-termo e do risco médico neonatal nos comportamentos interativos da díade mãe-bebê. A análise é feita a partir de interações registradas em vídeo e de dados baseados no relato da mãe. A exemplo de Piccinini, a análise dos dados é feita a partir de pressupostos etológico-evolucionistas, mais especificamente com base nas idéias de John Bowlby, embora também se identifique a

contribuição de autores como Brazelton e Winnicott , dentre outros, em seus artigos (BRUM; SCHERMANN, 2004; PICCININI et al., 2001; SCHERMANN, 2001).

No tocante a pesquisas de orientação psicanalítica destacam-se, neste grupo, os trabalhos de Vera Lúcia Chahon e de Elizabeth Batista Pinto Wiese.

Chahon utiliza o “Método de Observação Psicanalítica da Relação Mãe-Bebê” (ORMB), desenvolvido por Esther Bick na Clínica Tavistock, em 1948. Trata-se de um método que propõe a observação direta do bebê recém-nascido em seu ambiente natural, ao longo dos seus dois primeiros anos de vida. Esse método prevê o contato prévio com os pais, no período de gestação, e encontros semanais a partir do nascimento do bebê, com a duração de uma hora, visando a observar a singularidade de cada conjunto pais-bebê, sem qualquer foco específico ou qualquer hipótese de trabalho estabelecida aprioristicamente. Esta pesquisadora desenvolve na Universidade Federal Fluminense um estudo sobre a relação mãe-bebê segundo o método de Esther Bick. Aliando a pesquisa e a prática psicanalítica, Chahon busca, a partir do uso de tal método, contribuir tanto para o fomento do conhecimento na área como para a formação dos alunos na esfera acadêmica (PICCININI et al., 2001).

Elizabeth Batista Pinto Wiese também fundamenta o seu estudo sobre a interação mãe-bebê em pressupostos psicanalíticos. Ela atua na área de psicoterapia pais/bebê e propõe a análise das interações precoces entre a mãe e o bebê a partir de dois aspectos: padrões de parentalidade e dinâmica interativa. Quanto ao primeiro aspecto, a autora destaca a importância da identificação tanto de elementos saudáveis como patológicos nos padrões de parentalidade. No que concerne à dinâmica interativa, Wiese destaca a relevância de se considerar três eixos fundamentais de análise: a interação comportamental (inclui aspectos diretamente observáveis), afetiva (envolve afetos e suas formas de expressão) e fantasmática (considera aspectos intrapsíquicos, incluindo a dimensão transgeracional) (PICCININI et al., 2001; PINTO, 2004; WIESE, 2000; WIESE; VIEIRA; VILANOVA, 1997).

Além do trabalho destas pesquisadoras, há estudos desenvolvidos por psicanalistas filiados a grupos de estudo específicos. Alguns destes, têm promovido eventos, em nível nacional, sobre a temática da relação mãe-bebê, a partir dos quais são lançadas publicações relevantes sobre o tema (BERNARDINO; ROBENKOHL, 2002; CAMAROTTI, 2001).

Cleonice Bosa, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Nádia Maria Ribeiro Salomão, da Universidade Federal da Paraíba e Maria Auxiliadora Dessen, da Universidade de Brasília investigam a interação familiar em crianças portadoras de necessidades especiais.

Bosa (2001, 2002) participa de um grupo de pesquisa denominado “Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia”, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua linha de pesquisa dentro do grupo - “Interação pais-criança com Transtornos do Desenvolvimento” - tem como objetivo investigar os mecanismos implicados na qualidade da interação social entre crianças com transtornos do desenvolvimento (especialmente os do espectro autista) e seus cuidadores.

Dentre as questões investigadas por Bosa, está a relação entre o estilo de interação diretivo observado em mães de crianças autistas e o engajamento da criança em atividades interativas. A autora ressalta que o papel do estilo diretivo materno para o desenvolvimento da criança autista é ainda alvo de controvérsias, havendo necessidade de continuidade das pesquisas nesse campo (PICCININI et al., 2001). O comprometimento da criança autista no tocante ao desenvolvimento da atenção compartilhada é também objeto das investigações da pesquisadora. Esta enfatiza o potencial preditivo de tal comportamento como identificador precoce do autismo.

Salomão (BORGES; SALOMÃO, 2003; SILVA; SALOMÃO, 2002) estuda a interação adulto-criança e o seu papel no desenvolvimento lingüístico na infância, adotando a perspectiva da interação social no estudo da linguagem, concebida enquanto comunicação, sendo, portanto, anterior ao surgimento das palavras. A autora ressalta a importância dos

aspectos sociais da interação no processo de aquisição da linguagem e desenvolve estudos com díades mãe-criança com desenvolvimento normal e díades mãe-criança que apresenta um desenvolvimento atípico de linguagem (criança com distúrbio específico de linguagem e criança com Síndrome de Down). Esta pesquisadora analisa interações verbais e não-verbais através de registros em vídeo. Os dados resultantes da pesquisa empreendida por Silva e Salomão (2002) com crianças portadoras da Síndrome de Down são apresentados no item 2.3.3.

Dessen pesquisa o tema “Deficiência mental e Família” tendo orientado uma pesquisa sobre crianças com Síndrome de Down e suas interações familiares (SILVA; DESSEN, 2003).

Numa perspectiva evolucionista, destacam-se ainda alguns trabalhos de um outro grupo da ANPEPP, coordenado por Maria Emília Yamamoto. Deste grupo, Emma Otta, Ângela Donato Oliva, Maria Lúcia Seidl de Moura e Eulina Rocha Lordelo realizam pesquisas na área de desenvolvimento infantil enfocando o tema da interação precoce entre pais e filhos ([www.anpepp.org.br](http://www.anpepp.org.br)).

Emma Otta (OTTA, 1994; RODRIGUES; OTTA, 2002), Professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, tem, dentre seus temas de pesquisa, a comunicação não-verbal humana, abordando em tal contexto o desenvolvimento socioafetivo em bebês.

Maria Lúcia Seidl de Moura, em parceria com Adriana Ferreira Paes Ribas, ambas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, enfoca em suas investigações as transformações evolutivas das primeiras interações entre a mãe e o bebê, além de temas como responsividade materna, intersubjetividade, competências sociocognitivas no primeiro ano de vida e crenças parentais sobre as competências do bebê. Estas autoras e colaboradores têm pesquisado, de diversas maneiras, a forma como interação social e desenvolvimento se imbricam em diferentes momentos, considerando as interações mãe-bebê como matrizes nas quais se

constrói o desenvolvimento. Com tal intuito, esse grupo utiliza como método de investigação a aplicação de questionário com as mães e registro em vídeo das trocas interativas (BIAGGIO; MONTEIRO, 1998; RIBAS; SEIDL DE MOURA; RIBAS JÚNIOR, 2003; RIBAS; SEIDL DE MOURA, 1999, 2004; SEIDL DE MOURA et al., 2004).

Observa-se nas pesquisas conduzidas por Seidl de Moura e Ribas a influência de concepções oriundas de uma abordagem sociocultural de tradição vygotskiana, identificando-se ainda, em alguns de seus trabalhos, contribuições da perspectiva evolucionista. As duas pesquisadoras compõem também, juntamente com Ângela Donato Oliva, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o grupo de pesquisa da CAPES denominado “Interação Social e Desenvolvimento”. Oliva (2004) desenvolve investigações sobre desenvolvimento inicial e no campo da aquisição da linguagem, enfocando, dentre outros temas, aspectos funcionais da fala dirigida ao bebê.

Lordelo (2002a, 2002b), da Universidade Federal da Bahia, realiza pesquisas sobre ambientes de desenvolvimento humano (doméstico / creche) nos primeiros anos de vida, com destaque para as dimensões sociais de tais contextos. No tocante à interação em creche, busca conhecer os efeitos deste contexto de cuidado não-maternal sobre o desenvolvimento da criança. A autora ressalta que a experiência da criança na creche será vivenciada, de modo particular, de acordo com a conjugação de fatores como: as características da criança (idade, sexo, temperamento, posição na família, etc.) as condições de sua família e a qualidade da creche. Dentre os temas investigados por Lordelo, incluem-se os efeitos da precocidade da separação da figura primária de apego – a mãe. Os resultados dos estudos empreendidos nesse campo são contraditórios. A autora destaca alguns efeitos potencialmente negativos e a necessidade de alguns cuidados especiais capazes de melhorar a qualidade da experiência da criança em tal contexto. Para tal, no processo de entrada da criança na creche, a problemática da separação deve ser reconhecida. A creche brasileira tende a ignorar o problema da

separação, admitindo a criança cada vez mais precocemente, sem transições. Tal fato, associado à deficiência de disponibilidade de pessoal (especialmente nas creches públicas ou filantrópicas), interfere na responsividade por parte dos adultos no ambiente de creche, podendo vir a prejudicar a formação do vínculo de apego por parte da criança. A comparação entre as oportunidades de interação da criança em casa e na creche (Lordelo, 2002b), aponta diferenças, verificando-se no ambiente doméstico uma frequência mais elevada de interações corporais. A autora, entretanto, aponta a necessidade de novos estudos na área que busquem uma compreensão mais abrangente do fenômeno.

Maria Clotilde Rossetti-Ferreira, Ana Maria Almeida Carvalho e Kátia de Souza Amorim desenvolvem trabalhos sobre a construção das relações afetivas e apego. Tais pesquisadoras visam a investigar a construção das relações do bebê ao longo dos primeiros anos de vida, buscando promover uma discussão e reflexão crítica sobre a Teoria do Apego, confrontando tal proposta com outras perspectivas teóricas, de modo a fomentar novas leituras dessa Teoria.

Nos últimos anos, Rossetti-Ferreira, em parceria com outros pesquisadores (ANJOS et al., 2004; ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2000; ROSSETTI-FERREIRA et al., 2003; VASCONCELOS; ROSSETTI-FERREIRA, 2002;) têm investigado a interação social em ambiente de creche. Rossetti-Ferreira, Amorim e Silva (2000) destacam ser o ingresso na creche um momento profícuo para a investigação das interações que envolvem o bebê, a família e os educadores da creche, sendo possível apreender os processos de co-construção e as mútuas transformações dos sujeitos naquela situação, abrangendo as várias interações estabelecidas, os contextos em que ocorrem, os papéis atribuídos aos e assumidos pelos diferentes participantes e os significados culturais que estruturam e canalizam o desenvolvimento das pessoas e das situações. As autoras apresentam uma nova perspectiva

teórico-metodológica de estudo que propõe uma “rede de significações”, de configuração semiótica, para compreender o desenvolvimento humano.

O universo semiótico construído e internalizado através das práticas sociais ao longo da vida, concretiza-se no aqui-agora das situações, atribuindo significados às características do contexto onde a pessoa está inserida e delimitando as formas de relacionamentos e de afetividade entre as pessoas (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2000).

A proposta da rede de significações está fundamentada em um conjunto de pressupostos teóricos, em especial em autores sócio-históricos, como Vygotsky e Wallon. O método de pesquisa utilizado abrange vários instrumentos como entrevistas com as educadoras e profissionais da equipe técnica e com as mães das crianças; gravação em vídeo dos três primeiros meses de frequência das crianças no novo ambiente e fichas de observação de saúde e de comportamento. Busca-se, com esse método, apreender diferentes aspectos da rede de significações, relevantes para compreensão do problema a ser estudado, procurando-se analisá-la em seu movimento de transformação (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2000).

O grupo de pesquisadores coordenados por Maria C. D. P. Lyra, na Universidade Federal de Pernambuco, tem desenvolvido estudos sobre o desenvolvimento da comunicação mãe-bebê, tendo por fundamento a perspectiva dos sistemas dinâmicos e a abordagem dialógica. O trabalho de Lyra articula-se com o de pesquisadores internacionais, como Fogel (FOGEL; LYRA, 1997) e Valsiner (FOGEL; LYRA; VALSINER, 1997). A pesquisadora propõe um modelo de análise da interação denominado EEA – Estabelecimento, Extensão e Abreviação, o qual será enfocado no item 2.2.3.

A partir desta breve exposição, é possível apreender que a comunicação mãe-bebê é hoje um campo de pesquisa em desenvolvimento no Brasil. Apesar da diversidade teórica, há uma busca de articulação entre os pesquisadores, com pesquisas e publicações conjuntas e um certo consenso quanto a aspectos metodológicos, com uso preferencial pelo registro em vídeo das trocas interativas.

## 2.2 A COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ SOB A PERSPECTIVA DOS SISTEMAS DINÂMICOS

### 2.2.1 A Psicologia do Desenvolvimento e a Perspectiva dos Sistemas Dinâmicos

No âmbito da Psicologia do Desenvolvimento, predominou, durante muito tempo, uma concepção científica baseada no objetivismo cartesiano (FOGEL, 1993a). Um olhar sobre as pesquisas realizadas na área no século passado, sobretudo até a década de 70, revela uma ênfase em investigações centradas no indivíduo, concebido de forma isolada de seu contexto, o predomínio de estudos baseados na noção de causa e efeito, bem como o interesse na mensuração e predição do comportamento e nas aquisições ou produtos do desenvolvimento. Tal quadro parece refletir os efeitos das duas guerras mundiais, ditaduras terroristas e da competição da Guerra Fria, significando a perda do idealismo holístico e a valorização da prática e práxis, das ferramentas e da tecnologia (FOGEL, 2000).

De forma análoga, na Sociedade Pós-Guerra Fria ou Pós-Ditadura do final do século passado e início deste, observa-se um renascimento da Relatividade, da Ecologia, do Pensamento Sistêmico e do Holismo nas mais diversas áreas, inclusive na Psicologia, onde se constata o ressurgimento de abordagens teóricas que enfatizam as relações e a complexidade, o processo de desenvolvimento, ênfases presentes, por exemplo, nos construtos de teóricos como Piaget e Vygotsky (FOGEL, 2000; VAN GEERT, 2000).

Nesse contexto, uma nova ciência do desenvolvimento surge, caracterizada pela prevalência de uma orientação relacional em oposição ao foco em indivíduos isolados e pela visão de desenvolvimento como co-construção histórica, culturalmente mediada. Neste novo

modelo de análise, a ênfase situa-se na pesquisa do desenvolvimento como processo de **mudança** (FOGEL, 2000).

No âmbito das inovações verificadas no estudo do desenvolvimento humano, destaca-se a introdução, neste campo, de concepções oriundas da **Teoria dos Sistemas Dinâmicos, Complexos ou Caóticos**, originária da Física, Química, Biologia e Matemática. Inicialmente aplicada ao estudo da evolução de sistemas físicos complexos ao longo do tempo, tal perspectiva foi introduzida na Psicologia em estudos sobre desenvolvimento motor e cognitivo (THELEN; SMITH, 1995; VAN GEERT, 1997), tendo seu campo de aplicação gradativamente ampliado, abrangendo estudos na área das relações sociais.

Um dos mais importantes aspectos da perspectiva dos Sistemas Dinâmicos é a concepção de que todos os sistemas vivos têm um potencial para o desenvolvimento, estando em constante processo de mudança. Os sistemas vivos não são estruturas rígidas, mas processos dinamicamente estáveis. Os sistemas se desestabilizam em fases de transição e a variabilidade que emerge nesses períodos de transição dá origem a novos níveis de organização do sistema (FOGEL; LYRA, 1997; VALSINER, 2000).

A transposição para a Psicologia da perspectiva dos Sistemas Dinâmicos se traduz na ênfase ao estudo das características processuais ou dinâmicas das aquisições do desenvolvimento (LYRA, 2000). Trata-se de reinterpretar os dados do desenvolvimento em termos dinâmicos (THELEN; SMITH, 1995), de compreender o desenvolvimento como processo de transformação (LYRA, 2003, submetido a; VAN GEERT, 2003).

Esta nova perspectiva em relação ao desenvolvimento coloca como foco de investigação o **processo de mudança** e não mais as aquisições ou produtos do desenvolvimento, classicamente denominados estágios ou etapas. Embora se constitua num movimento recente, as origens de tal abordagem aos fenômenos do desenvolvimento podem

ser localizadas nas idéias de teóricos clássicos como Piaget, Vygotsky e Werner, que já enfatizavam o processo de mudança em seus trabalhos (LYRA, 2000).

Na realização do presente estudo, assume-se, como referencial teórico, a perspectiva dos Sistemas Dinâmicos. A opção por tal perspectiva fundamenta-se na visão do fenômeno do desenvolvimento como um processo complexo, multicausal e não-linear. Embora esta complexidade e não-linearidade confunda a análise experimental, tornando o uso de modelos interativos simples insustentável, sua consideração é imprescindível, por ser a fonte da dinâmica de estabilidade e mudança que caracteriza o desenvolvimento (FOGEL; THELEN, 1987; VAN GEERT, 2003).

A escolha pelo uso de tal referencial, requer, *a priori*, o questionamento de alguns paradigmas de investigação tradicionais, originários do cartesianismo objetivista. A adoção de tal concepção exige a negação, por exemplo, do princípio da causalidade linear, em favor de princípios que considerem a complexidade presente no processo de desenvolvimento (THELEN; SMITH, 1995). Segundo Valsiner (2000), as noções clássicas de causalidade linear são inapropriadas no caso de sistemas em desenvolvimento, que operam segundo a noção de causalidade sistêmica. “Um produto é um resultado da relação sistêmica entre partes de um sistema.” (VALSINER; CONNOLLY, 2003, p. xi).

A distinção entre variáveis dependentes e independentes torna-se também impossível no âmbito de sistemas dinâmicos. Segundo esta concepção, objetiva-se, no estudo do desenvolvimento, a compreensão de estruturas transformando-se dinamicamente, e não de variáveis, pois o fenômeno em investigação e o contexto no qual ele está inserido relacionam-se de forma dinâmica, não apenas influenciando-se mutuamente, mas reconstruindo uns aos outros (LYRRA, 2003; VALSINER; CONNOLLY, 2003).

É fundamental, ainda, uma reflexão quanto às posições tradicionalmente assumidas frente à controvérsia entre o papel da genética e do ambiente social no fenômeno do

desenvolvimento. A ênfase no inato, por um lado, assim como na influência social, por outro, já não satisfazem, assim como não se mostra suficiente uma posição interacionista, que apenas combina as duas visões sem especificar o “como” se dá tal interação, ou seja, o processo. Afinal, se genes e ambiente se combinam, nós devemos especificar como suas interações ao longo do tempo criam novas formas e novos comportamentos (THELEN; SMITH, 1995).

A busca de compreensão do desenvolvimento a partir de princípios da Teoria dos Sistemas Dinâmicos significa um rompimento com a ilusão de linearidade, homogeneidade, uniformidade e previsibilidade absoluta no processo de desenvolvimento, e talvez por isso seja alvo de tanta polêmica no cenário científico.

Um dos fatores, entretanto, que tornam esta abordagem sistêmica inovadora e promissora consiste na possibilidade de explicar o desenvolvimento numa perspectiva de multiplicidade de causas e conexões, considerando o **indeterminismo** presente neste campo de estudo. É hoje evidente que a mudança e o desenvolvimento de diferenças individuais não podem ser explicados pelo simples somatório de determinantes genéticos ou ambientais. A criatividade e a espontaneidade, inerentes ao desenvolvimento humano, devem ser consideradas nesse processo. Afinal, os sujeitos estudados pelos cientistas do desenvolvimento são ativos, responsivos, agentes intencionais que participam de seu próprio desenvolvimento (FOGEL, 1997a; FOGEL, LYRA; VALSINER, 1997; LYRA; WINEGAR, 1997).

A Teoria dos Sistemas Dinâmicos permite compreender-se o desenvolvimento como um **sistema aberto**, que funciona através de **mecanismos de auto-organização**, bem como possibilita integrar, num mesmo paradigma conceitual, os momentos de **quase-estabilidade** e de **mudança** característicos dos sistemas em desenvolvimento (LYRA, 2000, 2003; LYRA; SOUZA, 1999).

Segundo Valsiner e Connolly (2003), “um sistema aberto é aquele que mantém relações de troca com seu ambiente.” (p. x). No caso dos fenômenos do desenvolvimento, o ambiente é o seu contexto. É importante especificar, entretanto, que “a noção de contexto é relativa ao organismo em desenvolvimento, não existindo independentemente daquele organismo.” (p. x). Portanto, a investigação do fenômeno do desenvolvimento exige sempre a consideração do contexto em questão.

A noção de desenvolvimento como um **sistema aberto** considera, ainda, que os elementos que compõem tal sistema podem interagir de forma não-linear e não-homogênea. O organismo em desenvolvimento é concebido como um todo heterogêneo, com diferentes níveis de organização mutuamente integrados (THELEN; SMITH, 1995; VALSINER; CONNOLLY, 2003).

O princípio da **auto-organização** concebe que todos os produtos do desenvolvimento podem ser explicados através da espontânea **emergência** de formas coerentes, de complexidade crescente, a partir de recursivas interações entre componentes mais simples. A emergência contínua de padrões evolutivos se faz através desse mecanismo de auto-organização. A compreensão de qualquer sistema somente é possível a partir do discernimento do seu processo de auto-organização. Trata-se de mostrar por quais princípios os componentes de um determinado sistema se auto-organizam em relação aos processos e estruturas focalizados (FOGEL; LYRA, 1997; LEWIS, 2000; LYRA, 2000, submetido a; VAN GEERT, 2003).

A noção de emergência constitui-se no conceito-chave do mecanismo de auto-organização, referindo-se à propriedade de geração de novos níveis de organização, de novidade dentro dos sistemas em constante desenvolvimento. Em tais sistemas, é possível observar períodos de maior **estabilidade**, assim como períodos de maior **instabilidade**, que

possibilitam a **emergência de mudanças**, originando, então, novos níveis de organização do sistema (FOGEL, 2000; LEWIS, 2000; LYRA, 2000; PANTOJA; NELSON-GOENS, 2000).

Sobre os períodos de estabilidade, faz-se mister esclarecer tratar-se de uma **estabilidade dinâmica**. A estabilidade observada num determinado sistema é sempre relativa, sendo resultante de processos dinâmicos que atuam de modo a mantê-la. As fases de transição entre níveis de organização do sistema, por sua vez, são marcadas por instabilidade e turbulência. A queda de antigos padrões e a emergência de novos exigem a cooperação de todos os componentes do sistema, ocorrendo de forma descontínua e, por vezes, abrupta. A multicausalidade e a auto-organização, características do funcionamento do sistema, fazem com que as novas formas não sejam determinadas de maneira absoluta por seus precursores (FOGEL, 2000; LEWIS, 2000; LYRA, 2000; PANTOJA; NELSON-GOENS, 2000; VALSINER, 2000; VAN GEERT, 2003).

É importante lembrar que a alternância entre períodos de relativa estabilidade e de mudança já estava presente nos construtos de teóricos como Piaget (assimilação – acomodação) e Vygotsky (zona de desenvolvimento proximal) (VAN GEERT, 2000), sendo possível, a partir da perspectiva dos Sistemas Dinâmicos, apreendê-la de forma processual.

A compreensão do processo de estabilidade e mudança, característico dos sistemas dinâmicos, requer o recurso ao conceito de **atrator**.

Um atrator – ou estado atrator, é concebido como uma região do sistema na qual existe uma tendência desse sistema para se estabilizar nesta região. O sistema apresenta então um comportamento de quase estabilidade (THELEN ;SMITH, 1994 apud LYRA, 2003).

Lyra (2003; submetido a; submetido b) esclarece que, num sistema dinâmico, novos atratores surgem ao longo do tempo, fazendo com que o sistema sofra um processo de transformação e provocando instabilidade, até que o sistema novamente se estabilize em um novo padrão de organização. Nos períodos de instabilidade, têm-se diferentes atratores

atuando ao mesmo tempo, cada um dos quais representa uma opção de caminho, ou uma possível trajetória que irá caracterizar o desenvolvimento futuro desse sistema.

Observa-se, que num sistema dinâmico, o mecanismo de passagem entre níveis de organização guarda características de indeterminação, implicando em novas formas, em novos padrões de organização (LYRA, 2000). Verifica-se, mais especificamente, um jogo entre determinação e indeterminação, pois a emergência de novos padrões organizacionais carrega sempre um grau de determinação proveniente da história de construção do sistema, e um grau de indeterminação, inerente ao momento de criação do novo (LYRA; WINEGAR, 1997).

Além dos aspectos supracitados, a natureza do desenvolvimento dos sistemas abertos garante que o mesmo processo pode tomar lugar através de diferentes percursos, assim como diferentes processos de desenvolvimento podem convergir em um estado similar em seus cursos de desenvolvimento. A tal fenômeno dá-se o nome de “**multilinearidade de desenvolvimento**”, sendo os pontos de convergência denominados “pontos de equifinalidade”. O caráter não-linear do processo de desenvolvimento é responsável por diferentes tipos de relações entre antecedentes e conseqüentes, entre o conhecimento de um estado presente e a predição de um estado futuro (VALSINER, 2000, 2001; VAN GEERT, 1997).

A esse respeito, Lordelo (2002c) comenta ter se tornado um pressuposto tácito do ambiente acadêmico a idéia de equifinalidade no desenvolvimento. Ela afirma:

A disciplina [psicologia do desenvolvimento] está madura o suficiente para aceitar que caminhos diferentes podem conduzir a resultados semelhantes, da mesma forma que se sabe que os caminhos semelhantes não conduzem necessariamente a resultados semelhantes. As noções de causalidade e previsibilidade têm sido influenciadas por modelos mais complexos, mais capazes de incorporar lógicas e modelos de análise complexos, não determinísticos. (p. 8).

Um aspecto fundamental na compreensão do processo de desenvolvimento a partir da perspectiva dos Sistemas Dinâmicos refere-se à possibilidade da inclusão do tempo como inerente a tal fenômeno. Tal inclusão torna-se imprescindível quando se focaliza o processo

de desenvolvimento procurando não se restringir aos seus produtos apenas, e sim dando ênfase à relação entre produtos e o desenrolar das mudanças ao longo do tempo (LYRA, submetido a).

O desenvolvimento é identificável apenas através do tempo. Em desenvolvimento, é impossível considerar um específico – ainda que infinitamente pequeno – momento no tempo, e falar sobre um evento tendo lugar dentro daquela unidade. É necessário tomar a adjacência - ou seqüência entre dois infinitamente pequenos momentos para que seja atingido o estágio necessário à consideração de qualquer mudança. (VALSINER;CONNOLLY, 2003, P. ix).

O desenvolvimento, em sistemas dinâmicos, observa o princípio da irreversibilidade do tempo, isto é, concebe que tal processo ocorre dentro de um tempo irreversível, não havendo jamais repetição da mesma experiência.

O tempo move-se de um infinito passado em direção a um infinito futuro, e pode ser experienciado apenas através das relações de uma pessoa com o mundo em um presente imediato – um período de tempo infinitamente pequeno que une o passado e o futuro. Nenhum momento do tempo repete-se, o tempo não pode ser ‘forçado’ a retomar. Os organismos em desenvolvimento não se desenvolvem no tempo, mas com o tempo. (VALSINER, 2000, P. 7).

Uma leitura do desenvolvimento a partir da Teoria dos Sistemas Dinâmicos revela-se um empreendimento instigante. Trata-se de um conjunto de conceitos e de possibilidades metodológicas que fornecem um instrumental heurístico precioso para abordar o desenvolvimento como processo de mudança.

### **2.2.2 A Comunicação Mãe-Bebê numa Concepção Sistêmica**

A Teoria dos Sistemas Dinâmicos, apesar de se constituir como uma abordagem recente, tem se expandido no campo da Psicologia do Desenvolvimento, e, recentemente, vem sendo aplicada em pesquisas sobre o desenvolvimento da comunicação no início da vida (CHAVES, 2004; FOGEL, 1993a; FOGEL; LYRA, 1997; LYRA, 2000; PANTOJA; NELSON-GOENS, 2000).

Fogel (1993a), dando ênfase marcante às relações, afirma que as mudanças que caracterizam o desenvolvimento emergem na comunicação com o outro. Sendo assim, para o autor, estudar desenvolvimento é estudar comunicação. Numa perspectiva relacional do fenômeno do desenvolvimento, é fundamental o estudo da forma como os seres humanos engajam-se em trocas comunicativas precocemente e como se desenvolvem através delas, sendo este o foco do presente estudo.

Nesta pesquisa, a comunicação é concebida como um processo contínuo, em oposição ao enfoque tradicional de estados discretos de comunicação.

O modelo original de estudo da comunicação, desenvolvido na segunda metade do século passado no campo da Eletrônica e Computação, é baseado numa perspectiva de processamento de informação tradicional, na qual se identifica um transmissor e um receptor que trocam informações sob a forma de sinais. Apesar de ser utilizado em pesquisas sobre o desenvolvimento da comunicação interpessoal, tal modelo não abrange a complexidade do fenômeno em estudo (Fogel, 1993b).

Embora o modelo tradicional aplique-se com eficácia ao estudo da comunicação eletrônica, o exame da comunicação humana em detalhes revela ser impossível identificar quem inicia a comunicação ou quem responde a quem. Nesse contexto, a comunicação não pode ser compreendida como um simples modelo de ação e reação. A concepção adotada neste estudo compreende a comunicação como um sistema dinâmico, de processamento contínuo, no qual os parceiros estão continuamente engajados, num processo de co-regulação, sendo impossível uma distinção entre emissor, receptor e a própria mensagem, pois cada troca comunicativa é entendida como pertencendo a ambos os parceiros (FOGEL, 1993a; 1993b; FOGEL; LYRA, 1997; LYRA, 2003).

De acordo com Fogel (1993a), co-regulação é um processo social através do qual os indivíduos alteram dinamicamente suas ações a partir da dinâmica das ações dos pares. Trata-

se de um processo criativo, pois as ações estão sendo continuamente elaboradas pelos participantes, num processo de negociação mútua, que resulta na emergência de um acordo consensual. A comunicação constitui-se num sistema dinâmico complexo, no qual múltiplos processos de co-regulação são requeridos. A comunicação co-regulada ocorre quando os parceiros sentem-se livres para contribuir no processo e quando cada um está disponível à contribuição do outro. A essência de tal comunicação é a criatividade mútua.

A auto-organização no sistema de comunicação mãe-bebê pode ser compreendida, segundo Lyra e Souza (2003), como um processo de co-regulação entre as ações da mãe e do bebê, havendo um constante ajuste das ações de um em relação às ações do outro. É a co-ação dinâmica dos elementos envolvidos nesse sistema particular que propicia a emergência de novas formas.

No tocante à co-regulação, Almeida e Rossetti-Ferreira (2001) destacam:

A co-regulação, caracterizando-se pela seqüência integrada de ações coordenadas de indivíduos, gera uma série única de ações sociais, criadas conjuntamente. De modo que é um conceito muito usado para a descrição de processos de negociação mútua e de ação conjunta, o que mostra o seu caráter dialógico. (p. 127).

De um ponto de vista relacional, o desenvolvimento da comunicação mãe-bebê pode ser compreendido através da progressiva emergência de novas formas e pela transformação destas em significado compartilhado pela díade a partir da dinâmica das trocas sociais (LYRA; WINEGAR, 1997). A tarefa do investigador consiste, portanto, no discernimento dos padrões de co-ação que definem as transformações e os níveis de organização do sistema ao longo do tempo (LYRA; WINEGAR, 1997; LYRA, submetido b).

É importante ressaltar que um sistema de comunicação mãe-bebê guarda limites e possibilidades culturalmente construídos que são inerentes a diferentes instâncias da história cultural. (LYRA, submetido b). Tais limites e possibilidades, no entanto, somente se integram ao sistema a partir do momento em que co-atuam nas trocas efetuadas entre a mãe e o bebê.

Fogel (1997b) afirma que a perspectiva dos Sistemas Dinâmicos é não somente relacional, mas também cultural. Na comunicação mãe-bebê, as ações entre os parceiros são também co-reguladas pelo sistema cultural. A imaturidade do bebê humano requer não apenas a presença de um cuidador, mas um elaborado sistema cultural de práticas de cuidado. Significados e valores culturais estão presentes no ambiente do recém-nascido, na organização dos espaços, nos objetos que medeiam as trocas comunicativas e nas atitudes e padrões de ação em relação ao bebê (LYRA; WINEGAR, 1997).

A compreensão do processo de comunicação mãe-bebê representa um primeiro passo na compreensão do papel da cultura no desenvolvimento (FOGEL, 1997b).

Dentre os inúmeros fatores que co-atuam nas trocas efetuadas entre a mãe e o bebê, a **fala materna** – *motherese, manhês ou maternalês* merece destaque. Ferreira (2001) assim a define: “[...] um modo especial de fala que a mãe dirige ao bebê e que possui características que lhe são próprias, tanto do ponto de vista de sua organização (dialógica), como de sua forma (léxica), de sua estrutura (sintática) e de sua prosódia.” (p. 9).

Dentre as características da fala que a mãe dirige ao bebê, Ferreira (2001) destaca: presença de diminutivos, repetições, uso de sentenças pequenas e simplificadas, timbre de voz agudo, assim como linha melódica, com curvas entoacionais ascendentes e descendentes bem marcadas e pontos silábicos produzidos num tom mais forte.

De acordo com Borges e Salomão (2003), trata-se de “uma fala simples, repetitiva, gramatical e semanticamente ajustada ao nível de compreensão e interesse da criança.” (p. 329).

Segundo Cavalvante, M. C. B. (2001), a mãe, em sua fala, realiza um movimento interpretativo, atribuindo significação ao comportamento corporal e/ ou vocal do bebê. A mãe faz do bebê um interlocutor através de um pseudo-diálogo, no qual o bebê “[...] tem o seu

lugar de interlocutor marcado na fala materna – quando a mãe fala como se fosse o bebê.” (p. 82). A autora coloca ainda:

A atribuição deste lugar discursivo, através da fala atribuída materna – quando a mãe dá “voz” ao bebê, falando como se fosse ele – permite compreender o discurso materno, nos primeiros meses, como um lugar privilegiado de subjetivação, marcado sobretudo pelas saliências prosódicas características desta fala dirigida ao bebê. (p.79).

A frequência desta “fala atribuída”, ou “como se”, é maior nos primeiros meses. A partir do sexto mês, ela vai diminuindo até assumir uma estrutura prosódica nova, por volta do oitavo/nono mês, quando então começa a extinguir-se. Pode-se observar que a diminuição no uso do “como se” dá-se à medida que ocorre o desenvolvimento vocal do bebê, que, gradativamente, assume seus próprios turnos (CAVALCANTE, M. C. B., 2001).

Numa perspectiva sistêmica de comunicação, apreende-se que tal linguagem materna emerge da reciprocidade mãe-bebê, desenvolvendo-se no âmbito de uma relação de mutualidade, na qual mãe e bebê são participantes ativos.

Um outro construto que pode revelar-se útil, no tocante à compreensão da comunicação mãe-bebê numa perspectiva sistêmica, é o de responsividade materna. Embora conceitualmente controverso, tal termo, quando concebido numa perspectiva multidimensional e interpessoal e articulado com a abordagem sociocultural, pode trazer contribuições ao estudo do tema em questão. “Parece útil tentar vincular a compreensão de responsividade materna a uma perspectiva teórica centrada no estudo do desenvolvimento enquanto um processo em que as interações sociais são consideradas como fator constitutivo.” (ROGOFF; CHAVAJAY, 1995; WERTSCH, DEL RIO; ALVAREZ, 1998, apud RIBAS, SEIDL DE MOURA; RIBAS JÚNIOR, 2003, p. 142).

A responsividade materna, numa concepção sistêmica, é compreendida como uma responsividade interpessoal, na medida que há uma co-regulação entre as ações da mãe e do bebê.

Nesta pesquisa propomo-nos a considerar a comunicação no início da vida, no período pré-verbal, a partir da concepção de que o bebê é capaz de comunicar-se, de estabelecer uma relação dialógica com a mãe bem antes do desenvolvimento da linguagem, com o uso de mediadores que antecedem o símbolo (LYRA, 2000).

### **2.2.3 O Modelo EEA de Comunicação Mãe-Bebê**

No âmbito da concepção de desenvolvimento proposta, destacam-se os estudos de Lyra acerca da comunicação no início da vida. A autora propõe a investigação da comunicação mãe-bebê a partir de um modelo de análise denominado EEA – Estabelecimento, Extensão e Abreviação. Estes três conceitos descrevem as formas interacionais ou dialógicas, assumidas pela comunicação mãe-bebê no início da vida (CHAVES, 2000; LYRA, 1988, 2000; LYRA; ROSSETI-FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 1999, 2003; LYRA; WINEGAR, 1997). Tal modelo tem como base conceitual a Teoria dos **Sistemas Dinâmicos**, verificando-se, ainda, contribuições da **perspectiva dialógica** ou Dialogismo, traduzidas nas idéias de autores como Mikhail Bakthin (BAKTHIN; VOLOCHÍNOV, 1929/1992); Ivana Markovà (MARKOVÀ; FOPA, 1990) e Hubert Hermans (1997; HERMANS; HERMANS-JANSEN, 1995; HERMANS; KEMPEN, 1993).

A perspectiva dos Sistemas Dinâmicos e o Dialogismo, embora tenham origens históricas e epistemológicas distintas, apresentam alguns aspectos em comum: ambos focalizam a história das relações sistêmicas e a natureza dinâmica do desenvolvimento humano, concebendo-o como um processo de emergência de novas formas. As duas perspectiva se complementam, pois, enquanto a noção de sistemas dinâmicos fornece os instrumentos necessários à compreensão dos aspectos dinâmicos da história da comunicação,

o dialogismo permite o acesso à dimensão intrasubjetiva da emergência do *self* a partir da concepção de comunicação enquanto diálogo, permitindo compreender-se a construção histórica de individualidades que emergem no processo de comunicação (LYRA; SOUZA, 2003, LYRA, submetido a; submetido b). O termo “diálogo” refere-se, em tal contexto, à interação social concebida como uma seqüência de ações intersubjetivas (LYRA; ROSSETTI-FERREIRA, 1995).

Embora reconhecendo a importante contribuição da abordagem dialógica ao modelo EEA, diante da abrangência e complexidade das duas vertentes supracitadas, bem como dos objetivos da investigação, propomo-nos, neste trabalho, a focar mais especificamente a perspectiva dos Sistemas Dinâmicos e suas possibilidades na compreensão da comunicação mãe-bebê.

### ***2.2.3.1 Delimitando um Percurso para o Estudo da Comunicação Mãe-Bebê: Trocas Face-a-Face e Mediadas por Objeto***

A opção pelo estudo da comunicação mãe-bebê requer a escolha de um percurso de pesquisa que permita a apreensão do fenômeno investigado. As trocas comunicativas mãe-bebê envolvem inúmeras possibilidades passíveis de estudo, sendo inviável abranger todas numa investigação sobre o tema. Postura, olhar, expressão facial, vocalizações e movimentos do corpo, em conjunto, compõem as trocas comunicativas. O mundo externo também se faz presente nas trocas, de formas diversas. Diante de tal complexidade, os pesquisadores optam por ênfases e recortes específicos na abordagem ao fenômeno.

Em seu modelo de análise da comunicação, Lyra investiga dois tipos de trocas mãe-bebê, descritos na literatura: a comunicação **face-a-face (F-F)**, caracterizada pela manutenção

do olhar entre os parceiros e as trocas **mãe-objeto-bebê (MOB)**, que se traduzem pela presença de um objeto mediando as trocas diádicas (ADAMSON, 1996; BORNSTEIN; LEMONDA, 2001; LOCK, 2001; MESSER, 1995; SHAFFER, 1977, 1984; STERN, 1980; TOMASELLO, 2000a; 2000b; TREVARTHEN; AITKEN, 2001).

A literatura sobre o tema, especialmente os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores de orientação interacionista e/ ou etológico-evolucionária, destaca estes dois tipos de troca comunicativa entre a mãe e o bebê que, pelo papel que desempenham e pela frequência elevada de ocorrência, constituem um caminho profícuo de acesso ao fenômeno a ser investigado. A ênfase nestes tipos de troca está presente, por exemplo, nos trabalhos de Trevarthen (1979); Tomasello (2000a; 2000b) e Lock (2001), expostos no subtópico 2.1.3. Os autores são unânimes em identificar uma evolução na comunicação entre a mãe e o bebê de uma ênfase em trocas comunicativas mais afetivas e diretas, representadas principalmente pelo contato olho a olho, para o uso cada vez mais freqüente de mediadores externos nas trocas comunicativas, em nossa cultura, especialmente, os brinquedos.

Adamson (1996) encontra nos recém-nascidos uma pré-adaptação às trocas sociais. Estes parecem particularmente receptivos à estimulação do adulto com fins comunicativos. O adulto, por sua vez, amplifica tal capacidade do bebê ao modificar as suas ações expressivas, de modo a harmonizar-se com as ações e reações deste. Stern (1980) destaca a peculiaridade da comunicação entre a mãe e o bebê. As mães agem de forma muito diferente quando estão em interação com seus bebês do que o fazem quando interagem com adultos ou crianças mais velhas. A interação mãe-bebê envolve uma maior proximidade, um ritmo mais lento, um maior uso do toque e do contato de olhar. Além disso, observa-se, por parte da mãe, uma exacerbação da expressão facial, mais movimentos de cabeça, bem como o uso de uma linguagem específica.

Estudos realizados sobre o desenvolvimento da comunicação no início da vida têm evidenciado que, no período pré-verbal, a comunicação **face-a-face** constitui-se numa das mais precoces, emocionantes e satisfatórias trocas entre o adulto e seu bebê (LOCK, 2001). O recém-nascido parece sinalizar sua disponibilidade para interagir meramente por abrir os olhos (ADAMSON, 1996). Em âmbito nacional, foi desenvolvida uma pesquisa sobre as interações mãe-filho num contexto urbano brasileiro, com bebês no primeiro mês de vida, sendo identificado o olhar como atividade predominante das mães em seu contato com os filhos recém-nascidos (99.2%) (SEIDL DE MOURA et al., 2004).

Na comunicação face-a-face, mãe e bebê se comunicam através do olhar, associando a este sorrisos, vocalizações e movimentos do corpo. Nenhum brinquedo ou outro objeto está envolvido. Trata-se de uma comunicação íntima, de cunho emocional (FOGEL; LYRA, 1997).

No primeiro mês de vida, o contato de olhar é comumente utilizado pela díade para o estabelecimento das interações iniciais. Por volta do segundo mês de vida, há um sensível aumento no interesse do bebê em outras pessoas, sendo tal mudança perceptível àqueles que cuidam dele, à medida que o bebê torna-se um participante mais ativo no processo comunicativo. Estudos recentes têm demonstrado que, nessa idade, o bebê já é capaz de engajar-se de forma ativa em trocas comunicativas face-a-face com a mãe. Há, então, nos meses subseqüentes, uma evolução progressiva na comunicação, impulsionada por um maior controle do olhar por parte do bebê, uma maior capacidade em manter-se alerta, bem como por uma evolução no sorriso e na vocalização, o que incrementa as trocas comunicativas e possibilita a ele o engajamento em trocas face-a-face mais longas com a mãe. Nesse período, o olhar torna-se fundo para a negociação, pela díade, de outros aspectos interacionais. (LAVELLI; FOGEL, 2002; LOCK, 2001; LYRA; WINEGAR, 1997; SCHAFFER, 1984).

É importante destacar que, embora o contato de olhar seja comumente o elemento escolhido pelas díades no estabelecimento das interações iniciais mãe-bebê, é possível que outros componentes de ação assumam um papel similar nesta etapa. As trocas táteis e vocais, por exemplo, podem ser utilizadas pelos parceiros em casos de impedimento do sistema visual (LYRA, submetido b; LYRA; WINEGAR, 1997).

Entre os três e os seis meses, observa-se uma progressiva mudança no foco de interesse do bebê, que passa a dirigir a sua atenção a objetos, em detrimento do interesse por pessoas. As trocas face-a-face vão progressivamente cedendo espaço à comunicação **mãe-objeto-bebê** (LOCK, 2001).

As trocas mãe-objeto-bebê envolvem um objeto, usualmente algum tipo de brinquedo. A ação e a atenção são dirigidas primordialmente ao objeto compartilhado pela díade (FOGEL. LYRA, 1997).

O bebê, entretanto, raramente encontra os objetos sozinho, sendo apresentado a estes, comumente, através do parceiro social adulto. Antes que o bebê possa alcançar, sozinho, os objetos, estes são trazidos até ele por seus pais, que desempenham um importante papel ao apresentá-los e torná-los acessíveis ao bebê, de modo que este consiga pegá-los e manipulá-los. Assim, os objetos tornam-se parte de um sistema social já existente anteriormente à sua introdução (SILVA, 1999).

A dinâmica da transição no modo como a díade mãe-bebê constrói suas trocas, de uma ênfase no contato de olhar para o foco em mediadores externos, sugere que a comunicação mãe-objeto-bebê emerge a partir da comunicação face-a-face, num processo contínuo e articulado (ADAMSON, 1995; LYRA, 1998, SILVA, 1999; STERN, 1990).

O modelo de análise proposto por Lyra aplica-se ao estudo da evolução das trocas comunicativas mãe-bebê durante o primeiro ano de vida, abrangendo, com tal objetivo, a comunicação face-a-face e mãe-objeto-bebê.

### 2.2.3.2 Descrição do Modelo: Estabelecimento – Extensão - Abreviação

O modelo EEA propõe que a construção do processo de comunicação entre a díade mãe-bebê obedece a uma seqüência de padrões organizacionais que se distinguem pelas diferentes características das trocas mãe-bebê face-a-face e mediadas por objetos. Considerando a natureza histórica do desenvolvimento, são propostos três conceitos que descrevem a evolução dinâmica das interações mãe-bebê, acima abordadas, através do tempo, a saber: estabelecimento, extensão e abreviação.

Trata-se de três padrões organizacionais distintos, três períodos de quase-estabilidade do sistema de comunicação mãe-bebê, cada um dos quais exibe um tipo característico de negociação entre a díade. A construção histórica de tais períodos permite-nos compreender e explicar os mecanismos de transformação e emergência de novas formas num nível microgenético de análise (LYRA, 1998, submetido b; LYRA; SOUZA, 2003; LYRA; WINEGAR, 1997).

Retomando a noção de atrator, abordada no item anterior, pode-se afirmar que os períodos de quase estabilidade do sistema de comunicação mãe-bebê – estabelecimento, extensão e abreviação – podem ser considerados como atratores que atuam no sistema (Lyra, submetido b).

Para Lyra (2000), ocorre um **estabelecimento** quando “através de sucessivas ou concomitantes ações dos parceiros, que funcionam como uma dinâmica dialógica de recorte, pelo menos um elemento das trocas diádicas é estabelecido como compartilhado pela díade.” (Lyra, 2000). A ocorrência de estabelecimento indica o início de um processo de construção de algum novo padrão de comunicação mãe-bebê. O estabelecimento é caracterizado por um movimento de ajustamento mútuo entre a mãe e o bebê rumo ao estabelecimento do primeiro elemento comunicativo como conhecimento compartilhado. Este primeiro elemento é

comumente o contato de olhar entre a mãe e o bebê, na relação face-a-face, e o interesse mútuo da díade em um mesmo objeto, na relação mãe-objeto-bebê (LYRA, 1988, 2003, submetido b; LYRA; ROSSETI-FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 1999, 2003; LYRA; WINEGAR; 1997).

Lyra e Souza (2003) e Lyra (submetido b) associam as seguintes características a esse período: as trocas não são imediatamente estabelecidas, havendo um maior investimento de tempo para o início destas; há um pequeno número de turnos; o ajustamento mútuo entre a díade é irregular e precário; e esse é um período que representa o primeiro passo na construção de um conhecimento mútuo, a partir da emergência de uma comunicação em que algum elemento é compartilhado.

A **extensão**, por sua vez, é caracterizada quando “o elemento previamente estabelecido torna-se fundo em relação ao qual a díade pode negociar, elaborando de modo extenso outros elementos como figuras.” (LYRA, 2003, p. 25). Na comunicação face-a-face, os elementos que se tornam figuras são freqüentemente sorrisos, expressões faciais e/ou vocalizações. Na comunicação mãe-objeto-bebê, estes elementos são representados por ações conjuntas em direção ao objeto. Como exemplo, temos a manipulação pela mãe do objeto no campo visual do bebê, enquanto este segue as ações dela com os olhos ou tenta alcançar o objeto com as mãos (LYRA, 1988, submetido b; LYRA; ROSSETI-FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 1999, 2003; LYRA; WINEGAR; 1997).

Durante os períodos de extensão, as trocas assumem as seguintes características: são imediatamente estabelecidas; há um grande número de turnos; as trocas entre os parceiros são mais suaves do que no período anterior, sinalizando uma evolução no ajustamento mútuo entre os parceiros em interação; há o desenvolvimento do conhecimento mútuo iniciado no período anterior (LYRA; SOUSA, 2003).

Por fim, observa-se a **abreviação** quando “há trocas de curta duração executadas pela díade através de um ajustamento mútuo rápido e fácil, nas quais os elementos, anteriormente trabalhados pela díade de forma mais extensa, aparecem de modo abreviado e condensado.” (LYRA, 2003, p. 25). A abreviação pode ser observada sob a forma de um rápido contato de olhar, na comunicação face-a-face, e através do jogo de dar e pegar, na comunicação mãe-objeto-bebê (LYRA, 1988, submetido b; LYRA; ROSSETI-FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 1999, 2003; LYRA; WINEGAR; 1997).

As trocas abreviadas apresentam as seguintes características: são imediatamente estabelecidas; há um pequeno número de turnos, em função da condensação/integração de elementos negociados pela díade em períodos anteriores; a suavidade das trocas é visível, sendo possível supor que cada parceiro começa a conhecer o seu papel e o do outro na troca; há um conhecimento mútuo entre a díade. A suavidade e rapidez das trocas parecem sugerir que a mãe e o bebê já construíram um entendimento compartilhado sobre o significado de suas trocas como uma atividade comunicativa (LYRA; SOUZA, 2003).

Sobre o período da abreviação, Silva (1999) destaca:

O momento da abreviação, além de carregar a história relacional que foi co-construída pela díade ao longo do desenvolvimento das trocas [...], também pode ser compreendido como um padrão organizacional que exibe a emergência de um sujeito dialógico, cuja característica fundamental é ser, ao mesmo tempo, relacional e individual. Em outras palavras, o bebê, em diálogo com a mãe, começa a construir a sua individualidade, na medida em que se torna progressivamente mais capaz de responder ao diálogo a partir da posição única que ele ocupa na existência, mas também levando em consideração a posição ocupada pelo seu parceiro dialógico, no caso, a mãe. (p. 117).

Lyra (submetido a, submetido b) e Souza e Lyra (2000) discutem o desenvolvimento do *self* por parte do bebê no período de abreviação. As autoras ressaltam que “a dinâmica do período de abreviação da comunicação mãe-bebê parece sugerir que o bebê está experienciando a ele mesmo como um indivíduo que ocupa uma posição única, mas em relação a outros – neste caso, a mãe.”. Pode-se então sugerir que, nessa fase, a emergência do *self* do bebê é co-construída através da relação dialógica estabelecida com a mãe. A

emergência do *self* na relação, tal como proposto pelas autoras, fundamenta-se em concepções de Mikhail Bahktin (LYRA; SOUZA, 2003).

No dialogismo de Bahktin pode-se apreender a seguinte noção de *self*:

O *self* significa um evento na existência – o evento de ser um *self* – organizado em torno das categorias de espaço e tempo. Tudo é percebido pelo *self* de uma posição única. No entanto, o *self* nunca permanece sozinho e não é pré-existente às relações com os outros. O evento de ser um *self* é um evento relacional. O status de ser um *self* é uma realidade co-construída (LYRA; SOUZA, 2003, p. 58).

Pode-se verificar que a concepção dialógica proposta por Bahktin mostra-se profícua na compreensão da emergência do *self* no período da abreviação.

Segundo Souza e Lyra (2000) e Lyra e Souza (2003), na abreviação observa-se a emergência de um novo padrão dialógico, no qual a mãe e o bebê atuam como co-autores de suas trocas, uma vez que ambos são agora capazes de reconhecer o lugar do outro e de si mesmo dentro de tais trocas, o que somente se torna possível a partir do conhecimento mútuo co-construído historicamente. As autoras denominam tal fenômeno como uma **explosão para o novo**. Os parceiros começam a introduzir nas trocas uma série de novos e diferentes elementos que podem constituir-se a partir da recombinação de elementos característicos de períodos prévios, ou serem completamente novos, não tendo ocorrido até então na história daquela díade específica. Cada parceiro introduz inovações nas trocas sem “quebrar” a dimensão relacional de co-autoria.

A análise dos dados resultantes dos estudos realizados sobre comunicação mãe-bebê, a partir da integração da perspectiva dos Sistemas Dinâmicos e dialógica, tem demonstrado grande consistência, no que se refere à seqüência evolutiva dos conceitos de estabelecimento, extensão e abreviação, na descrição dos padrões de organização das trocas comunicativas face-a-face e mãe-objeto-bebê (CHAVES, 2004; LYRA, 2000; LYRA; ROSSETI-FERREIRA, 1995; LYRA; WINEGAR, 1997).

Durante os oito primeiros meses de vida do bebê, o desenvolvimento das trocas comunicativas com a mãe tem exibido momentos sucessivos nos quais a díade manifesta

inicialmente uma preferência por trocas caracterizadas como estabelecimento, seguidas daquelas descritas como extensão e, posteriormente, abreviação (LYRA, 2000).

É importante destacar dois estudos realizados por Lyra e Souza (1999) e Souza e Lyra (2000), respectivamente, como exemplos ilustrativos do modelo de análise proposto – EEA.

Souza e Lyra (1999), por exemplo, analisaram a seqüência evolutiva das trocas mãe-objeto-bebê em duas díades brasileiras, com bebês do sexo feminino, em situação natural, da 9<sup>a</sup> à 29<sup>a</sup> semana de vida, e constataram a sucessão de predomínio estabelecimento-extensão-abreviação no sistema de comunicação.

Na díade 1, o estabelecimento predomina até à 13<sup>a</sup> semana de vida do bebê, seguido da extensão, que predomina até à 20<sup>a</sup> semana, com um predomínio da abreviação, neste tipo de troca, a partir da 21<sup>a</sup> semana de vida. Na díade 2, o estabelecimento predomina até à 11<sup>a</sup> semana de vida do bebê, enquanto a extensão passa a predominar a partir da 12<sup>a</sup> semana até à 23<sup>a</sup> semana, e, por fim, tem-se a abreviação, que predomina a partir da 24<sup>a</sup> semana. As autoras ressaltam, entretanto, diferenças na dinâmica do desenvolvimento da comunicação entre as díades estudadas, especialmente no que concerne aos períodos de predomínio e de declínio dos três episódios e à variação percentual do predomínio de cada um destes. Tais diferenças refletem, segundo as pesquisadoras, a forma particular como cada díade estudada constrói a sua história ao longo do tempo, caracterizando a natureza histórica e dialógica das trocas comunicativas.

Uma outra pesquisa também realizada por Souza e Lyra (2000) enfoca as trocas mãe-objeto-bebê de duas díades brasileiras, acompanhadas através de registros em vídeo semanais, do segundo ao oitavo mês de vida. Este estudo, além de confirmar o padrão estabelecimento-extensão-abreviação já descrito, constata, ainda, um progressivo aumento na quantidade de variações das trocas do estabelecimento à abreviação. As autoras colocam que, quanto menos conhecimento sobre o padrão de trocas a díade tem, menor a variabilidade introduzida pelos

parceiros nas trocas. Assim, a menor variabilidade dos padrões de troca ocorre no período de estabelecimento. Na extensão, quando já se observa um certo grau de conhecimento mútuo, constata-se um aumento na variabilidade das trocas. Tal variabilidade atinge o seu ápice, no entanto, no período de abreviação, caracterizando o fenômeno de emergência para o novo.

Um outro estudo que merece destaque foi realizado por Chaves (2004), que investigou a seqüência evolutiva das trocas comunicativas mãe-objeto-bebê em uma díade cujo bebê era do sexo feminino, com percurso de desenvolvimento normal, segundo exames pediátricos. Os registros em vídeo foram realizados em situação natural (residência da díade) da 11<sup>a</sup> à 37<sup>a</sup> semana de vida do bebê. Os resultados obtidos permitem verificar a ocorrência, ao longo do tempo, do predomínio absoluto (100% do tempo de ocorrência) de cada um dos três momentos (estabelecimento – extensão – abreviação), em relação ao tempo gasto pela díade em cada um deles. Constata-se a emergência e predomínio absoluto de trocas comunicativas mediadas por objetos caracterizadas como estabelecimento (da 11<sup>a</sup> à 12<sup>a</sup> semana) e, em seguida, a emergência e predomínio de trocas classificadas como extensão (da 13<sup>a</sup> à 21<sup>a</sup> semana, com predomínio absoluto na 13<sup>a</sup> e 14<sup>a</sup> semanas). Entre o predomínio dos momentos de extensão e abreviação, foi possível identificar um período de transição em que há coexistência destes dois momentos, com predomínio ora de um, ora de outro (23<sup>a</sup> a 30<sup>a</sup> semanas), observando-se, por fim, uma estabilidade do predomínio absoluto de trocas identificadas como abreviação (da 32<sup>a</sup> à 37<sup>a</sup> semana). Tais resultados dão suporte ao modelo proposto por Lyra (1998, 2000) e colaboradores (LYRA; ROSSETTI-FERREIRA, 1995; LYRA; WINEGAR, 1997).

No intuito de investigar a sensibilidade do modelo EEA na investigação do desenvolvimento da comunicação em bebês portadores de deficiência, Griz (2004) estudou uma díade cujo bebê apresentava perda auditiva profunda. A pesquisadora constatou uma observância à seqüência evolutiva estabelecimento-extensão-abreviação, identificando,

porém, um deslocamento no tempo de algumas semanas na passagem entre os diferentes níveis, quando o resultado foi comparado com outros estudos realizados com bebês sem perda auditiva. Na díade investigada nesse estudo, observa-se uma instabilidade no sistema no período de transição do predomínio da extensão para abreviação. Constata-se, porém, tanto na comunicação face-a-face, como na mediada por objetos, que o predomínio absoluto da abreviação deu-se a partir da 34ª semana de vida.

A partir das idéias expostas, pode-se verificar que o modelo proposto por Lyra para investigação da comunicação mãe-bebê situa-se no âmbito de um novo conceito de desenvolvimento, assim definido por Lyra e Winegar (1997):

Desenvolvimento é um processo de mudança nas relações organismo ambiente, um processo que permite a emergência de novos níveis organizacionais. Estes novos níveis organizacionais aparecem através da transformação do novo em significado, dentro do contexto específico onde o desenvolvimento ocorre. Tal contexto específico é fundamentalmente social. O processo de mudança que ocorre dentro do contexto de interações sociais e relacionamentos promove a construção de significado. E, ao fazê-lo, propicia a emergência tanto de um processo de comunicação derivado historicamente como de um self dialógico de características dinâmicas, requeridas pelas trocas sociais. (p. 95).

É importante destacar que um dos valores heurísticos do modelo proposto consiste na possibilidade de identificar aspectos generalizáveis do fenômeno em estudo, respeitando ao mesmo tempo a criatividade e unicidade de cada construção comunicativa particular (LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; WINEGAR, 1997). Neste modelo, a variabilidade individual não é interpretada como erro, nem excluída da análise (LYRA, 2000).

Convém ressaltar que a adoção do modelo EEA exige, conforme já exposto, o questionamento de paradigmas tradicionais de investigação e requer reflexões acerca de aspectos metodológicos, considerando que as idéias suscitadas exigem métodos coerentes de investigação.

O estudo da comunicação como processo de mudança exige, do ponto de vista metodológico, um delineamento longitudinal de pesquisa, bem como a análise microanalítica do processo. Somente a partir de uma microanálise, ou seja, de uma análise efetuada numa

escala de tempo segundo a segundo, é possível obter uma aproximação do processo de transformação que resulta em novos padrões de organização do sistema de comunicação (LYRA, 2000; LYRA; SOUZA, 2003). Um dos principais objetivos da pesquisa microgenética ou microanalítica é ir além da indicação dos estágios ou etapas de desenvolvimento alcançadas e capturar em detalhes como um sistema muda qualitativamente, de uma maneira particular, de um nível de desenvolvimento a outro. Trata-se de trocar o “quando” pelo “como”, partindo do princípio de que o desenvolvimento evolui através de seqüências de microdesenvolvimento, que somente podem ser apreendidas numa escala de tempo relativamente pequena. O modelo de análise da comunicação proposto (EEA) é coerente com tais considerações, possibilitando o acesso ao processo de mudança em tempo real, ou seja, *on line* (GRANOTT, 2002; THELEN; CORBETTA, 2002).

## 2.3 O BEBÊ COM SÍNDROME DE DOWN

### 2.3.1 Conhecendo a Síndrome de Down

A Síndrome de Down, também conhecida como Trissomia do 21, é uma condição genética resultante de uma alteração situada no cromossomo 21 durante a divisão do ovo fertilizado (LEFÈVRE, 1988; LIMA, 2002; MARTINS, 2003; MOREIRA; EL-HANI; GUSMÃO, 2000; MOURA, 2001).

Embora os primeiros trabalhos científicos sobre essa Síndrome tenham sido publicados no século XIX, possivelmente ela sempre esteve presente na espécie humana. Existem crânios saxônicos do século VII que os antropólogos afirmam ser de pessoas portadoras da Síndrome, assim como referências claras a indivíduos com esta condição

genética na cultura da civilização Olmeca, tribo que viveu na região hoje conhecida como Golfo do México, de 1.500AC a 300DC. A partir de achados arqueológicos nessa região, foi possível identificar desenhos e esculturas que representavam crianças e adultos com características similares às de indivíduos com Síndrome de Down (SCHWARTZMAN, 2003; WERNECK, 1995).

Apesar do quadro já ser bastante conhecido na época, Sir John Langdon Down foi o primeiro a identificar tal patologia como entidade clínica peculiar, ajudando a difundir o seu conceito e distinguindo-a de outros tipos de deficiência mental, prevalentes na época. Em 1866, ele reúne sob o termo “Idiotia Mongolóide” crianças que têm em comum as seguintes características: face larga e achatada sem proeminências, olhos mais distantes um do outro do que o normal, pregas epicânticas internas, fissura palpebral estreita e oblíqua, nariz pequeno, ponte nasal rasa; lábios grandes, língua grande e grossa, pele com pouca elasticidade, parecendo abundante para o corpo; cabelo liso e ralo. A denominação “Mongolóide”, utilizada por Down, baseava-se no fato de tais crianças apresentarem uma aparência oriental, com traços físicos semelhantes aos dos habitantes da Mongólia. Tal termo, por suas implicações étnicas negativas, é hoje definitivamente evitado (CASARIN, 1997; LIMA, 2002; MOURA, 2001; PUESCHEL, 2002).

Down reconheceu a condição congênita dessa anomalia, porém atribuiu sua etiologia à tuberculose dos pais, hipótese descartada posteriormente por outros estudiosos. Ele mostrou-se perplexo quanto às diferenças de tais crianças em relação aos traços europeus dos pais e, influenciado pela Teoria da Evolução de Darwin, referiu-se erroneamente a tal patologia como uma degeneração racial, um retorno a um tipo racial mais primitivo, sugerindo uma inferioridade de tais indivíduos em relação à raça humana (CASARIN, 1997; LIMA, 2002; MOREIRA; EL-HANI; GUSMÃO, 2000; MOURA, 2001; PUESCHEL, 2002; SCHWARTZMAN, 2003).

Somente em 1958, com o avanço da ciência, o cientista francês Jerome Lejeune descobre que a origem da síndrome descrita por Down está num defeito na divisão dos cromossomos, sendo a causa de tal ocorrência ainda desconhecida. Lejeune foi o responsável pela designação “Síndrome de Down”, em homenagem àquele que chamou a atenção da sociedade para a existência deste grupo de pessoas até então ignorado. Apenas com os estudos de Jerome Lejeune a idéia de degeneração racial é definitivamente abandonada (CASARIN, 1997; LIMA, 2002; MOURA, 2001).

Os estudos de Lejeune demonstraram que nos casos de Síndrome de Down, na ocasião da divisão celular, ocorre um erro na distribuição do material genético, de modo que, em vez de 46 cromossomos, distribuídos em 23 pares, o portador da Síndrome possui 47, apresentando um cromossomo extra no par 21.

Pueschel (2002) explica tal anormalidade cromossômica detalhadamente. Segundo a autora, há normalmente 46 cromossomos em cada célula, usualmente dispostos em pares. Metade dos cromossomos de cada indivíduo é derivada do pai e a outra metade, da mãe. Assim, 23 cromossomos estão no óvulo e 23 no esperma. No momento da concepção, o esperma e o óvulo se unem, havendo um total de 46 cromossomos na primeira célula, que passará por inúmeras divisões. Entretanto, se uma célula germinativa, óvulo e esperma, tiver um cromossomo adicional – 24 cromossomos, e a outra, 23 cromossomos, isso levará à formação, no momento da concepção, de uma nova célula contendo 47 cromossomos. Se o cromossomo extra for o cromossomo 21, nascerá uma criança com Síndrome de Down, conforme descrito a seguir:

A célula original com 47 cromossomos começa a dividir-se para formar duas cópias exatas dela mesma, de tal forma que cada célula gerada tem um par idêntico de 47 cromossomos. O processo de divisão celular continua então dessa maneira. Posteriormente, após o parto, as células do sangue da criança, bem como todas as outras células do corpo conterão 47 cromossomos, indicando a trissomia 21. (PUESCHEL, 2002, p. 54).

O avanço das pesquisas permitiu a identificação de três tipos de Cariótipos<sup>1</sup> em pessoas com Síndrome de Down. Embora a sintomatologia seja a mesma, suas causas são diferentes, sendo as origens da Síndrome a trissomia simples, trissomia por translocação e o mosaicismo (LIMA, 2002; MARTINS, 2003; MILANI, 2005; PUESCHEL, 2002, WERNECK, 1995).

A trissomia simples, também chamada de trissomia livre, é a mais comum, sendo responsável por 95% dos diagnósticos. Nesses casos, há dois cromossomos formando o par 21 e um terceiro, extra, causador da Síndrome. Os três cromossomos, no Cariótipo, ficam bem identificados e separados entre si;

Na trissomia por translocação, responsável por 3% a 4% dos casos, o número total de cromossomos na célula é 46, embora haja um cromossomo 21 extra presente. Este, porém, não é livre, mas ligado ou translocado a um outro cromossomo, geralmente o 14, 21 ou 22;

O mosaicismo ocorre em cerca de 1% dos diagnósticos de Síndrome de Down. Nestes casos, quando o bebê nasce têm-se algumas células com 46 cromossomos e outras com 47, o que representa um tipo de quadro em mosaico, origem do termo. Embora alguns estudiosos apontem que algumas crianças com mosaicismo apresentam traços menos acentuados da Síndrome, bem como um desempenho intelectual melhor, não há um consenso a esse respeito na literatura (LIMA, 2002; MARTINS, 2003; PUESCHEL, 2002; WERNECK, 1995).

Apesar de existirem inúmeras teorias que tentam explicar a etiologia da alteração cromossômica na Síndrome de Down, associando-a, dentre outros fatores, a infecções, uso de algumas drogas, exposição à radiação e problemas hormonais ou imunológicos, as pesquisas nesse campo ainda não são conclusivas, sendo o erro observado na divisão celular considerado acidental (sem razão biológica comprovada). Apesar disso, pesquisas apontam

---

<sup>1</sup> Representação do conjunto de cromossomos de uma célula ([www.cerebromente.org.br](http://www.cerebromente.org.br)).

fatores predisponentes à Síndrome, dentre os quais destaca-se a idade materna. Os estudos sobre a Síndrome têm demonstrado que mulheres mais velhas têm risco maior de terem filhos trissômicos (MARTINS, 2003; MILANI, 2005; SCHWARTZMAN, 2003).

No tocante à incidência, Mardomingo (1995, apud MARTINS, 2002) refere uma frequência de 1 caso para cada 800 a 1000 crianças nascidas vivas. A idade materna, entretanto, é um dado importante quando se discute a incidência da Síndrome, havendo um aumento dessa em sociedades em que se verifica uma tendência às mulheres serem mães em idade mais avançada (BRUNONI, 2003; SCHWARTZMAN, 2003).

De acordo com Lefèvre (1998), do ponto de vista da neuropatologia, há, na criança com Síndrome de Down, uma desaceleração no desenvolvimento do sistema nervoso central. O cérebro mostra-se reduzido de volume e peso, especialmente nas zonas do lobo frontal, tronco cerebral e cerebelo. As circunvoluções cerebrais são mais simples e o giro temporal superior é estreito. Observa-se ainda, mediante estudo microscópico, a presença de neurônios pouco diferenciados ou crescidos, bem como uma redução nas conexões entre os neurônios.

Martins (2003) ressalta que “embora o cromossomo 21 seja um dos menores, possui genes suficientes para que seu desequilíbrio traga como consequência uma alteração do desenvolvimento do sistema nervoso.” (p. 52). A autora afirma que essa alteração se manifesta de forma ampla e difusa por diferentes zonas do sistema nervoso. Ela ressalta a presença de alterações morfológicas, neuroquímicas e neurofisiológicas.

Sabe-se, hoje, que os indivíduos portadores de Síndrome de Down, em função do material genético adicional no cromossomo 21, possuem características físicas em comum, algumas das quais já identificadas por Langdon Down. Tais traços diferem daqueles dos genitores, irmãos ou outras crianças sem deficiência, e fazem com que as crianças portadoras da Síndrome se pareçam entre si. Em função de sua relevância para o diagnóstico e

desenvolvimento da criança, tais características serão descritas a seguir, com base nos dados levantados por Levfèvre (1998), Pueschel (2002), Schwartzman (2003) e Werneck (1995).

Nos músculos e articulações da criança com Síndrome de Down, há presença de hipotonia, ou seja, moleza e flexibilidade exageradas, o que provoca um retardo no desenvolvimento psicomotor.

A cabeça é um pouco menor do que a da criança com desenvolvimento normal, sendo a parte posterior levemente achatada (braquicefalia), o que resulta numa aparência arredondada. As moleiras são algumas vezes maiores e demoram mais a fechar, podendo haver uma moleira adicional (fontanela falsa). Há casos de alopecia parcial ou, mais raramente, total;

O rosto apresenta contorno achatado, o nariz é pequeno e o osso nasal afundado. No olho, há pregas epicânticas, ou seja, pregas cutâneas situadas ao lado do nariz, freqüentemente sobrepondo-se aos cantos oculares internos. As pálpebras são oblíquas, observando-se uma inclinação ascendente das fissuras palpebrais. Há, por vezes, pequenas manchas brancas na periferia da íris, denominadas “manchas de Brushfield”. As orelhas são pequenas, sendo a borda superior muitas vezes dobrada. Os canais do ouvido são estreitos. A boca é pequena e o palato estreito em relação à criança não portadora da Síndrome; as mandíbulas são pequenas, o que pode resultar em sobreposição dos dentes, cuja erupção ocorre após o primeiro ano de vida. A língua é protusa e hipotônica, de modo que algumas crianças mantêm a boca aberta e a língua projetada para fora. O pescoço é curto e grosso;

Os órgãos genitais não são afetados na maioria das vezes, entretanto observa-se, em alguns casos, nos meninos, o pênis relativamente pequeno, com o saco escrotal pouco desenvolvido; o tórax pode apresentar o osso peitoral afundado (tórax afunilado) ou projetado (tórax de pomba); os pulmões, em raros casos, são subdesenvolvidos e o abdome pode ser um pouco protuberante; mãos e pés costumam ser pequenos e grossos. O quinto dedo da mão

pode apresentar clinodactilia, mostrando-se levemente curvado para dentro. Em 50% dos casos, há uma única prega palmar. Os dedos dos pés são curtos, observando-se uma distância entre o primeiro e o segundo dedo.

De uma forma geral, constata-se um atraso no desenvolvimento global em pessoas com Síndrome de Down, assim como a associação da Síndrome a um grande número de enfermidades, congêntas ou não e de variados graus de gravidade (SCHIAVO, 1999).

A criança com essa Síndrome tem um desenvolvimento motor mais lento em relação aos parâmetros considerados típicos. Embora haja grande variabilidade individual no tocante às aquisições motoras, Pueschel (1983) afirma que tais crianças se sentam por volta dos 10 meses de idade (variação de 8 a 28 meses), se arrastam em torno dos 15 meses (variação de 9 a 27 meses), ficam em pé, em média, aos 20 meses (variação de 11 a 42 meses) e andam ao final do segundo ano de vida (variação de 12 a 65 meses) (apud GUSMAN; TORRE, 2003).

Gusman e Torre (2003) chamam a atenção para uma redução na força de preensão em crianças com Síndrome de Down, o que pode interferir na exploração dos objetos. Além disso, o atraso no engatinhar, arrastar-se, sentar-se e ficar de pé reduz as oportunidades de exploração do ambiente.

A literatura aponta como alterações clínicas comumente presentes na Síndrome: cardiopatias congêntas, presente em quase metade das pessoas com Síndrome de Down, das quais a principal é o defeito do septo atrioventricular; alterações oftalmológicas, problemas de audição (50 a 70%); de visão (15 a 50%); alterações da glândula tireóide (15%), doenças gengivais e problemas ortodônticos, desordens convulsivas, anormalidades esqueléticas, alterações do sistema gastrointestinal, problemas respiratórios e dermatológicos, bem como baixa imunidade a agentes infecciosos. As pesquisas na área identificam também um risco maior da ocorrência de obesidade, envelhecimento precoce, leucemia e da doença de Alzheimer, quando comparado a não-portadores da Síndrome (MOREIRA; EL-HANI;

GUSMÃO, 2000; PUESCHEL, 2002; SCHIAVO, 1999; SCHWARTZMAN, 2003; WERNECK, 1995).

Jerusalinsky, A. (2001) alerta, entretanto, que as complicações – tanto orgânicas como psíquicas –, que se apresentam em uma parcela significativa dos casos, não podem ser consideradas em bloco como patognomônicas da Síndrome de Down. Ele argumenta que tais complicações não afetam a maioria das crianças e que a evolução de várias delas depende do modo de proceder do meio. Além disso, a maioria das complicações é tratável do mesmo modo que o são em outros indivíduos que não têm a Síndrome. Mas, certamente, quando várias dessas complicações se associam ao quadro, as energias com que pode contar este sujeito para fazer frente a sua situação desvantajosa em termos de desenvolvimento, vêm-se severamente minadas.

Além das características supracitadas, observa-se ainda a ocorrência de *déficit* intelectual em cerca de 95% das crianças portadoras da Síndrome, na maior parte dos casos, de nível leve a moderado. Essas crianças correspondem a 18% do total de deficientes mentais em instituições especializadas. O desenvolvimento cognitivo no Down mostra-se, na maioria dos casos, mais lento e processa-se de forma diferente. Há, porém, algumas crianças portadoras da Síndrome que, apesar de terem um desenvolvimento lento, não têm retardo mental. (MOREIRA; EL-HANI; GUSMÃO, 2000; PUESCHEL, 1995; VOIVODIC; STORER, 2002).

Flórez (1994 apud MARTINS, 2003) destaca que as crianças portadoras da Síndrome podem apresentar prejuízos em funções cognitivas importantes para a aprendizagem, tais como atenção e iniciativa (dificuldade na manutenção da atenção, com tendência à distração; escassa diferenciação entre estímulos antigos e novos, menor capacidade para auto-inibir-se e menor iniciativa para fazer julgamentos), memória (dificuldade para reter informações, para situá-las no tempo e no espaço, prejuízo no

processamento de formas específicas de informações sensoriais: auditivas e visuais, por exemplo); associação e análise (dificuldade para integrar e interpretar a informação, por exemplo).

É importante ressaltar que as habilidades intelectuais de crianças com Síndrome de Down têm sido historicamente subestimadas e que a Psicopedagogia tem avançado muito neste campo. Alguns estudos contemporâneos demonstram que uma melhor capacidade cognitiva está presente no mosaicismos cromossômico, ressaltando a importância de aspectos como o conjunto genético do indivíduo e a influência de fatores epigenéticos e ambientais no desempenho intelectual de tais crianças (MOREIRA; EL-HANI; GUSMÃO, 2000).

O desenvolvimento da linguagem nas crianças com Síndrome de Down mostra-se seriamente prejudicado, especialmente no tocante à linguagem expressiva, o que repercute na comunicação social. Tais crianças aprendem novas palavras e expandem seu vocabulário mais lentamente que crianças não deficientes e têm dificuldades na inteligibilidade da fala, apresentando problemas fonológicos e articulatórios. Elas demonstram dificuldades no desenvolvimento de habilidades de comunicação mais sofisticadas, embora sua compreensão para vocabulário, gramática e sintaxe seja usualmente maior do que sua habilidade expressiva sugere. A compreensão verbal associada à expressão gestual são áreas comumente bem desenvolvidas em crianças com Síndrome de Down (BUCKLEY, 1993; GUERRA, 1997; HAUSER-CRAM et al., 1999; JERUSALINSKY, A., 2001; JONES, 1980).

Os bebês com tal Síndrome, de uma maneira geral, nascem de 7 a 10 dias antes do previsto. Os reflexos podem encontrar-se alterados ao nascimento. Além disso, o peso e o comprimento desses bebês, por ocasião do nascimento, são levemente inferiores aos das crianças não portadoras da Síndrome. O tônus muscular do bebê é pobre, a força e a coordenação muscular limitadas, havendo grande progresso quanto a estes aspectos durante o desenvolvimento. Os recém-natos mostram-se bastante sonolentos, choram pouco e dormem

muito, segundo relato das mães. É freqüente a presença de dificuldades pronunciadas na sucção e deglutição, apresentando, muitas vezes, regurgitação, devido à flacidez de um músculo denominado “cárdia”, que, por ficar entreaberto, facilita o refluxo dos alimentos. Há atraso na erupção dos dentes. A vocalização é menos freqüente durante os primeiros meses. Observa-se um atraso na aquisição da linguagem, identificado já na fase do balbucio. A defasagem no desenvolvimento do bebê com Síndrome de Down torna-se mais evidente a partir do sexto mês de vida (CASARIN, 2003; GUSMAN; TORRE, 2003; MILANI, 2005; PUESCHEL, 1995, 2002; SCHIAVO, 1999; SCHARTZMAN, 2003; WERNECK, 1995).

É importante ressaltar que cada criança com Síndrome de Down é única e, portanto, singular em suas características, havendo uma grande diversidade na manifestação dos traços acima descritos entre os portadores dessa condição genética. De acordo com Cunningham (1996), as crianças com Síndrome de Down demonstram uma ampla variedade de diferenças individuais em termos de suas habilidades físicas, sociais e cognitivas, condições de saúde e personalidade. Além disso, segundo Lefèvre (1998), sendo a Síndrome uma encefalopatia não progressiva, tais crianças têm uma tendência espontânea para melhora, pois o sistema nervoso central continua a amadurecer com o decorrer do tempo, ainda que de forma mais lenta do que o observado em crianças de desenvolvimento normal.

### **2.3.2 A Criança com Síndrome de Down e sua Família**

No contexto descrito, a família da criança portadora de Síndrome de Down tem um papel decisivo, cabendo-lhe, juntamente com uma equipe de profissionais especializados, acelerar o impulso espontâneo para o desenvolvimento, presente na criança, mas lentificado pela doença.

Embora os aspectos característicos da Síndrome de Down tenham uma base biológica, Hauser-Cram et al. (1999) apontam os processos relacionais que se dão no âmbito familiar, em especial, os padrões de interação diádicos e a coesão familiar, como mecanismos importantes na promoção do desenvolvimento destas crianças.

O diagnóstico da Síndrome constitui-se num marco na vida da família e, no momento em que ele é estabelecido, desencadeia-se um processo de adaptação, que afeta a todos, em virtude do funcionamento sistêmico do grupo familiar. Os pais, comumente, não estão preparados para esse tipo de experiência que envolve frustrações, incertezas e preconceitos (CASARIN, 1997). O momento do diagnóstico é comumente marcado por um grande choque e uma profunda sensação de desorientação (CAVALCANTE, F., 2001).

Cardoso (2003), a partir de sua experiência num ambulatório de Síndrome de Down, assim descreve o momento da notícia:

Pesar, inadequação, descrença, revolta, incerteza, perplexidade, rejeição, constrangimento, raiva, hostilidade, impotência compõem os “estrandos do silêncio”, são os sentimentos que reverberam e ensurdecem os pais tão logo o diagnóstico é confirmado. O silêncio que segue ao diagnóstico é um silêncio preenchido de sons fortes, interiorizados, que se refletem nos rostos como se esses fossem potentes antenas amplificadoras de sinais. A voz do médico é completamente abafada. É necessário um tempo para ela transpor os estrondos e conseguir se fazer ouvir. (p. 107).

Jerusalinsky, J. (2001) ressalta a importância de que os pais, além de receberem as informações necessárias, possam “pôr em movimento as suas próprias significações e ressignificações acerca do que temem e do que os preocupa em relação à patologia e à incidência da mesma no futuro sonhado para seu filho.” (p. 39).

Murphy (2002) afirma que muitos pais reconhecem uma relutância em aproximar-se do seu bebê com Síndrome de Down, alguns temem olhar para esse, pelo receio de constatar sua aparência peculiar, outros sentem inibição em tocá-lo e em envolver-se emocionalmente com o mesmo. Entretanto, uma vez superadas essas barreiras, quando os pais conseguem olhar para o bebê, tocá-lo, pegá-lo no colo, cuidar dele, freqüentemente se impressionam com

o fato de que seu filho se parece com outros bebês, não portadores da Síndrome, em mais aspectos do que se diferencia deles.

Após vivenciar uma situação potencialmente traumática – o nascimento de um filho portador de deficiência, os pais têm que assumir um novo papel – de cuidadores de uma criança com necessidades especiais (CASARIN, 1997). Nesse novo papel, segundo Cunningham (1996), eles têm que desenvolver novos conhecimentos e habilidades, reconstruir suas idéias sobre eles mesmos, seus valores e aspirações. Eles freqüentemente enfrentam uma sociedade pouco compreensiva face à problemática de seu filho. Além disso, têm que aprender a lidar com uma gama de profissionais e instituições e desenvolver habilidades de negociação assertiva, de modo a obter os melhores recursos para sua criança. Têm, ainda, que aprender estratégias de resolução de problemas práticos e, acima de tudo, manter uma atitude de expectativa positiva em relação ao filho, a despeito dos muitos retrocessos, progresso lento e momentos de desânimo.

A partir do momento da notícia, os pais terão muito que aprender, muito a entender, muito a avaliar. São inúmeras as perguntas e muitas respostas somente virão com o tempo, com a experiência cotidiana. Na *via crucis* da busca do melhor tratamento para o filho, os vários especialistas e as diferentes opiniões trarão a pesada angústia da decisão (CAVALCANTE, F., 2001).

No tocante à repercussão de tais fatores na dinâmica emocional dos pais e à influência na adaptação destes às necessidades da criança, as pesquisas têm apresentado resultados contraditórios.

Pelchat et al. (1999) realizaram um estudo sobre a adaptação dos pais em relação ao filho portador de deficiência, seis meses após o nascimento da criança e, em relação à Síndrome de Down, concluíram que os pais revelam um maior nível de estresse e problemas de adaptação do que pais de crianças não-deficientes. As mães estudadas expressaram estresse

em relação ao desempenho da função materna, sentindo-se ameaçadas e angustiadas no exercício da maternidade.

Os dados de um estudo realizado por Roach, Orsmond e Barratt (1999) com pais de crianças com Síndrome de Down (0 a 5 anos), acerca do estresse parental e envolvimento com o cuidado da criança, corroboram os achados do estudo supracitado, apontando um maior nível de estresse e de dificuldades no cuidado com a criança, quando comparados com pais de crianças com desenvolvimento típico. No contexto da Síndrome, os pais reportaram dificuldades em perceberem-se competentes no exercício das funções parentais, mais problemas de saúde e níveis mais altos de depressão.

Um outro grupo de estudos, que compara o nível de estresse de pais de crianças com Síndrome de Down com o estresse apresentado por pais de crianças que apresentam outros tipos de deficiência, como autismo e paralisia cerebral, aponta resultados mais favoráveis no contexto da Síndrome de Down. Tal resultado é relacionado na literatura à personalidade e comportamento apresentado por tais crianças, havendo uma concepção por parte da sociedade de que a criança com Síndrome de Down tem um temperamento “fácil”, apresentando um tipo de personalidade afável e agradável (CAHILL; GLIDDEN, 1996).

A esse respeito, Cardoso (2003) acrescenta:

As crianças com Síndrome de Down, normalmente são apresentadas como cordatas, afetuosas, meigas, brincalhonas, portadoras de lições de vida, impulsionadoras de modificações profundamente humanitárias em seus pais e parentes, inclusive, literalmente sendo chamadas de “anjos” em diversas ocasiões, como entrevistas que se concedem sobre elas, em livros que sobre elas se escrevem ou na consulta médica. (p. 103).

Trata-se, segundo o autor, de uma construção social metafórica (anjos) em relação à Síndrome de Down, uma metáfora de defesa e de compensação frente ao sofrimento sentido e testemunhado em tal contexto.

Cahill e Glidden (1996) também questionam a imagem popularizada acerca da personalidade da criança com Síndrome de Down, apontando as falhas e controvérsias

apresentadas nos estudos a esse respeito, que, muitas vezes, ao compararem as famílias de crianças com tal Síndrome com famílias de crianças com outras deficiências que exigem maiores cuidados por parte dos pais, propiciam o desenvolvimento de uma imagem favorável relacionada à Síndrome de Down. Estes pesquisadores ressaltam que esse estereótipo falsamente positivo pode revelar-se prejudicial, à medida que as falsas perspectivas de uma natureza positiva podem interferir no desenvolvimento de adequadas estratégias de enfrentamento, devido às dificuldades que se apresentam ao longo do desenvolvimento de tais crianças.

É importante destacar, entretanto, que, embora, até à década de 80, a maior parte dos estudos aponte a presença de altos níveis de estresse por parte dos pais de crianças portadoras da Síndrome, alguns estudos mais recentes, realizados com um maior rigor metodológico, têm levantado dúvidas em relação aos resultados anteriormente obtidos, ressaltando a variabilidade no efeito sobre os pais do nascimento de uma criança com deficiência. Fatores como nível de comprometimento da criança e uma maior suscetibilidade feminina ao estresse têm sido considerados na discussão dos dados, resultando numa maior cautela nas conclusões obtidas. Além disso, aspectos como a melhora na assistência às famílias e a redução do estigma social ao longo das últimas décadas têm sido relacionados a uma redução do estresse apresentado pelos pais (SCOTT et al., 1997).

O estudo realizado por Roach, Orsmond e Barratt (1999) destaca que, em família com crianças que têm Síndrome de Down, há uma maior participação das mães no cuidado diário com a criança, quando comparado ao envolvimento paterno. Cavalcante, F. (2001), por sua vez, também ressalta, nas narrativas das famílias com crianças deficientes, diferenças entre o pai e a mãe nas formas de adaptação, identificando, por vezes, “uma tendência da mãe em assumir a dor, o sacrifício instaurador, como se fosse uma espécie de martírio aceito pela

integridade interior de seu papel de mãe, por uma boa maternagem, em benefício da família como um todo.” (p. 131).

O processo de adaptação mútua mãe-bebê no âmbito da deficiência revela-se complexo. Observa-se que, na presença de um quadro crônico, “a distância entre superproteção e respostas adequadas às necessidades especiais da criança é muito tênue.” (CASTRO; PICCININI, 2002, p. 631).

Castro e Piccinini (2002) destacam que, em tal contexto, a relação mãe-filho é permeada por sofrimento, culpa e medo em relação ao futuro e ressaltam a importância de que tais mães tenham o apoio do parceiro, além de um suporte emocional e social oriundos da família extensiva, de amigos e de profissionais de saúde, para que possam superar esses sentimentos e se vincular à criança da melhor forma possível.

Apesar das dificuldades nos primeiros anos de vida da criança, um dos mais amplos estudos sobre o desenvolvimento de indivíduos com Síndrome de Down – o *Manchester Down Syndrome Cohort* –, no qual cerca de 100 famílias com portadores da Síndrome vêm sendo acompanhados desde 1973, tem evidenciado que o nascimento de uma criança com esta Síndrome não se constitui em fator de risco para problemas psicológicos na família. A maior parte das famílias estudadas (60 a 70%) tem demonstrado harmonia, altos níveis de coesão e percepção satisfatória da vida, com níveis adequados de estresse. Contrariamente às expectativas, tais famílias revelam efeitos positivos relativos à presença de um membro com Síndrome de Down, ressaltando o sentimento de que este contribui de forma positiva no contexto familiar. Não se trata, pois, de ausência de dificuldades, mas no desenvolvimento, por parte da família, de estratégias adequadas para lidar com estas (CUNNINGHAM, 1996).

No Brasil, verifica-se, a partir da última década do século passado, um enorme avanço no estudo da Síndrome de Down, bem como no acesso à informação e conscientização, por parte da Sociedade, em relação ao tema. Enquanto em 1992, segundo

Schiavo (1999), não havia um único livro escrito no país sobre a Síndrome, hoje é possível identificar inúmeras obras sobre o assunto, destinadas a adultos e a crianças, assim como páginas da Internet, artigos e reportagens em toda a mídia. Tal mudança é resultado principalmente do empenho dos pais, reunidos ou não em associações. O Brasil é hoje o único país da América Latina a ter uma federação das associações de Síndrome de Down, criada em 1994 (PUPO FILHO, 1996; SCHIAVO, 1999). Porém, os obstáculos a serem enfrentados por portadores dessa Síndrome e suas famílias em nosso país ainda são imensos, em parte decorrentes das dificuldades econômicas vigentes, que repercutem nas políticas sociais de Educação e Saúde destinadas aos portadores de necessidades especiais.

### **2.3.3 Comunicação Mãe-Bebê no contexto da Síndrome de Down: Revisão de Estudos**

Devido à interação de diversos fatores de risco, conforme já exposto, as famílias que têm um filho com Síndrome de Down representam, por vezes, um sistema ecológico em estado de equilíbrio frágil (CASARIN, 1997). É fato, ainda, que a Síndrome foi associada, por mais de um século, a uma condição de inferioridade, de modo que, ainda hoje, apesar do conhecimento acumulado sobre o tema e das informações acessíveis, o estigma está presente, influenciando a imagem que os pais constroem de seu filho portador da Síndrome e suas reações em relação a ele (CASARIN, 2003; VOIVODIC; STORER, 2002).

Em função do exposto, o desenvolvimento da comunicação no bebê portador de Síndrome de Down tem sido objeto, especialmente nas últimas décadas, de inúmeros estudos científicos, realizados sob diferentes perspectivas teóricas, o que tem permitido um avanço significativo no conhecimento desta temática. A exposição de alguns destes estudos evidencia importantes pontos de reflexão no que concerne à pesquisa ora em curso.

Nos primeiros meses de vida de uma criança, seu desenvolvimento psicológico é observado principalmente pelas reações motoras e afetivas, pelo olhar e pela vocalização. O bebê que apresenta Síndrome de Down demonstra muitas vezes dificuldade em manter a atenção e estar alerta aos estímulos externos, mostrando-se menos responsivo. A hipotonia afeta tanto o desenvolvimento motor como a expressão afetiva. Tais características podem interferir na comunicação do bebê com o ambiente (CASARIN, 1995; VOIVODIC; STORER, 2002).

Jones (1980) procedeu a um estudo comparativo da comunicação mãe-filho em bebês portadores de Síndrome de Down e não portadores da Síndrome. Seu objetivo era examinar o desenvolvimento pré-lingüístico de habilidades comunicativas em crianças propensas a dificuldades na aquisição da linguagem. O autor estudou 12 díades, com bebês entre 13 e 24 meses (6 díades mãe-bebê “normal” e 6 díades mãe-bebê portador da Síndrome), por um período de 15 semanas, através de registro em vídeo, e concluiu não haver diferença significativa na quantidade de interações mãe-bebê, mas sim na qualidade de tais interações.

O exame minucioso das trocas interativas entre as mães e os bebês com Síndrome de Down revelou que estes não tomavam a iniciativa na interação tanto quanto os bebês com desenvolvimento típico, sendo consideravelmente auxiliados por suas mães em seu papel comunicativo. As mães, por sua vez, mostraram-se mais diretivas em situações de interação com o bebê, quando comparado às mães das díades com bebês não portadores da Síndrome. O trabalho de Jones revelou, ainda, dificuldade por parte dos bebês com Síndrome de Down no estabelecimento da “troca de turnos”, parecendo haver uma falha destes na expectativa de resposta por parte da mãe durante a interação, possivelmente, segundo o autor, por não estarem conscientes do papel desta no diálogo comunicativo.

De acordo com Mac Turk et al., (1985) o contato de olhar é um dos recursos mais importantes utilizados pela criança com Síndrome de Down para conhecer o ambiente. Eles

observaram que, nestas crianças, a comunicação face-a-face começa mais tarde, e os contatos de olhar costumam ser mais prolongados, permanecendo tais crianças por mais tempo nessa fase do desenvolvimento, o que retarda a ligação com o ambiente. Tal dado também aparece na Tese de Berger (1980 apud RAMRUTTHN; JENKINS, 1998), na qual se constata que, em crianças com Síndrome de Down, há um certo atraso na emergência do contato de olhar, que surge por volta das seis semanas, enquanto em bebês de desenvolvimento normal tal aquisição costuma ocorrer em torno da quarta semana de vida. O autor também observa uma duração significativamente maior das trocas face-a-face em bebês com Síndrome de Down, especialmente por volta dos 4-5 meses, quando tal comportamento atinge seu ápice.

Buckley (1993), em artigo acerca do desenvolvimento da linguagem em crianças com a Síndrome, ao abordar a evolução da comunicação ao longo do primeiro ano de vida, afirma que, apesar de um leve atraso no aparecimento do sorriso e no engajamento em conversações precoces com os pais, os bebês que apresentam essa condição genética demonstram, por volta do sexto mês de vida, igual interesse em jogos sociais que envolvem vocalizações, sorrisos e trocas de turno, despendendo a mesma quantidade de tempo neste tipo de atividade, quando comparados a crianças de desenvolvimento típico. Entretanto, a partir de então, enquanto os bebês que não têm a Síndrome passam gradativamente a gastar mais tempo explorando outras possibilidades acessíveis ao seu mundo visual, os bebês com Síndrome de Down não o fazem na mesma extensão, permanecendo por mais tempo o seu interesse voltado para a comunicação face-a-face. A autora faz referência, ainda, a um atraso, por parte de tais crianças, no desenvolvimento da habilidade em utilizar o contato de olhar para engajar o adulto em atividades de seu interesse, comportamento descrito como “contato de olhar referencial” e que aparece em crianças não-portadoras da Síndrome, ao final do primeiro ano de vida.

Rondal (1996 apud Schwartzman, 2003) afirma que os bebês com Síndrome de Down mostram-se menos responsivos à estimulação verbal feita pelas mães do que bebês com desenvolvimento típico. Segundo o autor, tais bebês tendem, ainda, a tomar iniciativa com menor frequência nas interações.

Mahoney e Neville-Smith (1996) realizaram um estudo acerca da relação entre o comportamento diretivo materno e a participação da criança com Síndrome de Down em trocas comunicativas. A amostra constituiu-se de 24 díades mãe-criança, estando tais crianças situadas na faixa etária de 2 a 3 anos. O método utilizado foi o registro em vídeo das trocas interativas das díades mãe-bebê, realizado na residência destas. As mães foram solicitadas a brincarem com seus filhos com um conjunto de brinquedos fornecidos pelo pesquisador. Os registros tiveram a duração de 20 minutos. Os resultados revelaram uma maior propensão das crianças estudadas em responderem positivamente às solicitações maternas, quando os comportamentos solicitados estavam diretamente relacionados ao foco de atenção corrente destas e mostravam-se condizentes com o seu nível de desenvolvimento. Os dados demonstram que, em tal contexto, a diretividade materna mostra-se efetiva em encorajar uma participação ativa da criança na comunicação com o adulto.

Harris, Kasari e Sigman (1996) estudaram a atenção conjunta em uma amostra de 28 crianças com Síndrome de Down (com idade entre 13 a 41 meses), e 17 crianças com desenvolvimento típico e seus cuidadores, relacionando tal padrão comunicativo à evolução da linguagem nessas crianças. Aspectos como idade mental, etnia, nível socioeconômico e estágio de evolução da linguagem receptiva e expressiva foram controlados para ambos os grupos, de modo a garantir a confiabilidade dos resultados. O procedimento de coleta de dados consistiu na aplicação de testes psicológicos e duas sessões de registro em vídeo da interação cuidador-bebê, no tocante às trocas mediadas por objetos em situação de laboratório. As sessões de observação tiveram duração de cinco minutos e foram analisadas

microanaliticamente. A evolução da linguagem foi avaliada através de um reteste realizado treze meses após a primeira avaliação.

Os autores questionam a repercussão da diretividade materna sobre a dinâmica da atenção conjunta entre as díades e o grau de participação dos bebês com Síndrome de Down durante os episódios de atenção conjunta. Os resultados apontam um padrão diferenciado no que tange à atenção conjunta entre os dois grupos estudados. As díades em que a criança é portadora da Síndrome deram maior atenção aos brinquedos e despenderam mais tempo em atenção conjunta do que as díades com crianças de desenvolvimento típico. Entretanto, foi constatada uma diferença na maneira como ocorreu a manutenção da atenção aos brinquedos nas crianças com Síndrome de Down, ou seja, foi observado que os cuidadores de tais crianças foram mais diretivos na comunicação, mostrando uma maior iniciativa na seleção e mudança do foco de interesse da díade, quando comparado ao comportamento exibido pelos cuidadores nas díades cujas crianças não eram portadoras da Síndrome.

O estudo conclui que a forma como a atenção conjunta é mantida pela díade é mais importante no desenvolvimento da linguagem do que a quantidade de tempo despendido em tal atividade. Os casos em que se registra um maior dispêndio de tempo em atenção conjunta e uma manutenção da atenção a objetos selecionados pela criança estão associados a uma maior evolução na linguagem receptiva em tais crianças, enquanto o dispêndio de tempo em atenção conjunta associado a freqüentes mudanças do foco de atenção da criança realizadas por iniciativa do cuidador (diretividade) parecem atuar negativamente sobre a evolução da linguagem em tais crianças.

Legerstee e Weintraub (1997) realizaram um estudo longitudinal sobre a evolução da atenção coordenada ou compartilhada mãe-bebê em crianças com e sem Síndrome de Down, durante os dois primeiros anos de vida. A amostra pesquisada foi composta por trinta e quatro crianças, das quais vinte e duas eram portadoras da Síndrome. As crianças foram observadas

em sua interação com a mãe, com pares não-portadores da Síndrome e com a mãe de outra criança da amostra.

O método de coleta de dados consistiu no registro em vídeo da interação da criança com pessoas e objetos. Os registros foram realizados em quatro visitas, efetuadas com intervalo de dois meses.

Os autores constataram que, nos dois grupos estudados (bebês com e sem Síndrome de Down), houve um evidente desenvolvimento da habilidade na coordenação da atenção ao longo do período estudado, evoluindo de uma fase na qual os bebês voltavam a sua atenção ora para pessoas, ora para objetos, para a fase na qual a atenção a pessoas e objetos coatuavam em uma troca comunicativa não-verbal. Entretanto, foi constatado que os bebês com Síndrome de Down evoluíram mais lentamente, engajaram-se menos em troca de turnos e apresentaram menos atenção compartilhada do que os bebês não-portadores da Síndrome, o que contradiz os achados do estudo anteriormente descrito.

Evidenciou-se, ainda, a exemplo de Harris, Kasari e Sigman (1996), Jones (1985) e Mahoney e Neville-Smith (1996), uma maior assistência e um papel mais ativo na interação por parte das mães de crianças com Síndrome de Down, o que conduz à hipótese de que o envolvimento de tais bebês com objetos estaria, de certa forma, condicionado à intervenção materna, sendo o papel exercido pelo bebê nos episódios de atenção compartilhada, na amostra estudada, caracteristicamente passivo.

Em cada um dos grupos estudados, foi evidente um maior envolvimento com objetos na presença da mãe do que com os pares, ressaltando a relevância desta como parceiro comunicativo.

Os dados da pesquisa de Legerstee e Weintraub (1997) são corroborados por um estudo posteriormente realizado por Legerstee, Varghese e Beek (2002), no qual investigou-se

o efeito dos estilos de interação materno na produção de comunicação referencial por parte de bebês com e sem Síndrome de Down. Foi observado um estilo materno mais diretivo e controlador em mães de crianças portadoras da Síndrome, embora discuta-se que tal estilo não decorre de um menor nível de atividade por parte de tais crianças. Este estilo mais diretivo foi apontado pelos autores como uma estratégia interativa utilizada pela mãe, de modo a potencializar as habilidades de atenção conjunta e de comunicação referencial por parte do filho. Além disso, os autores ressaltam que as palavras e os gestos emitidos pelas crianças também promoveram a atenção conjunta com as mães, evidenciando a natureza recíproca da comunicação.

Ramruttun e Jenkins (1998) realizaram um estudo, objetivando examinar as habilidades de comunicação pré-lingüística de crianças com Síndrome de Down. Foram selecionadas dez crianças com esta Síndrome, com idade entre 21 e 53 meses, cujo desempenho foi comparado a dois grupos de não-portadores da referida Síndrome, um composto por crianças sem dificuldades de aprendizagem e outro formado por crianças com dificuldade de aprendizagem. Os dados para análise foram obtidos a partir de um questionário aplicado aos pais sobre habilidades de comunicação precoce e uma sessão de registro em vídeo com cada díade mãe-bebê em situação natural. Os resultados encontrados demonstraram não haver diferença significativa entre as crianças com Síndrome de Down e aquelas com desenvolvimento considerado típico quanto ao desempenho em comportamentos comunicativos não-verbais, vocais e gestuais. A inclusão do grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem evidenciou, neste último, um desempenho significativamente inferior quanto ao uso de comportamentos vocais em relação aos demais grupos. É importante ressaltar, entretanto, ter sido observado pelos pesquisadores que crianças com Síndrome de Down fazem menor uso do contato de olhar referencial do que crianças com desenvolvimento normal, dado também descrito por Buckley (1993).

Pino (2000) estudou o efeito do contexto sobre o estilo de interação materna numa amostra composta por dezesseis díades mãe-criança (seis com crianças com Síndrome de Down e seis com criança de desenvolvimento típico). O método utilizado foi a observação em situação natural abrangendo dois diferentes contextos: brinquedo livre e momento de refeição da criança. Os dois grupos foram emparelhados tendo como critério o nível de desenvolvimento lingüístico da criança e não a idade cronológica. Os dados revelaram que as mães de crianças com Síndrome de Down utilizaram comportamentos de ajuda e instrução na interação com os filhos mais freqüentemente do que as mães de crianças com desenvolvimento típico. As mães estudadas demonstraram uma tendência a assumir o papel de “professoras” em atividades menos estruturadas e a adotar um estilo mais intrusivo em situações mais estruturadas, como no momento da refeição.

A autora relaciona o estilo materno observado nas mães de crianças com Síndrome de Down ao treinamento recebido por estas nos programas de estimulação precoce a que seus filhos são submetidos. Tais programas, especialmente nas décadas de 70 e 80, adotavam uma estratégia de treinamento baseada em técnicas de modificação de comportamento, o que, segundo Pino (2000), favorecia a adoção de um estilo de interação mais diretivo por parte das mães. A autora considera que tal estilo interacional tende a restringir as oportunidades de aprendizagem por parte da criança, contribuindo para o atraso em seu desenvolvimento. Ressalta, assim, a necessidade de mudanças nas estratégias adotadas nos programas de estimulação precoce, de modo a favorecer uma maior responsividade por parte das mães em detrimento da diretividade observada.

Silva e Salomão (2002) realizaram no Brasil uma pesquisa visando a analisar as interações mãe-criança portadora de Síndrome de Down e mãe-criança com desenvolvimento típico, com ênfase nos aspectos comunicativos. As crianças estudadas estavam na faixa etária de 12 a 24 meses. O método utilizado foi o registro em vídeo em ambiente natural –

residência das díades, em situação de brinquedo livre. Os resultados da investigação demonstraram que as mães de crianças com Síndrome de Down usaram mais o contato físico para ajudar o filho a realizar atividades do que as mães de crianças com desenvolvimento típico. Foi observado que o uso de ajuda física deve-se ao fato da mãe achar que o filho não é capaz de realizar sozinho algumas atividades, o que pode levá-la, em alguns momentos, a impedir a finalização da tarefa por parte do filho, seja realizando a tarefa pela criança, seja introduzindo um novo tema à brincadeira. As autoras concluíram ainda que as crianças com Síndrome de Down responderam menos às solicitações de suas mães do que as crianças com desenvolvimento típico, percebendo-se também nesse estudo uma dificuldade na atenção coordenada. As autoras constatarem uma quebra de continuidade nas interações mãe-criança com Síndrome de Down, pelo fato das mães tenderem a chamar a atenção para um novo tema, sem antes explorar as brincadeiras pelas quais o filho demonstra interesse.

Voivodic e Storer (2002) comentam que o alto grau de diretividade manifestado pelas mães de crianças com Síndrome de Down pode ser decorrente de um mecanismo de adaptação às peculiaridades da criança, como também corresponder ao desejo de tais mães de mudar o comportamento de seus filhos.

Silva e Dessen (2003) desenvolveram uma pesquisa sobre crianças com Síndrome de Down e suas interações familiares, na qual foram estudadas 6 famílias compostas por pai, mãe e criança com a Síndrome residentes em Brasília – DF. A coleta de dados consistiu em questionário, entrevistas semi-estruturadas e observação do comportamento com uso de vídeo, abrangendo o registro de interações entre a criança e a mãe, a criança e o pai e, ainda, a criança, a mãe e o pai. Apesar das crianças participantes da pesquisa situarem-se na faixa etária de 2 a 3 anos e 5 meses de idade, alguns aspectos levantados mostram-se relevantes à compreensão da comunicação no início da vida. Os resultados demonstram a liderança do pai ou da mãe em detrimento da criança durante os episódios interacionais. Os dados sugerem

ainda uma maior diretividade e intrusividade, tanto por parte do pai como da mãe, durante as interações com as crianças, embora as autoras destaquem que a intrusividade dos genitores parece não ter impedido uma sincronia nas interações, sugerindo uma adaptação entre os genitores e os filhos com Síndrome de Down.

Os dados supracitados corroboram os resultados obtidos por Cielinski e Colaboradores (1995), os quais, em estudo sobre a interação entre a mãe e a criança com Síndrome de Down, já apontavam que, apesar de haver uma maior diretividade materna durante as interações observa-se uma adequação entre os comportamentos dos parceiros, ou seja, a criança atende e responde ao comportamento da mãe e vice-versa, o que indica uma adaptação mútua (apud SILVA; DESSEN, 2003).

Em um artigo sobre aquisição da linguagem, Borges e Salomão (2003) abordam o estilo interacional diretivo e constatam haver, na literatura sobre o tema, interpretações controversas no que concerne à relação entre tal estilo de *input* materno e o desenvolvimento da linguagem. Segundo as autoras, embora a maior parte dos estudos afirme que a diretividade pode interferir negativamente no desenvolvimento da linguagem, estando associada a um desenvolvimento mais lento nessa área, alguns pesquisadores questionam o estereótipo negativo a ela associado e alertam que diferentes estilos diretivos podem refletir diferentes intenções comunicativas, chamando também a atenção para a necessidade dos estilos diretivos serem analisados à luz da idade da criança (BARNES et al., 1983; PINE, 1992, 1994 apud BORGES; SALOMÃO, 2003).

Tristão e Feitosa (2003), em estudo sobre a percepção da fala em bebês no primeiro ano de vida, abordam tal aspecto em situações diferenciadas, como a da Síndrome de Down, e, ao fazê-lo, discutem aspectos relevantes ao desenvolvimento da comunicação em tal contexto. As autoras evidenciam que o desenvolvimento pré-lingüístico em bebês com tal Síndrome difere do observado em bebês com desenvolvimento típico, havendo um uso

funcional diferenciado do contato visual em situações interativas. Além disso, o estudo realizado constata um padrão diferenciado de atenção e habituação a estímulos de fala no primeiro ano de vida, por parte de bebês com Síndrome de Down, e relaciona tal padrão, dentre outros fatores, a dificuldades na condição auditiva em tais crianças, apontando, entretanto, a necessidade de novos estudos, de caráter longitudinal, para melhor compreensão dessa relação. O estudo realizado por Tristão e Feitosa (2003) conduz à consideração da interferência da condição auditiva do bebê com Síndrome de Down sobre o desenvolvimento de estratégias diferenciadas de comunicação com o mundo externo.

Os estudos descritos demonstram resultados coerentes em alguns aspectos, embora controversos em outros. A maior parte das pesquisas aponta dificuldades específicas no desenvolvimento da comunicação entre a mãe e o bebê portador da Síndrome de Down. Embora haja certa controvérsia quanto ao nível de responsividade desses bebês, de uma forma geral, os dados resultantes das pesquisas revelam um discreto atraso na evolução das habilidades comunicativas nos bebês que apresentam a Síndrome, bem como falhas, por parte destes, em exercer de forma plena o seu papel como parceiro na interação.

Um outro aspecto por vezes destacado nas pesquisas refere-se ao papel desempenhado pelo olhar na comunicação entre a mãe e o bebê com a Síndrome. Há referências a uma ênfase nesse recurso comunicativo, bem como a uma maior permanência nesse padrão de troca, em detrimento do interesse do bebê pelos estímulos do ambiente circundante.

Os estudos ressaltam ainda uma postura mais diretiva e até intrusiva da mãe na comunicação com seu filho portador da Síndrome, quando comparado à postura de mães frente a bebês de desenvolvimento típico. Observam-se, no entanto, controvérsias acerca da função e das conseqüências de tal postura materna na dinâmica da comunicação mãe-bebê.

As pesquisas realizadas acerca do desenvolvimento da comunicação em bebês com Síndrome de Down têm possibilitado um avanço no conhecimento acumulado sobre o tema,

embora falte muito a ser compreendido. Observa-se que a maior parte das pesquisas focaliza crianças a partir do segundo semestre de vida, fase em que já se verifica uma história de desenvolvimento mãe-bebê, deixando de investigar a construção da comunicação em seu período mais precoce. Evidencia-se, ainda, em alguns dos estudos descritos, uma ênfase na uniformidade do desenvolvimento, em detrimento da diversidade do processo de construção da comunicação em cada díade estudada, o que traz algumas vezes implícita a crença na existência de uma criança com Síndrome de Down universal, desconsiderando o contexto individual de desenvolvimento, assim como a multiplicidade de causas e conexões inerentes ao processo de construção da comunicação. Quanto a este aspecto, faz-se mister a referência às palavras de Nilholm (1996):

Toda diferença entre um grupo de crianças com Síndrome de Down e crianças normais, ou crianças com outros distúrbios mentais, não pode, por definição, ser atribuída à Síndrome de Down em si mesma. De fato, a Síndrome de Down não explica tudo, pois cada grupo pesquisado é composto por crianças com Síndrome de Down que tiveram, em seu desenvolvimento, relações particulares com seu ambiente. (p. 54).

Cardoso (2003) também alerta para o perigo da construção social de uma idéia homogênea acerca da criança com Síndrome de Down:

A literalidade conferida à metonímia da substituição do paciente pela doença, diante da materialidade de um cromossomo a mais no par 21, influencia a maneira pela qual se organiza culturalmente a história de vida dos indivíduos com a Síndrome, implicando o perigo de se estatuir para eles um futuro estanque e previsível, como também sua transformação num conjunto de genes que lhe daria a essência. (p. 109).

A revisão de estudos realizados sobre o desenvolvimento da comunicação mãe-bebê no contexto da Síndrome de Down aponta a necessidade de consecução de novas pesquisas na área. Verifica-se a necessidade de investigações longitudinais, que abordem a evolução do processo de comunicação a partir de períodos bem precoces e que apreendam a singularidade e a complexidade inerentes ao fenômeno do desenvolvimento. A partir do exposto sobre a perspectiva dos Sistemas Dinâmicos, considera-se que esta pode responder a tais demandas e, através de suas proposições e método, contribuir para um avanço do conhecimento neste campo.

### 3 O PRESENTE ESTUDO

---

#### 3.1 OBJETIVOS

O presente estudo tem por objetivo investigar o desenvolvimento do sistema de comunicação mãe-bebê, em díades cujo filho é portador da Síndrome de Down, com base em pressupostos da perspectiva dos Sistemas Dinâmicos e no modelo de análise da comunicação denominado EEA – Estabelecimento, Extensão – Abreviação, proposto por Lyra e Colaboradores (LYRA, 1988, 2000; LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; ROSSETTI-FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 2003; LYRA; WINEGAR, 1997).

Busca-se a explicitação do **processo** de desenvolvimento da comunicação, a partir da evolução dos padrões de auto-organização (EEA) do sistema de comunicação mãe-bebê. O foco reside na compreensão da construção da comunicação num contexto de deficiência e na descoberta de princípios através dos quais o novo pode ser construído na relação entre uma mãe e seu filho portador de Síndrome de Down.

Na consecução de tal objetivo, pretende-se:

- Analisar o funcionamento sistêmico da comunicação mãe-bebê, em díades cujo filho tem Síndrome de Down, a partir da observação das trocas comunicativas face-a-face e mediadas por objeto, procurando destacar as transformações evolutivas ocorridas ao longo do tempo;
- Identificar a emergência de momentos de quase-estabilidade (persistência dos padrões de estabelecimento, extensão ou abreviação), bem como de instabilidade/mudança

(não persistência dos referidos padrões) no desenvolvimento da comunicação mãe-bebê, verificando a evolução dos padrões de organização das trocas comunicativas.

- Aprender, a partir da organização do sistema de comunicação, o processo de adaptação mútua e construção conjunta mãe-bebê frente às dificuldades de comunicação que se interpõem entre a díade num contexto de deficiência.

A partir da concretização de tais objetivos, pretende-se, ainda, verificar a sensibilidade do modelo proposto – EEA, no estudo do desenvolvimento da comunicação na presença da Síndrome de Down.

### 3.2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A mudança de enfoque nas pesquisas acerca do desenvolvimento infantil tem fomentado reflexões acerca de aspectos metodológicos. As idéias suscitadas exigem métodos coerentes de estudo. As pesquisas desenvolvidas até então, no campo da comunicação mãe-bebê, com base na Teoria dos Sistemas Dinâmicos, têm enfatizado a necessidade de um delineamento longitudinal. Os estudos de caso, únicos ou múltiplos, são comumente utilizados, enfatizando-se a microanálise do processo comunicativo (LYRA, 2000; VALSINER; CONNOLLY, 2003).

Segundo Valsiner e Connolly (2003), na perspectiva sistêmica, a tarefa empírica do pesquisador é primeiro analisar o funcionamento sistêmico de um caso único e, uma vez que o caso é explorado, agregar conhecimento sobre as formas como o sistema trabalha em casos individuais, de forma a apreender um modelo genérico. O percurso rumo ao conhecimento procede de um único caso empírico a um modelo geral do sistema, que é então testado em um

outro caso único, a partir do qual são feitas correções necessárias no modelo, que é novamente testado em mais um caso, e, assim, subseqüentemente.

Nesta pesquisa, objetiva-se analisar o funcionamento sistêmico de **duas díades mãe-bebê, nas quais o bebê é portador de Síndrome de Down**, no que concerne ao processo de comunicação em períodos precoces do desenvolvimento, com base no modelo EEA.

A opção por bebês com Síndrome de Down justifica-se pelo interesse em compreender como se desenvolvem as trocas comunicativas em tal contexto, na presença de uma deficiência congênita, com todas as implicações anteriormente discutidas.

O procedimento de coleta de dados consiste no **registro longitudinal em vídeo das trocas mãe-bebê**, face-a-face e mediadas por objeto, em situação de Laboratório, de modo que se possa proceder à microanálise do processo comunicativo. **As trocas entre os parceiros ao longo do tempo constituem a unidade de análise.**

O uso do registro em vídeo decorre da necessidade de dados fidedignos e minuciosos, ressaltando que alguns estudos enfatizam suas vantagens:

“A videogravação permite a exposição repetida do observador à mesma ocorrência do observado, [...] amplifica a possibilidade do observador repensar o observado, ou seja, amplifica sua capacidade de análise.” (CARVALHO et al., 1996, p. 262).

“A gravação do episódio interativo em vídeo, permite re-analisar o episódio inúmeras vezes [...]. ‘Congela-se’ a imagem sem perder o dinamismo dos fatos. Imprimem-se diferentes velocidades à fita, descortinando, desta forma, movimentos imperceptíveis ao olho humano.” (VASCONCELLOS; CIVILETTI, 1998, p. 52).

Sem o espectro videográfico seria, praticamente, impossível reconstruir a história da díade em nível microanalítico.

A seguir, serão expostos os diversos aspectos referentes ao método, incluindo a etapa preparatória à coleta de dados, participantes da pesquisa, material utilizado, bem como procedimento de construção e análise dos dados.

### **3.2.1 Treino de Análise de Registros em Vídeo**

Numa primeira etapa do processo de construção dos dados, foi realizado o treino de análise de registros em vídeo visando habilitar a pesquisadora à consecução do procedimento de coleta e análise proposto.

O treino consistiu na observação e análise de registros em vídeo de díades mãe-bebê, no tocante às trocas comunicativas. Os registros foram selecionados no banco de dados do Laboratório de Comunicação e Linguagem na Primeira Infância (LabCom) da Universidade Federal de Pernambuco. Foram estudados também outros materiais referentes à coleta de dados (formulários e guias de orientação para análise dos vídeos).

O treino de análise revelou-se extremamente importante, auxiliando na compreensão do modelo em estudo, na medida que permitiu uma melhor apreensão operacional dos conceitos de estabelecimento, extensão e abreviação e forneceu subsídios relevantes à construção da história das díades, no que se refere ao processo comunicativo.

A leitura dos registros realizados por outros observadores foi importante, ainda, enquanto parâmetro de análise, possibilitando a confrontação de percepções e a correção de erros. A observação dos registros em vídeo forneceu subsídios, inclusive, ao procedimento de coleta de dados. As dúvidas surgidas ao longo do processo foram devidamente esclarecidas pela orientadora e por outros pesquisadores do LabCom.

### **3.2.2 Construção dos Dados**

Inicialmente, foi estabelecido o contato com a direção técnica do Centro de Reabilitação Infantil (CRI) com o objetivo de viabilizar o desenvolvimento da pesquisa na referida Instituição. Trata-se de uma Unidade de referência no atendimento a crianças portadoras de deficiência, seja ela física, mental, sensorial ou múltipla, para a qual são encaminhados os bebês portadores de deficiência congênita da capital e demais municípios do Estado do Rio Grande do Norte, com o intuito de submeterem-se a tratamento de estimulação precoce. Após os contatos preliminares, foi oficializada a parceria entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a referida Instituição para consecução do Projeto.

#### ***3.2.2.1 Participantes da Pesquisa***

A partir de consulta aos prontuários e da colaboração de uma Psicóloga e uma Assistente Social da Instituição, foi realizado o procedimento de triagem das díades para participarem do Projeto.

Foram selecionadas duas díades mãe-bebê, designadas como “díade A” e “díade B”, a partir dos seguintes critérios: idade da criança, diagnóstico de Síndrome de Down a partir de exame clínico e do Cariótipo e disponibilidade da mãe em participar da pesquisa. Quanto ao critério de idade, somente foi possível realizar a pesquisa com bebês a partir dos três meses pelo fato das crianças frequentemente chegarem ao CRI nessa faixa etária, após um período de adaptação inicial dos pais, durante o qual os bebês são geralmente atendidos em instituições de saúde não-especializadas na assistência a portadores de necessidades especiais. Tal fato inviabilizou o início dos registros num período mais precoce.

### **3.2.2.2 Material**

Para realização da pesquisa, foi destinada a sala 102 da Instituição. Além da mobília já existente (mesa, cadeiras e armários), o ambiente foi organizado com a aquisição do material necessário para a realização da coleta de dados, a saber: uma cadeira confortável, colchão, almofadas, tapete emborrachado e estante com brinquedos apropriados à faixa etária de 0 a 1 ano.

As filmagens foram realizadas pela Pesquisadora com uma filmadora Panasonic – PVD – 427, Palmcorder. Durante os registros permaneceram na sala a diáde e o pesquisador.

### **3.2.2.3 Procedimento de Construção dos Dados**

Foram inicialmente realizadas duas entrevistas com cada uma das mães, com o intuito de conhecer a história da criança (entrevista anamnésica), estabelecer o *rapport*, bem como explicitar os objetivos e metodologia da pesquisa, de forma sucinta e numa linguagem acessível às mesmas. As mães em questão, após devidamente informadas sobre o objetivo e método da pesquisa, assinaram um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (ANEXO A), concordando em participar da mesma. Após o consentimento, tiveram início as sessões semanais de registro em vídeo, com duração de 20 minutos.

A primeira filmagem da diáde A, composta pela mãe e sua filha com Síndrome de Down, ocorreu no dia 15 de setembro de 2003, estando o bebê com 16 semanas de vida. As filmagens foram concluídas quando a criança completou 1 ano de idade. No total, foram realizadas 38 sessões de registro em vídeo, não tendo ocorrido nenhuma falta (ANEXO B).

A díade B, composta pela mãe e seu filho portador da Síndrome de Down, foi filmada pela primeira vez no dia 29 de outubro de 2003, estando o bebê com 16 semanas de vida. As filmagens foram concluídas quando a criança completou 1 ano de idade. No decorrer do período, foram realizadas 34 sessões de registro em vídeo e ocorreram 4 faltas, por problemas de saúde do bebê ou da mãe. Nove sessões ocorreram na residência da díade, pela impossibilidade de realização na Instituição (ANEXO C).

As filmagens foram realizadas nos dias em que as crianças freqüentavam a Instituição para atendimento no Setor de Estimulação Precoce. As mães demonstraram disponibilidade e motivação em participar da pesquisa.

No decorrer do período de efetivação dos registros, foram coletadas informações adicionais sobre o desenvolvimento dos bebês, através de entrevistas de acompanhamento com as mães, realizadas, sempre que necessário, antes do início das filmagens.

#### ***3.2.2.4 Procedimento de Análise dos Dados***

Os dados resultantes dos registros em vídeo foram analisados segundo os parâmetros propostos pelo Modelo EEA – Estabelecimento, Extensão e Abreviação (LYRA, 1988, 2000; LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; ROSSETTI-FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 2003; LYRA; WINEGAR, 1997).

O procedimento de análise consistiu na avaliação, numa escala de tempo segundo a segundo (microanálise), dos registros em vídeo das trocas comunicativas mãe-bebê, face-a-face e mediadas por objeto, segundo o modelo proposto. Foi utilizada uma ficha intitulada “Análise dos Registros em Vídeo” (ANEXO D), na qual foram anotados, para todas as sessões das duas díades estudadas, os intervalos de tempo referentes a cada episódio

identificado e classificado como estabelecimento, extensão ou abreviação. Tal procedimento foi realizado tanto para as trocas comunicativas face-a-face como para as mediadas por objeto.

Para classificação de cada episódio de troca diádica foram utilizados os seguintes critérios, propostos pelo modelo EEA (LYRA, 2000; 2003; LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; SOUZA, 1999, 2003).

#### **a) Comunicação Face-a-face:**

**Estabelecimento:** o contato olho a olho é o elemento recortado.<sup>2</sup>

Momento iniciado com o estabelecimento do contato de olhar entre os parceiros diádicos. É antecedido por tentativas, por parte da mãe, de atrair e manter o contato de olhar com o bebê, através de contínuos ajustes em sua postura e/ou na postura desse, sorrisos, toques, vocalizações, etc. O bebê apresenta-se muitas vezes sonolento, ocorrendo bocejos e movimentos de abrir e fechar os olhos. Ele realiza poucos movimentos corporais, produz poucos sons e estes são basicamente curtos e quase sem variação na entonação, assemelhando-se a sons guturais.

O recorte do olhar pode ser acompanhado por trocas que negociem outros elementos, tais como sorrisos, vocalizações, constituindo-se por, no máximo, 04 turnos, sendo um turno determinado “[...] pela ação ou conjunto de ações definidas a partir da resposta do parceiro a esta ação ou conjunto de ações.” (CHAVES, 2004, p. 52). Em geral, a troca de turnos é lenta e a mãe pode realizar inúmeras ações antes que o bebê realize alguma.

O momento de estabelecimento é encerrado com a interrupção do contato de olhar por um dos parceiros em interação. Se em 5 segundos esse contato de olhar for restabelecido,

---

<sup>2</sup> Essas trocas podem ser construídas sem o contato do olhar, desde que ocorra o estabelecimento de um elemento inicial de partilha entre os parceiros, sem a mediação do mundo externo. Sendo assim, são passíveis de construção mesmo que subsistam limitações de ordem sensorial (ver LYRA, submetido b).

iniciando-se uma interação com as características acima mencionadas, diz-se que se trata de um mesmo período de estabelecimento.

**Extensão:** o contato de olhar torna-se fundo, emergindo como figuras: sorrisos, vocalizações, etc.

Inicia-se com o contato de olhar entre a díade, facilmente estabelecido e mantido pelos parceiros. Esse olhar mútuo, que era figura, torna-se fundo e, a partir do mesmo, outros elementos podem ser recortados e negociados pela díade, tais como sorrisos, vocalizações, movimentos posturais, caretas, “besourinhos”, toques rápidos da mãe no bebê, etc. Estas trocas ocorrem em períodos mais longos, incluindo, no mínimo, 5 turnos de ações entre a mãe e o bebê.

O período de extensão é finalizado com a interrupção do contato de olhar por um dos parceiros em interação. Se em 5 segundos esse contato de olhar for restabelecido, iniciando-se uma interação com as características acima mencionadas, diz-se que se trata de um mesmo período de extensão.

**Abreviação:** contatos de olhar abreviados, acompanhados ou não de outros elementos antes negociados.

Momento de curta duração, iniciado por imediato estabelecimento do contato de olhar e seguido da interrupção desse com o envolvimento de um dos parceiros, ou de ambos, em atividades diversas daquelas face-a-face. Pode incluir apenas o contato de olhar ou outros elementos que foram negociados como figuras em momentos anteriores, tais como sorrisos e vocalizações. Essas trocas são realizadas em, no máximo, 4 turnos. A rapidez e a suavidade que pode ser observada no modo como as trocas são efetuadas sugere a existência de um conhecimento mútuo entre os parceiros.

## **b) Comunicação Mãe-Objeto-Bebê**

**Estabelecimento:** o elemento mais freqüentemente recortado como figura é a direção do olhar de ambos – mãe e bebê – para o objeto.

Momento iniciado com o estabelecimento do olhar dos parceiros para o objeto. É antecedido por tentativas da mãe de atrair o contato do olhar do bebê para o objeto (produzindo sons, colocando objetos em frente aos olhos do bebê, etc.). Este tipo de recorte do olhar pode ser acompanhado por trocas que negociem outros elementos, tais como sorrisos, vocalizações ou ações motoras do bebê dirigidas ao objeto (movimentos de braços e pernas), ocorrendo em, no máximo, 6 turnos. Em geral, a troca de turnos é lenta e a mãe pode realizar inúmeras ações antes que o bebê realize alguma.

O momento de estabelecimento é encerrado com a interrupção da direção do olhar para o objeto por um dos parceiros em interação. Se em 5 segundos este contato de olhar for restabelecido, iniciando-se uma interação com as características acima mencionadas, diz-se que se trata de um mesmo período de estabelecimento.

**Extensão:** olhar dos parceiros para o objeto torna-se fundo, emergindo como figuras o movimento de estender o braço, tocar e pegar o(s) objeto (s).<sup>3</sup>

Inicia-se com a direção do olhar dos parceiros para o objeto, que é facilmente estabelecido e mantido por esses. De figura, esse olhar mútuo torna-se fundo, e são progressivamente negociadas como figuras as ações de estender o braço, tocar e pegar o(s) objeto(s). Outros elementos como vocalizações e sorrisos podem compor essas trocas. No

---

<sup>3</sup> Analogamente às trocas face-a-face, as trocas MOB podem ser construídas mesmo na presença de limitações de ordem sensorial, psicológica ou motora nos parceiros. O essencial está na inclusão do mundo externo aos parceiros como elemento de troca (ver LYRA, submetido b).

momento da extensão, as trocas negociadas pela díade ocorrem em períodos mais longos, compostos por 7 ou mais turnos de ações entre a mãe e o bebê.

O momento de extensão é finalizado quando a direção do olhar para o objeto é interrompida por um dos parceiros em interação. Da mesma forma que nas trocas face-a-face, se em 5 segundos esse contato de olhar for restabelecido, iniciando-se uma interação com as características acima mencionadas, diz-se que se trata de um mesmo período de extensão.

**Abreviação:** caracteriza-se pela ocorrência de trocas do tipo “dar e pegar”.

As trocas diádicas representadas pelo conjunto de ações olhar + toque + preensão do objeto, amplamente negociadas em momentos anteriores, apresentam-se em intervalos de tempo mais curtos, de, no mínimo, 2 turnos e, no máximo, 6 turnos, compondo as trocas do dar e pegar. Essas podem ser caracterizadas da seguinte forma: a mãe aproxima o objeto do rosto do bebê e ele o pega, coordenando o olhar e os movimentos corporais na direção do mesmo (coordenação visomotora). Há um certo domínio, por parte do bebê, em relação a sua capacidade de pegar e soltar o objeto.

A rapidez e a suavidade, que podem ser observadas no modo como as trocas são efetuadas, sugerem a existência de um conhecimento mútuo dos parceiros relativo a essas trocas.

As interações face-a-face podem interromper as trocas mãe-objeto-bebê e vice-versa. Se qualquer das interações emergir em meio à outra, com duração inferior a 5 segundos, ela não deve ser considerada como uma nova interação, mas como contida na que vinha sendo registrada. Se tiver duração superior, registrá-la como uma nova interação.

A partir da classificação dos episódios de estabelecimento, extensão e abreviação, de acordo com os critérios acima descritos, foram feitos os seguintes cálculos:

1. Levantamento, em separado, para a comunicação face-a-face e mãe-objeto-bebê, dos percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, em cada semana analisada.

2. Levantamento da distribuição das percentagens do tempo despendido em trocas comunicativas, considerando as trocas face-a-face e mediadas por objeto, separadamente, em cada semana analisada.

Após a realização destas etapas, parte dos dados (20% do total das ocorrências de trocas face-a-face e mãe-objeto-bebê) foi submetida à análise de um segundo Observador<sup>4</sup>, com o objetivo de verificar a confiabilidade dos resultados. Este realizou a sua classificação a partir da observação dos registros em vídeo. As ocorrências analisadas pelo segundo Observador foram registradas num protocolo (ANEXO E) e, em seguida, junto com as análises originais, submetidas ao “Teste Cohen’s Kappa”, o qual indica o percentual de acordo entre diferentes observadores. Os valores obtidos a partir do Teste, para cada uma das análises realizadas, assim como os níveis de significância calculados, são apresentados nos resultados.

Na análise de cada sessão de registro em vídeo, foi utilizada, ainda, uma “Folha de Resumo” (ANEXO F), na qual foram anotadas observações da pesquisadora com o objetivo de auxiliar na construção da história de cada uma das díades, com suas características particulares no que concerne ao processo comunicativo (ver exemplo, Anexo G).

De acordo com Lyra (2000), a construção da história de cada díade é uma análise de natureza histórico-interpretativa. A autora assim descreve este tipo de análise:

---

<sup>4</sup> O segundo Observador é membro da equipe de pesquisadores do LabCom, estando devidamente capacitado para reconhecer os períodos de quase-estabilidade do sistema de comunicação (Modelo EEA), tanto no tocante às trocas face-a-face como mãe-objeto-bebê.

Esta análise procura discernir possíveis componentes das transformações microanalíticas do sistema de comunicação, progressivamente elaborados ao longo do tempo. Possibilita, assim, a identificação de uma história única para cada díade e, ao mesmo tempo, uma história compartilhada, enquanto padrões de quase-estabilidade e mudança do sistema de comunicação focalizado. (LYRA, 2000)

A compreensão da história de cada uma das díades é também subsidiada pelos dados obtidos a partir das entrevistas realizadas com as mães, através das quais foi possível preencher lacunas no que se refere à interpretação dos dados.

Os resultados obtidos em relação a cada díade estudada, a partir das entrevistas, da análise das trocas comunicativas e dos dados constantes nas folhas de resumo, são apresentados a seguir.

## 4 RESULTADOS

---

*É a aprendizagem da sintonia  
Da capacidade de ouvir, os outros e a si  
Às vezes é simples, às vezes muito complicado  
É pensar e sentir; sentir e pensar  
Chegar e aproximar-se, dos outros e de si.  
(Maldonado)*

Os resultados da pesquisa são expostos em três tópicos para cada uma das díades estudadas. Inicialmente, é apresentada uma síntese dos dados anamnésicos, obtidos através das entrevistas com as mães. Tais dados mostram-se relevantes fornecendo subsídios à interpretação do funcionamento do sistema em estudo, especialmente no tocante às particularidades de cada díade. Em seguida, é demonstrada a evolução dos padrões de auto-organização do sistema de comunicação mãe-bebê, a partir da aplicação do modelo EEA e, por fim, aborda-se a compreensão do funcionamento do sistema, numa articulação entre os dados anamnésicos, análise dos registros em vídeo e informações constantes nas folhas de resumo.

### 4.1 RESULTADOS REFERENTES À DÍADE A (16<sup>a</sup> A 53<sup>a</sup> SEMANA)

#### 4.1.1 Conhecendo a Díade A

A mãe (J. D.), solteira, 31 anos de idade, tinha dois filhos, uma menina e um menino, de 8 e 4 anos, respectivamente, quando engravidou de M.L (bebê com Síndrome de Down,

sexo feminino). cursou até a 7ª série do Ensino Fundamental, não trabalha e não possui renda própria. Reside no interior do Estado, a uma distância de aproximadamente 80 Km da capital.

J. D. mora com os filhos num dos cômodos de uma casa deixada por seus pais de herança, dividindo a mesma com um irmão. Este é alcoólatra e, em função da bebida, traz amigos para casa, sendo freqüente a ocorrência de “brigas e confusões” (SIC). Quando bêbado, o irmão muitas vezes a agride verbalmente, na presença dos filhos. Tal situação a perturba bastante e ela, muitas vezes, relata ter “vontade de sumir” (SIC), pelas dificuldades enfrentadas para poder sustentar as crianças. J. D. não reside com o pai de M. L., não havendo uma relação estável entre ambos.

Não foi uma gravidez planejada e, além de tentativas de aborto nos primeiros meses, através de chás potencialmente abortivos, J.D. refere o uso do ansiolítico Dienpax (Diazepam) neste período, hipertensão e a ocorrência de quedas seguidas de sangramento, no quinto e sexto meses gestacionais. A mãe fez acompanhamento pré-natal e M.L. nasceu de parto natural, a termo, com 2.700 Kg e 47 cm. O perímetro cefálico media 33 cm, estando dentro dos parâmetros considerados normais. Chorou ao nascer e o Apgar<sup>5</sup> foi 8/8, apresentando boas condições de saúde.

Quando M.L. nasceu, J.D. pouco sabia sobre a Síndrome de Down. Inicialmente, ao ser informada pelos médicos que sua filha era portadora de tal condição genética, ficou “desesperada” (SIC), mas aos poucos foi se informando e compreendendo melhor o que estava acontecendo.

---

<sup>5</sup> Trata-se de uma avaliação obrigatória feita na hora em que o bebê nasce. Consiste na avaliação de 5 itens (cor da pele, freqüência cardíaca, esforço respiratório, tônus muscular, irritabilidade reflexa), feita com 1 e com 5 minutos de vida. Para cada um dos itens é atribuída uma nota de 0 a 2. Somam-se os escores de cada item. Uma nota de 8 a 10 significa que o bebê nasceu em ótimas condições. Uma nota 7 que o bebê teve uma dificuldade leve. De 4 a 6 traduz uma dificuldade de grau moderado e de 0 a 3 uma dificuldade mais grave. O Apgar de primeiro minuto é considerado como um diagnóstico da situação presente, o de quinto minuto como fator de prognóstico da saúde neurológica da criança. Uma nota mais baixa no primeiro minuto não é tão importante, desde que o bebê seja prontamente atendido e a nota do quinto minuto seja maior (PUPPO FILHO, 1996).

A avaliação médica feita quando M.L. chegou ao CRI revelou a presença de abdômen globoso distendido, hérnia umbilical, hipotonia muscular generalizada, reflexos transitórios presentes, mas lentos, fenda palpebral oblíqua, palato ogival e prega simiesca, conforme registro em prontuário. Tais características são comumente associadas à Síndrome de Down. O diagnóstico clínico da Síndrome, feito na maternidade, foi confirmado através do Cariótipo.

A criança foi amamentada desde que nasceu e ainda o era quando os registros foram finalizados. A Fonoaudióloga da Instituição verificou, nos primeiros meses de vida, uma dificuldade de coordenação entre sucção, deglutição e respiração, o que ocasionava cansaço ao alimentar-se e engasgo freqüente. Tal quadro apresentou melhora ao longo do primeiro ano de vida, mediante o desenvolvimento da criança e orientação da profissional. A partir do 10º mês, iniciou acompanhamento mais sistemático em fonoaudiologia, em função da hipotonia e projeção da língua para fora da boca (tal tratamento era feito de forma não sistemática até então, em consultas ocasionais, em função da falta de vaga na Instituição).

M.L. faz acompanhamento fisioterápico duas vezes por semana, desde os primeiros meses de vida. Aos três meses sorria e fixava o olhar. Sua motricidade foi considerada, aos cinco meses, muito boa, quando comparado à de outras crianças com Síndrome de Down. Na época, a Fisioterapeuta registrou tratar-se de uma criança ativa, observadora, que fixava o olhar e acompanhava todo o campo visual. Além disso, mostrava-se bastante responsiva, sorrindo sempre que estimulada. Sentou aos 9 meses, e, ao final dos registros (1 ano), estava sendo estimulada a engatinhar.

A família reside no interior do Estado, em local onde não há disponibilidade de atendimento especializado para M. L. A mãe, no entanto, apesar das dificuldades enfrentadas, desde o início, demonstrou motivação em engajar-se nas diversas possibilidades de intervenção terapêutica disponíveis na Instituição. O transporte até a capital era realizado

através de um carro da Prefeitura do município de origem, mas, sempre que o mesmo não estava disponível, a mãe pagava uma condução particular para a locomoção.

Ao final do primeiro ano de vida, a criança obteve um benefício através do INSS (benefício a que têm direito portadores de deficiência), passando a receber um salário mínimo mensal.

No tocante à pesquisa, a mãe trouxe a filha ao CRI semanalmente, durante todo o período de filmagem, sem nenhum registro de falta.

Durante o período de realização da pesquisa, M. L apresentou alguns problemas de saúde. Além de recorrentes gripes, a criança sofreu uma queda, na 31ª semana de vida. No dia de Natal, a mãe tropeçou num saco de cimento no quintal de sua residência e a filha, que estava em seu colo, caiu ao chão. No momento da queda a mãe desmaiou e a criança ficou “molinha” (SIC). Não foram ao Hospital por falta de veículo disponível no município em função do feriado. Nos dias subseqüentes, M. L demonstrou incômodo em uma das pernas, chorando bastante e evitando movimentos com a mesma. Três dias após a queda, a criança foi levada ao CRI onde, a partir de uma consulta ao Ortopedista, foi encaminhada ao Pronto-Socorro local para realização de radiografias, sendo constatada fratura e a perna imobilizada por um período de 15 dias (Nos registros 16 e 17 a criança estava com a perna engessada).

Por volta da 38ª semana de vida, a criança começou a apresentar tremores no lado direito do corpo (braço e perna), acompanhados de choro. A mãe a levou ao neurologista, sendo diagnosticada crise convulsiva. A partir de então, sob prescrição médica, começou a fazer uso do anticonvulsivante Tegretol (Carbamazepina), na dosagem de 2,5 ml, duas vezes ao dia. Em função da persistência das crises, quando M. L estava com 48 semanas, a dosagem da medicação foi aumentada (2,5 ml pela manhã e 5 ml à noite). A partir de então, os espasmos cessaram.

A mãe demonstrou motivação e disponibilidade em participar da pesquisa. Ao longo dos encontros foi possível constatar uma necessidade, por parte da mesma, em ser ouvida, especialmente no tocante às questões relativas à deficiência da filha. Observou-se, também, uma ansiedade quanto à evolução da criança, traduzida por questionamentos acerca do atraso em determinadas aquisições motoras. Embora o procedimento de coleta dos dados não tivesse fins terapêuticos, a mãe referiu, ao final do período de filmagens, terem os encontros se constituído em momentos importantes, auxiliando-a a compreender e aceitar a deficiência da filha.

Após o encerramento dos registros semanais, foi possível realizar alguns encontros adicionais, de seguimento, sempre por iniciativa da mãe, que se dirigia à sala onde foram realizadas as filmagens quando se encontrava na Instituição para o atendimento fisioterápico da filha, no intuito de “conversar” sobre a criança. Tais encontros vieram a confirmar a necessidade de implantação de um Projeto, na Instituição, destinado ao atendimento psicológico às mães das crianças deficientes, voltado ao acompanhamento das mesmas durante o primeiro ano de vida do filho.

#### **4.1.2 Modelo EEA: Evolução dos Padrões de Auto-Organização**

No intuito de melhor apreensão do processo de desenvolvimento do sistema de comunicação mãe-bebê na díade A, são apresentados, a seguir, os dados obtidos a partir do registro semanal em vídeo das trocas comunicativas mãe-filho, da 16<sup>a</sup> a 53<sup>a</sup> semana de vida do bebê (3 meses e 15 dias a 1 ano de idade), com base no modelo EEA.

A relação entre os percentuais de estabelecimento, extensão e abreviação, para as comunicações face-a-face e mãe-objeto-bebê, separadamente, em cada semana analisada,

pode ser observada a partir dos gráficos que seguem (os dados utilizados na construção dos mesmos estão registrados na Tabela 1 – ANEXO G e Tabela 2 – ANEXO H). A observação desses gráficos permite ilustrar a evolução das formas de organização das trocas ao longo do tempo.

### *Comunicação Face-a-Face*

Na diáde A, o índice do Teste **Cohen's Kappa**, calculado em relação à classificação das trocas face-a-face como Estabelecimento, Extensão e Abreviação, foi de  $K = .691$  ( $p < .001$ ), o que indica um bom acordo entre o primeiro e segundo Observador no tocante à identificação de tais períodos de quase-estabilidade.

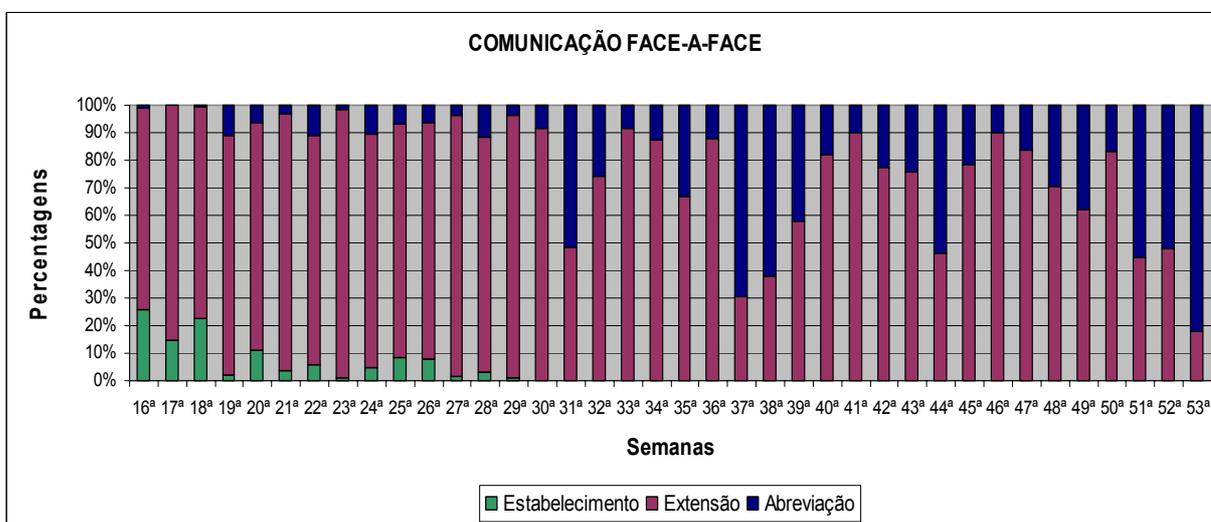


Gráfico 1. Díade A - Relação entre os percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação face-a-face, em cada registro, da 16ª a 53ª semana de vida do bebê.

Em função, possivelmente, da semana em que foi iniciada a filmagem (16ª) o estabelecimento na **comunicação face-a-face** apresenta uma frequência reduzida. Os dados resultantes de pesquisas com o modelo EEA apontam o predomínio destes episódios antes do período em que foram iniciados os registros com progressiva redução na ocorrência dos

mesmos (CHAVES, 2004; LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; ROSSETI-FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 1999; LYRA; WINEGAR, 1997; SOUZA; LYRA, 2000). O estabelecimento, no caso ora em estudo, aparece em níveis percentuais bastante baixos da 16ª a 29ª semana, havendo uma redução progressiva (ainda que instável, com aumentos e reduções nos percentuais) até o total desaparecimento a partir da 30ª semana.

Verifica-se um predomínio de trocas classificadas como extensão ao longo da maioria dos registros da 16ª até a 50ª semana (3 meses e meio a 11 meses), com níveis percentuais elevados, excetuando-se neste período a 31ª, 37ª, 38ª e 44ª semanas, nas quais a abreviação supera a extensão.

A partir da 31ª semana, observa-se um aumento do tempo despendido em abreviações na comunicação face-a-face, mas não há, ainda, uma regularidade nesse aumento, sendo possível constatar uma instabilidade no sistema (alternância entre o predomínio da extensão e abreviação). A abreviação chega a superar a extensão em alguns registros, conforme já exposto (31ª semana, 37 e 38ª semanas consecutivamente e 44ª semana), mas o percentual de extensão volta a predominar nas trocas. Ao final do primeiro ano, entretanto, pode-se observar um predomínio da abreviação em três registros consecutivos (três últimos registros, 51ª, 52ª e 53ª semanas), o que aponta uma tendência a uma estabilização em tal padrão organizacional.<sup>6</sup>

O gráfico permite verificar que o sistema evolui de um predomínio da extensão (da 16ª a 30ª semanas) para um período de instabilidade no qual a extensão e a abreviação se alternam no tocante à predominância no percentual de ocorrência (31ª a 50ª semanas), tendendo a uma estabilização num novo padrão de organização, com a predominância da abreviação nos três últimos registros (51ª, 52ª e 53ª semanas).

---

<sup>6</sup> Lyra toma como parâmetro de estabilização do sistema a ocorrência de quatro registros consecutivos com predomínio de um dos períodos de quase-estabilidade (estabelecimento – extensão – abreviação). (informação verbal).

### *Comunicação Mãe-Objeto-Bebê*

Na díade A, o índice do Teste **Cohen's Kappa**, calculado em relação à classificação das trocas mãe-objeto-bebê como Estabelecimento, Extensão e Abreviação, foi de  $K = .744$  ( $p < .001$ ), o que indica um bom acordo entre o primeiro e segundo Observador no tocante à identificação de tais períodos de quase-estabilidade.

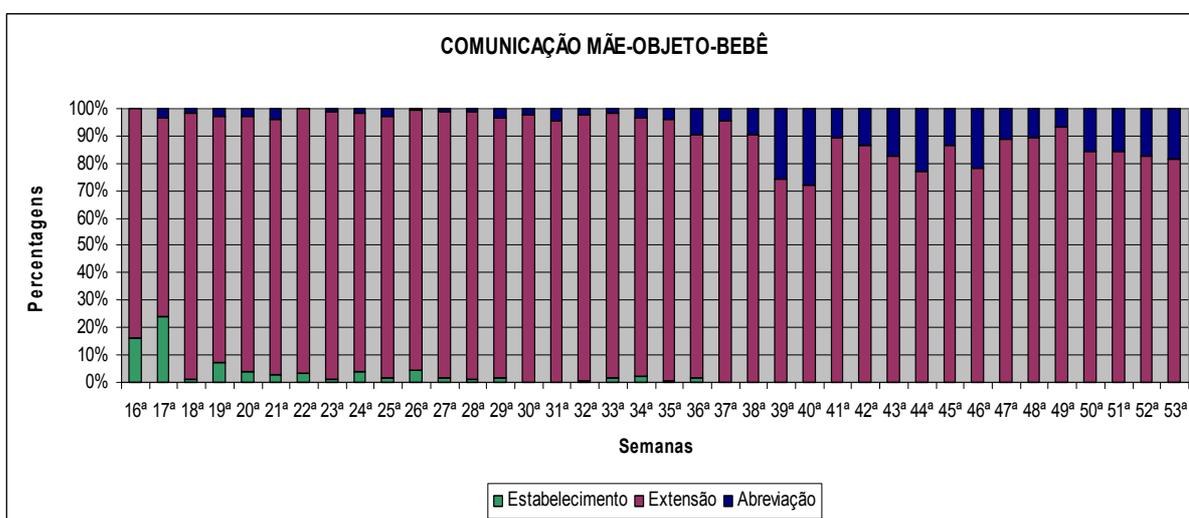


Gráfico 2. Díade A - Relação entre os percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação na comunicação mãe-objeto-bebê, em cada registro, da 16ª a 53ª semana de vida do bebê.

A observação da figura acima permite constatar que o estabelecimento mantém-se em níveis percentuais baixos, extinguindo-se a partir da 37ª semana. Tal dado está possivelmente relacionado ao fato dos registros terem sido iniciados quando o bebê estava com 3 meses e meio. Na comunicação MOB, a exemplo do que ocorre na comunicação face-a-face, os dados resultantes de pesquisas apontam um predomínio do estabelecimento antes deste período com progressiva redução na ocorrência de tais episódios, embora, no tocante às trocas mediadas por objeto, este predomínio ocorra num período posterior àquele observado nas trocas face-a-

face (CHAVES, 2004; LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; ROSSETI-FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 1999; LYRA; WINEGAR, 1997; SOUZA; LYRA, 2000).

A extensão da comunicação mediada por objeto predomina durante todos os registros efetuados (percentual acima de 50%), com níveis percentuais bastante elevados (ver Tabela 2, Anexo H).

No tocante à abreviação, os percentuais são baixos, havendo, porém, um discreto aumento nos mesmos a partir da 39ª semana. No entanto, até o final do primeiro ano de vida do bebê, a abreviação não emerge como padrão organizacional dominante nas trocas diádicas.

A comparação entre os percentuais de tempo despendido pela díade em trocas face-a-face e em trocas mãe-objeto-bebê revela um período maior de envolvimento em trocas **MOB** (com exceção da 25ª, 45ª 46ª e 47ª semanas), conforme é possível observar no gráfico que segue (para maiores detalhes ver Tabela 3 – ANEXO I):

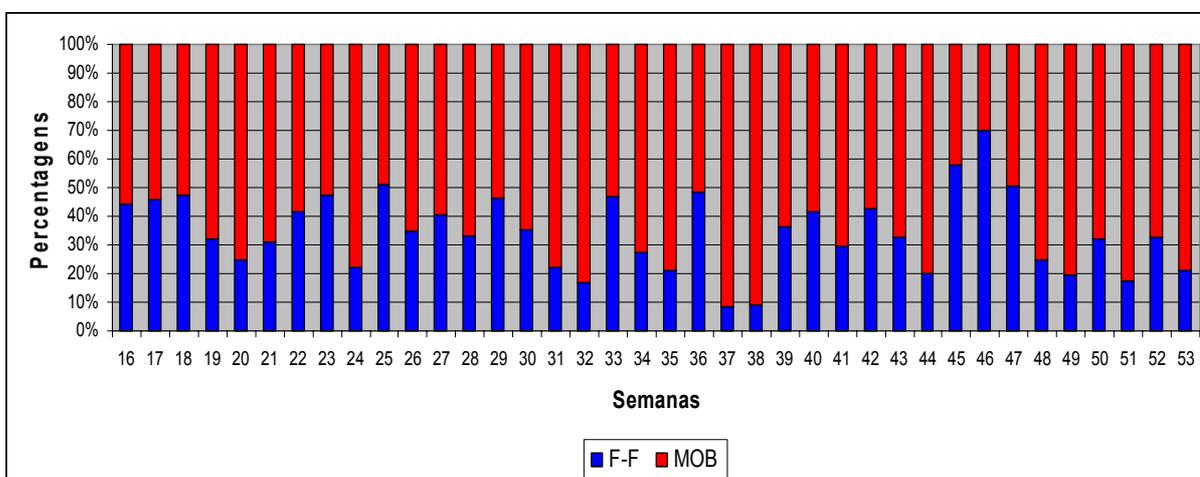


Gráfico 3. Díade A - Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas comunicativas, considerando a comunicação face-a-face e mãe-objeto-bebê, separadamente, em cada semana analisada

É importante destacar, a partir desse gráfico, que a predominância de trocas do tipo mãe-objeto-bebê em relação às trocas face-a-face pode ser observada desde os primeiros registros realizados.

### **4.1.3 Compreensão do Funcionamento do Sistema de Comunicação Mãe-Bebê na Díade A, a partir do Modelo EEA**

A análise dos vídeos, com base no modelo EEA, associada aos dados das entrevistas e folhas de resumo, permite compreender o funcionamento do sistema de comunicação entre a mãe e o bebê na díade A, possibilitando verificar a evolução dos padrões de funcionamento desse sistema e apreender a singularidade e criatividade da construção comunicativa particular nessa díade (LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; WINEGAR, 1997).

#### ***4.1.3.1 Análise da Evolução dos Padrões de Auto-Organização na Díade A***

A **Díade A** caracteriza-se por uma frequência elevada de ações (trocas e tentativas de trocas) entre os parceiros, que ocorrem num ritmo acelerado.

Desde os primeiros registros, a mãe mantém uma postura ativa e diretiva, no intuito de estimular e auxiliar a criança a engajar-se em trocas comunicativas face-a-face e, principalmente, mediadas por objeto. M. L., em contrapartida, mostra-se disponível às trocas, respondendo favoravelmente à estimulação materna, o que resulta, até o 10º mês de vida do bebê, numa adaptação mútua entre a díade no tocante ao processo de comunicação.

Em relação à comunicação **face-a-face**, as trocas classificadas como **extensão**, predominantes desde o início dos registros, são caracterizadas por inúmeros ajustes de posição no bebê, realizados pela mãe de modo a facilitar o contato de olhar. A mãe também verbaliza bastante durante tais trocas, utilizando um estilo discursivo próprio às mães de bebês – o denominado “manhês” (BORGES; SALOMÃO, 2003; FERREIRA, 2001) e atribuindo significado à vocalização da filha (ver CAVALCANTE, 2001). Em resposta, verificam-se

sorrisos, “besourinhos” e vocalizações por parte do bebê que durante os momentos de comunicação face-a-face, mostra-se bastante responsivo, trocando turnos com a mãe e parecendo, por vezes, querer imitar a vocalização materna.

É interessante observar que a mãe executa, ao longo dos registros, exercícios recomendados pela Fisioterapeuta, exercitando as pernas, braços e bochechas da filha. Durante os exercícios pode-se verificar, muitas vezes, episódios de extensão da comunicação face-a-face, constituindo-se em momentos prazerosos para a díade. A extensão das trocas face-a-face pode ser observada, ainda, durante a amamentação, que ocorre com elevada frequência ao longo das sessões.

Progressivamente, a organização do sistema de comunicação mãe-bebê, no que se refere às trocas face-a-face, torna-se mais instável, com a elevação da frequência de trocas caracterizadas como **abreviação** e a alternância do predomínio destas com o predomínio da extensão. As trocas face-a-face caracterizadas como abreviação são comumente iniciadas e encerradas pelo bebê, enquanto a mãe revela uma tendência a estender o contato de olhar. Ainda assim, o sistema organiza-se no sentido do predomínio da abreviação, o que ocorre ao final do primeiro ano de vida do bebê.

No que diz respeito à evolução das trocas **mãe-objeto-bebê**, a **extensão**, conforme já exposto, predomina durante todo o período investigado. Nos primeiros registros, algumas trocas podem ser classificadas como pertencentes a uma fase inicial da extensão do MOB, com o bebê ainda um tanto quieto, mas já utilizando o olhar como fundo (olhar mantido sem dificuldades) e negociando outros tipos de troca (toque, manipulação, movimento dos objetos), porém, há uma progressiva evolução, com uma participação mais ativa do bebê em interações mediadas pelos brinquedos disponíveis na sala.

Com o transcorrer das sessões, nas trocas caracterizadas como extensão, o bebê passa a demonstrar grande interesse pelos objetos. Em resposta à estimulação materna, ele sorri,

acompanha os brinquedos com o olhar, manipula-os, leva-os à boca e os pega. Algumas vezes, observa-se que, durante trocas MOB caracterizadas como extensão, o bebê volta o olhar para a mãe durante alguns segundos (<5”), retomando em seguida a atividade em que estava envolvido.

No transcorrer de momentos de extensão, a díade começa a negociar o “dar e pegar”. Inicialmente, observa-se que a transferência do objeto se dá de forma amplamente negociada, com elevado número de turnos, exigindo, ainda, um esforço maior por parte da mãe (esta mostra o objeto, movimenta-o e auxilia o bebê em seu manuseio) para que o dar e pegar entre a díade se concretize. Com o transcorrer dos meses, observa-se uma maior alternância entre episódios de extensão e abreviação nas trocas MOB, embora a extensão continue a predominar.

Considerando a abreviação, é possível constatar que, embora se mantenha em níveis percentuais reduzidos, não chegando a constituir-se num padrão dominante no período analisado, há uma evolução na qualidade de tais trocas. Nos últimos registros, quando a mãe oferece o brinquedo, o bebê espontaneamente estira os braços para alcançá-lo, numa postura mais ativa quando comparado a registros anteriores. Há, ainda, momentos em que a mãe coloca o objeto no colo da filha e esta, imediatamente, pega-o. Apesar de tal evolução, o envolvimento da díade em trocas caracterizadas como extensão continua a prevalecer.

É interessante colocar que, nos últimos registros analisados, M. L. começa a tomar a iniciativa para pegar brinquedos que estão ao seu alcance, conseguindo fazê-lo sozinha em determinados momentos e tendo a ajuda materna em outros. Verifica-se, ainda, uma maior diversificação no padrão das trocas. Tal variabilidade, presente também nas trocas abreviadas, pode ser considerada como indício de um posterior movimento do sistema rumo ao predomínio da abreviação, conforme apontado na literatura (CHAVES, 2002; LYRA; CHAVES, 2000; SOUZA; LYRA, 2000).

#### **4.1.3.2 Características do Sistema Evidenciadas a partir do Modelo EEA**

A microanálise dos registros permite apreender algumas características do sistema de comunicação mãe-bebê nesta díade, evidenciando aspectos comumente relacionados na literatura ao bebê portador de deficiência, particularmente da Síndrome de Down, como a diretividade e intrusividade maternas. Tais características serão discutidas a partir de três pontos-chave, de natureza relacional, que, seqüencialmente, marcam o processo de desenvolvimento do sistema de comunicação mãe-bebê nesta díade, a saber:

- a) Diretividade/intrusividade maternas *versus* responsividade do bebê;
- b) Adaptação mútua;
- c) Engajamento em trocas comunicativas *versus* busca de autonomia.

A seguir, os pontos acima mencionados serão comentados, recorrendo-se para tal à transcrição de trechos referentes a trocas F-F e MOB extraídos dos registros em vídeo.

##### a) Diretividade/intrusividade maternas *versus* responsividade do bebê

A história da díade A evidencia uma característica do sistema de comunicação mãe-bebê em estudo, que pode ser expressa pela relação diretividade/intrusividade maternas *versus* responsividade do bebê.

Desde os primeiros registros, as ações da mãe durante as trocas comunicativas, tanto face-a-face como mediadas por objeto, assumem, muitas vezes, a função de direcionar as ações do bebê (diretividade). Este, em contrapartida, responde favoravelmente às solicitações maternas, o que propicia um *feedback* positivo à mãe, observando-se um sistema de co-regulação contínuo, no qual há uma influência recíproca entre os agentes em comunicação. Tal padrão de troca prevalece dos 3 meses e meio aos 10 meses de vida do bebê.

Em alguns registros, pode-se constatar que as ações maternas atingem contornos de intrusividade. Em tais contextos, observa-se, comumente, uma resposta favorável por parte do bebê, ainda que as intrusões maternas provoquem, algumas vezes, uma quebra de continuidade na atividade com a qual a criança achava-se entretida.

A diretividade e intrusividade maternas associadas à responsividade do bebê, produzem trocas caracterizadas como extensão, conduzindo o sistema ao predomínio destes momentos durante a maior parte do período investigado, tanto no tocante à comunicação face-a-face como na comunicação mediada por objeto. Durante as extensões, pode-se constatar que as habilidades comunicativas do bebê são potencializadas a partir das intervenções maternas. Nesse período, que compreende a quase totalidade do primeiro ano de vida do bebê, a diretividade materna revela-se adaptativa, favorecendo a evolução do sistema rumo a níveis de maior complexidade.

A diretividade da mãe e a responsividade do bebê são evidenciadas, principalmente, nas trocas mediadas por objeto, como pode ser observado nos recortes que seguem, extraídos de diferentes momentos de evolução do sistema:

#### Exemplo 1 - Registro 3 – 18 semanas - MOB

*O bebê está deitado sobre uma almofada e a mãe em frente a ele, sentada no chão.*

*O bebê olha para suas próprias mãos.*

*A mãe pega o chocalho em forma de corneta e o balança tentando chamar a atenção do bebê.*

*O bebê mantém-se distraído, com a atenção voltada para suas mãos, e não olha.*

*A mãe pega a bola de borracha que produz som e a balança no campo visual do bebê.*

*O bebê dirige o olhar ao objeto.*

*A mãe movimenta o brinquedo.*

*O bebê acompanha com o olhar.*

*A mãe diz:*

*- Pega a bola, pega!*

*E aproxima o objeto das mãos do bebê.*

*O bebê continua a olhar com atenção, abre os braços e a mãe coloca a bola entre os mesmos.*

*O bebê pega o objeto com suas mãos.*

*A mãe não solta o mesmo continuando a segurá-lo, havendo uma posse conjunta.*

*A mãe movimenta a bola, e chega a soltá-la rapidamente, mas logo a segura novamente.*

*O bebê tenta colocar a bola na boca, não consegue e choraminga.*

*A mãe retira a bola e, de imediato, apresenta o chocalho em forma de corneta.*

*O bebê olha.*

*A mãe o balança, emitindo som.*

*A mãe coloca o chocalho na boca de M. L, que responde favoravelmente, expressando satisfação.*

*A mãe retira o objeto da boca da filha e o balança.*

*M. L tenta pegá-lo colocando suas mãos no mesmo.*

*Há uma posse conjunta e a mãe continua a balançar o objeto.*

*A mãe pega um outro chocalho e troca com rapidez os brinquedos.*

*O bebê não se opõe e volta o olhar para o novo objeto.*

*A mãe o movimenta e produz som.*

*O bebê olha com atenção.*

*A mãe o retira e encerra a troca.*

Nesta sessão, a mãe estimula M. L a engajar-se em trocas durante quase todo o registro, verbalizando, fazendo ajustes na posição da filha inúmeras vezes e apresentando brinquedos diversos, um após o outro, num ritmo um pouco acelerado, parando apenas enquanto a criança é amamentada. Tal padrão materno pode estar relacionado ao predomínio das trocas MOB neste registro.

Pode-se observar, neste recorte, que a mãe, ao perceber que o interesse da filha por determinado objeto diminui, apresenta um outro rapidamente, de modo a garantir a manutenção da atenção aos brinquedos. A diretividade e intrusividade maternas são expressas tanto pelo ritmo acelerado que a mesma imprime às trocas como pelas mudanças constantes de objeto (*chocalho-corneta - bola de borracha - chocalho-corneta - chocalho redondo*) que, algumas vezes, quebram a continuidade do brincar.

É interessante constatar que quando M. L. pega um objeto, a mãe não o solta, conforme pode ser observado no exemplo. Tal estratégia materna parece provocar a extensão da troca, ocorrendo inúmeras vezes ao longo dos registros. O bebê responde favoravelmente a este tipo de intervenção durante quase todo o período analisado, demonstrando certa oposição, entretanto, nos registros referentes aos últimos meses.

Nesta mesma sessão, há um outro recorte digno de nota:

Exemplo 2 - Registro 3 – 18 semanas - MOB

*A mãe pega o chocalho em forma de corneta e mostra a M. L.*

*M. L. olha para o mesmo.*

*A mãe coloca os dedos de M. L. em volta do objeto enquanto continua a segurá-lo havendo uma posse conjunta do mesmo.*

*A mãe balança o objeto produzindo som e o bebê mantém o olhar.*

*A mãe retira a mão do mesmo e o bebê continua a segurá-lo, levando-o à boca.*

*A mãe observa e, em seguida, retira o chocalho da mão de M.L.*

*Ela não expressa oposição.*

*A mãe novamente coloca os dedos da filha em volta do chocalho, balança o brinquedo e o solta.*

*M. L não consegue manter a posse do objeto e este cai de suas mãos.*

*A mãe pega-o novamente e, uma vez mais, tenta dá-lo a M.L., mas esta não demonstra interesse, mantendo o olhar voltado para suas próprias mãos.*

*A mãe desiste.*

A troca é iniciada pela mãe. Observa-se que esta, repetidamente, coloca o brinquedo na mão do bebê e manipula os dedos deste para que o segure, o que acontece. É possível constatar que, através destas ações, a mãe tenta compensar a imaturidade psicomotora da filha, que demonstra dificuldade no manuseio dos brinquedos. M. L. responde favoravelmente às ações da mãe, não se opondo quando a mãe coloca ou retira o objeto de suas mãos. Após algum tempo, entretanto, volta a sua atenção para as próprias mãos, encerrando a troca.

A diretividade/intrusividade também pode ser observada nos trechos que seguem, transcritos do registro referente à 38ª semana de vida do bebê.

Exemplo 3 - Registro 23 – 38 semanas - MOB

*A filha acha-se entretida com o móbile musical enquanto a mãe olha para a mesma.*

*A mãe retira o móbile da mão de M. L e o apresenta novamente à filha.*

*A filha segue o objeto com o olhar e estira os braços para alcançá-lo.*

*A mãe aproxima-o e o afasta.*

*O bebê olha e tenta pegá-lo.*

*A mãe o afasta.*

*A mãe dá corda no brinquedo e este toca uma música. Ela o coloca no chão, próximo à filha.*

*M. L olha com atenção e pega no mesmo.*

*A mãe pega uma boneca, olha, coloca-a novamente no chão e volta a pegar o móbile com o qual a filha acha-se entretida.*

*A mãe afasta o móbile da filha encerrando a troca.*

Nesta sessão, M.L já demonstra um adequado domínio quanto ao manuseio dos objetos. A mãe inicia a troca retirando o objeto com o qual a filha brinca para apresentá-lo novamente, interrompendo o brincar solitário da mesma, a filha não se opõe. As estratégias para manutenção da troca persistem, há momentos em que a mãe oferece o objeto e o retira seguidamente, sem que o bebê possa pegá-lo. Ao final, a mãe pega o móbile com o qual a filha brinca e o afasta da mesma, quebrando a continuidade do brincar. O bebê não expressa qualquer oposição.

Ainda nesta sessão:

Exemplo 4 - Registro 23 – 38 semanas - MOB

*O bebê está sentado no colo da mãe.*

*A mãe segura em uma das mãos um boneco de borracha, mediador da troca anterior.*

*O bebê olha para o boneco.*

*A mãe pega um chocalho na prateleira.*

*Coloca o chocalho próximo ao boneco de modo a chamar a atenção do bebê.*

*O bebê olha para o chocalho.*

*A mãe solta o boneco de borracha.*

*Ela movimentava o chocalho e o bebê segue com o olhar.*

*O bebê tenta pegá-lo.*

*A mãe o afasta.*

*Quando a mãe aproxima o chocalho, o bebê o pega, havendo uma posse conjunta do objeto.*

*A mãe balança o chocalho e logo depois o afasta da filha.*

*M. L segue com o olhar.*

*A mãe afasta e aproxima o objeto.*

*O bebê distrai-se e a mãe logo aproxima o chocalho.*

*O bebê o segura, , mas a mãe não solta, havendo uma posse conjunta do mesmo.*

*A mãe solta o chocalho por breves instantes, permanecendo o mesmo com o bebê.*

*A mãe retira o chocalho da mão do bebê e o apresenta novamente.*

*O bebê tenta pegá-lo.*

*A mãe deixa, mas não o solta e logo afasta o brinquedo do bebê.*

*M. L volta a sua atenção para os sapatos, encerrando a troca.*

Neste trecho as estratégias para manutenção da troca persistem. A mãe aproxima um objeto que quer introduzir na troca de um outro em relação ao qual o bebê já demonstra atenção, retirando em seguida o primeiro (estratégia utilizada outras vezes durante os registros). Aproxima e afasta os objetos da filha. Quando esta pega o objeto, a mãe continua a segurá-lo, havendo uma posse conjunta por algum tempo e não se concretizando o dar e pegar de imediato. Nesta sessão, o bebê já demonstra uma maior habilidade motora, quando comparado ao primeiro exemplo, ainda assim, a mãe continua a manter a posse conjunta, estendendo a troca, ainda que a motricidade do bebê não mais o exija.

Nos exemplos transcritos constata-se que as trocas são comumente iniciadas pela mãe. Observa-se que longas extensões da comunicação mãe-objeto-bebê são conseguidas através das estratégias maternas para manutenção da atenção da filha. A díade está em constante atividade e o ritmo das trocas é acelerado. A mãe lança mão de inúmeros mediadores externos, trocando os objetos de modo a manter a atenção da filha. O bebê mostra-se bastante responsivo.

A mãe assume uma postura intrusiva nas trocas. Algumas vezes, a criança está concentrada na manipulação de um objeto e ela oferece um outro, provocando uma descontinuidade no brincar. Outras vezes, estimula o dar e pegar, colocando o brinquedo na mão da filha. M. L responde favoravelmente às intromissões maternas, não se opondo às mudanças do objeto.

A diretividade materna, embora caracterize-se por uma certa intrusividade em alguns momentos (a mãe antecipa-se à filha, fazendo escolhas por ela, conforme pode ser observado nos registros transcritos), refletindo uma necessidade da mãe em estimular continuamente a criança e provocando uma descontinuidade no brincar da mesma, parece ter uma função a cumprir no sistema. Verifica-se que o bebê não se opõe, adaptando-se à orientação materna. Nos primeiros meses registrados, as atitudes maternas parecem vir a preencher uma lacuna, de modo que a hipotonia e a imaturidade psicomotora apresentadas pela filha não se constituam num obstáculo à comunicação (ver exemplo 2). Com o transcorrer das sessões, entretanto, o bebê passa a apresentar um maior domínio sobre os objetos, mas, ainda assim, a diretividade persiste e o bebê continua a mostrar-se responsivo em relação à tal padrão materno.

A relação entre a diretividade materna e a responsividade do bebê provoca trocas caracterizadas como extensão, de longa duração, permitindo à díade empreender negociações mútuas e criar novas possibilidades de comunicação. O predomínio de tais trocas por um longo período nesta díade reflete uma necessidade que emerge do sistema.

## **b) Adaptação mútua**

Verifica-se que, apesar da diretividade e até mesmo intrusividade demonstradas pela mãe, o funcionamento do sistema reflete, dos três aos dez meses de vida do bebê, uma adaptação mútua entre mãe e filha no tocante ao processo comunicativo, ou seja, de uma maneira geral, as ações maternas nesse período parecem responder às necessidades da filha, potencializando a habilidade comunicativa desta, conforme pode ser constatado nos exemplos que seguem, referentes a episódios de comunicação face-a-face e mãe-objeto-bebê.

### Exemplo 5 - Tape 8 – 23 semanas – F-F

*A mãe, sentada no chão, amamenta a filha.*

*M. L interrompe a amamentação e volta o olhar de encontro ao olhar materno, balbucia, mexe os braços e aperta os olhos numa expressão de sorriso.*

*A mãe fala com M. L. utilizando o típico “manhês”, balança a cabeça e estala os lábios, olhando fixamente em direção ao olhar da filha.*

*A filha olha com atenção, troca turnos com a mãe, parecendo, por vezes, querer imitá-la.*

*A mãe embala a filha cantando:*

*- Ah, ah, ah, ah, ah...*

*Quando pára, a filha vocaliza em resposta.*

*A mãe diz:*

*- Mamãe, chama mamãe... Chama mamãe.*

*M. L olha, sorri e balbucia.*

*A mãe repete, pausadamente:*

*- Ma-mãe, ma-mãe.*

*E M. L novamente balbucia.*

*A mãe pergunta:*

*- Cadê mamãe?*

*M. L. sorri.*

*A mãe estala os lábios e M. L a imita e sorri..*

Neste episódio a sintonia entre a díade é clara. A troca é marcada pelo ritmo e pela entonação da verbalização materna e pelos sorrisos e vocalizações da filha. A co-regulação das ações entre os parceiros traduz um conhecimento compartilhado.

A adaptação mútua está também presente em episódios da comunicação mediada por objeto, conforme pode ser exemplificado no trecho que segue:

#### Exemplo 6 Tape 13 – 28 semanas - MOB

*A mãe senta a filha no colo e mostra-lhe uma boneca.*

*M. L olha com atenção.*

*A mãe interroga:*

*- É linda, é?*

*E a movimenta para um lado e para o outro enquanto canta baixinho.*

*M. L acompanha o movimento com o olhar.*

*A mãe pára de movimentar a boneca e a segura ao alcance da filha.*

*M. L. explora a boneca com as mãos.*

*A mãe pega o chocalho redondo e mostra à filha, balançando-o para que emita som, de modo a chamar a atenção da mesma.*

*M. L volta o olhar para o chocalho e o observa atentamente, enquanto a mãe o roda com rapidez, próximo ao rosto da filha.*

*Quando J. D. pára de rodar o chocalho, coloca-o ao alcance da filha que o toca com as mãos.*

*M. L logo choraminga e a mãe volta a mostrar a boneca, movimentando-a para chamar a atenção da filha.*

*M. L olha, mas não se detém por muito tempo.*

*A mãe pega o móbile musical, traz para perto da filha e o coloca para tocar.*

*M. L. observa com atenção e toca-o com as mãos.*

*A mãe balança o corpo com a filha ao colo, ao ritmo do som do móbile.*

*A díade observa o móbile enquanto o bebê o explora por alguns instantes.*

*A mãe, então, coloca o móbile no chão.*

*A mãe posiciona a filha de bruços sobre a almofada com alguns brinquedos ao seu alcance.*

*M. L olha para os brinquedos.*

*A mãe pega a boneca e mostra à filha que olha para a mesma.*

*A mãe busca um contato de olhar e a troca é interrompida por uma extensão da comunicação face-a-face.*

Nas trocas mediadas por objeto, a exemplo do que ocorre no trecho acima descrito, há comumente uma maior diretividade materna. Neste recorte, a mãe apresenta brinquedos à filha, troca-os, movimenta-os e faz ajustes na posição da mesma. O bebê por sua vez, mostra-se disponível à interação, demonstrando grande interesse nos objetos que a mãe lhe apresenta, e respondendo, de uma maneira geral, favoravelmente às ações maternas.

A adaptação mútua pode ser observada desde os primeiros registros, prevalecendo durante quase todo o primeiro ano de vida do bebê. Ao final do primeiro ano, entretanto, verifica-se uma mudança importante no funcionamento do sistema nesta díade.

### **c) Engajamento em trocas comunicativas *versus* busca de autonomia**

Apesar da adaptação mútua prevalecer, há, nos últimos meses, indícios de mudança, traduzida pelo conflito entre a díade no tocante à autonomia do bebê. Ocorrem momentos em que M. L. interrompe a comunicação, entretendo-se sozinha com o objeto. Em tais ocasiões, a mãe revela incômodo e, na maioria das vezes, tenta engajar a filha numa troca comunicativa, mostrando-se intrusiva. Algumas vezes, enquanto a filha distrai-se sozinha, a mãe ameaça, em tom de brincadeira, ir embora, pelo fato de M. L. “não precisar dela”. Os exemplos abaixo refletem o conflito vivenciado pela díade nos últimos meses registrados, que pode ser observado tanto nas trocas face-a-face como naquelas mediadas por objeto.

#### Exemplo 7 - Registro 33 – 48 semanas – F-F

*M. L está sentada na cadeira apoiada numa almofada e a mãe agachada no chão, ao seu lado.*

*M. L observa o ambiente circundante com expressão de riso.*

*A mãe segura a mão da filha e bate contra a sua, tentando chamar-lhe a atenção.*

*M. L. olha, mas rapidamente retira o olhar voltando-se novamente para o ambiente.*

*A mãe então faz cócegas na filha.*

*M. L não olha.*

*A mãe pega a mão da filha, mexe em seus dedos e diz:*

*- Dedo mindinho, seu vizinho...*

*M. L. olha e há um engajamento da díade em abreviações da comunicação face-a-face.*

*Quando M. L retira o olhar, a mãe tenta chamar-lhe a atenção, chegando a cantar para a mesma. M. L. não olha.*

*A mãe começa a ninar a filha, dizendo:*

*- M. L vai dormir!*

*M. L olha para traz e para o lado, mas não para a mãe.*

*A mãe diz:*

*- Tchou, tchau, mainha já vai!*

*M. L. olha, engajando-se numa nova abreviação face-a-face e voltando-se, uma vez mais, para o ambiente.*

Verifica-se, neste exemplo, que a mãe busca ansiosamente o engajamento da filha numa troca face-a-face e utiliza várias estratégias para consegui-lo (*segura a mão da filha, faz cócegas, nina, ameaça ir embora, etc.*). M. L. demonstra maior interesse em observar o ambiente, mas volta o olhar algumas vezes, rapidamente, de encontro ao rosto materno, havendo algumas abreviações, que parecem corresponder à necessidade do bebê nesse momento. A mãe, entretanto, parece incomodada com “falta de atenção” da filha para si e diante da ineficácia das estratégias empreendidas no intuito de chamar a atenção da mesma, ameaça ir embora. Seu comportamento revela uma preocupação quanto a ser “necessária” na relação. As atitudes de busca de autonomia por parte de M. L. (*insiste na observação do ambiente enquanto a mãe busca chamar-lhe a atenção*) são associadas pela mãe à crença da filha não mais precisar dela, o que a perturba.

Num outro momento desta sessão, podemos verificar que o conflito entre a díade, acima expresso reflete-se também na comunicação mãe-objeto-bebê:

Exemplo 8 - Registro 33 – 48 semanas - MOB

*M. L distrai-se sozinha com uma boneca e a mãe apresenta o móbile, passando a mão da filha sobre o desenho em relevo e dizendo:*

*- Olha o peixinho!*

*M. L continua a olhar para a boneca, mas após alguns instantes volta o olhar para o móbile.*

*A díade engaja-se numa extensão mediada pelo móbile.*

*Há um momento em que o bebê volta a atenção para um chocalho que está sobre o tapete e encerra a extensão.*

*A mãe insiste em chamar a atenção da filha para o móbile, colocando-o no ouvido da mesma para que escute o som.*

*M. L continua a brincar sozinha e pega o anãozinho de borracha, mordendo-o.*

*A mãe deixa o móbile e pega as mãos da filha, tentando bater palmas com as mesmas.*

*M. L. não olha para a mãe, continuando a entreter-se com o anãozinho.*

*A mãe tenta engajar-se no brincar com o anão, sem sucesso.*

*A mãe observa um pouco o brincar da filha e, então, a deita em seu colo, retira o anãozinho e oferece o peito, tendo início a amamentação.*

Uma vez mais há falhas na mutualidade mãe-bebê. A mãe demonstra dificuldade em aceitar o brincar solitário da filha e, intrusivamente, busca o engajamento desta numa troca. Como as estratégias utilizadas pela mãe não surtem o efeito desejado, esta interrompe o brincar solitário da filha para dar-lhe de mamar, ainda que esta não tenha emitido sinais observáveis de necessidade do alimento naquele momento.

Um outro exemplo, extraído do último registro, evidencia, uma vez mais, o incômodo da mãe no tocante ao movimento do bebê em busca de autonomia:

Exemplo 9 - Registro 38 – 53 semanas - MOB

*M. L. está sentada sobre o tapete e a mãe busca o engajamento da mesma em trocas MOB, com diferentes mediadores.*

*Há uma abreviação da comunicação mediada por um objeto. A mãe coloca uma boneca sobre o tapete e M. L. rapidamente a pega.*

*A mãe tenta estender a troca, pegando a boneca e mostrando-a a filha.*

*M. L. logo se distrai e volta o olhar para o móbile musical que está sobre o tapete*

*M. L. pega o móbile sozinha e distrai-se com o mesmo.*

*A mãe, mais uma vez, tenta engajar-se na troca, pegando o móbile e retirando da mão da filha para apresentá-lo novamente.*

*M. L não demonstra interesse.*

*M. L. olha para o anãozinho de borracha que está sobre o tapete*

*A mãe o pega e dá à filha, efetuando-se uma abreviação MOB*

*Ao pegá-lo, M. L vira-se de costas para a mãe e começa a brincar sozinha com o objeto.*

*A mãe pega o móbile musical e o coloca no ouvido da filha que, de costas, o afasta com uma das mãos.*

*A mãe insiste.*

*M. L. se vira, olha para a mãe (abreviação F-F) e volta-se novamente de costas.*

*A mãe insiste na apresentação do móbile e como a filha permanece de costas, entretida com o anãozinho, a mãe vira-a, de modo que fique de frente para ela.*

*A mãe dá um chocalho à filha e esta pega. A mãe tenta estender a troca balançando o chocalho e associando-o a uma boneca.*

*M. L não se interessa e pega o anãozinho que está sobre o tapete, virando-se novamente de costas para a mãe.*

*A mãe diz:*

*- L. dá as costas!*

*O tom de voz denota contrariedade. A mãe pega a filha e levanta-a do tapete.*

Observa-se que M. L. começa a demonstrar de forma mais clara o seu desejo de entreter-se sozinha com o brinquedo e a diretividade/intrusividade maternas parecem incomodá-la. A mãe continua a utilizar as mesmas estratégias para manter a atenção da filha (retira um objeto para apresentá-lo novamente, associa um novo brinquedo ao que a filha

*demonstra interesse, mantém por vezes a posse conjunta do objeto quando a filha o pega*), mas estas já não surtem o mesmo efeito. O “virar as costas” expressa, ao que parece, o seu desejo de “espaço” próprio. A mãe não aceita, e, a exemplo dos recortes anteriormente descritos, busca com insistência a atenção da filha e, como não consegue, interrompe o brincar solitário desta.

Verifica-se, através dos exemplos transcritos, uma necessidade da mãe em estar continuamente em interação com a filha, estimulando-a através do olhar, da voz, do movimento. Neste momento da evolução do sistema, entretanto, M. L. dá alguns sinais de busca de autonomia que parecem não ser apreendidos pela mãe, havendo falhas na mutualidade mãe-bebê. A busca de autonomia, traduzida pela necessidade do brincar solitário e pela busca de um “espaço” próprio quando o bebê vira-se de costas, é interpretada pela mãe como abandono, o que provoca incômodo, levando-a a reagir intrusivamente. A intrusividade materna (adaptativa em momentos anteriores da evolução do sistema) encontra agora uma reação de oposição por parte da filha. M.L. mostra-se mais disponível a trocas abreviadas, tanto F-F como MOB. A mãe, entretanto, não apreende a necessidade da filha, havendo um conflito que parece prejudicar a evolução do sistema.

## 4.2 RESULTADOS REFERENTES À DÍADE B (16<sup>a</sup> A 53<sup>a</sup> SEMANAS)

### 4.2.1 Conhecendo a Díade B

A mãe, J. S., 23 anos, estava casada há um ano quando engravidou. Embora o casal não houvesse planejado, a notícia foi bem recebida, pois desejavam ter um filho.

O pai cursou o Ensino Fundamental e trabalha na construção civil. Na época do nascimento do filho estava desempregado, porém, conseguiu empregar-se quando o bebê estava com um mês de idade.

J. S. concluiu o Ensino Médio e é funcionária de uma loja de confecções, onde exerce as funções de Atendente e, por vezes, de Caixa. O casal mora numa pequena casa construída no terreno da residência da família materna. A família é católica. O pai é coordenador do grupo de jovens da Paróquia onde residem.

Quando a mãe estava no 3º mês de gestação, a família foi vítima de um assalto em sua residência. Em decorrência do susto, J. S passou a apresentar dores abdominais, contrações e ameaças de aborto. A mãe relata, ainda, que no 5ª mês gestacional apareceram uns “carocinhos vermelhos” nas pernas que coçavam bastante, mas não houve diagnóstico em relação a tal sintoma.

P. H. (bebê com Síndrome de Down, sexo masculino) nasceu prematuramente. Faltavam alguns dias para completar oito meses de gestação (33 semanas de gestação, conforme dado em prontuário)<sup>7</sup> quando, após um dia inteiro de intenso trabalho doméstico, limpando sua casa e a da mãe, começou a sentir dores (SIC). No dia seguinte, J.S. foi para o trabalho, mas, como as contrações continuaram, foi levada a um Hospital, de onde foi encaminhada à Maternidade Escola do município. Nesta Instituição, foi constatado, através de exames, o início do trabalho de parto, sendo então a mãe encaminhada a uma outra Maternidade, em função da falta de vaga. Ao chegar a esta última, após verificação de que o bebê estava envolto no cordão umbilical e sentado, foi realizada uma cesariana, em caráter de urgência.

---

<sup>7</sup> Com relação à idade gestacional, o nascimento pode ser classificado em: nascimento pré-termo (até a 37ª semana de gestação); nascimento a termo (entre a 38ª e 42ª semanas de gestação) e nascimento pós-termo (após a 42ª semana de gestação) (LUBCHENCO, 1984).

P.H. nasceu com 2.150 Kg<sup>8</sup> e 41cm. O perímetro cefálico media 32 cm, estando dentro dos parâmetros considerados normais. A mãe relata que ele nasceu “roxinho” (cianótico) e logo chorou. O Apgar foi 7/8 (ver nota de rodapé, p.122). Como a mãe apresentou uma forte reação à anestesia (frio e tremores), apenas no dia seguinte tentou amamentá-lo, ficando o mesmo, neste intervalo de tempo, no berçário, tomando soro. Durante a internação, a mãe desconfiou, pelas atitudes dos profissionais que a atendiam, que havia algo diferente com seu filho, mas nada lhe foi dito nos dois primeiros dias de vida do bebê.

Transcorridos três dias do parto, a mãe e o bebê tiveram alta. Antes de deixar a Maternidade, entretanto, a enfermeira do Hospital informou à mãe que seu filho tinha Síndrome de Down. Segundo J.S., a profissional ficou impressionada com sua reação, pois, no momento da notícia, ela não chorou, “não houve desespero” (SIC). A mãe refere a ocorrência de outros casos de Síndrome na família e acrescenta que foi criada e convive até hoje com uma tia, de sua mesma faixa etária, portadora da Síndrome de Down. Trata-se, segundo seu relato, de uma pessoa amável, da qual todos gostam e que demonstra razoável capacidade de compreensão. Sendo assim, a notícia foi recebida, naquele momento, com certa tranquilidade (SIC). Ao chegar em casa, entretanto, J.S. teve crises de choro, sendo consolada pela família, com palavras de incentivo.

A alimentação, inicialmente, foi complicada, pois o bebê tinha dificuldade em sugar o seio materno. P.H. recebeu o leite materno em mamadeira a partir do segundo dia de vida, mas, apesar da dificuldade inicial, a mãe insistiu e conseguiu, com a orientação da Fisioterapeuta, amamentar ao seio a partir do segundo mês de vida. Por recomendação médica, o bebê também tomava leite em pó, como complemento da alimentação. Quando a mãe voltou ao trabalho, a amamentação passou a ser realizada com menor frequência, continuando, porém, até os seis meses de idade.

---

<sup>8</sup> O recém-nascido, em relação à variável peso de nascimento, pode ser classificado: recém-nascido muito baixo peso (< 1.500g); recém nascido baixo peso (< 2.500g) e recém-nascido com peso acima de 2.500g (LUBCHENCO, 1984).

No segundo mês de vida, o Pediatra informou que P.H. apresentava “sopro cardíaco” e, provavelmente, precisaria submeter-se a uma cirurgia antes dos seis meses de idade. Foi solicitado um Ecocardiograma, mas este revelou um quadro leve, não sendo necessária a cirurgia naquele momento. Houve orientação para que o exame fosse realizado periodicamente, para avaliação da evolução do caso.

A criança foi encaminhada ao CRI aos dois meses de idade, onde passou a fazer acompanhamento fisioterápico semanal. Na avaliação inicial, realizada pela Fisioterapeuta, consta que o bebê apresentava tônus muscular hipotônico e membros superiores e inferiores em postura abduzida, porém com movimentos de flexão e extensão; abdômen globoso, fenda palpebral oblíqua, ponte nasal baixa e prega simiesca bilateral, características comumente presentes na Síndrome de Down. Na ocasião, P.H foi encaminhado para verificação do Cariótipo, o qual confirmou o diagnóstico da Síndrome.

Além das características apontadas na avaliação fisioterápica, constatou-se ainda, no tocante a alterações oftalmológicas, a presença de Estrabismo.

Quando o bebê estava com 5 meses de idade, J. S voltou a trabalhar, ficando o mesmo, na ausência da mãe, aos cuidados da avó materna. Entretanto, os horários de trabalho da mãe foram ajustados de modo a permitir que a mesma continuasse a levar o filho semanalmente ao CRI.

Quando P. H. completou um ano de idade, o atraso no desenvolvimento de alguns componentes do controle motor era evidente. Embora tenha sido constatado um avanço no controle cervical, na coordenação dos movimentos e na capacidade de preensão dos objetos, algumas aquisições, como a habilidade de sentar-se sozinho, por exemplo, ainda não haviam sido desenvolvidas satisfatoriamente.

No decorrer do período em que foram efetuados os registros, o bebê apresentou alguns problemas de saúde. Além do diagnóstico do “sopro cardíaco”, já referido, foram freqüentes quadros de gripe com dificuldades respiratórias.

A mãe de P. H, a exemplo do que ocorreu com a mãe de M. L, também demonstrou disponibilidade durante a realização da pesquisa. Neste caso, porém, uma maior fragilidade no tocante às condições de saúde do bebê levou à ocorrência de algumas faltas durante o período de filmagem (quatro faltas). Encerrados os registros, a mãe fez uma avaliação positiva da experiência, destacando, a exemplo de J. D., a importância de um “espaço” de escuta destinado à mãe neste período inicial de desenvolvimento do bebê.

#### **4.2.2 Modelo EEA: Evolução dos Padrões de Auto-Organização**

A relação entre os percentuais de estabelecimento, extensão e abreviação, para as comunicações face-a-face e mãe-objeto-bebê, separadamente, em cada semana analisada, pode ser ilustrada a partir da observação dos gráficos que seguem (os Gráficos foram construídos a partir dos dados constantes na Tabela 4 – ANEXO J e Tabela 5 – ANEXO K).

##### ***Comunicação Face-a-Face***

O índice do Teste **Cohen’s Kappa**, calculado em relação à classificação das trocas face-a-face como Estabelecimento, Extensão e Abreviação, foi de  $K = .817$  ( $p < .001$ ), o que indica um ótimo acordo entre o primeiro e segundo Observador no tocante à identificação de tais períodos de quase-estabilidade.

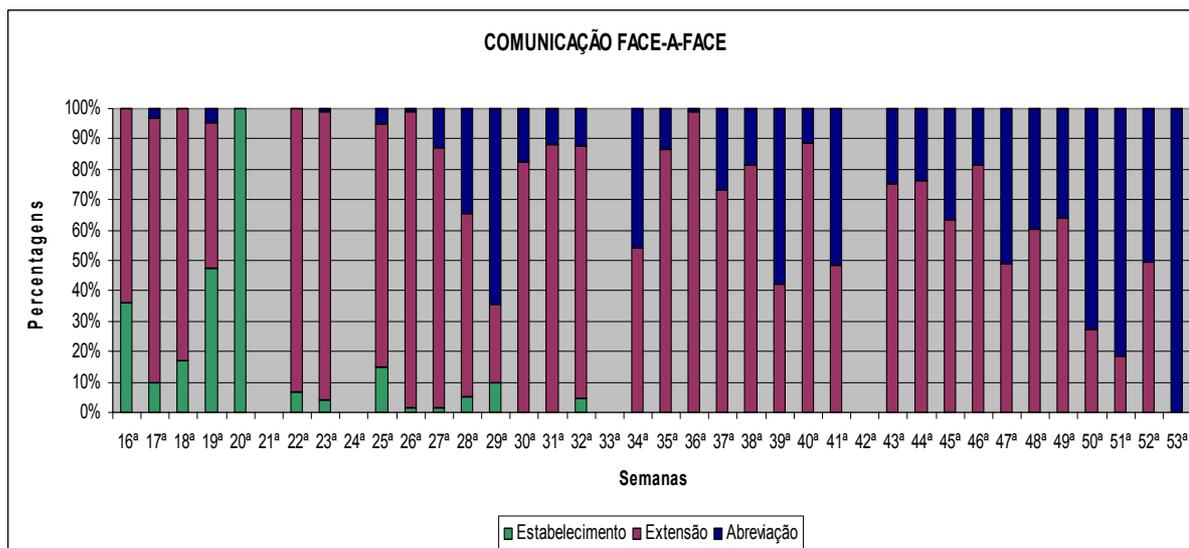


Gráfico 4. Díade B - Relação entre os percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação face-a-face, em cada registro, da 16ª a 53ª semana de vida do bebê.

Trocas face-a-face caracterizadas como estabelecimento estão presentes durante os primeiros registros. O percentual deste tipo de troca evolui de forma irregular, com avanços e recuos, até a total extinção, por volta da 34ª semana.

Há um predomínio da extensão na maior parte dos registros até a 49ª semana (com exceção da 20ª, 29ª, 39ª, 41ª e 47ª semanas).

Pode-se constatar uma tendência ao aumento no tempo despendido em trocas caracterizadas como abreviação ao longo do período analisado. Inicialmente, este aumento não apresenta uma regularidade, o que confere uma instabilidade ao sistema, porém, a partir da 50ª semana (11 meses), verifica-se o predomínio da abreviação em três registros consecutivos (50ª, 51ª e 52ª semanas), com predomínio absoluto no registro seguinte (53ª semana).

A comparação dos percentuais de tempo despendido em trocas face-a-face e mãe-objeto-bebê revelam que a díade B despende a maior parte do tempo em trocas **face-a-face**, conforme é possível observar no gráfico abaixo, construído a partir dos dados constantes na

Tabela 6 (ANEXO L). Este sistema caracteriza-se por um grande envolvimento da díade neste tipo de troca, padrão que somente começa a reverter-se a partir da 49ª semana.

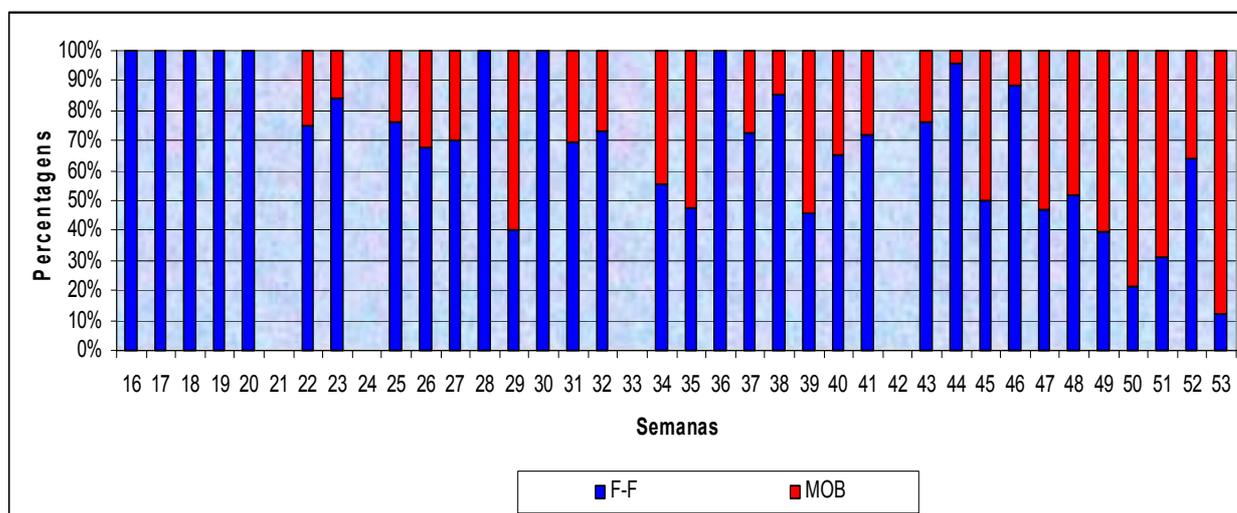


Gráfico 5. Díade B Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas comunicativas, considerando a comunicação face-a-face e mãe-objeto-bebê separadamente em cada semana analisada

### *Comunicação Mãe-Objeto-Bebê*

O índice do Teste **Cohen's Kappa**, calculado em relação à classificação das trocas mãe-objeto-bebê como Estabelecimento, Extensão e Abreviação, foi de  $K = .691$  ( $p < .001$ ), o que indica um bom acordo entre o primeiro e segundo observador no tocante à identificação de tais períodos de quase-estabilidade.

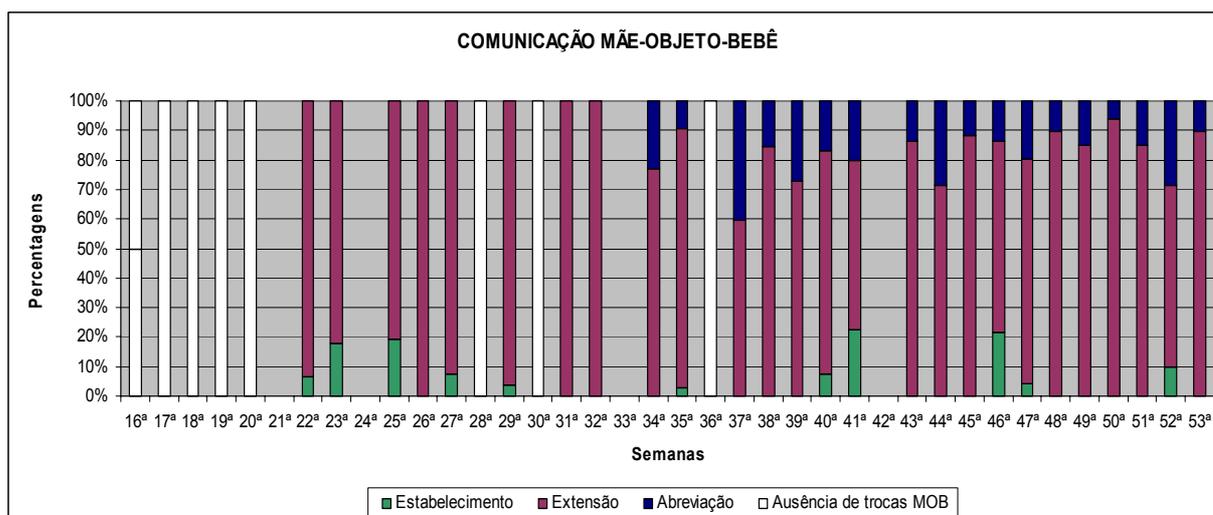


Gráfico 6. Díade B - Relação entre os percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação mãe-objeto-bebê, em cada registro, da 16ª a 53ª semana de vida do bebê.

Não ocorrem trocas mediadas por objeto da 16ª a 20ª semana, estando a díade, nesse período, engajada apenas em trocas face-a-face. A partir da 22ª semana (4 meses), tem início a comunicação mãe-objeto-bebê. Também não há trocas mediadas por objeto na 28ª, 30ª e 36ª semanas, estando a díade, uma vez mais, engajada em trocas face-a-face (ver Gráfico 5).

Os momentos de estabelecimento das trocas MOB são reduzidos ao longo do período analisado, provavelmente em função da idade do bebê. Há, porém, aumentos pontuais desses momentos, que conferem uma instabilidade ao sistema.

No período da 22ª a 53ª semana há um predomínio do tempo despendido em trocas caracterizadas como extensão (com exceção da 28ª, 30ª e 36ª semanas, nas quais, conforme já exposto, não há trocas MOB).

As trocas abreviadas começam a acontecer a partir da 34ª semana, mantendo-se em níveis relativamente baixos (o maior aumento ocorre na 37ª semana – 40.40%, nas demais semanas o índice não passa de 30%).

### 4.2.3 Compreensão do Funcionamento do Sistema de Comunicação Mãe-Bebê na Díade B, a partir do Modelo EEA

A exemplo da díade A, a microanálise dos vídeos com base no modelo EEA, associada aos dados das entrevistas e folhas de resumo, permitem compreender o funcionamento do sistema de comunicação entre a mãe e o bebê na díade B, possibilitando apreender tanto a evolução dos padrões de funcionamento desse sistema como a singularidade e criatividade da construção comunicativa particular nessa díade (LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; WINEGAR, 1997).

#### 4.2.3.1 Análise da Evolução dos Padrões de Auto-Organização na Díade B

A díade B caracteriza-se por um nível mais reduzido de ações entre os parceiros quando comparado à díade A. A mãe mostra-se extremamente tranqüila durante os registros, o que se traduz em movimentos lentos e numa verbalização suave, em tom baixo, com uso constante do “*manhês*” ao longo das sessões, sendo a voz materna um importante mediador nas trocas. O bebê, embora nos primeiros registros mostre-se muitas vezes sonolento ou absorto na observação do ambiente circundante ou das próprias mãos, apresenta-se, progressivamente, mais responsivo à estimulação materna.

A díade permanece um longo período (até o final do 4º mês de vida do bebê) envolvida em trocas **face-a-face**, sem a introdução do objeto. Tal fato pode estar relacionado à imaturidade do bebê que necessita e elicia na mãe este tipo de troca, de natureza mais afetiva, por um período mais extenso.

Desde as primeiras sessões, mãe e bebê engajam-se em vários momentos de **extensão** da comunicação face-a-face. O bebê consegue manter o olhar voltado para o rosto materno por períodos extensos, embora permaneça, nos primeiros registros, um tanto apático, com poucos sorrisos e algumas vocalizações. Gradativamente, a participação do bebê nessas trocas aumenta. As extensões são caracterizadas por sorrisos de ambos os parceiros e pela constante verbalização materna, tendo a voz uma participação importante na comunicação entre a díade. Há momentos em que o bebê parece escutar atentamente enquanto a mãe fala com ele, mostrando-se pouco ativo, em outros, parece querer imitá-la e vocaliza bastante. Algumas vezes, a mãe tenta introduzir um objeto enquanto o filho insiste no contato de olhar.

Episódios de **abreviação** das trocas face-a-face, que começam a ocorrer no segundo registro, mantêm-se em níveis baixos até o final do quinto mês de vida do bebê. No início do sexto mês, a díade começa a envolver-se mais neste tipo de troca, alternando momentos de extensão e abreviação, até que, ao final do primeiro ano, as trocas abreviadas passam a predominar na comunicação face-a-face.

Os episódios de abreviação da comunicação face-a-face incluem, além do olhar, sorrisos e vocalizações por parte do bebê. O fato de P. H ser estrábico não parece interferir na evolução rumo à abreviação, verificando-se ajustes mútuos que facilitam o contato de olhar entre a díade.

No tocante à comunicação **mãe-objeto-bebê**, destaca-se o fato de tais trocas somente começarem a ocorrer entre a díade ao final do quarto mês de vida do bebê. Nos primeiros registros, em alguns momentos, a mãe apresenta brinquedos ao filho, mas este não demonstra interesse e a mãe não insiste. Gradativamente, esta começa a introduzir o brinquedo como mediador nas trocas. Até o bebê completar dez meses, a mãe detém-se na apresentação de um número reduzido de objetos, embora esteja disponível uma ampla gama de brinquedos na sala. A partir de então, verifica-se a ampliação no uso dos brinquedos nas trocas, sendo possível

constatar uma mudança significativa na comunicação entre a díade. O bebê mostra-se mais ativo e há um maior envolvimento dos parceiros em trocas mediadas por objeto.

É possível observar um papel um pouco mais ativo da mãe durante a comunicação MOB em relação às trocas face-a-face, bem como uma postura mais diretiva e, em alguns momentos, até mesmo intrusiva neste tipo de troca comunicativa.

A predominância da **extensão** em todos os registros em que ocorrem trocas MOB revela-se significativa. Trata-se de um tipo de troca que exige um maior envolvimento dos parceiros, estando estes voltados um para o outro, na construção de um conhecimento compartilhado. O funcionamento do sistema revela, no tocante às trocas MOB, a necessidade de um período de tempo mais prolongado de investimento da díade em trocas caracterizadas como extensão.

Há momentos de extensão das trocas MOB em que o bebê fixa o objeto com o olhar, segue-o em sua trajetória, tenta segurá-lo e explora-o, demonstrando satisfação na atividade compartilhada com a mãe. Durante esses episódios, ocorrem, por vezes, trocas rápidas de olhar entre a díade (<5”).

No tocante à abreviação, observa-se um progressivo domínio do bebê no dar e pegar. Inicialmente, ele demonstra pouca habilidade em pegar os objetos e a mãe utiliza estratégias para auxiliar o filho nessa tarefa. Ao final do primeiro ano, este revela maior facilidade na troca de objetos com a mãe, passando também a pegar, por iniciativa própria, objetos que estão no chão. Ainda assim, continua a haver um maior envolvimento da díade em trocas caracterizadas como extensão, que predominam até o final dos registros.

Nota-se que, apesar do bebê mostrar-se mais ativo com o transcorrer das semanas, continuam a ocorrer momentos em que o mesmo apresenta-se apático, disperso, com olhar vago, sem fixar-se em algo específico, não respondendo às solicitações da mãe que busca um

engajamento do mesmo em trocas mediadas por objeto, ocorrendo em tais circunstâncias, um ligeiro aumento no percentual do estabelecimento.

O sistema desenvolve-se de forma lenta, mas há uma sincronia entre a díade quanto a este aspecto. A mãe mostra-se sensível em relação às dificuldades e potencialidades do bebê e este responsivo às intervenções maternas.

#### ***4.2.3.2 Características do Sistema Evidenciadas a partir do Modelo EEA***

Alguns exemplos, transcritos a seguir, auxiliam na compreensão do funcionamento do sistema de comunicação mãe-bebê na díade B, permitindo identificar algumas características do mesmo. Uma vez mais, destacam-se aspectos referidos na literatura sobre a comunicação em crianças com Síndrome de Down. As características do sistema são discutidas a partir de alguns pontos-chave que caracterizam, seqüencialmente, a evolução do sistema, a saber:

- a) Adaptação mútua;
- b) Diretividade/intrusividade maternas *versus* responsividade do bebê;
- c) Busca de autonomia *versus* suporte materno.

##### **a) Adaptação mútua**

Evidencia-se uma adaptação mútua entre a díade no processo comunicativo, desde os primeiros registros até o final do primeiro ano de vida do bebê. Há uma sintonia no ritmo dos parceiros, as ações suaves da mãe suscitam respostas igualmente suaves por parte do bebê. O nível de atividade de um adapta-se ao do outro e há uma preferência por trocas mais afetivas (face-a-face). Os exemplos que seguem ilustram tal característica do sistema:

Exemplo 1 - Registro 8 – 25 semanas - F-F

*A mãe está sentada numa cadeira com o bebê deitado sobre suas pernas.*

*O bebê mostra-se disperso.*

*A mãe levanta o filho de modo que este fique de frente para ela.*

*O bebê dirige o olhar de encontro ao rosto materno.*

*O bebê emite sons, balbuciando.*

*A mãe responde ao balbucio, falando com o filho num tom baixo e suave e num ritmo lento. A expressão facial denota satisfação.*

*O bebê mantém o contato de olhar com a mãe e continua a balbuciar.*

*A mãe aproxima o bebê de si para dar-lhe um beijo.*

*O bebê balbucia e a mãe escuta com atenção.*

*Quando o bebê para, a mãe responde, atribuindo significado ao balbucio do filho.*

*A mãe retira a mão que o bebê coloca na boca e a beija.*

*O bebê agarra o dedo da mãe.*

*A mãe continua a conversar com o filho, sorrindo.*

*O bebê sorri, em resposta à fala e sorriso maternos.*

*A mãe intercala a fala com sorrisos e beijos enquanto a díade mantém o contato de olhar.*

*Após encostar o rosto do filho no seu para beijá-lo, a mãe o coloca sobre os ombros, encerrando a troca.*

A reciprocidade mãe-filho é revelada nesta díade pela sintonia entre os parceiros. A mãe respeita o ritmo do bebê, trocando turnos com o mesmo numa velocidade que este consegue acompanhar. Parecem emergir de um acordo consensual trocas comunicativas suaves. Não há pressa. A mãe mostra-se sensível às necessidades do bebê.

No exemplo que segue, pode-se também observar a adaptação mútua entre a díade numa troca mediada por objeto:

Exemplo 2 - Registro 14 – 31 semanas - MOB

*O bebê está deitado sobre o colchão, observando as próprias mãos.*

*A mãe pega um chocalho na prateleira de brinquedos e senta-se de frente a ele.*

*A mãe apresenta o chocalho, movimentando-o devagar.*

*O bebê afasta as mãos do rosto e olha para o objeto.*

*A mãe continua a movimentá-lo no campo visual do bebê.*

*P. H observa com atenção, mantendo-se quieto.*

*A mãe desliza o chocalho na barriga do filho.*

*O bebê aproxima as mãos do objeto.*

*O bebê pega no chocalho, havendo uma posse conjunta do objeto.*

*A mãe balança o chocalho suavemente.*

*O bebê observa o objeto, trazendo-o para perto de seu rosto.*

*A diáde movimenta e observa o chocalho. A mãe segura numa ponta e o filho na outra.*

*A mãe roda a bolinha do meio do chocalho e o bebê observa.*

*P. H. solta o chocalho.*

*A mãe afasta um pouco o objeto.*

*O bebê mantém o olhar voltado para o chocalho e os braços dirigidos para frente, demonstrando querer pegar novamente o brinquedo. A coordenação motora não permite.*

*A mãe retira o objeto do campo visual do filho e há uma troca rápida de olhar entre a diáde.*

*O bebê olha novamente para o chocalho que está, agora, no colchão.*

*A mãe apresenta novamente o objeto.*

*O bebê volta os braços para frente do corpo numa tentativa de pegar no chocalho.*

*A mãe encosta o chocalho na barriga do filho e afasta o objeto.*

*A mãe coloca o chocalho ao alcance das mãos do filho que, assim, consegue pegar no mesmo.*

*Há nova posse conjunta do objeto.*

*A mãe roda a bolinha do meio do chocalho e P. H. observa com atenção.*

*P. H tenta trazer o chocalho para perto do seu rosto.*

*A mãe retira uma das mãos do filho do chocalho e ele agarra o dedo dela.*

*A diáde mantém a posse do objeto com a outra mão.*

*A mãe movimenta o chocalho e o filho observa.*

*A mãe solta o dedo do filho e este, com dificuldade, leva a mão até o chocalho, pegando-o com as duas mãos.*

*A mãe roda a bolinha do meio do chocalho e o filho observa.*

*A mãe retira o objeto das mãos do filho, encerrando a troca.*

*P. H não se opõe.*

Neste exemplo, verifica-se que a adaptação mútua também ocorre em trocas mediadas por objeto. A longa extensão é mantida através das co-regulações entre os parceiros. A imaturidade psicomotora do bebê pode ser observada pela dificuldade na coordenação dos movimentos. Observa-se que a posse conjunta do objeto é, por vezes, mantida pela mãe como forma de compensar a dificuldade do filho na apreensão e manuseio dos brinquedos.

A partir de negociações mútuas, a díade passa a utilizar a barriga do bebê como uma referência na troca comunicativa, sendo nesta direção que os braços do bebê convergem em sua precária coordenação. Quando quer tocar o objeto, P.H. volta os braços para frente, e não exatamente para o local onde o mesmo se encontra. A mãe compreende a mensagem transmitida através do movimento efetuado e leva o brinquedo até onde o bebê possa pegá-lo, utilizando a barriga do mesmo como apoio, de modo que o filho consiga segurar o objeto e manter a sua posse.

Com as estratégias descritas, a mãe consegue estender a troca, de forma que a imaturidade psicomotora do bebê não o impeça de explorar os objetos.

#### **b) Diretividade/intrusividade maternas *versus* responsividade do bebê**

Na comunicação mediada por objeto a suavidade materna cede, por vezes, lugar a uma postura um pouco mais diretiva e até intrusiva. Em alguns momentos, a mãe coloca objetos diretamente na mão do filho, mexendo nos dedos deste para que o pegue, em outros, introduz o objeto na troca enquanto o bebê insiste na comunicação face-a-face. P. H responde favoravelmente às intervenções maternas. Tais características são exemplificadas a seguir:

Exemplo 3 - Tape 12 – 29 semanas - MOB

*O bebê está deitado sobre o colchão e a mãe sentada em frente ao mesmo.*

*A mãe apresenta um chocalho, produzindo som.*

*O bebê olha para o objeto.*

*A mãe movimenta o chocalho.*

*P.H. mantém o olhar, movimenta um pouco os braços e estende-os para os lados, demonstrando precária coordenação motora.*

*A mãe pega um outro chocalho e mostra ao bebê.*

*Este olha e segue os movimentos feitos pela mãe. Os braços continuam estendidos para os lados.*

*A mãe aproxima o chocalho da barriga do filho.*

*O bebê volta os braços para frente do corpo em direção ao objeto.*

*A mãe coloca os dedos do filho em torno do chocalho e solta o objeto.*

*P. H. segura o brinquedo que fica apoiado em sua barriga.*

Observa-se que a mãe direciona as ações do filho durante a troca: apresenta objetos e o bebê olha, movimenta-os e ele os acompanha com o olhar. Oferece o objeto colocando-o sobre a barriga do filho e arrumando os seus dedos em volta do mesmo, o bebê o pega. A diretividade materna pode ser constatada, esta, porém, associada à responsividade do bebê, resulta numa adaptação mútua que favorece a evolução do sistema.

A relação entre a diretividade materna e a responsividade do bebê é também expressa no exemplo seguinte:

Exemplo 4 - Registro 17 – 35 semanas – F-F

*A mãe deita o bebê sobre o tapete e, enquanto o faz, há um contato de olhar entre a díade.*

*A mãe pega um chocalho de feltro e mostra-o ao bebê, balançando o mesmo de modo que produza som.*

*O bebê não demonstra interesse e mantém o olhar voltado para a mãe.*

*A mãe fala com o filho baixinho*

*P. H. observa.*

*A mãe esfrega o chocalho na barriga do filho para chamar-lhe a atenção.*

*P. H continua a olhar para a mãe que corresponde ao olhar do filho.*

*A mãe encosta o chocalho no rosto do filho.*

*O bebê volta o olhar para o mesmo.*

Verifica-se que, em determinado momento de evolução do sistema, a mãe começa a introduzir o objeto na comunicação com o filho e encontra certa resistência por parte do bebê. Em função da dificuldade no manuseio dos objetos, o bebê tende a deter-se no contato de olhar. A mãe, porém, ao longo do tempo, o estimula a avançar em seu processo comunicativo, negociando com o filho a introdução do objeto na troca, ainda que para tal, assuma uma postura mais diretiva. Com tal atitude consegue chamar a atenção do bebê para o objeto, o que conduz a díade a uma reorganização do sistema comunicativo.

A observação microanalítica dos registros desta díade permite associar a maior diretividade materna à hipotonia do bebê que apresenta um marcante *déficit* psicomotor, o que requer um constante auxílio da mãe no manuseio dos objetos, conforme pode ser observado nos exemplos. Além disso, não se senta sozinho até o final do primeiro ano, o que dificulta a acessibilidade aos objetos e exige uma participação maior da mãe nas trocas MOB. Constatase, portanto, que embora a mãe algumas vezes mostre-se diretiva, e até mesmo intrusiva, as ações maternas têm a função de compensar as limitações conseqüentes à hipotonia do bebê. Este, por sua vez, responde favoravelmente ao direcionamento materno, que parece potencializar sua habilidade comunicativa.

Neste caso, o avanço no funcionamento do sistema de comunicação exige da mãe uma maior diretividade e ela mostra-se sensível a tal necessidade. O bebê responde favoravelmente às intromissões maternas e o sistema avança em direção a níveis mais avançados de organização.

### **c) Busca de autonomia *versus* suporte materno**

Com o desenvolvimento do bebê, este começa a dar indícios, em seu processo comunicativo, da emergência de uma individualidade. Neste percurso, P. H. busca uma certa autonomia, seu *déficit* psicomotor, entretanto, coloca obstáculos à evolução do sistema neste sentido. A mãe, uma vez mais, demonstra sensibilidade, e, a partir do conhecimento compartilhado, fornece ao filho o suporte necessário à evolução do sistema de comunicação rumo a níveis de maior complexidade, permitindo que este dê os primeiros passos no processo de construção de um *self* dialógico.

É possível observar, a partir de exemplos referentes à comunicação mediada por objeto, a evolução do sistema de comunicação mãe-bebê. O dar e pegar, amplamente negociado em registros anteriores, é agora abreviado. As inúmeras ações envolvidas nas negociações para a troca de objeto entre a díade, em momentos anteriores, estão agora condensadas, podendo-se constatar uma relação histórica entre os momentos de extensão e abreviação.

#### Exemplo 5 - Registro 19 – 37 semanas - MOB

*O bebê está deitado sobre o tapete e a mãe sentada ao seu lado.*

*Após uma extensão da comunicação face-a-face, P. H volta o olhar para um boneco de borracha que está ao seu lado, sobre o colchão.*

*A mãe olha para o objeto.*

*O bebê volta os braços para frente do corpo.*

*O bebê olha para a mãe.*

*A mãe pega o boneco.*

*A mãe coloca o boneco sobre a barriga do filho.*

*O bebê o pega.*

A díade se comunica pelo olhar e pelos gestos. A mãe “entende” que quando o filho volta os braços para frente do corpo está querendo que esta lhe dê o objeto. O bebê “sabe” quando ela vai colocá-lo sobre sua barriga. A mãe reconhece quando o filho precisa de um apoio para manter a posse do objeto, proporcionando ao mesmo tal suporte. A troca é rápida e suave. As ações da díade revelam, entretanto, filiações históricas, tendo sido amplamente negociadas em períodos anteriores, o que possibilitou a emergência destas, agora, de forma condensada. Num outro episódio do mesmo registro, tal condensação pode também ser observada:

Exemplo 6 - Registro 19 – 37 semanas - MOB

*A mãe deita o bebê no colchão.*

*O bebê volta o olhar para o ambiente circundante.*

*A mãe coloca o boneco de feltro sobre a barriga do bebê.*

*O bebê o pega.*

Neste episódio de abreviação do dar e pegar, a díade segue o mesmo padrão utilizado no exemplo anterior, a barriga do bebê é utilizada como apoio para a troca, permitindo a concretização do dar e pegar mesmo na presença do *déficit* psicomotor.

Observa-se, uma vez mais, a presença na abreviação de elementos anteriormente presentes nos estabelecimentos e, principalmente, nas extensões, que após terem sido amplamente negociados pela díade são agora condensados em poucos turnos, refletindo um conhecimento mútuo entre os parceiros. Com o transcorrer das sessões, verifica-se o incremento das trocas abreviadas:

Exemplo 7 - Registro 33 – 52 semanas - MOB

*O bebê e a mãe estão sentados de frente um para o outro. A mãe segura o bebê que ainda não consegue manter-se sentado sem apoio.*

*Após uma abreviação F-F, a mãe pega o chocalho e o movimenta, produzindo som.*

*O bebê olha para o chocalho e volta os braços em direção ao mesmo.*

*A mãe aproxima o chocalho do bebê.*

*O bebê pega o chocalho e a mãe o solta.*

*O bebê levanta o chocalho movimentando o mesmo como a mãe o fizera.*

*O bebê volta o olhar de encontro ao olhar materno.*

*A mãe sorri.*

Neste último exemplo, referente ao penúltimo registro, observa-se um certo avanço no desenvolvimento psicomotor do bebê, que se reflete no dar e pegar. Embora os movimentos ainda se mostrem pouco coordenados e o suporte materno seja necessário, P. H. responde rápida e efetivamente às ações da mãe. Há também um evidente prazer na atividade compartilhada: o bebê imita a mãe no manuseio do objeto e esta sorri. O diálogo, neste momento, dispensa a linguagem, havendo uma compreensão mútua entre os parceiros em interação.

Os exemplos transcritos demonstram que as limitações motoras do bebê não impediram a evolução do sistema de comunicação entre a díade. A sensibilidade e criatividade dos parceiros favoreceram a construção de um percurso próprio, singular, para emergência e evolução da abreviação. Apesar do avanço verificado, há ainda a necessidade de um grande investimento da díade em atividades conjuntas (extensão), de modo que criem, num ritmo possível, a exemplo do que foi demonstrado nestes recortes, novas trajetórias viáveis rumo ao predomínio da abreviação.

## 5 DISCUSSÃO

---

*Cada criança é como todas as crianças,  
Como algumas crianças  
E como nenhuma outra criança.  
(Morris)*

Com o propósito de compreender o processo de desenvolvimento da comunicação entre a mãe e o seu bebê com Síndrome de Down, tendo por fundamento a perspectiva dos Sistemas Dinâmicos e como referência o Modelo EEA, de análise e compreensão do fenômeno em estudo, procede-se a seguir à discussão dos resultados obtidos.

A utilização da perspectiva dos Sistemas Dinâmicos no estudo de bebês portadores da Síndrome de Down vem preencher uma lacuna referente ao conhecimento sobre o desenvolvimento da comunicação no início da vida nessa população. Tal perspectiva permite ao pesquisador o acesso ao processo através do qual verifica-se a emergência das mudanças que caracterizam o desenvolvimento. Uma abordagem ao desenvolvimento das trocas comunicativas entre a mãe e o bebê que nasce com tal condição genética, a partir deste enfoque, possibilita o conhecimento dos padrões de quase estabilidade/mudança que regem o funcionamento do sistema em tal contexto, bem como das particularidades inerentes à construção da comunicação em cada díade mãe-bebê estudada, fornecendo, assim, dados relevantes que poderão ser utilizados no planejamento de estratégias de intervenção voltadas a tais crianças.

A possibilidade de estudar bebês com Síndrome de Down, a partir dos três meses de idade, constitui-se, também, numa oportunidade de avanço no tocante ao conhecimento na

área, tendo em vista que a maior parte dos estudos empreendidos até então, com essa população, foi realizada com crianças a partir dos 12 meses de idade.

## 5.1 O MODELO EEA E A EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO ENTRE A MÃE E O BEBÊ COM SÍNDROME DE DOWN

A opção pelo uso do modelo EEA nesta investigação fundamenta-se no fato deste representar uma bem sucedida aplicação dos pressupostos dos Sistemas Dinâmicos ao estudo do desenvolvimento da comunicação no início da vida, conforme já comprovado através de inúmeras pesquisas empreendidas com base no mesmo (CHAVES, 2004; GRIZ, 2004; LYRA, 1988, 2000; LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; ROSSETTI FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 1999; LYRA; WINEGAR, 1997; SOUZA; LYRA, 2000).

A utilização do modelo EEA em pesquisas com crianças portadoras de necessidades especiais cumpre uma dupla função: verificar a sensibilidade deste modelo no estudo de bebês com deficiência e explorar as possibilidades advindas de uma metodologia microanalítica, na tarefa de compreender o processo, o “como se dá” o fenômeno de desenvolvimento da comunicação entre a mãe e o bebê na presença de uma deficiência congênita. Além disso, a aplicação de tal modelo em duas díades cujos bebês são portadores da Síndrome de Down permite a confrontação do funcionamento desse sistema com outros já estudados, cujos bebês apresentam um desenvolvimento típico (CHAVES, 2004; LYRA, 1988, 2000; LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; ROSSETTI FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 1999; LYRA; WINEGAR, 1997; SOUZA; LYRA, 2000), ou algum outro tipo de deficiência (GRIZ, 2004), fomentando a discussão e possibilitando o esclarecimento de algumas questões.

No tocante aos resultados obtidos, a utilização do Modelo EEA no estudo das díades A e B demonstra, dos três meses e meio aos doze meses de idade dos bebês, tanto nas trocas mãe-bebê face-a-face como naquelas mediadas por objeto, um movimento de decréscimo das trocas caracterizadas como estabelecimento, um predomínio da extensão na maior parte do período investigado, com níveis percentuais elevados, bem como a emergência e o aumento do tempo despendido em trocas identificadas como abreviação. No tocante às trocas face-a-face, houve um aumento significativo da abreviação, com predomínio deste tipo de troca ao final do primeiro ano nas duas díades. No que concerne às trocas MOB, entretanto, não se verificou o predomínio da abreviação até o final dos registros em nenhuma das díades investigadas.

Em relação às trocas mãe-objeto-bebê é interessante destacar para discussão que a díade B somente começou a utilizar o objeto nas trocas comunicativas a partir da 22ª semana e que episódios de abreviação ocorreram a partir da 34ª semana, mantendo-se em níveis percentuais baixos, tendo tal díade revelado um maior envolvimento em trocas face-a-face no período investigado. Na díade A, por outro lado, constatou-se uma ênfase em trocas mediadas por objeto e a sua ocorrência desde o primeiro registro (16ª semana). A abreviação ocorreu a partir do segundo registro (17ª semana), mantendo-se, porém, em níveis percentuais baixos.

O modelo evidenciou também uma instabilidade no funcionamento do sistema em estudo, com alternância no tocante ao predomínio dos diferentes momentos. Tal instabilidade pode ser verificada, especialmente, na transição entre os períodos de predomínio da extensão e abreviação.

A análise da evolução dos padrões de auto-organização (EEA) nas díades A e B revelou uma dinâmica distinta daquela que vem sendo observada em pesquisas com díades cujos bebês apresentam um desenvolvimento típico (CHAVES, 2004; LYRA, 1988, 2000; LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; ROSSETTI FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 1999;

LYRA; WINEGAR, 1997; SOUZA; LYRA, 2000). Nos casos ora estudados, a análise até o final do primeiro ano de vida do bebê demonstrou um deslocamento no tempo no tocante à passagem do predomínio entre os momentos de quase-estabilidade, um período mais prolongado de investimento das díades em trocas caracterizadas como extensão, tanto nas trocas face-a-face como naquelas mediadas por objetos, bem como uma maior instabilidade no sistema.

O deslocamento no tempo no tocante ao predomínio dos períodos de quase-estabilidade foi maior na comunicação mãe-objeto-bebê do que na comunicação face-a-face. Tal dado parece estar associado à hipotonia generalizada e ao atraso no desenvolvimento psicomotor, característicos da Síndrome (LEVFÈVRE, 1998; GUSMAN; TORRE, 2003; PUESCHEL, 1995, 2002; SCHWARTZMAN, 2003; WERNECK, 1995), que embora afetem a comunicação face-a-face, comprometem de forma mais incisiva as trocas mediadas por objeto, nas quais há uma maior exigência quanto ao desempenho motor.

O predomínio da extensão é um dado marcante nos sistemas em estudo. Tanto nas trocas face-a-face, mas especialmente naquelas mediadas por objeto, constata-se uma necessidade, por parte das díades, de um envolvimento nesse tipo de troca de forma intensa e por um período mais prolongado, havendo um esforço conjunto na tarefa de construção de um conhecimento compartilhado.

No tocante à abreviação, Lyra (submetido a) argumenta que este período, além de carregar a história relacional co-construída pela díade, também constitui um padrão organizacional que reflete a emergência de um sujeito dialógico caracterizado por ser ao mesmo tempo relacional e individual, ou seja, com o predomínio da abreviação o bebê demonstra ter iniciado a construção de sua individualidade. Verifica-se, portanto, que a evolução do sistema de comunicação mãe-bebê em crianças com Síndrome de Down, a partir do que pôde ser observado nos dois casos estudados, sugere a necessidade, por parte da díade,

de um período mais longo de preparação (trocas caracterizadas como extensão) para que seja possível a abreviação das trocas e a emergência do bebê como sujeito dialógico. Tal necessidade é produto do sistema, da inter-relação entre os diversos componentes que o constituem.

## 5.2 CARACTERÍSTICAS DO SISTEMA DE COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ NO CONTEXTO DA SÍNDROME DE DOWN

A partir dos resultados obtidos, sugere-se que o sistema de comunicação entre a mãe e o bebê com Síndrome de Down pode ser compreendido com base em três características da relação, que se tornam foco para o pesquisador em diferentes momentos da evolução do sistema, a partir da microanálise das trocas diádicas face-a-face e mãe-objeto-bebê, ao longo do primeiro ano de vida. Tais características são: adaptação mútua; diretividade materna *versus* responsividade do bebê e busca de autonomia do bebê *versus* atitude materna.

### **a. Adaptação mútua**

Conforme exposto nos resultados, a adaptação mútua prevalece na comunicação mãe-bebê nas duas díades estudadas (na díade A do início dos registros até os dez meses de idade do bebê e na díade B durante todo o período investigado). Verifica-se uma co-regulação entre as ações da mãe e do bebê, caracterizando uma responsividade interpessoal (ver ROGOFF; CHAVAJAY, 1995; WERTSCH, DEL RIO; ALVAREZ, 1998; RIBAS, SEIDL DE MOURA; RIBAS JÚNIOR, 2003).

A literatura tem demonstrado que o nascimento de um filho com Síndrome de Down representa um momento de crise para a família, especialmente para a mãe. Esta, comumente, não está preparada para esse tipo de experiência que envolve frustrações, incertezas e preconceitos. São inúmeras as demandas: vivenciar o luto da criança idealizada, assumir o papel de cuidador de uma criança portadora de necessidades especiais, enfrentar uma Sociedade pouco compreensiva frente à problemática da deficiência, aprender a lidar com uma gama de profissionais e Instituições, etc. A mãe terá muito a aprender, muito a entender e a avaliar (CASARIN, 1997; CAVALCANTE, F., 2001; CUNNINGHAM, 1996). O bebê, entretanto, necessita dos cuidados e da disponibilidade materna desde o início, e é em meio a esse turbilhão de emoções conflitantes que a comunicação mãe-bebê se desenvolve.

O bebê, por sua vez, apresenta comumente, em função da Síndrome, uma série de problemas de saúde (MOREIRA; EL-HANI; GUSMÃO, 2000; PUESCHEL, 2002; SCHIAVO, 1999; SCHWARTZMAN, 2003; WERNECK, 1995), *déficit* cognitivo e psicomotor (GUSMAN; TORRE, 2003; MOREIRA; EL-HANI; GUSMÃO, 2000; PUESCHEL, 1995; SCHWARTZMAN, 2003; VOIVODIC; STORER, 2002) e dificuldades na aquisição da linguagem (MOREIRA; EL-HANI; GUSMÃO, 2000; PUESCHEL, 1995; VOIVODIC; STORER, 2002), configurando um atraso em seu desenvolvimento global que interfere nas trocas comunicativas.

A microanálise da comunicação entre a mãe e o bebê com Síndrome de Down revela que, a despeito das dificuldades supracitadas, os parceiros conseguem construir um conhecimento compartilhado, e, a partir das trocas co-reguladas, adaptam-se mutuamente, ao longo dos primeiros meses de vida do bebê. Os dados sugerem que tal processo é facilitado quando a mãe tem uma estrutura familiar que lhe fornece o suporte necessário para que possa dedicar-se à relação com o filho. Em tais ocasiões, a sensibilidade e criatividade inerentes ao

funcionamento do sistema de comunicação atingem um ápice e a evolução desse sistema é favorecida, conforme pôde ser verificado na díade B.

#### **b. Diretividade materna *versus* responsividade do bebê**

Nas duas díades estudadas, constata-se um padrão de interação marcado por uma evidente diretividade e, até mesmo, intrusividade materna. Tal padrão parece ser utilizado como estratégia para a manutenção da atenção do bebê, motivando-o e auxiliando-o a engajar-se no processo comunicativo. Os bebês, em contrapartida, respondem favoravelmente à estimulação materna, observando-se, de uma forma geral, conforme já exposto, uma adaptação mútua mãe-bebê em ambos os casos estudados durante a maior parte do período investigado.

A diretividade materna associada a responsividade do bebê resulta num predomínio de trocas caracterizadas como extensão nos sistema em estudo. Mas qual a função de tal padrão de funcionamento do sistema? A partir da observação micoanalítica das trocas comunicativas e dos dados constantes nas folhas de resumo, é possível levantar algumas hipóteses a este respeito.

A microanálise dos registros revela que a intervenção materna caracterizada como diretividade/intrusividade nas trocas, presente especialmente naquelas mediadas por objeto, emerge de uma negociação consensual entre a díade, vindo a suprir uma necessidade resultante do *déficit* psicomotor presente no bebê com Síndrome de Down.

Fogel (1989) e Fogel et al. (1999) chamam a atenção para o papel da habilidade motora do bebê no desenvolvimento da comunicação com a mãe. Eles enfatizam que a evolução motora que ocorre por volta dos dois meses de idade, quando o bebê consegue o controle cervical, associada aos avanços em sua percepção visual, organização cognitiva e

afetiva, criam condições para o incremento da comunicação face-a-face. Com o curso do desenvolvimento, as habilidades do bebê em sentar-se e levantar-se se revelam fundamentais na evolução da comunicação com o ambiente. O autor ressalta que uma imaturidade motora e postural impõem limites ao processo comunicativo na infância. A comunicação face-a-face, por exemplo, pode ser limitada pela falta de habilidade do bebê em controlar os músculos do pescoço para manter a cabeça ereta. O incremento da atenção aos objetos, por sua vez, depende da evolução das habilidades motoras que capacitam o bebê a manipulá-los com maior facilidade.

A diretividade e intrusividade maternas, portanto, assumem a função, neste sistema, de auxiliar o bebê em seu processo comunicativo, potencializando suas habilidades neste campo, que se acham restringidas em função de comprometimentos advindos da Síndrome. Os bebês estudados apresentam *déficits* que dificultam as trocas, tanto no tocante à comunicação face-a-face (atraso no controle cervical e dos movimentos) como na comunicação mediada por objeto (dificuldade na força de preensão, restrição das possibilidades de explorar o ambiente pelo atraso na locomoção, prejuízo nas possibilidades de acesso aos mediadores, em função do atraso no controle postural). Diante de tal contexto, os parceiros criam alternativas e adaptações mútuas de modo a possibilitar a evolução do sistema de comunicação.

As constantes mudanças na posição do bebê, observadas em ambas as díades, por exemplo, exemplifica um mecanismo de adaptação desenvolvido pelo sistema mãe-bebê em tal contexto. Algumas das atitudes consideradas intrusivas ao observador, conforme demonstrado nos resultados, também emergem do processo de adaptação mútua.

Os dados revelam indícios sugestivos de que as atitudes maternas de diretividade e intrusividade, entretanto, podem estar relacionadas não apenas às necessidades do bebê, mas também à mensagem transmitida à mãe de que o filho seja estimulado. A evolução da criança

com deficiência é culturalmente associada à competência materna em estimulá-la, se o bebê não evolui, à mãe é comumente atribuída uma “culpa”, por não estar exercendo de forma adequada sua função parental, podendo originar-se de tal contexto uma necessidade da mãe estar continuamente estimulando o seu filho com Síndrome de Down. O estigma social relacionado à Síndrome e a conseqüente ênfase nas limitações em detrimento das potencialidades, parece também contribuir para a diretividade e intrusividade observadas.

A esse respeito, um aspecto que chama a atenção, nas duas díades estudadas, refere-se a uma possível interferência do Programa de Estimulação Precoce sobre a dinâmica da comunicação entre a mãe e o bebê. As crianças com Síndrome de Down participam da Estimulação Precoce a partir do momento em que entram na Instituição. O trabalho é realizado com o bebê, mas a mãe participa ativamente, observando e sendo orientada sobre a melhor forma de estimular o filho. Afinal, a intervenção do profissional resume-se a uma hora semanal, enquanto a mãe convive com o filho durante um tempo bem mais extenso, tendo a possibilidade de, sob orientação, estimulá-lo no decorrer das atividades diárias. Tal orientação, cujo fim consiste em potencializar o desenvolvimento psicomotor do bebê, prejudicado pela hipotonia, pode favorecer, entretanto, uma postura mais diretiva da mãe nas trocas diádicas com o filho, na medida em que o diálogo espontâneo cede lugar ao estímulo.

À medida que o bebê com Síndrome de Down desenvolve-se, e especialmente a partir do segundo semestre de vida, a discrepância entre o padrão de desenvolvimento esperado para a sua faixa etária e aquele apresentado pelo mesmo torna-se mais perceptível e a necessidade da estimulação mais presente (CASARIN, 2003; GUSMAN; TORRE, 2003; MILANI, 2005; PUESCHEL, 1995, 2002; SCHIAVO, 1999; SCHARTZMAN, 2003; WERNECK, 1995). Nesse momento, há o risco da sensibilidade e criatividade, inerentes ao processo de co-regulação, serem prejudicadas por padrões de interação pré-concebidos, frutos da necessidade de atingir determinadas metas de desenvolvimento.

A percepção, por parte da mãe, por exemplo, de que seu filho não consegue um controle postural que o permita sentar-se sem ajuda, num período em que os bebês comumente o fazem, constitui-se, muitas vezes, em motivo de angústia. A constatação de que, apesar dos esforços empreendidos, o bebê apresenta um atraso perceptível em seu desenvolvimento, mobiliza na mãe sentimentos conflitantes. Há, nesse momento, uma quebra nas expectativas, provocada pela impressão de não ter conseguido vencer as limitações provocadas pela Síndrome. Observa-se, ainda, a sensação, por parte da mãe, de não ter feito o bastante. Nesse contexto, conseguir que o filho desenvolva determinadas habilidades torna-se, algumas vezes, uma obsessão. Trata-se de um momento crítico que exige uma intervenção da equipe responsável pela Estimulação Precoce.

A partir dos dados, observa-se que a diretividade materna, como um dos elementos presentes no complexo sistema de comunicação mãe-bebê, pode manter-se ou transformar-se ao longo do tempo, como produto dos mecanismos de co-regulação das ações da mãe e do bebê no processo de desenvolvimento. A evolução do sistema exige uma abertura mútua à experiência, sensibilidade por parte de cada parceiro em relação ao outro e criatividade para o enfrentamento dos obstáculos. No caso da Síndrome de Down, inicialmente, a diretividade vem a preencher uma lacuna, potencializando as habilidades comunicativas da criança, que responde favoravelmente às solicitações maternas. Ao longo do tempo, entretanto, verifica-se a necessidade de mudanças. O padrão de diretividade deve corresponder às necessidades da mãe em cada momento de evolução do sistema, caso contrário, encerra o risco de restringir a possibilidade do bebê, na relação com a mãe, de desenvolver a sua autonomia e construir sua individualidade.

### **c. Busca de autonomia *versus* atitude materna**

Nos registros finais, referentes aos dois últimos meses, constata-se mudanças por parte dos bebês, que revelam um movimento rumo a uma maior autonomia. As atitudes maternas frente a tal mudança poderão favorecer ou não a evolução do sistema de comunicação, conforme podemos apreender a partir das duas díades estudadas.

Observa-se nos registros finais da díade A um conflito entre a diretividade materna e a busca de autonomia do bebê. A mãe, por vezes, antecipa-se à filha, fazendo por esta o que ela já conseguiria fazer sozinha, tenta impor um padrão de troca específico e parece não perceber os indícios de busca de autonomia revelados pela mesma, havendo, em conseqüência, uma quebra na mutualidade mãe-bebê. O padrão de diretividade, que até então se revelara adaptativo, não mais se mostra funcional, mas, ainda assim, a mãe persiste em tal padrão, demonstrando dificuldade em favorecer a autonomia do bebê ainda que este responda positivamente em circunstâncias nas quais tal oportunidade lhe é propiciada.

Na díade B, por outro lado, a mãe demonstra maior sintonia com o bebê ao longo do tempo, percebendo os indícios deste de busca de autonomia, mesmo num contexto de limitações psicomotoras acentuadas, e conseguindo fornecer-lhe o suporte necessário para avançar em seu processo de desenvolvimento. Esta mãe mostra-se menos voltada à pressão externa em relação ao desempenho do filho e consegue estabelecer com este uma relação marcada por adaptações mútuas e construção de significados compartilhados.

Nos casos estudados, o estado emocional da mãe e o suporte familiar parecem assumir um papel preponderante no funcionamento do sistema de comunicação mãe-bebê. Na díade A, a instabilidade emocional e a desestruturação familiar (ver item 4.1.1) atuam nas trocas, dificultando a evolução do sistema. A mãe insiste numa relação de dependência mútua e demonstra incômodo quando o bebê revela indícios de busca de autonomia. Na díade B, por

outro lado, o equilíbrio emocional demonstrado pela mãe, associado ao suporte familiar, favorece a evolução do sistema (ver item 4.2.1).

### 5.3 DIFERENTES PERCURSOS NA CONSECUÇÃO DE UM MESMO OBJETIVO: A MULTILINEARIDADE NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

A microanálise dos dados permite, além de identificar as características supracitadas, apreender os percursos singulares, empreendidos pelas díades, no processo de auto-organização do sistema de comunicação mãe-bebê. Afinal, considerando os princípios da multilinearidade e equifinalidade como inerentes ao desenvolvimento humano, é possível compreender que emergem do sistema formas particulares de construção de uma história relacional (VALSINER, 2000, 2001; VAN GEERT, 1997).

Embora as díades demonstrem características convergentes no tocante à evolução nos padrões organizacionais de funcionamento do sistema e, ao final do primeiro ano, tenham atingido etapas semelhantes de evolução no tocante aos períodos de quase-estabilidade (predomínio da abreviação na comunicação face-a-face e da extensão na comunicação mãe-objeto-bebê), há especificidades a serem compreendidas para um conhecimento mais aprofundado do funcionamento do sistema. Tais especificidades somente podem ser apreendidas a partir de um recorte longitudinal de pesquisa e com o uso de um método microanalítico.

Na díade A, a gravidez não foi planejada, havendo tentativas de aborto; o bebê, porém nasceu a termo, em boas condições de saúde e, embora apresente *déficits* inerentes à Síndrome de Down, conforme exposto no item 4.1.1, sua motricidade pode ser considerada boa em relação a outras crianças portadoras da Síndrome, de sua mesma faixa etária. A mãe já

tinha dois outros filhos quando M. L nasceu, possuindo conhecimentos e habilidades no tocante ao cuidado de bebês. Há, no entanto, um ambiente familiar conturbado, marcado por dificuldades financeiras, pela falta de apoio do pai da criança e pelo alcoolismo do irmão de J. D. Além disso, a mãe demonstra certa instabilidade emocional que pode ser constatada pelo uso de ansiolíticos, bem como pelos dados transmitidos nas entrevistas. Tais aspectos, extraídos das entrevistas e observações, fazem parte do sistema de comunicação mãe-bebê, na medida em que atuam nas trocas entre a díade.

Observa-se, na díade A, que a diretividade e a intrusividade maternas associadas à responsividade do bebê compensam, nos primeiros meses investigados, as dificuldades psicomotoras de M. L.. O sistema apresenta uma rápida evolução no tocante à passagem de uma ênfase em trocas face-a-face rumo ao interesse pelos objetos, embora, no tocante à evolução dos momentos de quase-estabilidade verifique-se um deslocamento no tempo de algumas semanas quanto ao predomínio dos diferentes padrões organizacionais quando comparado a díades com desenvolvimento típico.

A análise dos diferentes momentos de evolução do sistema demonstra que a passagem do predomínio da extensão para o predomínio da abreviação na comunicação MOB, que em díades com desenvolvimento típico dá-se ainda no primeiro ano de vida, não ocorre na díade A até o final dos registros. Neste caso particular, a mãe parece não apreender os indícios transmitidos pelo bebê de busca de uma maior autonomia e, na ânsia em atingir determinadas metas de desenvolvimento, insiste em “estimular” a filha, estendendo as trocas comunicativas, o que interfere na evolução do sistema rumo a níveis de maior complexidade. Além disso, observa-se, no comportamento da mãe, uma necessidade de estabelecer com a filha uma relação de dependência mútua, possivelmente em decorrência da instabilidade emocional materna, de modo que a evolução da criança no sentido de uma maior autonomia é interpretada como abandono.

Na Díade B, a gravidez foi desejada, porém marcada por ameaças de aborto espontâneo. O bebê é primogênito, mas a mãe tinha alguma experiência no cuidado de bebês, por ter ajudado a criar sobrinhos. O parto foi prematuro, o bebê nasceu cianótico e a mãe teve reações à anestesia. A amamentação foi difícil no primeiro mês, em decorrência, possivelmente, da hipotonia e/ou da prematuridade (o bebê somente adquire o reflexo da sucção por volta da 34ª semana de vida). P. H. demonstra, ao longo do primeiro ano, problemas respiratórios e “sopro cardíaco”. Além disso, verifica-se um acentuado atraso no desenvolvimento psicomotor, traduzido, por exemplo, por dificuldades na coordenação dos movimentos com os membros superiores, na força de preensão e na aquisição da habilidade em sentar-se, a qual não é conseguida, de forma autônoma, até o final dos registros. O ambiente familiar reflete equilíbrio e harmonia e a situação financeira (pais empregados) permite o adequado sustento do filho. Uma vez mais, tais dados atuam no sistema, sendo constitutivos das trocas mãe-bebê.

Nesta díade, a ênfase na comunicação face-a-face, pode estar relacionada à dificuldade do bebê na manipulação de objetos, decorrente do atraso psicomotor. Na primeira díade, o maior avanço psicomotor e a maior diretividade materna parecem compensar as limitações do bebê, que logo se volta para o ambiente circundante. Na díade B, no entanto, a hipotonia e a imaturidade psicomotora são maiores, o que poderia explicar a ênfase em trocas face-a-face. Ainda assim, a díade avança em seu processo comunicativo, num sistema marcado pela sincronia entre os parceiros. Estes, criam ajustes mútuos que permitem uma evolução nos padrões de quase estabilidade, mesmo num contexto marcado por dificuldades psicomotoras acentuadas por parte do bebê. A mãe consegue apreender o movimento do filho rumo ao desenvolvimento e dar a este o suporte necessário à evolução do sistema de comunicação.

Constata-se, portanto, que apesar das similaridades no tocante a seqüência evolutiva dos padrões de quase-estabilidade, o percurso empreendido pelas díades é marcado por

características singulares, que emergem a partir da construção conjunta de uma história relacional particular.

A literatura sobre Síndrome de Down destaca a variabilidade individual entre as crianças portadoras desta condição genética (CARDOSO, 2003; CUNNINGHAM, 1996; JERUSALINSKY, A., 2000; NILHOLM, 1996; PUESCHEL, 2002), bem como a variabilidade do efeito sobre a mãe do nascimento de uma criança com deficiência (SCOTT et al., 1997). O modelo EEA possibilita, conforme pudemos constatar, o conhecimento do “como” tal variabilidade atua nas trocas comunicativas mãe-bebê, residindo neste aspecto uma de suas potencialidades.

#### 5.4 CONFRONTO DOS RESULTADOS COM DADOS DE OUTROS ESTUDOS SOBRE O TEMA

O Laboratório de Comunicação e Linguagem na Primeira Infância - LabCom, da Universidade Federal de Pernambuco, tem efetivado inúmeros estudos sobre a comunicação mãe-bebê com base no modelo EEA. No banco de dados do LabCom, têm-se acesso a resultados de pesquisas realizadas com díades cujos bebês apresentam um desenvolvimento dentro dos parâmetros típicos. Além destes dados, em 2004, foi realizada pesquisa com uma díade cujo bebê é portador de deficiência auditiva profunda, no âmbito de uma Tese de Doutorado (GRIZ, 2004).

O confronto dos dados analisados com resultados de outros estudos sobre a comunicação mãe-bebê, desenvolvidos a partir do mesmo referencial, que fizeram uso do modelo de análise EEA, permite observar algumas diferenças na dinâmica entre estabelecimento, extensão e abreviação nas díades estudadas (Díades A e B), em relação a

díades cujos bebês não são portadores da Síndrome de Down (CHAVES, 2004; LYRA, 1988, 2000; LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; ROSSETTI FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 1999; LYRA; WINEGAR, 1997; SOUZA; LYRA, 2000)

Os estudos até então realizados sobre o desenvolvimento da comunicação no início da vida a partir do modelo EEA, têm apresentado resultados consistentes que demonstram que durante os oito primeiros meses de vida do bebê o desenvolvimento das trocas comunicativas entre este e sua mãe exibe momentos sucessivos nos quais a díade manifesta, inicialmente, uma preferência por trocas caracterizadas como estabelecimento, seguidas daquelas descritas como extensão e, posteriormente, abreviação. Tal evolução se verifica tanto nas trocas face-a-face como mãe-objeto-bebê. (CHAVES, 2004; LYRA, 1988, 2000; LYRA; CHAVES, 2000; LYRA; ROSSETTI FERREIRA, 1995; LYRA; SOUZA, 1999; LYRA; WINEGAR, 1997; SOUZA; LYRA, 2000).

Nos casos ora em estudo, a análise até o final do primeiro ano de vida do bebê, demonstra um deslocamento no tempo no tocante à passagem do predomínio entre os momentos de quase estabilidade, especialmente em relação à abreviação. Observa-se uma maior instabilidade no sistema com alternâncias entre o predomínio da extensão e abreviação no segundo semestre de vida do bebê e um período mais prolongado de investimento das díades em trocas caracterizadas como extensão.

Griz (2004) em seu estudo com uma díade cujo bebê apresentava perda auditiva profunda constatou uma observância à seqüência evolutiva estabelecimento-extensão-abreviação, identificando, porém, um deslocamento no tempo de algumas semanas na passagem entre os diferentes níveis, quando o resultado foi comparado com outros estudos realizados, com bebês sem perda auditiva. Um maior investimento em trocas caracterizadas como extensão foi também observado na pesquisa realizada com o bebê surdo. A autora discute haver, no caso de tal deficiência, a necessidade de um maior tempo de dedicação

mútua dos parceiros, uma dedicação partilhada no destaque minucioso dos elementos que compõem as trocas, característica da extensão. Observou, ainda, uma instabilidade no sistema, havendo uma alternância da predominância entre a extensão e a abreviação até o sistema atingir o predomínio absoluto da abreviação, a partir da 34ª semana de vida do bebê.

No caso dos bebês com Síndrome de Down, verifica-se, entretanto, que o deslocamento no tempo, no tocante ao predomínio dos diferentes momentos, é ainda maior do que o observado no bebê surdo, e, embora haja o predomínio da abreviação na comunicação face-a-face (a partir da 51ª semana na díade A e da 50ª semana na díade B), o mesmo não chega a ocorrer nas trocas mediadas por objeto até o final dos registros.

Chaves (2004) aponta que a passagem do predomínio da extensão para a abreviação é mais lenta, quando comparado à passagem entre o predomínio do estabelecimento e extensão e, além disso, admite maiores variações nas percentagens de tempo de ocorrência dos períodos de quase-estabilidade, o que pode ser observado nas díades A e B. Os gráficos demonstram, entretanto, uma maior instabilidade do sistema nas díades ora estudadas, nesse período de transição, quando os resultados são comparados aos de díades não portadoras da Síndrome.

O padrão evolutivo demonstrado pelas díades estudadas revela-se significativo, pois a consideração da “explosão para o novo”, característica do período de abreviação, e do seu papel na emergência do *self* do bebê, a partir da relação dialógica com a mãe, sugerem uma possível interferência da dinâmica observada na comunicação mãe-bebê no tocante à constituição do bebê com Síndrome de Down como sujeito psicológico.

Considerando-se que a predominância da abreviação está associada ao processo de construção da individualidade do bebê (LYRA, submetido a, submetido b; LYRA; SOUZA, 2003; SOUZA; LYRA, 2000), parece haver, a exemplo do que aponta Griz (2004) em seu estudo com o bebê surdo, a necessidade de um tempo maior de dedicação mútua entre os

parceiros para que seja possível, a partir do predomínio da abreviação, a emergência do bebê com Síndrome de Down como sujeito dialógico.

Algumas características evidenciadas a partir da microanálise do processo comunicativo são abordadas em pesquisas anteriormente desenvolvidas sobre o tema, a partir de delineamentos teórico-metodológico diversos (ver item 2.3.3), constatando-se convergências e divergências.

Conforme já exposto, a análise dos sistemas de comunicação a partir do modelo EEA, revelou uma adaptação mútua entre os parceiros nas duas díades, uma responsividade interpessoal traduzida em trocas co-reguladas, havendo um constante ajuste das ações de um em relação às ações do outro. A sincronia na interação entre a mãe e o filho com Síndrome de Down é referida por Cielinski e colaboradores (1995) e por Silva e Dessen (2003). Os resultados apresentados por Casarin (1995), Voivodic e Storer (2002), Rondal, (1996) e Silva e Salomão (2002), entretanto, identificam uma menor responsividade em tais crianças.

A diretividade, observada principalmente por parte da mãe de M. L, é apontada na literatura nos trabalhos de Borges e Salomão (2003), Cielinski et al. (1995), Harris, Kasari e Sigman (1996), Jones (1980), Legerstee e Weintraub (1997), Legerstee, Varghese e Beek (2002); Mahoney e Neville-Smith (1996), Pino (2000), Silva e Dessen (2003), Silva e Salomão (2002), Voivodic e Storer (2002) que revelam uma maior assistência e um papel mais ativo, por parte das mães, na interação com seu filho com Síndrome de Down.

O presente estudo parece apontar, entretanto, a exemplo do que concluem Legerstee, Varghese e Beek (2002) que tal estilo materno não decorre de um menor nível de atividade da criança, que mostra-se bastante responsiva à estimulação materna durante os registros, e sim a uma estratégia interativa, utilizada pela mãe, de modo a potencializar a habilidade comunicativa do bebê. Ainda no tocante à função da diretividade materna, é possível fazer um paralelo com a pesquisa desenvolvida por Legerstee e Weintraub (1997) com bebês com

Síndrome de Down que aponta que o envolvimento de tais bebês com objetos estaria, de certa forma, condicionado à intervenção materna, ressaltando a importância desta como parceiro comunicativo em tal contexto.

Silva e Salomão (2002), ao abordarem as interações mãe-criança portadora de Síndrome de Down, estudando a faixa etária de 18 a 24 meses, ressaltam uma quebra de continuidade nas interações mãe-criança em tal contexto, pelo fato das mães tenderem a chamar a atenção para um novo tema, sem antes explorar as brincadeiras pelas quais o filho demonstra interesse. Apesar da faixa etária diferenciada, a observação dos registros realizados com as díades A e B revela atitudes da mãe como a retirada do objeto da mão do bebê, enquanto este ainda mostra-se entretido com o mesmo, para apresentar um outro, bem como a introdução de objetos durante extensões da comunicação face-a-face, enquanto o bebê encontra-se ainda engajado no contato de olhar. Tais atitudes, algumas vezes, evidenciam a ocorrência de quebras de continuidade na interação já nos primeiros meses de vida do bebê. Harris, Kasari e Sigman (1996) colocam que as freqüentes mudanças de foco da atenção da criança, realizadas por iniciativa do cuidador parecem atuar negativamente sobre a evolução da linguagem em tais crianças.

A microanálise dos dados, entretanto, permite apreender o significado de tais atitudes e compreendê-las como parte de um sistema de comunicação complexo e multilinear, possibilitando afirmar que mesmo a quebra de continuidade pode revelar-se adaptativa. Isso ocorre, por exemplo, quando a mãe, na díade B, insiste em introduzir o objeto nas trocas, fazendo-o enquanto o bebê tende a manter a atenção voltada a trocas face-a-face, por compreender que este, ainda que demonstre insegurança, em função da pouca habilidade no manuseio dos objetos, já tem condições de evoluir com o seu apoio, o que acontece. Naquele momento, não quebrar a continuidade nas trocas face-a-face significaria estagnar o sistema.

Da mesma forma, a análise permite identificar momentos de evolução do sistema nos

quais a quebra de continuidade mostra-se prejudicial, como ocorre com a díade A, quando a mãe interrompe o brincar solitário da filha, prejudicando a evolução do sistema rumo a níveis de maior complexidade.

Verifica-se, portanto, nos exemplos acima, as possibilidades de uma metodologia microanalítica e a sensibilidade do modelo EEA em acessar diferentes nuances do funcionamento do sistema.

A hipótese levantada, a partir dos dados obtidos nesta pesquisa, acerca da interferência dos Programas de Estimulação Precoce no estilo diretivo apresentado pelas mães, encontra paralelo no estudo de Pino (2000), que destaca, a partir da observação de 16 díades mãe-criança (seis com crianças com Síndrome de Down e seis com crianças com desenvolvimento típico), que as mães de crianças com a Síndrome desempenham o papel de “professoras” com maior frequência que o grupo controle, adotando, por vezes, um estilo intrusivo. A autora também associa tal padrão materno aos Programas de Estimulação Precoce, ressaltando a necessidade de mudança nos mesmos.

O estudo ora empreendido permite apontar caminhos para esta mudança. Embora ainda não tenha havido tal extensão, a aplicabilidade clínica do modelo proposto parece promissora. Caberia ao Psicólogo, em tal contexto, como membro de equipes interdisciplinares de Programas de Estimulação Precoce, compreender o funcionamento do sistema de comunicação mãe-bebê em cada díade atendida e atuar, junto às díades e à equipe, no sentido de sensibilizá-los quanto à necessidade de estarem atentos às especificidades de cada trajetória particular de desenvolvimento da comunicação, bem como da relevância desta atenção na evolução do bebê.

Um outro aspecto a ser discutido refere-se aos dados resultantes da análise da díade A que contradizem a idéia de que os bebês com Síndrome de Down tendem a permanecer por mais tempo envolvidos em interações face-a-face, em detrimento do interesse no ambiente

circundante, conclusão presente nos trabalhos de Buckley (1993), Mac Turk et al. (1985) e Tristão e Feitosa (2003). A díade estudada apresenta um percentual maior de tempo despendido em trocas mediadas por objeto na maior parte dos registros analisados demonstrando um interesse prevalente em atividades que envolvem estímulos do ambiente.

Na díade B, por outro lado, há um padrão evolutivo compatível com o previsto na literatura, observando-se a tendência a um maior dispêndio de tempo em trocas face-a-face durante o período estudado, em detrimento do contato com o ambiente, que ocorre num período posterior ao observado nas díades cujo bebê apresenta um desenvolvimento típico.

A compreensão da diferença observada entre as duas díades, no que concerne a este aspecto, entretanto, pode ser aprofundada a partir da análise microanalítica dos sistemas, conforme exposto no item anterior. Em suas trajetórias específicas de desenvolvimento, a díade B precisa de um tempo maior de envolvimento em trocas face-a-face em função da imaturidade do bebê, enquanto na díade A é possível avançar rumo ao engajamento em trocas MOB desde os primeiros meses. A diversidade, já apontada na literatura, entre os bebês com Síndrome de Down (CARDOSO, 2003; CUNNINGHAM, 1996; JERUSALINSKY, A., 2000; NILHOLM, 1996; PUESCHEL, 2002) é considerada neste modelo, permitindo ampliar o nível de análise.

O estudo do processo de desenvolvimento da comunicação em díades cujos bebês apresentam Síndrome de Down, a partir da perspectiva dos Sistemas Dinâmicos e do Modelo EEA, permitiu-nos conhecer a evolução dos padrões de organização do sistema em estudo e observar o “como se dá” a emergência de formas coerentes, de crescente complexidade, a partir de recursivas interações entre componentes mais simples, apreendendo a criatividade e singularidade inerente a cada uma das díades, em sua trajetória única de desenvolvimento.

Trata-se de um primeiro estudo sobre bebês com Síndrome de Down que faz uso do Modelo EEA de análise da comunicação. Neste, foi investigado o funcionamento sistêmico de

duas díades, sendo necessário agora, avançar no conhecimento sobre o tema a partir do estudo empírico de outros casos.

## 6 CONCLUSÕES

---

*A escrita é mais próxima do silêncio, mais próxima da solidão,  
mais próxima da verdade. Escreve-se no âmago do silêncio,  
aonde a fala não vai. Escreve-se onde se vive, onde se está, o  
mais próximo de si e do outro. Há uma eternidade na escrita.  
Toda fala é do instante; toda a escrita, da duração. É essa  
duração que o leitor descobre, redescobre, habita.  
(Comte-Sponville, 1997)*

Uma tese é a narrativa de um percurso, de uma história. Um pensar que a escrita registra e, assim, eterniza. Não tem a pretensão de alcançar verdades definitivas, posto que já nasce para ser questionada, revista; mas encerra possibilidades de apreensão de uma realidade.

Há cerca de quatro anos, na ocasião da elaboração do Projeto de Pesquisa que resultou nesta Tese, não tínhamos a dimensão da complexidade da tarefa proposta, nem do quanto com ela aprenderíamos, tampouco prevíamos quantas questões seriam suscitadas, a partir do confronto com as teorias e no processo de construção dos dados.

Faz-se mister assumir que o contato com bebês deficientes e suas mães, num momento tão complexo de suas vidas, mobiliza, certamente, sentimentos ambivalentes no Pesquisador. Neste caso, a crença no potencial para o crescimento e desenvolvimento, inerentes à condição humana, coloca-se lado a lado com a percepção da impotência do ser humano em determinados contextos. A reflexão sobre essas e outras questões foram importantes, possibilitando uma maior sensibilidade no processo de elaboração da Tese.

No percurso deste estudo, uma primeira surpresa refere-se à escassez de pesquisas sobre interação mãe-bebê, publicadas em periódicos brasileiros, o que provoca estranheza em função de tratar-se de uma área reconhecidamente relevante no estudo do desenvolvimento

humano. Observa-se, entretanto, tratar-se de um campo de estudo em evolução, com inúmeros Grupos de Pesquisa formados, ou em formação, havendo um esforço efetivo no sentido de fomentação do conhecimento, o que se traduz no intercâmbio entre os Pesquisadores, o que tem resultado em eventos específicos e publicações conjuntas.

Em relação à Síndrome de Down, é evidente o avanço na área, havendo uma intensa e significativa produção científica presente em periódicos internacionais. No Brasil, entretanto, o avanço é recente, e deve-se, principalmente, ao empenho de pais e familiares de portadores da Síndrome. No levantamento realizado, constatamos que, na área de Psicologia, são poucos os estudos publicados em periódicos nacionais sobre o tema e, embora verifique-se um número considerável de livros que abordam o assunto, grande parte refere-se ao relato da experiência dos pais com seus filhos portadores desta condição genética.

O levantamento dos estudos realizados sobre Síndrome de Down evidencia, ainda, mesmo em âmbito internacional, um reduzido número de pesquisas com bebês no primeiro semestre de vida, etapa fundamental à compreensão do processo de desenvolvimento da comunicação.

Conforme exposto na Introdução, esta Tese insere-se numa trajetória de estudos marcada pelo interesse pela relação mãe-bebê num contexto de deficiência. Após a elaboração de uma Dissertação de Mestrado sobre o tema, com enfoque psicanalítico, algumas questões ainda suscitavam inquietação. A necessidade de estudar bebês era clara, mas que percurso seguir? Como ir além, preencher lacunas, compreender o processo de desenvolvimento?

Historicamente, a comunicação mãe-bebê tornou-se foco de estudos no cenário científico a partir da contribuição dos Psicanalistas, quando Freud relacionou os acontecimentos dos primeiros anos à estrutura e funcionamento da personalidade adulta, e pesquisadores como Klein, Spitz, Mahler, Erickson e Winnicott buscaram compreender a relação mãe-bebê a partir de pressupostos psicanalíticos, propiciando uma inegável

contribuição aos estudos neste campo. Desde esse período, pesquisadores buscam, por diferentes percursos teórico-metodológicos, apreender as nuances envolvidas nessa complexa relação. Os Etologistas chamaram a atenção dos pesquisadores para o fato de que a história da comunicação não pode ser compreendida sem a consideração de que este fenômeno, tal como se apresenta hoje, traz inscrições filogenéticas. Coube também a estes demonstrar ser a observação um caminho profícuo para apreensão do desenvolvimento da comunicação, sendo este, hoje, o método mais utilizado entre os Pesquisadores que atuam neste campo.

Os Interacionistas, por sua vez, tiveram o mérito de reconhecer a natureza recíproca e processual da interação mãe-bebê e a importância do outro no desenvolvimento da subjetividade. Num contexto em que os avanços científicos e tecnológicos revelavam as competências do bebê humano e propiciavam instrumentos de pesquisa capazes de aprofundar a análise da interação, estes construíram modelos explicativos acerca do desenvolvimento da comunicação mãe-bebê coerentes e bem fundamentados, fornecendo subsídios à evolução do conhecimento na área. Não conseguiram, entretanto, desenvolver um modelo de análise e compreensão sensível o bastante para abranger a reciprocidade mãe-bebê, continuando a tratar os parceiros em interação como atores independentes.

O contato com a perspectiva dos Sistemas Dinâmicos e com o Modelo EEA, foi uma surpreendente descoberta. O modelo de análise e compreensão do desenvolvimento da comunicação utilizado nesta Tese representa um avanço na trajetória de estudos sobre a comunicação mãe-bebê. Partindo de contribuições da vertente interacionista, mas aprofundando a compreensão do fenômeno em foco, a partir de concepções da perspectiva dos Sistemas Dinâmicos, tal modelo permite a apreensão do processo de mudança que caracteriza o desenvolvimento da comunicação, do “como”, fornecendo subsídios à intervenção em tal contexto.

O imenso trabalho que uma abordagem microanalítica exige do Pesquisador, é plenamente recompensado pela riqueza dos dados apreendidos. Evidentemente não foi possível explorar todas as possibilidades presentes nos dados, havendo o desejo de avançar na busca de resposta a algumas questões em trabalhos posteriores.

A investigação do desenvolvimento do sistema de comunicação mãe-bebê, em díades cujo filho é portador da Síndrome de Down, revelou uma dinâmica distinta daquela que vem sendo observada em pesquisas com díades cujos bebês apresentam um desenvolvimento típico. A análise, até o final do primeiro ano de vida do bebê, demonstrou um deslocamento no tempo no tocante à passagem do predomínio entre os momentos de quase-estabilidade, sobretudo no que se refere à emergência da abreviação, um período mais prolongado de investimento das díades em trocas caracterizadas como extensão e uma maior instabilidade no funcionamento do sistema.

Constatou-se, ainda, neste estudo, um padrão de interação marcado pela diretividade da mãe e responsividade do bebê, observando-se uma adaptação mútua entre os parceiros em ambos os casos estudados. Tal dinâmica de funcionamento do sistema parece adaptativa, no sentido de estimular o bebê e auxiliá-lo a engajar-se no processo comunicativo, favorecendo o desenvolvimento da comunicação nos primeiros meses de vida. A evolução do sistema, entretanto, requer mudanças neste padrão ao longo do tempo, de modo que as atitudes da mãe estejam continuamente em sintonia com as necessidades do bebê. Verificou-se que a ênfase na importância de estimular a criança com Síndrome de Down, associada ao estigma social que evidencia as limitações em detrimento das possibilidades da criança deficiente, pode resultar numa quebra na mutualidade mãe-bebê, na medida em que o diálogo espontâneo cede lugar ao estímulo.

A microanálise do processo comunicativo permitiu conhecer profundamente o funcionamento do sistema de comunicação em cada uma das díades, e, neste ponto, reside

uma das forças do Modelo. Compreender os padrões gerais de funcionamento do sistema, sem desconsiderar a singularidade de cada díade é realmente surpreendente. A investigação das duas díades propiciou uma corroboração empírica do modelo, demonstrando a sensibilidade do mesmo na apreensão tanto dos aspectos generalizáveis no tocante ao funcionamento do sistema, como da variabilidade vinculada à história particular de cada uma das díades. O método microanalítico revelou-se promissor no tocante à compreensão da comunicação mãe-bebê num contexto de deficiência.

Os dados resultantes da investigação sugerem a necessidade de alterações no Programa de Estimulação Precoce, de modo a utilizar como recursos a sensibilidade e a criatividade dos parceiros em interação. É imprescindível conhecer o sistema de comunicação mãe-bebê para poder intervir no mesmo. É fundamental que os profissionais de saúde reconheçam o poder da díade mãe-bebê e, a partir do conhecimento de cada sistema de comunicação em sua singularidade, tal como demonstrado neste trabalho, atuem como facilitadores da evolução do sistema a níveis de maior complexidade.

No decorrer da pesquisa, várias questões emergiram e ficaram sem resposta, apontando alguns caminhos para novos estudos na área. A ampliação do período investigado neste estudo, de modo a abranger os três primeiros meses de vida do bebê, permitiria o acesso ao processo de construção da adaptação mútua entre a díade, já constatada aos três meses. A possibilidade de investigar o segundo ano de vida, permitiria verificar a evolução da abreviação e o desenvolvimento do *self* dialógico por parte do bebê com Síndrome de Down, tal como proposto por Lyra (2003, submetido a, submetido b).

O trabalho realizado revela as possibilidades do modelo EEA para a compreensão do processo de comunicação num contexto de deficiência. Se quisermos apreender a construção da comunicação entre a mãe e o bebê portador de deficiência, e não apenas apontar *déficits*, faz-se mister estudar tal fenômeno a partir de uma concepção dinâmica e sistêmica, e observá-

lo o mais precocemente possível, promovendo estudos com bebês nos primeiros meses de vida.

O desenvolvimento da Tese deu origem ao “Projeto Mãe-Bebê”, implantado no Centro de Reabilitação Infantil no início de 2005. Tal projeto surgiu a partir da constatação da necessidade de uma “escuta” às mães de bebês deficientes. Trata-se de um trabalho de intervenção psicológica junto à díade mãe-bebê, de caráter preventivo, cujo foco é a construção da relação. Objetiva-se uma intervenção na formação do vínculo mãe-filho, a partir da consecução de um trabalho que propicie um “acolhimento” à díade, facilitando a sua comunicação no início da vida do bebê. O público alvo deste projeto constitui-se de bebês com diagnóstico de deficiência e suas mães, encaminhados a partir do Serviço Social ou do Setor de Estimulação Precoce. Objetiva-se que a intervenção ocorra o mais cedo possível, em função da relevância dos primeiros meses no desenvolvimento do bebê e das dificuldades enfrentadas pela mãe nesse período. O Projeto funciona há um ano e, durante esse período, o atendimento a diversas díades mãe-bebê tem confirmado a importância do profissional conhecer a história relacional de cada díade para poder intervir com propriedade.

Os resultados obtidos neste estudo surpreendem e apontam caminhos, revelam possibilidades de intervenção com díades cujos bebês apresentam deficiência, a partir de uma sensibilização do adulto para o acompanhamento da evolução do sistema de comunicação, do qual é parte integrante.

O conhecimento obtido, neste trabalho, sobre o funcionamento do sistema de comunicação mãe-bebê fornece subsídios à prática do Psicólogo e revela, a partir das questões que suscita, um longo percurso de estudos a ser trilhado.

## REFERÊNCIAS

ADAMSON, L. B. **Communication development during infancy**. Colorado: WestviewPress, 1996.

ALMEIDA, L. S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Indicadores afetivos do processo de vinculação entre bebês e educadoras de creche. In: CAMAROTTI, M. C (Org.). **Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 212 p. p. 125-139.

ANJOS, A. M. et al. Interações de bebês em creche. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p. 513-522, 2004.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BERNARDINO, L. M. F.; ROBENKOHL, C. M. F. (Org). **O bebê e a modernidade: abordagens teórico-clínicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BIAGGIO, A. M. B.; MONTEIRO, J. K. A psicologia do desenvolvimento no Brasil e no mundo. In: SEIDL DE MOURA, M. L.; CORREA, J.; SPINILLO, A. (Org.). **Pesquisas brasileiras em psicologia do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p.15-31.

BORGES, L. C.; SALOMÃO, N. M. R. (2003). Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 327-336, 2003.

BORNSTEIN, M. H.; TAMIS-LEMONDA, C. S. Mother-infant interaction. In: G. BREMNER; A. FOGEL (Ed.), **Blackwell handbook of infant development**. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001. p. 269-295.

BORTOLETTO-DUNKER, A. C.; LORDELO, E. R. Um novo bebê: Interpretações sobre competências. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 1-4, p. 10-15, 1993.

BOSA, C. A. As relações entre autismo, comportamento social e função executiva. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 281-287, 2001.

BOSA, C. A. Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 77-88, 2002.

BOWLBY, J. **Apego**: a natureza do vínculo 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento de laços afetivos**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOWLBY, J. **Perda**: tristeza e depressão. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRAZELTON, T. B. O bebê: parceiro na interação. In: BRAZELTON, T. B.; CRAMER, B.; KREISLER, L.; SCHÄPPI, R; SOULÉ, M. **A dinâmica do bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. p 9-23.

BRAZELTON, T. B.; KOSLOWSKI, B; MAIN, M. The origins of reciprocity: the early mother-infant interaction. In: LEWIS, M.; ROSENBLUN, L. A. (Eds.). **The effect of the infant on its caregiver**. New York: John Wiley, 1974. p. 49-76.

BRUM, E. H. M.; SCHERMANN, L. Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: uma abordagem teórica em uma situação de nascimento de risco. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 9, n. 2, p. 457-467, 2004.

BRUNONI, D. Aspectos epidemiológicos e genéticos. In: SCHWARTZMAN, J. S. (Org.). **Síndrome de Down**. 2. ed. São Paulo: Memnon: Mackenzie, 2003. p. 32-43.

BUCKLEY, S. Language development in children with Down's Syndrome: reasons for optimism. **Down Syndrome Research and Practice**, v. 1, p. 3-9, 1993.

BUSSAB, V. S. R. Fatores hereditários e ambientais no desenvolvimento: a adoção de uma perspectiva interacionista. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p.233-243, 2000.

CAHILL, B. M.; GLIDDEN, L. M. Influence of child diagnosis on family and parental functioning: Down Syndrome versus others disabilities. **American Journal on Mental Retardation**, v. 101, p. 149-160, 1996.

CAMAROTTI, M. C. (Org.). **Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

CARDOSO, M. H. C. A. Uma produção de significados sobre a Síndrome de Down. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 101-109, 2003.

CARVALHO, A. M. A. et al. Registro em vídeo na pesquisa em psicologia: reflexões a partir de relatos de experiência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 12, n. 3, p. 261-267, 1996.

CASARIN, S. O ciclo vital da família do portador da Síndrome de Down: dificuldades específicas. **Temas sobre desenvolvimento**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 18-28, 1997.

CASARIN, S. Aspectos psicológicos na Síndrome de Down. In: SCHWARTZMAN, J. S. (Org.). **Síndrome de Down**. 2.ed. São Paulo: Memnon: Mackenzie, 2003. p. 263-285.

CASTRO, E. K.; PICCININI, C. A. Implicações da doença orgânica crônica na infância para as relações familiares: algumas questões teóricas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 625-635, 2002.

CASTRO, E. K.; PICCININI, C. A. A experiência da maternidade de mães de crianças com e sem doença crônica no segundo ano de vida. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 1, p. 89-99, 2004.

CAVALCANTE, F. Família, subjetividade e linguagem: gramáticas da criança “anormal”. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 125-137, 2001.

CAVALCANTE, M. C. B. Melodias maternas – um movimento interpretativo na dialogia mãe-bebê. In: CAMAROTTI, M. C. (Org.). **Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 88-95.

CHAVES, E. C. **O sistema de comunicação mãe-bebê: estudo das dimensões que compõem as trocas mediadas por objetos**. 2004. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

CRAMER, B.; PALÁCIO-ESPASSA, F. **Técnicas psicoterápicas mãe/bebê: estudos clínicos e técnicos**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

CUNNINGHAM, C. C. Families of children with Down Syndrome. **Down Syndrome Research and Practice**, v. 4, n. 3, p. 87-95, 1996.

ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

ERIKSON, E. H. **Identidade: juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FERREIRA, S. S. Por que falar ao bebê se ele não compreende? In: Camarotti, M. C. (Org.). **Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 97-104.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos**. 3.ed.rev. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FOGEL, A. **Developing through relationships: Origins of communication, self, and culture**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993a.

FOGEL, A. **The developmental dynamics of movement and coordination in early mother-infant communication**. Salt Lake City, 1989. Mimeografado.

FOGEL, A. Two principles of communication – co-regulation and framing. In: Nader, J; Camaione, L. (Eds.). **New perspectives in early communicative development**. New York: Routledge, 1993b. p. 9-22.

FOGEL, A. **Infancy: infant, family and society**. 3.ed. New York: West Publishing Company, 1997a.

FOGEL, A. Information, creativity, and culture. In: DENT-READ, C.; ZUKOW-GOLDRING, P. (Ed.). **Evolving explanations of development: ecological approaches to organism-environment systems**. Washington: American Psychological Association, 1997b, p. 413-450.

FOGEL, A. O contexto sociocultural e histórico dos estudos do desenvolvimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 311-318, 2000.

FOGEL, A. et al. Posture and gaze in early mother-infant communication: synchronization of developmental trajectories. **Developmental Science**, v. 2, n. 3, p. 325-332, 1999.

FOGEL, A.; LYRA, M. C. D. P. Dynamics of development in relationships. In: F. MASTERPASQUA, F.; PERNA, P. A. (Ed.). **The psychological meaning of chaos - translating theory into practice**. Washington: American Psychological Association, 1997. p. 75-94.

FOGEL, A.; LYRA, M. C. D. P.; VALSINER, I. Introduction: perspectives on indeterminism and development. In: FOGEL, A.; LYRA, M. C. D. P.; VALSINER, J. **Dynamics and indeterminism in developmental and social processes**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1997. p. 1-10.

FOGEL, A.; THELEN, E. Development of early expressive and communicative action: reinterpreting the evidence from a dynamic systems perspective. **Developmental Psychology**, v. 23, n. 6, p. 1-15, 1987.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1923/1969, v. 19.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1914-1916/1969, v. 14.

GRANOTT, N. How microdevelopment creates macrodevelopment: reiterated sequences, backward transitions, and the Zone of Current Development. In: GRANOTT, N.; PARZIALE, J. (Ed.). **Microdevelopment: transition processes in development and learning**. Reino Unido: Cambridge University Press., 2002. p. 213-242.

GRIZ, S. M. S. **Desenvolvimento da comunicação no início da vida: o bebê surdo**. 2004. Tese (Doutorado) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

GUERRA, G. R. Síndrome de Down: aspectos de sua comunicação. **Temas sobre desenvolvimento**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 12-17, 1997.

GUSMAN, S.; TORRE, C. A. Fisioterapia na Síndrome de Down. In: SCHWARTZMAN, J. S. (Org.). **Síndrome de Down**. 2. ed. São Paulo: Memnon: Mackenzie, 2003. p. 167-205.

HAUSER-CRAM, P. et al. Family influences on adaptative development in young children with Down Syndrome. **Child development**, v. 70, n. 4, p. 979-989, 1999.

HARRIS, S.; KASARI, C.; SIGMAN, M. D. Joint attention and language gains in children with Down Syndrome. **American Journal on Mental Retardation**, v. 100, p. 608-619, 1996.

HERMANS, H. J. M. Three misunderstandings about dialogicality: the deeply-rooted persistence of cartesian thinking. **Polish Quarterly of Developmental Psychology**, v. 3, n. 2, 109-114, 1997.

HERMANS, H. J. M.; HERMANS-JANSEN, E. **Self-narratives**: the construction of meaning in Psychotherapy. New York: Guilford Press, 1995.

HERMANS, H. J. M.; KEMPEN, H. J. G. **The dialogical self**: meaning as movement. San Diego: Academic Press, 1993.

JERUSALINSKY, A. O possível e o impossível na cura da Síndrome de Down. In: CENTRO LYDIA CORIAT. (Org.). **Escritos da criança**. 2. ed. v. 4. Porto Alegre, 2001.

JERUSALINSKY, J. Quando o que se antecipa é o fracasso... prevenção secundária e estimulação precoce. In: CAMAROTTI, M. C. (Org.). **Atendimento ao bebê**: uma abordagem interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 35-42.

JONES, O. H. M. A comparative study of mother-child communication with Down's Syndrome and normal infants. In: SCHAFFER, H. R.; DUNN, J. (Ed.). **The first year of life: Psychological and medical implications of early experience**. New York; Toronto: John Wiley & Sons, 1980. p. 175-195.

KASARI, C., FREEMAN, S. F. N.; BASS, W. Empathy and response to distress in children with Down Syndrome. **Journal of child Psychiatry**, v. 44, n. 3, p. 424-431, 2003.

KLEIN, M. Fundamentos psicológicos da análise infantil. In: \_\_\_\_\_. **Psicanálise da criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1969. p. 25-39.

KLEIN, M. Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. In: \_\_\_\_\_. **O sentimento de solidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1971. p. 1-30.

LAVELLI, M.; FOGEL, A. Developmental changes in mother-infant face-to-face communication: birth to 3 months. **Developmental Psychology**, v. 38, n. 2, p. 288-305, 2002.

LEGERSTEE, M; VARGHESE, J.; BEEK, Y.V. Effects of maintaining and redirecting infant attention on the production of referential communication in infants with and without Down Syndrome. **J. Child Lang.**, v. 29, p. 23-48, 2002.

LEGERSTEE, M.; WEINTRAUB, J. The integration of person and object attention in infants with and without Down Syndrome. **Infant Behavior and Development**, v. 20, n. 1, p. 71-82, 1997.

LEFÈVRE, B. H. **Mongolismo**: orientação para famílias. 2.ed. São Paulo: Almed, 1998.

LEWIS, M. D. The promise of dynamic systems approaches for an integrated account of human development. **Child Development**, v. 71, n. 1, p. 36-43, 2000.

LIMA, M. J. S. **Síndrome de Down**: ajude seu filho a ser feliz!. Fortaleza: Ed. Tradição e Cultura, 2002.

LOCK, A. Preverbal communication. In: BREMNER, G.; FOGEL, A. (Eds.). **Blackwell handbook of infant development**. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001. p. 379-403.

LORDELO, E. R. “Agora vá com a tia que a mamãe bem mais tarde”: creche como contexto brasileiro de desenvolvimento. In: LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A; KOLLER, S. H. (Org.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador: Ed. da Universidade Federal da Bahia, 2002a. p. 77-97.

LORDELO, E. R. Interação social e responsividade em ambientes doméstico e de creche: cultura e desenvolvimento. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.7, n. 2, p. 343-350, 2002b.

LORDELO, E. R. Contexto e desenvolvimento humano: quadro conceitual. In: LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A; KOLLER, S. H. (Orgs.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2002c. p. 5-18.

LUBCHENCO, L. O. Determinação do peso e idade gestacional. In: AVERY, G. (Org.). **Neonatologia**. Rio de Janeiro: Médica e Científica, 1984. p. 207-227.

LYRA, M. C. D. P. **Transformação e construção na interação social**: a díade mãe-bebê. 1988. Tese (Doutorado) - Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

LYRA, M. C. D. P. Desenvolvimento de um sistema de relações historicamente construído: contribuições da comunicação no início da vida. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 257-268, 2000.

LYRA, M. C. D. P. **Desenvolvimento humano no processo de comunicação.** Recife, 2003. Projeto de pesquisa submetido ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. p. 1-49.

LYRA, M. C. D. P. **O modelo EEA para a investigação da emergência e desenvolvimento da comunicação e do *self*: bases conceituais e fundamentos teórico-metodológicos.** Artigo submetido para publicação na revista Estudos de Psicologia, Natal.

LYRA, M. C. D. P. **O modelo EEA: definições, unidade de análise e possíveis aplicações.** Artigo submetido para publicação na revista Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre.

LYRA, M. C. D. P.; CHAVES, E. O desenvolvimento da comunicação no início da vida: estabelecimento, extensão e abreviação. **Temas de Psicologia da SBP**, Ribeirão Preto, v. 8, n.3, p. 225-240, 2000.

LYRA, M. C. D. P.; ROSSETI-FERREIRA, M. C. Transformation and construction in social interaction: a new perspective on analysis of the mother-infant dyad. In: VALSINER, J. (Ed.). **Comparative-cultural and constructivist perspectives: child development within culturally structured environments.** New Jersey: Ablex Publishing Corporation., 1995. v. 3, p. 51-77.

LYRA, M. C. D. P.; SOUZA, M. Novas perspectivas para o estudo do desenvolvimento da comunicação no início da vida. In: CONGRESSO NORTE-NORDESTE DE PSICOLOGIA, 1999, Salvador. Disponível em: <<http://www.ufba.br/~conpsi/conpsi1999/F019.html>>. Acesso em: 20 ago. 2002.

LYRA, M. C. D. P.; SOUZA, M. Dynamics of dialogue and emergence of self in early communication. In: JOSEPHS, E. (Ed.). **Dialogicality in development.** London: Praeger publishers, 2003. p. 51-68.

LYRA, M. C. D. P.; WINEGAR, L. T. Processual dynamics of interaction through time: adult-child interactions and process of development. In: FOGEL, A., LYRA, M. C. D. P.; VALSINER, J. **Dynamics and indeterminism in developmental and social processes.** New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1997. p. 93-109.

MAC FADDEN, M. A. J. Algumas teorias psicanalíticas sobre desenvolvimento infantil. In: \_\_\_\_\_, **Psicanálise e psicossomática.** Campinas, SP: Ed. Alínea, 2000. p. 25-52.

MAC TURK, R. H. et al. The organization of exploratory behavior in Down Syndrome and nondelayed infants. **Child development**, v. 56, p. 573-581, 1985.

MAHLER, M.; PINE, F.; BERGMAN, A. **O nascimento psicológico infantil: simbiose e individuação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MAHONEY, G.; NEVILLE-SMITH, A. The effects of directive communications on children's interactive engagement: implications for language intervention. **Topics in early childhood special education**, v. 16, p. 236-250, 1996.

MARKOVÀ, I.; FOPA, F. **The dynamics of dialogue**. New York: Spring-Verlag, 1990.

MARTINS, L. A. R. **A inclusão escolar do portador da Síndrome de Down: o que pensam os educadores?** Natal: EDUFRN, 2003.

MAZET, P.; STOLERU, S. **Manual de psicopatologia do recém-nascido**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MELO, S. F. **Relação mãe-criança portadora de deficiência mental – uma abordagem winnicottiana**. 2000. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MESSER, D. J. **The development of communication: From social interaction to language**. New York: John Wiley, 1995.

MILANI, D. **Down, Síndrome de: como, onde, como, porque**. 2. ed. São Paulo: Livro Pronto, 2005.

MOURA, M. T. **Parece que foi ontem**. São Paulo: Mandarin, 2001.

MOREIRA, L. M. A.; EL-HANI, C. N.; GUSMÃO, F. A. F. A Síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 96-99, 2000.

MURPHY, A. Nasce uma criança com Síndrome de Down. In: PUESCHEL, S. M. (Org.). **Síndrome de Down: guia para pais e educadores**. 6.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002. p. 23-32.

NIHOLM, C. Early intervention with children with Down Syndrome: past and future issues. **Down Syndrome Research and Practice**, v. 4, n. 2, p. 51-58, 1996.

OLIVA, A. D. A noção de estado inicial e concepções de desenvolvimento: problemas e necessidades de definições empíricas dos termos. In: SEIDL DE MOURA, M. L. (Org.). **O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 61-110.

OTTA, E. **O sorriso e seus significados**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PANTOJA, A. P. F.; NELSON-GOENS, G.C. Desenvolvimento emocional do bebê durante o segundo ano de vida: Narrativas e sistemas dinâmicos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13 , n. 2, p. 269-280, 2000.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PAPOUSEK, H.; PAPOUSEK, M. Mothering and the cognitive head-start: psychobiological considerations. In: SCHAFFER, H. R. (Ed.). **Studies in mother-infant interaction**. London: Academic Press, 1977. p.63-85.

PAPOUSEK, H.; PAPOUSEK, M. Intuitive parenting: a dialectic counterpart to the infant's integrative competence. In: OSOFSKY, J. D. (Ed.). **Handbook of infant development**. 2.ed. New York: John Wiley, 1987. p. 669-720.

PEDROSA, M. I.; BUSSAB, V. S. R.; CARVALHO, A. M. A. Encontros com o outro: empatia e intersubjetividade no primeiro ano de vida. **Psicologia USP** . No prelo.

PELCHAT, D. et al. Adaptation of parents en relation to their 6-month-old infant's type of disability. **Child: Care, Health and Development**, v. 25, n. 4, p. 377-397, 1999.

PINO, O. The effect of context on mother's interaction style with Down's syndrome and typically developing children. **Research in developmental disabilities**, v. 21, p. 329-346, 2000.

PICCININI, C. A. et al. Diferentes perspectivas na análise da interação pais-bebê/criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 469-485, 2001.

PICCININI, C. A. et al. A doença crônica na infância e as práticas educativas maternas. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 1, p. 75-83, 2003.

PINTO, E. B. Os sintomas psicofuncionais e as consultas terapêuticas pais/bebê. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.9, n. 3, p. 451-457, 2004.

PUESCHEL, S. M. O que é Síndrome de Down? In: WERNECK, C. **Muito prazer, eu existo**: um livro sobre as pessoas com Síndrome de Down. 4. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1995. p. 57-68.

PUESCHEL, S. M. (Org.). **Síndrome de Down**: guia para pais e educadores. 6.ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

PUPO FILHO, R. A. **Síndrome de Down. E agora, doutor?** Rio de Janeiro: WVA, 1996.

RAMRUTTUN, B.; JENKINS, C. Prelinguistic communication and Down Syndrome. **Down Syndrome Research and Practice**, v. 5, n. 2, p. 53-62, 1998.

RIBAS, A. F. P., SEIDL DE MOURA, M. L. Manifestações iniciais de trocas interativas mãe-bebê e suas transformações. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n. 2, 1999.

RIBAS, A. F. P., SEIDL DE MOURA, M. L.; RIBAS JÚNIOR, R. C. Responsividade materna: levantamento bibliográfico e discussão conceitual. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 137-145, 2003.

RIBAS, A. F. P.; SEIDL DE MOURA, M. L. Responsividade materna e teoria do apego: uma discussão crítica do papel de estudos transculturais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 315-322, 2004.

RIBEIRO, F. L.; BUSSAB, V. S.; OTTA, E. De colo em colo, de berço em berço. In: SEIDL DE MOURA, M. L. (Org.). **O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 229-284.

ROACH, M. A., ORSMOND, G. I.; BARRATT, M. S. Mothers and fathers of children with Down Syndrome: parental stress and involvement in childcare. **American Journal on Mental Retardation**, v. 104, n. 5, p. 422-436, 1999.

RODRIGUES, M. M. P.; OTTA, E. Desenvolvimento sócio-afetivo de bebês: alguns fundamentos evolutivos. In: LEITE, S. A. S. (Org.). **Cultura, cognição e afetividade**: a sociedade em movimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. v. 1, p. 69-84.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. (Org.). **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2003. v. 1.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S. Uma perspectiva teórico-metodológica para análise do desenvolvimento humano e do processo de investigação. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 281-293, 2000.

SAFRA, G. A vassoura e o divã. **Carta 52**: cadernos da Sociedade Psicanalítica da Paraíba, v. 2, p. 2-9, 2004.

SCHAFFER, H. R. (Ed.). **Studies in mother-infant interaction**. London: Academic Press, 1977.

SCHAFFER, H. R. Early interactive development. In: \_\_\_\_\_. **The child's entry into a social world**. London: Academic Press, 1984. p. 3-16.

SCHÄPPI, R. O modelo etológico da ralação mãe-bebê. In: BRAZELTON, T. B. et al. **A dinâmica do bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. p. 93-131.

SCHERMANN, L. Considerações sobre a interação mãe-bebê e o nascimento pré-termo. **Temas em Psicologia da SBP**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 1, p. 55-61, 2001.

SCHIAVO, M. R. (Org.). **Síndrome de Down**: perfil das percepções sobre as pessoas com Síndrome de Down e do seu atendimento: aspectos qualitativos e quantitativos. Brasília: Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, 1999.

SCHWARTZMAN, J. S. (Org.). **Síndrome de Down**. 2. ed. São Paulo: Memnon: Mackenzie, 2003.

SCHWENGBER, D. D. S.; PICCININI, C. A. O impacto da depressão pós-parto para a interação mãe-bebê. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 3, p. 403-411, 2003.

SCOTT, B. S. et al. Psychological distress of parents of infants with Down Syndrome. **American Journal on Mental Retardation**, v. 102, p. 161-171, 1997.

SEIDL DE MOURA, M. L. (Org.). **O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SEIDL DE MOURA, M. L. et al. Interações iniciais mãe-bebê. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 295-302, 2004.

SILVA, M. S. **Desenvolvimento da comunicação mãe-bebê mediada por objetos**: um estudo de dois casos. 1999. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

SILVA, N. L. P.; DESSEN, M. A. Crianças com Síndrome de Down e suas interações familiares. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 503-514, 2003.

SILVA, M. P. V.; SALOMÃO, N. M. R. Interações verbais e não-verbais entre mães-crianças portadoras de Síndrome de Down e entre mães-crianças com desenvolvimento normal. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 311-323, 2002.

SOUZA, M.; LYRA, M. C. D. P. Development of early communication: contributions from a dynamic, historical, and dialogical approach, 2000. Disponível em: <<http://www.fal.unicamp.br/br2000/trabs/1420.doc>>. Acesso em: 20 ago. 2002.

SPITZ, R. **O primeiro ano de vida**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

STERN, D. **The first relationship**: mother and infant. 3.ed. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1980.

STERN, D. **O mundo interpessoal do bebê**: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

THELEN, E.; CORBETTA, D. Microdevelopment and dynamic systems: applications to infant motor development. In: GRANOTT, N.; PARZIALE, J. (Ed.). **Microdevelopment**: transition processes in development and learning. Reino Unido: Cambridge University Press., 2002. p. 59-79.

THELEN, E.; SMITH, L. B. **A dynamic systems approach to the development of cognition and action**. 2. ed. London: The MIT Press, 1995.

TOMASELLO, M. Culture and cognitive development. **Current directions in Psychological Science**, v. 9, n. 2, p. 37-40, 2000a.

TOMASELLO, M. **The cultural origins of human cognition**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2000b.

TREVARTHEN, C. Communication and operation in early infancy: a description of primary intersubjectivity. In: BULLOWA, M. (Ed.). **Before speech**. New York: Cambridge University Press, 1979. p. 321-347.

TREVARTHEN, C.; AITKEN, K. J. Infant intersubjectivity: research, theory, and clinical applications. **J. Child Psycho. Psychiat.** v. 42, n. 1, p. 3-48, 2001.

TRISTÃO, R. M.; FEITOSA, M. A. G. Percepção da fala em bebês no primeiro ano de vida. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 3, p. 459-467, 2003.

VALSINER, J. **Culture and human development: an introduction**. London: Sage Publications, 2000.

VALSINER, J. **Comparative study of human cultural development**. Madrid: Fundación Infância y Aprendizaje, 2001.

VALSINER, J.; CONNOLLY, K. J. Introduction: the nature of development: the continuing dialogue of processes and outcomes. In: Valsiner, J.; Connolly, K. J. (Ed.). **Handbook of developmental psychology**. London: SAGE Publications, 2003. p. vi-xviii.

VAN GEERT, P. Que será, será: determinism and nonlinear dynamic model building in development. In: Fogel, A.; Lyra, M. C. D. P.; Valsiner, J. **Dynamics and indeterminism in developmental and social processes**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1997. p. 13-38.

VAN GEERT, P. The dynamics of general developmental mechanisms: from Piaget and Vygotsky to dynamic systems models. **Current directions in Psychological Science**, v. 9, n. 2, p. 64-68, 2000.

VAN GEERT, P. Dynamic systems approaches and modeling of developmental processes. In: Valsiner, J.; Connolly, K. J. (Ed.). **Handbook of developmental psychology**. London: SAGE Publications, 2003. p. 640-653.

VASCONCELOS, C. R. F.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. . Crianças pequenas brincando em creches: a possibilidade de múltiplos pontos de vista. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 2, p. 259-270, 2002.

VASCONCELOS, V. M. R.; CIVILETTI, M. V. P. Psicologia e desenvolvimento sócio-cognitivo no Brasil. In: SEIDL DE MOURA, M. L.; CORREA, J.; SPINILLO, A. (Org.). **Pesquisas brasileiras em psicologia do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 47-72

VIEIRA, M. L.; PRADO, A. B. Abordagem evolucionista sobre a relação entre filogênese e ontogênese no desenvolvimento infantil. In: SEIDL DE MOURA, M. L. (Org.). **O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 155-203.

VOIVODIC, M. A. M. A.; STORER, M. R. S. O desenvolvimento cognitivo das crianças com Síndrome de Down à luz das relações familiares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 31-40, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WENDLAND, J. A. Abordagem clínica das interações pais-bebê: perspectivas teóricas e metodológicas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 45-56, 2001.

WERNECK, C. **Muito prazer, eu existo**: um livro sobre as pessoas com Síndrome de Down. 4. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1995.

WIESE, E. B. P. Psicoterapia breve mãe/bebê. In: ROHENKOHL, C. F. (Org.). **A clínica com o bebê**. São Paulo, 2000. p. 125-130.

WIESE, E. B. P.; VIEIRA, R. M.; VILANOVA, L. C. **O desenvolvimento do comportamento da criança no primeiro ano de vida**: padronização de uma escala para a avaliação e o acompanhamento. São Paulo: FAPESP: Casa do Psicólogo, 1997. v. 1.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 1993a.

WINNICOTT, D. W. **Textos selecionados da pediatria à psicanálise**. 4. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1993b.

WINNICOTT, D. W. A experiência mãe-bebê de mutualidade. In: WINNICOTT, C.; SHEPERD, R.; DAVIS, M. (Org.). **Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994. p. 195-202.

ZAMBERLAN, M. A. T. Interação mãe-bebê: enfoques teóricos e implicações decorrentes de estudos empíricos. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 399-406, 2002.

## ***ANEXOS***

---

**ANEXO A**

---

**MODELO DO “TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO”**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_ portadora da  
Identidade nº \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, Estado  
Civil \_\_\_\_\_, residente na rua \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, abaixo assinado,  
concordo em participar, juntamente com meu filho (a) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ da pesquisa sobre comunicação mãe-bebê, a ser  
realizada no CRI – Centro de Reabilitação Infantil – na cidade de Natal/RN.

Tenho conhecimento dos objetivos e método da pesquisa, estando ciente que esta não acarreta nenhum risco às pessoas envolvidas, bem como que não tem finalidade terapêutica.

Estou ciente que os registros obtidos serão utilizados em trabalhos de natureza científica, sendo que a minha identidade, bem como a do meu filho (a), permanecerão em sigilo.

Fica-me assegurado, ainda, o direito de abandonar a pesquisa, em qualquer fase da mesma, devendo apenas comunicar à pesquisadora responsável.

Fui informada que a responsável pela pesquisa, SYMONE FERNANDES DE MELO, portadora do Registro 13/1692, expedido pelo Conselho Regional de Psicologia, estará à minha disposição para qualquer esclarecimento ou dúvida, durante todo período de realização da mesma.

Natal, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da mãe

\_\_\_\_\_  
Symone Fernandes de Melo  
Pesquisadora Responsável

**ANEXO B**

---

**FICHA DE ACOMPANHAMENTO DOS REGISTROS EM VÍDEO**

**DÍADE A**

## FICHA DE ACOMPANHAMENTO DOS REGISTROS EM VÍDEO

**DÍADE A**

**JD e ML**

**Data de nascimento do bebê: 30.05.2003**

DATA	SEMANA	REGISTRO	OBSERVAÇÕES
15.09.2003	16 <sup>a</sup>	1	3 meses e 15 dias
22.09.2003	17 <sup>a</sup>	2	
29.09.2003	18 <sup>a</sup>	3	
06.10.2003	19 <sup>a</sup>	4	4 meses
13.10.2003	20 <sup>a</sup>	5	
20.10.2003	21 <sup>a</sup>	6	
30.10.2003	22 <sup>a</sup>	7	5 meses
05.11.2003	23 <sup>a</sup>	8	Criança gripada
10.11.2003	24 <sup>a</sup>	9	Criança gripada
19.11.2003	25 <sup>a</sup>	10	
24.11.2003	26 <sup>a</sup>	11	
03.12.2003	27 <sup>a</sup>	12	6 meses. Criança gripada
08.12.2003	28 <sup>a</sup>	13	
15.12.2003	29 <sup>a</sup>	14	
22.12.2003	30 <sup>a</sup>	15	Ensaia sentar, emite sons silábicos.
29.12.2003	31 <sup>a</sup>	16	Criança sofreu queda em casa
05.01.2004	32 <sup>a</sup>	17	7 meses. Perna engessada
12.01.2004	33 <sup>a</sup>	18	Criança chorou bastante – sono?
19.01.2004	34 <sup>a</sup>	19	
26.01.2004	35 <sup>a</sup>	20	
02.02.2004	36 <sup>a</sup>	21	8 meses
09.02.2004	37 <sup>a</sup>	22	
16.02.2004	38 <sup>a</sup>	23	Tremores
27.02.2004	39 <sup>a</sup>	24	Crise convulsiva

<b>DATA</b>	<b>SEMANA</b>	<b>REGISTRO</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
01.03.2004	40 <sup>a</sup>	25	9 meses
10.03.2004	41 <sup>a</sup>	26	
15.03.2004	42 <sup>a</sup>	27	Engasgo
22.03.2004	43 <sup>a</sup>	28	Criança com conjuntivite
31.03.2004	44 <sup>a</sup>	29	10 meses
07.04.2004	45 <sup>a</sup>	30	
14.04.2004	46 <sup>a</sup>	31	Espasmos
19.04.2004	47 <sup>a</sup>	32	Espasmos
28.04.2004	48 <sup>a</sup>	33	Consulta à Pediatra
05.05.2004	49 <sup>a</sup>	34	11 meses
10.05.2004	50 <sup>a</sup>	35	M.L senta sem ajuda pela 1 <sup>a</sup> vez.
17.05.2004	51 <sup>a</sup>	36	Criança doente, forte gripe.
24.05.2004	52 <sup>a</sup>	37	Criança gripada, irritada.
31.05.2004	53 <sup>a</sup>	38	1 ano.

**Total de Registros:** 38

**Faltas:** 0

**Início:** 3 meses e 15 dias

**Término:** 1 ano

**ANEXO C**

---

**FICHA DE ACOMPANHAMENTO DOS REGISTROS EM VÍDEO**

**DÍADE B**

## FICHA DE ACOMPANHAMENTO DOS REGISTROS EM VÍDEO

**DÍADE B**

**JS e PH**

**Data de nascimento do bebê:** 14.07.2003

DATA	SEMANA	REGISTRO	OBSERVAÇÕES
20.10.2003	16 <sup>a</sup>	1	3 meses e 15 dias
07.11.2003	17 <sup>a</sup>	2	
12.11.2003	18 <sup>a</sup>	3	Criança dormiu aos 30"
19.11.2003	19 <sup>a</sup>	4	4 meses
26.11.2003	20 <sup>a</sup>	-	Falta – criança doente
03.12.2003	21 <sup>a</sup>	5	Criança sonolenta, mamou e dormiu
10.12.2003	22 <sup>a</sup>	6	
17.12.2003	23 <sup>a</sup>	7	5 meses. Tape feito na residência
24.12.2003	24 <sup>a</sup>	-	Falta – criança doente
30.12.2003	25 <sup>a</sup>	8	
08.01.2004	26 <sup>a</sup>	9	
14.01.2004	27 <sup>a</sup>	10	6 meses
21.01.2004	28 <sup>a</sup>	11	Criança havia tomado vacina
28.01.2004	29 <sup>a</sup>	12	
04.02.2004	30 <sup>a</sup>	13	
11.02.2004	31 <sup>a</sup>	14	
18.02.2004	32 <sup>a</sup>	15	7 meses
27.02.2004	33 <sup>a</sup>	-	Falta – criança doente
03.03.2004	34 <sup>a</sup>	16	
12.03.2004	35 <sup>a</sup>	17	
17.03.2004	36 <sup>a</sup>	18	8 meses. Criança adormeceu aos 2'
24.03.2004	37 <sup>a</sup>	19	
31.03.2004	38 <sup>a</sup>	20	
05.04.2004	39 <sup>a</sup>	21	Ecocardiograma

<b>DATA</b>	<b>SEMANA</b>	<b>REGISTRO</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
14.04.2004	40 <sup>a</sup>	22	9 meses
22.04.2004	41 <sup>a</sup>	23	Criança gripada
28.04.2004	42 <sup>a</sup>	-	Falta – mãe doente
07.05.2004	43 <sup>a</sup>	24	Tape feito na residência da díade
12.05.2004	44 <sup>a</sup>	25	
19.05.2004	45 <sup>a</sup>	26	10 meses
26.05.2004	46 <sup>a</sup>	27	
02.06.2004	47 <sup>a</sup>	28	Registro feito na residência
09.06.2004	48 <sup>a</sup>	29	Registro feito na residência – greve
16.06.2004	49 <sup>a</sup>	30	11 meses. Regist. feito na residência
23.06.2004	50 <sup>a</sup>	31	Registro feito na residência – greve
30.06.2004	51 <sup>a</sup>	32	Registro feito na residência – greve
11.07.2004	52 <sup>a</sup>	33	Registro feito na residência – greve
14.07.2004	53 <sup>a</sup>	34	Registro feito na residência. 1 ano

**Total de Tapes: 34**

**Faltas: 04**

**Início: 3 meses e 15 dias**

**Término: 1 ano**

**ANEXO D**

---

**MODELO DA FICHA DE ANÁLISE DOS REGISTROS EM VÍDEO**

## ANÁLISE DOS REGISTROS EM VÍDEO

DÍADE:

REGISTRO:

DATA:

IDADE DO BEBÊ:

INÍCIO DO REGISTRO:

TÉRMINO:

<i>Outros</i>	<i>Comunicação Face-a-Face</i>			Comunicação MOB			<b>Obs:</b>
	<b>Estab.</b>	<b>Extens.</b>	<b>Abrev.</b>	<b>Estab.</b>	<b>Extens.</b>	<b>Abrev.</b>	

**ANEXO E**

---

**MODELO DO PROTOCOLO UTILIZADO  
NA REALIZAÇÃO DO TESTE COHEN'S KAPPA**



**ANEXO F**

---

**EXEMPLO DA FOLHA DE RESUMO UTILIZADA NA PESQUISA**

**FOLHA DE RESUMO**

DÍADE: B

REGISTRO: 12

DATA: 28.01.2004

IDADE DO BEBÊ: 29 semanas

Neste registro P. H. mostra-se tranqüilo, e, embora por vezes disperso, engaja-se em trocas comunicativas com a mãe, tanto face-a-face como mediadas por objeto.

No tocante às trocas face-a-face, verifica-se, pela primeira vez, um predomínio das trocas caracterizadas como abreviação. Observa-se a ocorrência de várias trocas rápidas de olhar entre a díade, ao longo de todo o registro, sendo algumas iniciadas pela mãe e outras pelo bebê. Alguns episódios de abreviação incluem, além do olhar, sorrisos e vocalizações por parte do bebê. Observa-se neste registro que, concomitantemente ao aumento do tempo despendido em trocas de olhar abreviadas, há uma redução no número e na duração das trocas comunicativas F-F caracterizadas como extensão.

As trocas mediadas por objetos ocorrem na primeira metade do registro. A díade despende um maior tempo em episódios caracterizados como extensão, sendo possível verificar o “dar e pegar” entre a díade em alguns destes momentos, ainda amplamente negociado. Num primeiro episódio de extensão da comunicação MOB, por exemplo, a mãe apresenta um chocalho, o bebê olha para o mesmo, tenta tocá-lo, observa com atenção os movimentos que a mãe executa com o objeto e, somente então, pega-o. A mãe continua a compartilhar o “brincar” com o chocalho, enquanto o bebê o segura, observa e movimenta o mesmo. Num outro episódio de extensão da comunicação mãe-objeto-bebê, a mãe chega a colocar os dedos do bebê em torno do brinquedo para que este o pegue.

Na segunda metade do registro, P. H. parece sonolento e a mãe o acalenta em seus braços, havendo um decréscimo no número de trocas nesse período.

**ANEXO G**

---

**Tabela 1 - Díade A – Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação face-a-face, em cada semana analisada**

Tabela 1 - Díade A – Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação face-a-face, em cada semana analisada.

<b>REGISTRO</b>	<b>SEMANA</b>	<b>ESTABELECIMENTO</b>	<b>EXTENSÃO</b>	<b>ABREVIÇÃO</b>
1	16 <sup>a</sup>	26.03%	72.72%	1.24%
2	17 <sup>a</sup>	14.87%	85.13%	0%
3	18 <sup>a</sup>	22.78%	76.45%	0.77%
4	19 <sup>a</sup>	2.07%	86.90%	11.03%
5	20 <sup>a</sup>	11.04%	82.82%	6.13%
6	21 <sup>a</sup>	3.85%	93.16%	2.99%
7	22 <sup>a</sup>	5.82%	82.91%	11.27%
8	23 <sup>a</sup>	0.87%	97.67%	1.46%
9	24 <sup>a</sup>	4.97%	84.47%	10.56%
10	25 <sup>a</sup>	8.28%	84.97%	6.75%
11	26 <sup>a</sup>	8.14%	85.52%	6.33%
12	27 <sup>a</sup>	1.75%	94.38%	3.86%
13	28 <sup>a</sup>	2.94%	85.71%	11.34%
14	29 <sup>a</sup>	1.31%	94.75%	3.93%
15	30 <sup>a</sup>	0%	91.67%	8.33%
16	31 <sup>a</sup>	0%	48.45%	51.55%
17	32 <sup>a</sup>	0%	74.23%	25.77%
18	33 <sup>a</sup>	0%	91.73%	8.26%
19	34 <sup>a</sup>	0%	87.16%	12.83%
20	35 <sup>a</sup>	0%	66.95%	33.05%
21	36 <sup>a</sup>	0%	88.00%	12.00%
22	37 <sup>a</sup>	0%	30.36%	69.64%
23	38 <sup>a</sup>	0%	37.93%	62.07%
24	39 <sup>a</sup>	0%	57.82%	42.18%
25	40 <sup>a</sup>	0%	82.14%	17.86%
26	41 <sup>a</sup>	0%	89.74%	10.26%
27	42 <sup>a</sup>	0%	77.47%	22.53%

**continua**

**conclusão**

<b>REGISTRO</b>	<b>SEMANA</b>	<b>ESTABELECIMENTO</b>	<b>EXTENSÃO</b>	<b>ABREVIÇÃO</b>
28	43 <sup>a</sup>	0%	75.78%	24.22%
29	44 <sup>a</sup>	0%	46.15%	53.85%
30	45 <sup>a</sup>	0%	78.18%	21.82%
31	46 <sup>a</sup>	0%	90.24%	9.76%
32	47 <sup>a</sup>	0%	83.78%	16.22%
33	48 <sup>a</sup>	0%	70.65%	29.35%
34	49 <sup>a</sup>	0%	62.22%	37.78%
35	50 <sup>a</sup>	0%	83.12%	16.87%
36	51 <sup>a</sup>	0%	44.68%	55.32%
37	52 <sup>a</sup>	0%	47.65%	52.35%
38	53 <sup>a</sup>	0%	17.91%	82.09%

**ANEXO H**

---

**Tabela 2 - Díade A – Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação mãe-objeto-bebê, em cada semana analisada**

Tabela 2 - Díade A - Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação mãe-objeto-bebê, em cada semana analisada.

REGISTRO	SEMANA	ESTABELECIMENTO	EXTENSÃO	ABREVIÇÃO
1	16 <sup>a</sup>	16.23%	83.77%	0%
2	17 <sup>a</sup>	23.97%	72.87%	3.15%
3	18 <sup>a</sup>	1.39%	96.86%	1.74%
4	19 <sup>a</sup>	7.54%	89.51%	2.95%
5	20 <sup>a</sup>	3.81%	93.57%	2.61%
6	21 <sup>a</sup>	2.52%	93.60%	3.87%
7	22 <sup>a</sup>	3.59%	96.41%	0%
8	23 <sup>a</sup>	1.32%	97.62%	1.06%
9	24 <sup>a</sup>	4.09%	94.48%	1.42%
10	25 <sup>a</sup>	1.60%	95.51%	2.88%
11	26 <sup>a</sup>	4.59%	94.93%	0.48%
12	27 <sup>a</sup>	1.92%	97.12%	0.96%
13	28 <sup>a</sup>	1.04%	97.92%	1.04%
14	29 <sup>a</sup>	1.41%	95.48%	3.11%
15	30 <sup>a</sup>	0%	97.61%	2.39%
16	31 <sup>a</sup>	0%	95.32%	4.68%
17	32 <sup>a</sup>	0.42%	97.08%	2.50%
18	33 <sup>a</sup>	1.44%	97.11%	1.44%
19	34 <sup>a</sup>	2.19%	94.62%	3.19%
20	35 <sup>a</sup>	0.68%	95.47%	3.85%
21	36 <sup>a</sup>	1.51%	89.06%	9.43%
22	37 <sup>a</sup>	0%	95.73%	4.27%
23	38 <sup>a</sup>	0%	90.44%	9.55%
24	39 <sup>a</sup>	0%	74.42%	25.58%
25	40 <sup>a</sup>	0%	72.22%	27.78%
26	41 <sup>a</sup>	0%	89.40%	10.60%
27	42 <sup>a</sup>	0%	86.42%	13.58%

continua

**conclusão**

<b>REGISTRO</b>	<b>SEMANA</b>	<b>ESTABELECIMENTO</b>	<b>EXTENSÃO</b>	<b>ABREVIÇÃO</b>
28	43 <sup>a</sup>	0%	82.71%	17.29%
29	44 <sup>a</sup>	0%	77.34%	22.66%
30	45 <sup>a</sup>	0%	86.55%	13.44%
31	46 <sup>a</sup>	0%	78.05%	21.95%
32	47 <sup>a</sup>	0%	88.89%	11.11%
33	48 <sup>a</sup>	0%	89.25%	10.75%
34	49 <sup>a</sup>	0%	93.24%	6.76%
35	50 <sup>a</sup>	0%	84.50%	15.50%
36	51 <sup>a</sup>	0%	84.44%	15.55%
37	52 <sup>a</sup>	0%	82.95%	17.05%
38	53 <sup>a</sup>	0%	81.53%	18.47%

**ANEXO I**

---

**Tabela 3 - Díade A – Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas comunicativas, considerando a comunicação face-a-face e a comunicação mãe-objeto-bebê separadamente, em cada semana analisada**

Tabela 3. Díade A – Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas comunicativas, considerando a comunicação face-a-face e a comunicação mãe-objeto-bebê separadamente, em cada semana analisada.

<b>Registro</b>	<b>Semana</b>	<b>F-F</b>	<b>MOB</b>
1	16 <sup>a</sup>	43.99%	56.01%
2	17 <sup>a</sup>	45.90%	54.10%
3	18 <sup>a</sup>	47.44%	52.55%
4	19 <sup>a</sup>	32.22%	67.78%
5	20 <sup>a</sup>	24.65%	75.34%
6	21 <sup>a</sup>	31.20%	68.80%
7	22 <sup>a</sup>	41.35%	58.64%
8	23 <sup>a</sup>	47.57%	52.42%
9	24 <sup>a</sup>	22.27%	77.73%
10	25 <sup>a</sup>	51.10%	48.90%
11	26 <sup>a</sup>	34.79%	65.19%
12	27 <sup>a</sup>	40.60%	59.40%
13	28 <sup>a</sup>	33.05%	66.93%
14	29 <sup>a</sup>	46.28%	53.72%
15	30 <sup>a</sup>	35.48%	64.52%
16	31 <sup>a</sup>	22.10%	77.90%
17	32 <sup>a</sup>	16.81%	83.19%
18	33 <sup>a</sup>	46.62%	53.37%
19	34 <sup>a</sup>	27.14%	72.86%
20	35 <sup>a</sup>	21.07%	78.92%
21	36 <sup>a</sup>	48.54%	51.45%
22	37 <sup>a</sup>	8.42%	91.58%
23	38 <sup>a</sup>	8.72%	91.28%
24	39 <sup>a</sup>	36.30%	63.71%
25	40 <sup>a</sup>	41.42%	58.58%
26	41 <sup>a</sup>	29.25%	70.75%

**continua**

**conclusão**

<b>Registro</b>	<b>Semana</b>	<b>F-F</b>	<b>MOB</b>
27	42 <sup>a</sup>	42.83%	57.17%
28	43 <sup>a</sup>	32.49%	67.51%
29	44 <sup>a</sup>	20.24%	79.75%
30	45 <sup>a</sup>	58.10%	41.90%
31	46 <sup>a</sup>	69.79%	30.20%
32	47 <sup>a</sup>	50.68%	49.31%
33	48 <sup>a</sup>	24.80%	75.20%
34	49 <sup>a</sup>	19.56%	80.43%
35	50 <sup>a</sup>	31.87%	68.13%
36	51 <sup>a</sup>	17.28%	82.72%
37	52 <sup>a</sup>	32.82%	67.18%
38	53 <sup>a</sup>	21.20%	78.80%

**ANEXO J**

---

**Tabela 4 - Díade B - Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação face-a-face, em cada semana analisada**

Tabela 4 - Díade B - Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação face-a-face, em cada semana analisada.

REGISTRO	SEMANA	ESTABELECIMENTO	EXTENSÃO	ABREVIÇÃO
1	16 <sup>a</sup>	36.06%	63.94%	0%
2	17 <sup>a</sup>	9.83%	87.28%	2.89%
3	18 <sup>a</sup>	16.98%	83.02%	0%
4	19 <sup>a</sup>	47.37%	47.89%	4.74%
5	20 <sup>a</sup>	100%	0%	0%
–	21 <sup>a</sup>	–	–	–
6	22 <sup>a</sup>	6.86%	93.14%	0%
7	23 <sup>a</sup>	4.21%	94.94%	0.84%
–	24 <sup>a</sup>	–	–	–
8	25 <sup>a</sup>	15.20%	79.63%	5.17%
9	26 <sup>a</sup>	1.35%	97.46%	1.19%
10	27 <sup>a</sup>	1.58%	85.55%	12.87%
11	28 <sup>a</sup>	5.32%	60.35%	34.32%
12	29 <sup>a</sup>	10%	25.55%	64.44%
13	30 <sup>a</sup>	0%	82.22%	17.78%
14	31 <sup>a</sup>	0%	88.05%	11.95%
15	32 <sup>a</sup>	4.44%	83.33%	12.22%
–	33 <sup>a</sup>	–	–	–
16	34 <sup>a</sup>	0%	53.97%	46.03%
17	35 <sup>a</sup>	0%	86.51%	13.49%
18	36 <sup>a</sup>	0%	98.72%	1.28%
19	37 <sup>a</sup>	0%	73.21%	26.79%
20	38 <sup>a</sup>	0%	81.41%	18.58%
21	39 <sup>a</sup>	0%	42.10%	57.89%
22	40 <sup>a</sup>	0%	88.51%	11.49%
23	41 <sup>a</sup>	0%	48.53%	51.47%
–	42 <sup>a</sup>	–	–	–

**continua**

**conclusão**

<b>REGISTRO</b>	<b>SEMANA</b>	<b>ESTABELECIMENTO</b>	<b>EXTENSÃO</b>	<b>ABREVIÇÃO</b>
24	43 <sup>a</sup>	0%	75.50%	24.50%
25	44 <sup>a</sup>	0%	76.11%	23.88%
26	45 <sup>a</sup>	0%	63.64%	36.36%
27	46 <sup>a</sup>	0%	81.63%	18.37%
28	47 <sup>a</sup>	0%	49.11%	50.89%
29	48 <sup>a</sup>	0%	60.56%	39.44%
30	49 <sup>a</sup>	0%	63.68%	36.32%
31	50 <sup>a</sup>	0%	27.37%	72.63%
32	51 <sup>a</sup>	0%	18.70%	81.30%
33	52 <sup>a</sup>	0%	49.28%	50.72%
34	53 <sup>a</sup>	0%	0%	100%

**ANEXO K**

---

**Tabela 5 - Díade B - Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação mãe-objeto-bebê, em cada semana analisada**

Tabela 5 - Díade B - Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas caracterizadas como estabelecimento, extensão e abreviação, na comunicação mãe-objeto-bebê, em cada semana analisada.

REGISTRO	SEMANA	ESTABELECIMENTO	EXTENSÃO	ABREVIÇÃO
1	16 <sup>a</sup>	0%	0%	0%
2	17 <sup>a</sup>	0%	0%	0%
3	18 <sup>a</sup>	0%	0%	0%
4	19 <sup>a</sup>	0%	0%	0%
5	20 <sup>a</sup>	0%	0%	0%
–	21 <sup>a</sup>	–	–	–
6	22 <sup>a</sup>	6.76%	93.24%	0%
7	23 <sup>a</sup>	17.91%	82.09%	0%
–	24 <sup>a</sup>	–	–	–
8	25 <sup>a</sup>	19.42%	80.58%	0%
9	26 <sup>a</sup>	0%	100%	0%
10	27 <sup>a</sup>	7.45%	92.55%	0%
11	28 <sup>a</sup>	0%	0%	0%
12	29 <sup>a</sup>	3.70%	96.30%	0%
13	30 <sup>a</sup>	0%	0%	0%
14	31 <sup>a</sup>	0%	100%	0%
15	32 <sup>a</sup>	0%	100%	0%
–	33 <sup>a</sup>	–	–	–
16	34 <sup>a</sup>	0%	76.97%	23.03%
17	35 <sup>a</sup>	2.97%	87.54%	9.49%
18	36 <sup>a</sup>	0%	0%	0%
19	37 <sup>a</sup>	0%	59.59%	40.40%
20	38 <sup>a</sup>	0%	84.61%	15.38%
21	39 <sup>a</sup>	0%	72.78%	27.21%
22	40 <sup>a</sup>	7.69%	75.64%	16.67%
23	41 <sup>a</sup>	22.5%	57.5%	20%
	42 <sup>a</sup>	–	–	–

**continua**

**conclusão**

<b>REGISTRO</b>	<b>SEMANA</b>	<b>ESTABELECIMENTO</b>	<b>EXTENSÃO</b>	<b>ABREVIÇÃO</b>
24	43 <sup>a</sup>	0%	86.29%	13.71%
25	44 <sup>a</sup>	0%	71.43%	28.57%
26	45 <sup>a</sup>	0%	88.04%	11.96%
27	46 <sup>a</sup>	21.57%	64.70%	13.72%
28	47 <sup>a</sup>	4.17%	76.04%	19.79%
29	48 <sup>a</sup>	0%	89.61%	10.39%
30	49 <sup>a</sup>	0%	84.87%	15.13%
31	50 <sup>a</sup>	0%	93.80%	6.20%
32	51 <sup>a</sup>	0%	85.14%	14.85%
33	52 <sup>a</sup>	10.08%	61.34%	28.57%
34	53 <sup>a</sup>	0%	89.77%	10.23%

**ANEXO L**

---

**Tabela 6 - Díade B – Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas comunicativas, considerando a comunicação face-a-face e a comunicação mãe-objeto-bebê separadamente, em cada semana analisada**

Tabela 6 - Díade B - Percentuais relativos ao tempo despendido em trocas comunicativas, considerando a comunicação face-a-face e a comunicação mãe-objeto-bebê separadamente, em cada semana analisada.

<b>Registro</b>	<b>Semana</b>	<b>F-F</b>	<b>MOB</b>
1	16 <sup>a</sup>	100%	0%
2	17 <sup>a</sup>	100%	0%
3	18 <sup>a</sup>	100%	0%
4	19 <sup>a</sup>	100%	0%
5	20 <sup>a</sup>	100%	0%
–	21 <sup>a</sup>	-	-
6	22 <sup>a</sup>	74.73%	25.27%
7	23 <sup>a</sup>	84.16%	15.84%
–	24 <sup>a</sup>	-	-
8	25 <sup>a</sup>	76.15%	23.84%
9	26 <sup>a</sup>	67.50%	32.49%
10	27 <sup>a</sup>	70.20%	29.79%
11	28 <sup>a</sup>	100%	0%
12	29 <sup>a</sup>	40%	60%
13	30 <sup>a</sup>	100%	0%
14	31 <sup>a</sup>	69.58%	30.42%
15	32 <sup>a</sup>	72.88%	27.12%
–	33 <sup>a</sup>	-	-
16	34 <sup>a</sup>	55.42%	44.57%
17	35 <sup>a</sup>	47.43%	52.57%
18	36 <sup>a</sup>	100%	0%
19	37 <sup>a</sup>	72.80%	27.20%
20	38 <sup>a</sup>	85.28%	14.71%
21	39 <sup>a</sup>	45.70%	54.30%
22	40 <sup>a</sup>	65.48%	34.51%
23	41 <sup>a</sup>	71.83%	28.17%

**continua**

**conclusão**

<b>Registro</b>	<b>Semana</b>	<b>F-F</b>	<b>MOB</b>
-	44 <sup>a</sup>	-	-
24	43 <sup>a</sup>	76.33%	23.66%
25	44 <sup>a</sup>	95.72%	4.27%
26	45 <sup>a</sup>	50.00%	50.00%
27	46 <sup>a</sup>	88.48%	11.51%
28	47 <sup>a</sup>	46.81%	53.19%
29	48 <sup>a</sup>	52.07%	47.93%
30	49 <sup>a</sup>	39.80%	60.20%
31	50 <sup>a</sup>	21.11%	78.89%
32	51 <sup>a</sup>	30.82%	69.17%
33	52 <sup>a</sup>	63.72%	36.28%
34	53 <sup>a</sup>	12.33%	87.67%